





UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL (PPGACV)

DON GOMES ALVES

**De UmDon a Ser Árvore: processos de criação
autobiopoéticos**

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Don Gomes Alves

3. Título do trabalho

De UmDon a Ser Árvore: processos de criação autobiopoéticos

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Don Gomes Alves, Discente**, em 26/08/2025, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 01/09/2025, às 18:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5601803** e o código CRC **A577FC3E**.

Referência: Processo nº 23070.035052/2025-35

SEI nº 5601803

DON GOMES ALVES

**De UmDon a Ser Árvore: processos de criação
autobiopoéticos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Doutor em Arte e Cultura Visual.

Área de concentração: Arte, Cultura e Visualidades.

Linha de pesquisa: Poéticas Artísticas e Processos de Criação.

Orientadora: Professora Doutora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Alves, Don Gomes

De UmDon a Ser Árvore: [manuscrito] : processos de criação
autobiopoéticos / Don Gomes Alves. - 2025.
294 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura
Visual, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

1. Autobiopoética. 2. Autobiografia. 3. Pesquisa Autobiográfica
em Arte. 4. Artes Visuais. 5. Quadrinhos. I. Rodrigues, Manoela dos
Anjos Afonso, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº13/2025 da sessão de Defesa de Tese de **Don Gomes Alves** que confere o título de Doutor em Arte e Cultura Visual, na área de concentração em Artes, Cultura e Visualidades.

Aos onze dias dos mês de agosto de dois mil e vinte e cinco, a partir das oito horas e trinta minutos, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “De UmDon a Ser Árvore: processos de criação autobiopoéticos”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Cláudia Mariza Mattos Brandão (UFPEl), membro titular externo; Professor Doutor Rodrigo Matos de Souza (UnB), membro titular externo; Professor Doutor Cláudio Aleixo Rocha (UFG), membro titular interno; Professor Doutor Elinaldo da Silva Meira (UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. A banca destaca as contribuições da investigação para o grupo de pesquisa NuPAA/UFG/CNPq, para o PPGACV e para a área de Artes, ao aproximar a investigação em poéticas artísticas e processos de criação da pesquisa (auto)biográfica. A banca recomenda a publicação da história em quadrinhos, bem como a sua continuidade. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos onze dias dos mês de agosto de dois mil e vinte e cinco.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 11/08/2025, às 12:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Aleixo Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 11/08/2025, às 13:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudia Mariza Mattos Brandão, Usuário Externo**, em 11/08/2025, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Matos de Souza, Usuário Externo**, em 14/08/2025, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 16/08/2025, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5512194** e o código CRC **A68546BD**.

Referência: Processo nº 23070.035052/2025-35

SEI nº 5512194



Dedico este trabalho à floresta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer em especial à professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues pela oportunidade que me concedeu para a realização da pesquisa, todos os conselhos neste caminho, a ajuda em momentos de altos e baixos dos últimos anos, os preciosos ensinamentos que me fizeram crescer, a cumplicidade e todo o carinho desde que nos conhecemos. Sem sua vasta experiência não teria construído reflexões tão valiosas, evidenciando a importância do processo autobiográfico para criação em Artes Visuais. Você sempre será um espelho para mim. Estendo aos demais mestres que compartilharam do vasto conhecimento que possuem com valerosos ensinamentos dentro de minha vida. À professora Rosa Maria Berardo, por ter aberto as portas da minha pesquisa de doutorado e por sua sabedoria na condução de todo o processo. Aos professores Cláudia Mariza Mattos Brandão, Rodrigo Matos de Souza, Cláudio Aleixo Rocha, Elinaldo Da Silva Meira, Lilian Ucker Perotto e Gazy Andraus pelas contribuições no momento da qualificação e defesa desta tese de doutoramento, possibilitando uma estrutura melhor para os resultados desta pesquisa.

À Universidade Federal de Goiás (UFG) e à Faculdade de Artes Visuais (FAV), pela oportunidade de realizar esta pesquisa e por contribuir na minha formação como artista, pesquisador, professor, cidadão e *Ser Árvore*. Ao Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) e todos seus membros pela dedicação incondicional. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento de parte do projeto.

Um agradecimento especial para minha esposa, Karinne Di Angelis Farinelli de Castro, por todo suporte emocional, incentivo, bravura e ajuda neste momento tão complexo de minha vida. Você é uma guerreira e tenho um imenso orgulho de estar ao seu lado. Amo você! Ao meu filho, Ramon Farinelli Gomes de Castro Alves, pela intensa alegria e preenchimento dos vazios que existiam em mim. Seja bem-vindo! À minha família, que me moldou para a vida com toda a paciência, conselhos e sabedoria que foram de grande ajuda na minha constituição. Marinêz, Donizeth e Enne são partes de mim que não se distanciam, amo cada um de vocês e sinto saudades a cada instante. Às amadas Nega e Minaj, que me salvaram do abismo que me encontrava em tempos distantes e que me deram um propósito na vida. Uma delas aquece meu coração do mundo espiritual e a outra aquece meus pés enquanto escrevo. Aos queridos tios, Valdomiro e Telma de Oliveira Gomes, que me abriram as portas da cidade de Goiânia, possibilitando meus estudos, crescimento profissional e amadurecimento como ser humano. Cheguei até aqui graças aos cuidados destes dois que tanto estimo.

Por fim, e não menos importante, ao exu Veludo, por todos os puxões de orelha, conselhos, orientações, prosas e bebidas que compartilhamos. Saudades meu velho! À fia Água Viva, fiota Tempestade, Vó Maria, Seu Sete Ondas, Ametista, Padilha, Seu Zé Pelintra, Mamãe Yemanjá e Iansã, Santo Expedito e meu guerreiro Oxaguian. Todos importantes em minha caminhada no planeta Terra.

Muitíssimo obrigado a todos!



Quem olha para fora, sonha.
Quem olha para dentro, desperta.

— Carl Jung

RESUMO

Nesta pesquisa autobiográfica em arte, experimento aproximações entre processos de criação em Artes Visuais, perspectivas autobiográficas e consciência planetária para compreender o movimento peculiar que emergiu em minha pesquisa artística quando decidi entrelaçar memórias, histórias, arquivos, anseios de infância e juventude aos fazeres do artista e professor que hoje busca saber quem é e quem deseja vir a ser em meio aos seus processos críticos, poéticos e políticos de conexão com o planeta Terra. Nesta tese apresento, portanto, o conceito de autobiopoética como uma estratégia de representação de si, um fazer que transborda a “grafia”, ao mesmo tempo que busca observar as contribuições das perspectivas autobiográficas para os processos de criação de um artista que busca conexões críticas e poéticas entre as esferas pessoais e sociais de seu fazer em Artes Visuais. Na costura teórica e conceitual entre Lejeune, Arfuch, Doubrovsky/Faedrich, Josso e Rodrigues, entremeada pelos processos de criação, observo como se dá o deslocamento do ato autobiográfico ao gesto autobiopoético, propondo contribuir para o aprofundamento das reflexões sobre as especificidades do autobiográfico no contexto das pesquisas em poéticas artísticas e processos de criação, especialmente no campo das Artes Visuais. Esse entrelace instaura uma prática artística que resulta no quadrinho UmDon, em que crio uma entidade chamada Ser Árvore que, à medida que ganha vida, proporciona o entendimento de quem sou e como tenho habitado o mundo. Se a autobiografia pode ser compreendida como a escrita da própria vida, nesta tese proponho a autobiopoética como um fazer arte que cria e recria a própria vida. É assim que, ao pensar e existir como uma árvore no contexto de um projeto artístico, permito-me partir da minha história para vislumbrar a nossa espécie como um Ser Floresta, num processo de criação que resulta do desejo do artista e professor por ativar coletividades e conexões vitais com Gaia.

Palavras-chave: Autobiopoética; Autobiografia; Pesquisa Autobiográfica em Arte; Artes Visuais; Quadrinhos.

ABSTRACT

In this autobiographical research in art, I experiment with approaches between creative processes in Visual Arts, autobiographical perspectives and planetary consciousness to understand the peculiar movement that emerged in my artistic research when I decided to intertwine memories, stories, archives, childhood and youthful desires with the work of the artist and teacher who today seeks to know who he is and who he wants to become amidst his critical, poetic and political processes of connection with planet Earth. In this thesis, I therefore present the concept of autobiopoetics as a possibility of thinking of the autobiographical as a work that goes beyond “graphy”, while at the same time seeking to observe the contributions of autobiographical perspectives to the creative processes of an artist who seeks critical and poetic connections between the personal and social spheres of his work in Visual Arts. In the theoretical and conceptual connection between Lejeune, Arfuch, Doubrovsky/Faedrich, Josso and Rodrigues, interspersed with creative processes, I observe how the autobiographical act shifts to the autobiopoetic gesture, proposing to contribute to the deepening of reflections on the specificities of the autobiographical in the context of research in artistic poetics and creative processes, especially in the field of Visual Arts. This interweaving establishes an artistic practice that results in the comic UmDon, in which I create an entity called Being Tree that, as it comes to life, provides an understanding of who I am and how I have inhabited the world. If autobiography can be understood as the writing of one’s own life, in this thesis I propose autobiopoetics as an art form that, in symbiosis with living, creates and recreates one’s own life. This is how, by thinking and existing as a tree in the context of an artistic project, I allow myself to draw on my history to glimpse our species as a Being Forest, in a creative process that results from the artist and teacher’s desire to activate collectivities and vital connections with Gaia.

Key Words: *Autbiopoetics; Autobiography; Autobiographical Research in Art; Visual Arts; Comics.*

RESUMÉN

En esta investigación autobiográfica en arte, experimento con aproximaciones entre los procesos creativos en las Artes Visuales, las perspectivas autobiográficas y la conciencia planetaria para comprender el peculiar movimiento que surgió en mi investigación artística cuando decidí entrelazar memorias, historias, archivos, deseos de infancia y juventud con la obra del artista y maestro que hoy busca saber quiénes y quién quiere llegar a ser en medio de sus procesos críticos, poéticos y políticos de conexión con el planeta Tierra. En esta tesis, por tanto, presento el concepto de autobiopoética como una posibilidad de pensar lo autobiográfico como una práctica que va más allá de la “grafía”, al mismo tiempo que busco observar las contribuciones de las perspectivas autobiográficas a los procesos creativos de un artista que busca conexiones críticas y poéticas entre las esferas personal y social de su trabajo en las Artes Visuales. En la conexión teórica y conceptual entre Lejeune, Arfuch, Doubrovsky/Faedrich, Josso y Rodrigues, entremezclada con procesos creativos, observo cómo se produce el desplazamiento del acto autobiográfico al gesto autobiopoético, proponiéndome contribuir a la profundización de reflexiones sobre las especificidades de lo autobiográfico en el contexto de la investigación en poéticas artísticas y procesos creativos, especialmente en el campo de las Artes Visuales. Este entrelazamiento establece una práctica artística que da como resultado el cómic UmDon, en el que creo una entidad llamada Ser Árbol que, a medida que cobra vida, proporciona una comprensión de quién soy y cómo he habitado el mundo. Si la autobiografía puede entenderse como la escritura de la propia vida, en esta tesis propongo la autobiopoética como una forma de arte que, en simbiosis con el vivir, crea y recrea la propia vida. Así es como, al pensar y existir como árbol en el contexto de un proyecto artístico, me permito recurrir a mi historia para vislumbrar nuestra especie como Ser Bosque, en un proceso creativo que resulta del deseo del artista y maestro de activar colectividades y conexiones vitales con Gaia.

Palabras Clave: Autobiopoética; Autobiografía; Investigación Autobiográfica en el Arte; Artes Visuales; Cómic.

LISTA DE FIGURAS

As imagens apresentadas neste trabalho são de autoria própria, exceto aquelas em que a fonte é indicada.

Figura 1 – Intervenção artística no Parque Flamboyant, 2011.....	26
Figura 2 – Intervenção na cooperativa de reciclagem COOPERMAS, 2014.....	27
Figura 3 – Intervenção com lambe de gravuras na instituição Basileu França, 2016...	29
Figura 4 – Intervenção com pintura zentangle, 2018.....	29
Figura 5 – Intervenção com instalação na Universidade Federal do Tocantins, 2019.	29
Figura 6 – Intervenção na comunidade Kalunga de Katiele Pereira Lacerda, 2019.....	30
Figura 7 – Intervenção no Parque Ecológico do Fervedor de Johnny Alves de Araújo, 2020.....	31
Figura 8 – Intervenção em rua pública de Eunice Correia Malheiro, 2019.....	31
Figura 9 – Intervenção em canteiro central de Liz Adriele Vieira Costa, 2019.....	31
Figura 10 – A morte de <i>Flauer</i> , 1997.....	99
Figura 11 – O retorno de <i>Flauer</i> , 1997.....	100
Figura 12 – Desenhos e quadrinhos do super-herói <i>Flauer</i> , década de 1990 e 2000.....	100
Figura 13 – Roteiro do quadrinho <i>Magic Dragon</i> , 1999.....	102
Figura 14 – Desenhos e quadrinhos do universo de <i>Magic Dragon</i> , 1999.....	103
Figura 15 – Desenhos e quadrinhos do conto <i>O retorno do Anjo</i> , 2009.....	104
Figura 16 – Minha coleção de quadrinhos, 2022.....	106
Figura 17 – Revista <i>A Teia do Aranha</i> , 1996.....	106
Figuras 18 e 19 – Desenhos com nanquim sobre papel Canson, 2010.....	109
Figura 20 – Página do caderno de anotações de minha graduação, 2010.....	111
Figura 21 – <i>Rabiscos de criança</i> , 2009.....	114
Figura 22 – Anotação no caderno de notas de minha graduação, entre 2008 e 2012.....	116
Figura 23 – Desenhos com caneta esferográfica no caderno da minha graduação, entre 2008 e 2012.....	117
Figura 24 – Desenhos com caneta esferográfica no caderno da minha graduação, entre 2008 e 2012.....	119

	Figuras 25 e 26 – Desenhos com nanquim e caneta esferográfica em papel cartão e papel Canson, entre 2008 e 2012.....	120
	Figuras 27 e 28 – Gravura em metal realizada com água forte (à esquerda) e escultura elaborada com resíduos e arames (à direita), 2010 e 2011 respectivamente.....	120
	Figura 29 – <i>Solução</i> , gravura realizada com ponta seca em acrílico, 2009.....	121
	Figuras 30 e 31 – Capa e página 1 do quadrinho <i>Colo</i> , 2010.....	122
	Figuras 32 e 33 – Páginas 2 e 3 do quadrinho <i>Colo</i> , 2010.....	123
	Figuras 34 e 35 – Páginas 4 e 5 do quadrinho <i>Colo</i> , 2010.....	123
	Figuras 36 e 37 – Páginas 6 e 7 do quadrinho <i>Colo</i> , 2010.....	124
	Figuras 38 e 39 – Páginas 8 e 9 do quadrinho <i>Colo</i> , 2010.....	124
	Figura 40 – <i>Ser Árvore</i> , 2021.....	127
	Figuras 41 e 42 – Primeiras versões do <i>Monstro do Controle</i> , 2021.....	134
	Figuras 43 – <i>Monstro do Controle</i> versão final, 2021.....	134
	Figuras 44 e 45 – Estudos da língua do <i>Monstro do Controle</i> , 2021.....	135
	Figura 46 – <i>Monstro do Controle</i> , 2021.....	136
	Figura 47 – Rascunho para a representação de conexão do <i>Ser Árvore</i> com <i>Gaia</i> , 2022.....	139
	Figura 48 – Capa do zine <i>Transmutação</i> , 2021.....	142
	Figura 49 – Páginas 1 e 2 do zine <i>Transmutação</i> , 2021.....	143
	Figura 50 – Páginas 3 e 4 do zine <i>Transmutação</i> , 2021.....	143
	Figura 51 – Páginas 5 e 6 do zine <i>Transmutação</i> , 2021.....	144
	Figura 52 – Contracapa do zine <i>Transmutação</i> , 2021.....	144
	Figura 53 – Frame da animação em <i>Stop Motion</i> sobre o universo <i>UmDon</i> , 2021.....	145
	Figuras 54 e 55 – Capa e página 1 do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	146
	Figuras 56 e 57 – Páginas 2 e 3 do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	147
	Figuras 58 e 59 – Páginas 4 e 5 do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	147
	Figuras 60 e 61 – Páginas 6 e 7 do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	148
	Figuras 62 e 63 – Páginas 8 e 9 do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	148
	Figuras 64 e 65 – Páginas 10 e 11 do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	149
	Figuras 66 e 67 – Páginas 12 e 13 do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	149

Figuras 68 e 69 – Página 14 e contracapa do zine <i>UmDon</i> , 2021.....	150
Figura 70 – <i>Storyboard</i> do quadrinho <i>UmDon</i> , 2022.....	153
Figura 71 – Versão base do quadrinho <i>UmDon</i> , 2022.....	154
Figura 72 – Registros da técnica de Shimamoto para compor a paginação de seus quadrinhos, 2022.....	155
Figura 73 – 1º quadro da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2023.....	155
Figura 74 – 2º quadro da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2023.....	156
Figura 75 – Parte do 3º quadro da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2023.....	156
Figura 76 – Parte do 3º quadro da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2023.....	157
Figura 77 e 78 – Versão final e primeira produção da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024 e 2022.....	158
Figura 79 – Processos de estudo de Alex Ross.....	159
Figura 80 – Processo de criação do quadro 3 da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2023.....	159
Figura 81 – Processo de criação do quadro 3 da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2023.....	160
Figura 82 – Processo de criação do quadro 1 da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2023.....	160
Figuras 83 e 84 – Diferenças entre a versão base e final da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2022.....	162
Figuras 85 e 86 – Diferenças entre a versão base e final da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2022.....	163
Figura 87 – <i>Mundo</i> , gravura realizada com carimbo de borracha, 2014.....	164
Figura 88 – Versão final da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2022.....	164
Figuras 89 e 90 – Processo de criação das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	165
Figuras 91 e 92 – Versões finais das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	166
Figuras 93 e 94 – Processo de criação das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	166
Figuras 95 e 96 – Versões finais das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	167
Figuras 97 – Processo de criação do quadro 1 da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	167

Figura 98 – Versão final do quadro 1 da página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	168
Figura 99 – Tipografia das produções artísticas da juventude, década de 2000.....	169
Figura 100 – Tipografia base para composição do quadrinho <i>UmDon</i> , 2022.....	170
Figura 101 – Matriz com a tipografia base para elaboração da fonte digital <i>UmDon</i> , 2024.....	171
Figura 102 – Fonte digital <i>UmDon</i> , 2024.....	171
Figura 103 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	173
Figura 104 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	175
Figura 105 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	176
Figura 106 – Processo de criação da simbologia das cores do <i>Monstro do Controle</i> , 2024.....	178
Figura 107 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	180
Figura 108 – Processo de criação da simbologia das cores da página 92 do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	181
Figura 109 – Processo de criação da simbologia das cores do <i>Ser Árvore</i> , 2024.....	185
Figuras 110 e 111 – Processo de criação da simbologia do mundo do controle e da realidade luz, 2024.....	187
Figura 112 – Processo de criação da simbologia do equilíbrio no quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	188
Figura 113 – Processo de criação da simbologia do <i>Mito da Caverna</i> de Platão no quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	192
Figura 114 – Semelhanças entre os traços de Mark Bagley e os meus.....	195
Figura 115 – Exemplos de uso de hachura em meus desenhos da adolescência até o quadrinho <i>UmDon</i> , desenhos da década de 1990 e 2000, e 2024.....	196
Figura 116 – Referências na forma e ação de <i>Pennywise</i> no processo de criação do <i>Monstro do Controle</i> no quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	198
Figura 117 – Referências estéticas do <i>Pinhead</i> no processo de criação do <i>Ser Controlado</i> no quadrinho <i>UmDon</i> e minha tatuagem, 2024.....	199
Figura 118 – Casa da minha família em Gurupi – TO, 1985.....	200
Figura 119 – Processo de criação da folha do <i>Ser Árvore</i> no quadrinho <i>UmDon</i> ,	

2024.....	201
Figura 120 – Momentos de descontração e brincadeiras em árvores da minha casa em Gurupi – TO, entre 1985 e 1999.....	203
Figura 121 – Referências estéticas que influenciaram a criação do <i>Ser Árvore</i> no quadrinho <i>UmDon</i>	204
Figura 122 – Evolução do <i>Ser Árvore</i> no processo criativo do quadrinho <i>UmDon</i>	205
Figura 123 – Easter eggs do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	207
Figura 124 – Caminho metodológico autobiopoético da tese, 2025.....	221
Figura 125 – Folder e foto da exposição <i>Antes que acabe em nós nosso desejo</i> , 2022.....	225
Figura 126 – Folder e foto da exposição <i>Um movimento e meio</i> , 2024.....	225
Figura 127 – <i>Land – Closing movement</i> e <i>Caderno de pesquisa artística</i> , de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, 2013 e desde 2006.....	232
Figura 128 – Capa e página de <i>Renovaceno</i> , de Edgar Silveira Franco, 2023.....	233
Figura 129 – Tira em quadrinhos e Ilustração de Cláudio Aleixo Rocha.....	234
Figura 130 – Arte de Dave McKean para Sandman e Asilo Arkham, 1989 - 1996 e 1990.....	236
Figura 131 – Quadros dos volumes 1 e 2 de Saint Seiya de Masami Kurumada, 1985 - 1990.....	237
Figura 132 – Exemplo de linhas de ação do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	238
Figura 133 – Páginas 2 e 8 de <i>Watchmen</i> , desenhada por Dave Gibbons, 1985 - 1990.....	239
Figura 134 – Exemplo de encadeamento das imagens das páginas do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	240
Figura 135 – Página 3 do quadrinho <i>Mulher-Diaba no rastro de Lampião</i> , desenhada por Flavio Colin, 1994.....	241
Figura 136 – Exemplo de onomatopeias de uma página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	241
Figura 137 – História <i>O início e o fim das coisas</i> , desenhada e roteirizada por Antonio Eder, 2001.....	242
Figura 138 – Exemplo de alteração no sentido de leitura de uma página do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	243

Figura 139 – Página 23 do mangá Saint Seiya: The Lost Canvas, desenhada por Shiori Teshirogi, 2006 - 2011.....	244
Figura 140 – Exemplo de extrapolação do enquadramento no quadrinho UmDon, 2024.....	245
Figura 141 - Página 8, 9 e 10 do quadrinho Big Hug, desenhada por Melissa Garabeli, 2022.....	246
Figura 142 - Página 64 de Mônica 246, desenhada por Maurício de Sousa, e página 23 de Homem-Aranha e Deadpool 41, desenhada por Dave Johnson, 2007 e 2016.....	247
Figura 143 – Capa e página 101 de Maus: a história de um sobrevivente, de Art Spiegelman, 1980 - 1991.....	249
Figura 144 – Capa e página 3 de Persépolis, de Marjane Satrapi, 2000 - 2003.....	250
Figura 145 – Capa e página 46 de Um Pequeno Assassinato, escrita por Alan Moore e ilustrada por Oscar Zárate, 1991.....	251
Figura 146 – Trecho do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	265
Figura 147 – Trecho do quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	268
Figura 148 – <i>Seres Árvores</i> no quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	269
Figura 149 – Formação do <i>Ser Floresta</i> no quadrinho <i>UmDon</i> , 2024.....	270
Figura 150 – <i>Escola Viva Maxakali</i> da associação <i>Selvagem</i>	273
Figura 151 – <i>Frutificar</i> , da série Retomada, Uýra Sodoma, 2021.....	275
Figura 152 – <i>Na Terra Sem Males</i> de Jaider Esbell, 2021.....	276
Figura 153 – Documentário <i>Ken Saro-Wiwa, presente!</i> de Elisa Dassoler, 2017.....	278
Figura 154 – Ferréz.....	279
Figura 155 – Da série <i>A Profecia</i> , Fabrice Monteiro, 2016.....	281
Figura 156 – <i>Symbiosis</i> de Roberta Carvalho, 2007.....	281
Figura 157 – Ramon e eu, 2025.....	286
Figura 158 – <i>Bebê Árvore</i> , 2024.....	287

SUMÁRIO

SEMEAR: INTRODUÇÃO.....	21
UMDON.....	38
Ato I: Gênese.....	39
Ato II: A vida de um Don.....	47
Ato III: Nova Gênese.....	53
Ato IV: Reconexão.....	73
Ato V: Novo Ser.....	81
Epílogo.....	94
Manifesto.....	95
GERMINAR: DE MEMORAR A CRIAR.....	96
A conexão com o passado.....	97
Reencontro com a graduação.....	108
Nasce o enredo do UmDon: o rebento do Ser Árvore.....	116
O Monstro do Controle.....	128
A expansão do Ser Árvore: em busca de ser a floresta.....	137
BROTAR: UMDON TOMA FORMA.....	141
Caminhos do fazer: as experimentações do UmDon.....	142
Nasce o UmDon.....	152
A poesia do UmDon: as simbologias por trás da história.....	173
Escolhas estéticas do UmDon.....	194
CRESCER: SEIVA AUTOBIOPOÉTICA.....	209
Bases conceituais para a autobiopoética.....	210
Autobiopoética.....	216
O lugar da autobiopoética.....	223
Estratégia de representação de si: pensando o espaço.....	229
Compreendendo meu espaço de fazer a vida.....	235

RAMIFICAR: SER ÁRVORE PARA SER FLORESTA	255
Reflexões sobre a humanidade: o que podemos aprender com os povos originários?.....	258
Para além de nós mesmos: Ser Floresta.....	263
Seres Árvores no mundo: ramificações do Ser Floresta.....	272
FRUTIFICAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS	283
REFERÊNCIAS	289



DIÁRIOS DO SER ÁRVORE

A criação de Flauer.....	101
A história de Cidade dos Anjos.....	105
A banca.....	107
O objeto de estudo.....	110
Rabiscos no asfalto.....	113
A professora Suelly.....	115
Prisões.....	118
Poema de Khalil Gibran Khali.....	126
Poema de Nicolas Behr.....	128
Continental Tratores.....	129
O odor fétido da indústria.....	130
A religião e a espiritualidade.....	131
A (in)justiça.....	132
Os olhares.....	133
A saliva atroz.....	133
Poema de Nicolas Behr.....	138
Desenhar por cima é roubo.....	161
Estrelas.....	174
O fundo do poço.....	182
Todo mundo tem seu lado luz e seu lado sombra.....	189
Mais um jeito de morrer (Another way to die).....	191
A caverna e eu.....	193
A conexão com as árvores.....	202
O cordão umbilical.....	206
As questões ambientais e eu.....	257
As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor.....	261
As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor.....	264
Silvera.....	267
Sonhador (Dreamer).....	272

SEMEAR:

INTRODUÇÃO

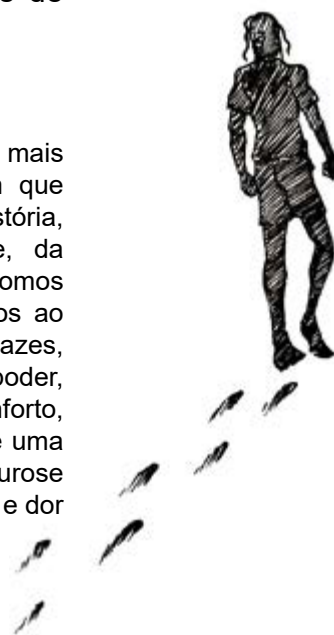


Meu caminhar nas artes precede as formações acadêmicas que realizei a partir do ano de 2008. Refletir sobre o que nos cerca gerava pensamentos transformadores que já me direcionavam a um percurso artístico do qual, na época, ainda não tinha consciência. Os hábitos dos seres humanos me inquietavam e estimulavam questões sobre qual seria o meu papel nesse fluxo. Dessa maneira, a arte permeava meu caminhar possibilitando suscitar reflexões críticas perante minha realidade, levantando pontos importantes sobre a relação dos seres humanos com o meio em que vivem. Ela emerge em minha vida sendo a intercessora para reflexões acerca do principal aspecto que muitos de nós abandonaram ao longo de nossa história: a coletividade.

A nossa sociedade cresceu e desenvolveu avanços tecnológicos que deveriam fomentar as questões coletivas humanas, contudo, apesar das conexões virtuais que são criadas, o ser humano está cada vez mais focado em sua individualidade. Sidarta Ribeiro aponta aspectos limitantes de nossa sociedade na contemporaneidade, afirmando que:

A grande novidade é que hoje, com cada vez mais mentes conectadas ao espaço virtual, em que cada indivíduo pode narrar sua própria história, estamos nos dando conta, coletivamente, da universalidade de nossas limitações. Somos ignorantes, sofredores, imperfeitos e fadados ao fim. Finitos macacos agarrados a crenças fugazes, habitantes transitórios da ilusão de ser, ter e poder, crianças eternamente em busca de conforto, atenção e sentido, com ambições difusas de uma realização que não chega nunca porque a neurose coletiva clama por mais sacrifício, sofrimento e dor (Ribeiro, 2022, p. 13).

O ser humano se agarra à acumulação de bens fugazes nesse sistema consumista em que vivemos, devastando sua mente na busca de um propósito de vida que não alimenta sua alma, apenas a deixa com mais fome. Essa engrenagem social estimula desigualdade, dor e sofrimento em nossa espécie, onde os aspectos coletivos surgem apenas em pequenos guetos de interesses particulares de cada ser. Como descreve o professor Ribeiro, somos:



Uma estirpe violenta, em que os mais fortes frequentemente humilham, oprimem e devoram os mais fracos, mas também carinhosa, capaz de muito altruísmo e extremados cuidados parentais. A enorme capacidade humana de proteger os “de dentro” e combater os “de fora” fez de nós uma espécie híbrida de amor e horror (Ribeiro, 2022, p. 19, grifos do autor).

Apesar dessa dualidade humana, existem caminhos para podermos ressurgir como espécie evoluída e coletiva nesse processo. Precisamos ter sabedoria para usar os avanços tecnológicos e sociais em favor da nossa sociedade e do planeta, diminuindo o sofrimento de todos os seres em nosso mundo. “Mas se mantivermos nossa marcha insensata, o contrário inevitavelmente acontecerá: a soma total de sofrimento humano e não humano aumentará cada vez mais” (Ribeiro, 2022, p. 20). A coletividade é importante para trazer de volta o aspecto humano mais necessário nos dias de hoje: o amor. Mudar nossos hábitos com aquilo que nos cerca é reaprender a sonhar.

Não há aqui uma busca pela homogeneização dos indivíduos, pelo contrário, as individualidades de cada ser devem ser respeitadas e vêm para contribuir no crescimento coletivo de todos nós. Os contrastes advindos da alteridade de nossa sociedade fomentam as ligações que devemos ter uns com os outros, pois só há complemento quando existe a convivência com o diferente. As formas carnavais estão desconexas em rotinas particulares, contudo, a energia de cada um de nós está ligada formando um único sistema plural. Compreender que fazemos parte de algo maior ajuda-nos a sermos melhores diante do que nos cerca.

Esta pesquisa nasceu da inquietação pela compreensão do meu lugar como partícipe das transformações que ocorrem no planeta em que vivemos. Olhar para minha atuação profissional e trazer reflexões para as minhas questões pessoais se tornou uma necessidade para compreender minha presença no mundo. Um olhar para minha história como artista, pesquisador, professor, ser humano, se faz necessário e entender-me nesse fluxo da vida possibilita uma melhor ramificação das minhas ações artísticas e poéticas. Essa inquietação me levou ao encontro da Pesquisa Autobiográfica em Arte (Rodrigues, 2021), colocando a autobiografia como catalisadora de um processo de criação no meu fazer artístico e na escrita desta tese de doutoramento. Por esse motivo, inicialmente, chamo esse movimento de ato autobiográfico no decorrer da escrita, considerando como atos que (re)visitam, (re)veem e (re)posicionam formas de ser e existir no mundo (Rodrigues, 2021). Ou seja, um exercício de mergulho nas minhas memórias, histórias de vida, dores e afetos para que eu possa perceber meu lugar no planeta Terra. Posto isso, a principal questão que moveu a pesquisa foi: quais são as contribuições da perspectiva autobiográfica para

os processos de criação de um artista que busca conexões críticas e poéticas entre as esferas pessoais e sociais de seu fazer artístico?

Nesta pesquisa, me aproximei do que chamo aqui de entidade poética, e que passou a dar sentido à minha experiência de vida, nomeando-a como *Ser Árvore*¹. Ele é a representação das conexões do meu fazer artístico com as minhas questões pessoais e atuações profissionais. É também um devir, um desejo de me tornar algo, tornar-me árvore, para que um dia possa me encontrar com novos seres e, assim, formar uma floresta. Essa intitulação é uma analogia entre este novo ser e a alusão poética de existir como uma árvore. Ao tratá-lo como “entidade”, realizo um paralelo com as religiões de matrizes africanas, às quais tenho proximidade, e vejo a árvore como um espírito poético que preenche nosso corpo e nos modifica de dentro para fora.

Por que escolher a árvore como elemento para essa hibridização? Ela é o ser que consegue realizar uma densa ligação com o planeta Terra. Suas raízes profundas se conectam intimamente com o planeta em trocas de energias mútuas que trazem benefícios para ambas: do solo ela retira nutrientes para sua sobrevivência, por meio de seus galhos purifica o ar e alimenta outros entes com seus frutos. Nesse pensamento, a árvore se apresenta como um exemplo de coletividade no sistema planetário em que vivemos. Buscar existir como ela nos coloca em um caminho de comunhão e evolução com o mundo que nos cerca. Podemos cultivar raízes conectivas com a Terra e a vida ao nosso redor para garantir nossa subsistência, purificar a energia da sociedade e do ambiente em que vivemos, assim como frutificar ações coletivas e colaborativas para uma nova consciência humana.

Posto isso, mesmo que o trajeto nesta proposta de doutoramento tenha sido realizar uma reflexão artística, crítica e poética de mim mesmo, houve também um pensamento sendo desenvolvido com e por meio da prática que apontou para questões sobre a coletividade, buscando reinvenções em nossa espécie. A partir da reflexão do *Don*² como ser humano, artista, pesquisador, professor e cidadão, estabeleci a base para expandir as compreensões do mundo que me cerca. E qual foi o caminho que me trouxe inquietações pessoais e me conduziu até esta pesquisa para um processo de criação autobiográfica? Quais foram as conexões críticas e poéticas que estabeleci com a minha realidade?

¹ No decorrer do texto, ao usar as palavras *Ser Árvore*, *Simbiose*, *Ser Controlado*, *UmDon*, *Monstro do Controle* e *Ser Floresta* (em itálico e com a primeira letra maiúscula) estarão sendo referências aos títulos do projeto ou das criações artísticas desenvolvidas por mim. Quando utilizadas sem o itálico e em minúsculo são as especificações dos conceitos de cada termo, esclarecidas no desenvolvimento do texto.

² Ao longo do texto, ao citar meu próprio nome, será usado itálico para que a palavra não seja confundida com o termo *Dom*, que significa habilidade natural ou talento.

No meu fazer artístico em Artes Visuais busco trabalhar com questões que julgo serem imprescindíveis para a continuidade da espécie humana, contribuindo não apenas para a comunidade acadêmica, mas também para a nossa sociedade de forma geral. Meu objeto de estudo, desde os tempos da graduação, tem sido o ser humano. Tenho investigado, por meio do fazer, um aprofundamento das reflexões e diálogos sobre os hábitos que circunscrevem as práticas de nossa espécie em seu meio, tanto no ambiente físico quanto na esfera relacional, experimentando ideias para pensar novas formas de viver no mundo. Viso também permear a cultura que nos circunda com práxis artísticas sustentáveis e, assim, trazer um olhar diferente para o planeta e as ações humanas, coletivizando uma consciência que se abre para um estado humano novo. Essa dualidade entre nós e o meio em que vivemos é de suma importância para o desenvolvimento das minhas práticas artísticas até o momento, refletindo sobre nossa condição microcósmica no planeta a partir das práticas individualistas que temos.

O projeto *Simbiose*, que se deu anteriormente, na graduação em Artes Visuais, foi o adensamento reflexivo, conceitual e produtivo de meu fazer artístico. Ele foi realizado na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), entre os anos 2008 e 2012. Na ocasião, conheci os escritos do biólogo inglês James Lovelock e sua pesquisa intitulada *Teoria de Gaia*³ influenciou bastante minhas reflexões. Passei a perceber nosso planeta como um grande organismo vivo que tem o poder de se autorregular para sobreviver. Esta autorregulação é realizada pelos estímulos de todos os tecidos do planeta, que são compostos por seu ambiente natural e o conjunto de seres vivos que nela habitam (Lovelock, 2001). Compreendendo que nós, seres humanos, somos parte integrante desse complexo sistema orgânico, entendi que nos afastamos gradualmente ao longo da história de nossa mãe, o planeta Terra, que chamarei aqui nesta escrita de *Gaia*, em alusão à pesquisa do professor Lovelock.

Para reestabelecer a conexão com esse grandioso ser, o primeiro passo seria reconhecer a existência desse complexo organismo vivo e pensar como atuamos dentro dele. Os próximos seriam refletir sobre nossas ações e tomar providências para que aconteçam mudanças em nossos hábitos. Um caminho difícil e longo, em que a simbiose, que consiste na união de dois ou mais seres vivos que vivem em comum e com benefícios mútuos, atuaria como porta de entrada necessária para a integração com o planeta (Lovelock, 2006). Esses pensamentos e reflexões governaram minhas práticas na época da graduação e me movem até os dias de hoje.

Inebriado por essas inquietações e conceitos, criei *Simbiose*, projeto que deu

³ A palavra Gaia vem da mitologia grega e personifica a Deusa-Terra, mãe dos Titãs. Foi sugerido a James Lovelock pelo poeta e amigo inglês William Golding (Lovelock, 2001).

seu primeiro passo no ano de 2011: uma intervenção no Parque Flamboyant, em Goiânia (Figura 1). Considerando os maus hábitos e o individualismo dos seres humanos como atitudes virais, procurei modificar essa característica em mim para atuar como um anticorpo⁴ deste sistema. Durante alguns meses, lancei-me pela cidade coletando resíduos plásticos que eram encontrados em locais inapropriados de descarte. Com esse material confeccionei as *malhas plásticas*, que foram utilizadas para embalar o tronco de uma árvore do parque, se espalhando pelo chão (Alves, 2011).



Figura 1 – Intervenção artística no Parque Flamboyant, Goiânia-GO, 2011.
Fonte: (Alves, 2011).

Após este passo do projeto, algumas inquietações começaram a surgir, suscitando novos questionamentos que culminaram em um desdobramento da proposta. Compreendendo que nós transitamos nesse estado viral, dependendo do contexto, procurei encontrar outras pessoas que agem como anticorpo no organismo em que vivemos. Foi quando aconteceu o próximo passo do projeto desenvolvido no mestrado entre os anos de 2014 e 2016, no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da FAV/UFG. Após uma investigação, escolhi uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis do bairro

⁴ A palavra anticorpo que será usada neste texto é uma alusão poética ao sistema defensivo do corpo humano, na qual defendo as práticas sustentáveis como equivalentes à defesa de um organismo vivo, nesse caso, da Terra.

SINBIOSIS

Conjunto Vera Cruz I, em Goiânia, para o desenvolvimento do projeto⁵.

A Cooperativa Meio Ambiente Saudável (COOPERMAS) contava, na época, com 12 cooperados que trabalhavam de segunda à sexta, das 8 às 17 horas, e eram liderados por Maria de Lourdes Moreira Soares (mais conhecida como Dona Lourdes). No desenvolvimento desse processo da *Simbiose* foi realizada uma vivência na cooperativa que durou um ano, com atividades e reflexões que trouxeram à tona os preconceitos que envolviam aquele espaço. Nesse meio tempo, um muro cresceu e confinou os cooperados, não se via nada além da cor cinza do concreto que cercava tanto quem estava dentro quanto afastava quem estava fora. Pensando no muro como uma camada que precisava ser rompida, o projeto realizou uma ação artística que consistiu em trazê-los para fora do espaço de trabalho e, utilizando seus desenhos, alteramos a fachada da cooperativa mudando a visualidade do ambiente (Figura 2). A coletividade no processo foi fator essencial no projeto (Alves, 2016).



Figura 2 – Intervenção na cooperativa de reciclagem COOPERMAS, Vera Cruz I, Goiânia-GO, 2014.
Fonte: (Alves, 2016).

⁵ Esta cooperativa foi escolhida pelas relações que tenho com o bairro e as pessoas que moram nele, local onde resido até os dias atuais.

Concomitantemente a todo esse trajeto, no ano de 2013, minha atuação como docente floresceu. Contudo, com o desenvolvimento do *Don* professor, comecei a ver meu processo artístico individual sendo deixado de lado, perdendo a importância em minha vida. A relação que tinha com a identificação poética como anticorpo passou a enfraquecer, perdendo-se e não me caracterizando mais após algum tempo.

Depois de algumas experiências esporádicas como monitor e tutor de disciplinas da FAV no período da minha graduação, tornei-me professor no Instituto Tecnológico em Artes de Goiás Basileu França⁶, entre os anos de 2013 e 2018, ministrando aulas em diversas linguagens, como desenho, gravura, instalação, entre outras. Ao ser confrontado por meus alunos com a questão: “onde está sua produção artística, professor?”, sempre me encontrava diante do mesmo problema: “não tenho tempo”. Contudo, os discentes me instigaram: “Produza conosco, professor!”. Ao aceitar o desafio me envolvi nas produções com os discentes, o que culminou em ações artísticas coletivas, práticas que foram crescendo e tomando espaços cada vez maiores nas aulas que ministrava.

Essas ações criaram ramificações e passei a perguntar: essas práticas coletivas como artista professor poderiam ser caracterizadas como minha produção artística também? Poderiam ser consideradas como partes da *Simbiose*? Qual a minha identificação poética nessa relação e nesse contexto? Sem entender muito ainda essas questões, mergulhei nesses processos. Isso se expandiu e continuou após a minha saída do Basileu França, quando em 2018 fui aprovado em concurso público da Universidade Federal do Tocantins (UFT) para atuar no curso de Educação do Campo com habilitação em Artes Visuais e Música⁷. Houve uma expansão das intervenções coletivas nas comunidades de atuação do curso, situadas em cidades e povoados diferentes (Figuras 3, 4 e 5). Portanto, nestas ações não fui apenas um professor e/ou orientador, mas sim um participante ativo de todo o processo, atuando como catalisador das práticas artísticas e integrante do grupo. Ou seja, um artista no coletivo de arte que se instaurava naqueles espaços e tempos (Alves, 2021).

⁶ Nos dias de hoje, em 2025, a instituição é chamada de Escola do Futuro do Estado de Goiás (EFG) em Artes Basileu França. Para maiores informações sobre a organização de ensino, visite o site: <https://basileufraanca.com.br/>. Acesso em: janeiro de 2025.

⁷ O campus de Arraias da UFT está em um local limítrofe aos estados de Goiás e Tocantins, tendo um amplo campo de atuação docente nesses dois estados. Portanto, haverá citações de ações da UFT em cidades e povoados desse outro estado.

Vendo este novo processo artístico que se instaurou amalgamado com minhas práticas docentes, percebi que minha produção artística havia se transformado e carecia de uma reflexão para compreender esse contexto. Entre 2013, quando ingressei no Basileu França, e 2020, ano de elaboração do projeto de doutorado, houve uma simbiose entre o artista e o professor. Minha aula constituía-se no meu processo artístico e vice-versa, ramificando conexões e propagando ações coletivas, colaborativas e sustentáveis. Portanto, nesse meu contexto, acredito que não há como dissociar as profissões e atuações. Estas reflexões fomentaram um novo olhar sobre o projeto *Simbiose*, compreendendo um desdobramento natural do meu processo artístico que aconteceu ao longo da minha vida pessoal e profissional. Qual foi o ponto chave que me fez perceber essa expansão crítica e poética dos conceitos do meu fazer artístico e me direcionou para a reflexão sobre a simbiose entre o artista e o professor?

No curso de Educação do Campo da UFT ministro disciplinas do sexto ao oitavo período, tendo um contato com os discentes quando eles estão nos últimos anos de sua formação. A intervenção artística da figura 5 foi realizada com uma turma do oitavo período em janeiro de 2019, fruto de diversas ações desse coletivo que se estendeu ao longo de um ano e meio. Em julho do mesmo ano, uma aluna do terceiro período (com a qual não tive qualquer contato anterior) me procurou para apresentar uma ação que havia elaborado com seus alunos na comunidade



Figura 3 – Intervenção com lambe de gravuras na instituição Basileu França, Goiânia-GO, 2016. Sem dimensões definidas. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 4 – Intervenção com pintura zentangle, Terezina de Goiás-GO, 2018. Sem dimensões definidas. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 5 – Intervenção com instalação na Universidade Federal do Tocantins, Arraias-TO, 2019. Elaborada com galhos secos e resíduos. Sem dimensões definidas. Fonte: arquivo pessoal.

Kalunga Vão do Moleque, em Goiás, um dos polos de atendimento do curso (Figura 6). Ela relatou entusiasmada a intervenção artística que realizou inspirada nas ações que nosso coletivo estava desenvolvendo ao longo dos últimos anos.



Figura 6 – Intervenção na comunidade Kalunga, Vão do Moleque-GO, 2019. Elaborada com galhos secos e resíduos. Sem dimensões definidas. Fotografia: Katiele Pereira Lacerda.

Ao me deparar com o ressoar das ações que estava desenvolvendo nos processos artísticos coletivos aos quais estava inserido, entre o final de 2019 e início de 2020, comecei a realizar um levantamento informal com discentes e egressos acerca dos desdobramentos dessas práticas em suas vidas profissionais e/ou artísticas. Para minha surpresa, encontrei várias intervenções que estavam ramificando as ações coletivas, colaborativas e sustentáveis dos processos anteriores (Figuras 7, 8 e 9).



Figura 7 – Intervenção no Parque Ecológico do Fervedor, Taguatinga-TO, 2020. Elaborada com papelão, plantas e resíduos. Sem dimensões definidas. Fotografia: Johnny Alves de Araújo.



Figura 8 – Intervenção em rua pública, São Valério da Natividade-TO, 2019. Elaborada com galhos, folhas e flores sobre placa de trânsito. Sem dimensões definidas. Fotografia: Eunice Correia Malheiro.



Figura 9 – Intervenção em canteiro central, Arraias-TO, 2019. Elaborada com elementos hospitalares sobre tronco de árvore cortado. Sem dimensões definidas. Fotografia: Liz Adrielle Vieira Costa.

Ver essas produções artísticas e ações coletivas foi o ponto chave que me fez perceber a expansão crítica e poética dos conceitos do meu fazer artístico, necessitando um estudo investigativo sobre meu lugar nesse mundo. Essas novas questões que surgiram nesse processo de ramificação das ações coletivas me conduziram para a Pesquisa Autobiográfica em Arte (Rodrigues, 2021), que acabou sendo um caminho natural para um aprofundamento dessas questões. E é neste momento que voltamos a esta tese de doutoramento. Minhas atividades profissionais como artista, pesquisador e professor foram ponto de partida para realizar o mergulho no ato autobiográfico. Senti que essa ação poderia me levar a uma melhor compreensão da minha identificação poética de existência, revelando algo sobre como tenho habitado o mundo nesse momento de minha vida e estabelecendo direções para ações artísticas futuras, quando regressar à sala de aula.

Usando o autobiográfico como catalisador do meu processo criativo no fazer artístico e na escrita da tese, busquei novos movimentos relacionais nas minhas esferas profissionais e sociais. Um devir, um desejo de ser algo para além do que sou hoje. No pensamento de Arfuch e Josso, enraizei a reflexão sobre a identidade nesta tese, onde as formas representativas de minha narrativa artística de origem provocam, negociam e/ou (re)significam processos identitários que são individuais e coletivos. Compreendo que o pensamento das autoras tem genealogias de estudos diferentes. Enquanto Arfuch pesquisa pelo viés dos Estudos Culturais e olha para a identidade como uma identificação cultural, atravessada por contextos históricos, relacionais e sociais (Arfuch, 2010), Josso apresenta sua reflexão da perspectiva da Educação, entendendo que a identidade deve ser concebida como um processo contínuo de reflexão de si na formação do sujeito (Josso, 2007). Acredito que há um diálogo frutífero entre as autoras para definir a questão da identidade/identificação, pois compreender-me enquanto ser implica, inevitavelmente, compreender-me como integrante de redes culturais e sociais que moldam e sustentam essa singularidade.

Existe um desafio nesse processo que Leonor Arfuch esclarece como a procura de “uma voz autobiográfica em seus acentos coletivos - que possa dar sentido a um mito de origem, a uma genealogia, a um devir – e defender, portanto, alguma condição de existência” (Arfuch, 2010, p. 101). Esse “mito de origem” e esse “devir” aos quais a autora se refere, inspiraram a forma representativa da minha trajetória e da minha identificação poética que me constituem e delineiam a origem deste *Don* que aqui escreve. Ao me referir aos termos identidade, mito de origem, identificação ou entidade poética nesta tese, não estou afirmando que eles são fixos e/ou imutáveis, mas sim tomo-os como as condições de existência até o presente momento. Afinal, estou em constante transformação. A função da autobiografia nesse processo criativo da tese é justamente, como afirma Arfuch, a de “perturbar essa identidade” (Arfuch, 2010, p.

137), ou seja, promover uma consciência crítica ao que eu reconhecia anteriormente à pesquisa para, então, fazer brotar um novo olhar para mim mesmo, tornando minha identidade como um processo dinâmico de articulação entre reflexividade pessoal e identificação coletiva.

Ao longo desta pesquisa, não busquei me aprofundar nas nuances que diferenciam os movimentos biográficos e autobiográficos existentes, seja pela via anglo-saxã, francesa ou brasileira (dentre outras), que buscam sinalizar distinções teóricas e metodológicas na expressão da própria grafia da palavra como, por exemplo, auto/biografia (com barra) ou (auto)biografia (com parênteses), ou mesmo biografia que, em algumas correntes, pressupõe a incorporação do debate sobre autobiografia. Nesta tese, coloco-me em diálogo com diversas abordagens sobre autobiografia a partir da minha posicionalidade específica como artista que realiza uma pesquisa por meio de um fazer artístico em Artes Visuais, buscando diálogos de interesse entre alguns desses autores. Posto isso, o autobiográfico é colocado aqui como exercício de reflexividade que estimula a criatividade no meu fazer artístico para observar quais são as potenciais contribuições originais para os debates, em primeiro lugar, no campo da arte. Ao trazer o debate para a área de Artes a partir do meu processo criativo e artístico, busco contribuir para o avanço das reflexões sobre “Pesquisa Autobiográfica em Arte” (Rodrigues, 2021) fomentadas no grupo de pesquisa ao qual pertenço, o Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA)⁸, vinculado ao PPGACV/FAV/UFG.

Já o conceito *espaço biográfico* – sem o prefixo “auto” – é utilizado no contexto do pensamento de Leonor Arfuch (que será esclarecido ao longo da tese). Todavia, ao trazer esse conceito para diálogo com minha pesquisa, retorno o prefixo para reafirmar uma das estratégias-chave para a realização desta pesquisa em arte: a reflexividade de si. Desta forma, reconheço que o exercício biográfico está contido no fazer autobiográfico, afinal, ele não remete a um “eu” isolado, pois existe uma multiplicidade de relações sendo estabelecidas no processo de criação (Rodrigues; Barra; Souza; 2023). Portanto, usarei sempre a expressão “espaço autobiográfico” para me referir aos espaços e narrativas que foram sendo criados através do projeto artístico proposto nesta pesquisa.

Ao dialogar com os conceitos dos autores e autoras aqui convocados, e após refletir sobre as possibilidades do autobiográfico na pesquisa artística, cheguei à noção de *autobiopoética* para me referir à expressão da própria vida que pode se dar pelas materialidades e imaterialidades autobiográficas convocadas no contexto de uma pesquisa em poéticas artísticas e processos de criação, com ênfase nas Artes Visuais.

⁸ Para maiores informações sobre o NuPAA, visite os sites: <https://nupaa.org/> e <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6237544308757036>. Acesso em: janeiro de 2025.

Ao considerar a definição mais direta de “autobiografia” como “escrita da própria vida”, proponho, nesta tese, um conceito-operatório que aponta para uma estratégia de representação de si que extrapola a escrita e o escrever, pois convoca fazeres outros da “inscrição” e da “instauração” que se alinham à busca por um “fazer a própria vida” enquanto se realiza uma pesquisa em poéticas artísticas e processos de criação. A partir desse entendimento, o ato autobiográfico que fomentou o início do processo da presente investigação passou a apontar para um gesto autobiopoético que começou a movimentar a pesquisa, resultando no quadrinho *UmDon* e na contribuição conceitual a partir da elaboração da ideia de autobiopoética. Toda a costura conceitual para a concepção do conceito-operatório desta tese, assim como suas definições, será apresentada mais à frente, sendo uma das principais contribuições originais desta pesquisa.

Esta tese de doutoramento foi dividida em cinco capítulos. No primeiro, apresento o quadrinho *UmDon*, resultado da produção artística do meu processo de investigação das memórias, arquivos, dores, afetos e histórias de vida. Seu enredo foi desenvolvido com um molde poético que apresenta simbolismos importantes para compreender quem sou e quais são minhas reflexões de mundo. Esta introdução, *Semear*, deu um panorama sobre o meu caminhar como artista, pesquisador e, posteriormente, como professor para que você, leitor, leitora, possa compreender alguns pontos do enredo da produção artística. Contudo, os aprofundamentos de cada elemento do quadrinho, a relação entre o traço do desenho e o traço autobiográfico (posteriormente entendido como autobiopoético), as referências artísticas e visuais, e os conceitos que envolvem a poética do *UmDon* serão destrinchados nos capítulos subsequentes.

O segundo capítulo, chamado *Germinar: de memorar a criar*, mostra meu processo criativo autobiográfico. Realizando um mergulho nos arquivos que estavam guardados em caixas estocadas em um armário, afetos surgiram e impulsionaram a pesquisa. Com isso, memórias foram ativadas e me deram acesso a histórias de vida que se encontravam esquecidas nas prateleiras da minha mente. Nesse caminho investigativo estabeleci a ligação com diferentes *Dons* do passado que me fizeram compreender melhor minha identificação poética nesse momento da vida. O percurso desse mergulho foi sendo relatado em cada subcapítulo para apresentar a coleta dos meus traços e como eles alimentaram a elaboração do quadrinho *UmDon*. Escolhas estéticas, poéticas, de personagens, de estruturas e de um argumento para o desenvolvimento do enredo foram estipuladas concomitantemente ao mergulho realizado. Este estudo ao qual me propus me conectou com produções artísticas, reflexões de um jovem e linguagens esquecidas com o passar do tempo, culminando no germinar, nos dias de hoje, da minha identificação com a entidade poética *Ser Árvore*.

No terceiro capítulo, intitulado *Brotar: UmDon toma forma*, apresento como foi o desenvolvimento do processo de instauração da obra que culminou no quadrinho *UmDon*. Escolhas estéticas e poéticas que foram apresentadas no capítulo anterior colocaram-se em prática partindo de experimentações realizadas nas disciplinas do PPGACV. Esse caminho estrutura o enredo para o desenvolvimento da versão final do quadrinho e ilumina minha compreensão do gestual do artista, fundamental para compreender posteriormente o conceito-operatório da autobiopoética. Outras simbologias e escolhas estéticas que surgiram somente no fazer da obra também foram analisadas, evidenciando alguns gestos poéticos que apareceram na prática artística em andamento e revelaram mais aspectos de minha vida e personalidade.

No quarto capítulo, chamado *Crescer: seiva autobiopoética*, apresento o caminho teórico da pesquisa, evidenciando os conceitos e reflexões que costuraram meu entendimento sobre a autobiopoética. O capítulo desenvolve o entendimento do espaço, lugar, forma e possibilidades desse conceito. Partindo de Lejeune e a marca indelével do autor nas reflexões sobre o autobiográfico, aprofundando em Arfuch e a pluralidade dos espaços para reflexividade de si, transmutando em Doubrovsky e Faedrich e a força poética da ficção como molde simbólico, ampliando em Josso como campo fértil das narrativas de histórias de vida e desaguando em Rodrigues como guarda-chuvas da área de conhecimento à qual esta pesquisa é aderente – Artes, trago as contribuições dos diálogos que tive com cada autor. Esse molde teórico e conceitual, mesmo com genealogias diferentes, me fez pensar na etimologia do termo autobiografia, onde a escrita carregava muita força representativa para definir o trabalho desenvolvido. Dialogando com autores como Aristóteles e passando por Valéry, Passeron, Certeau, Rey e Cattani, compreendi a poética como definição mais apropriada para todo o processo desta tese de doutoramento. Assim, surge o conceito autobiopoética, que propõe uma estratégia de representação de si para dar forma à vida pelo atravessamento criativo do fazer artístico.

No último capítulo desta tese, intitulado *Ramificar: Ser Árvore para Ser Floresta*, movimentei a reflexão realizada nos capítulos anteriores para pensar questões de coletividade a partir da entidade poética *Ser Árvore*. Dialogando com a *Teoria de Gaia* de Lovelock, já arraigada em meus conhecimentos, os pensamentos de Krenak e Kopenawa estruturaram a reflexão para que possamos superar o conceito de humanidade, terminologia excludente que separa os seres humanos de todo o resto por conta do individualismo. Refletir sobre as questões ambientais a partir do pensamento dos povos originários foi entender que podemos ser as árvores do mundo em busca de uma coesão existencial para formar o *Ser Floresta*. Pensar a espécie humana como uma floresta me fez deslocar a essência viral humana atual para um desejo de nova consciência, buscando ser um novo ser nesse contexto. Ambientalistas, ativistas,

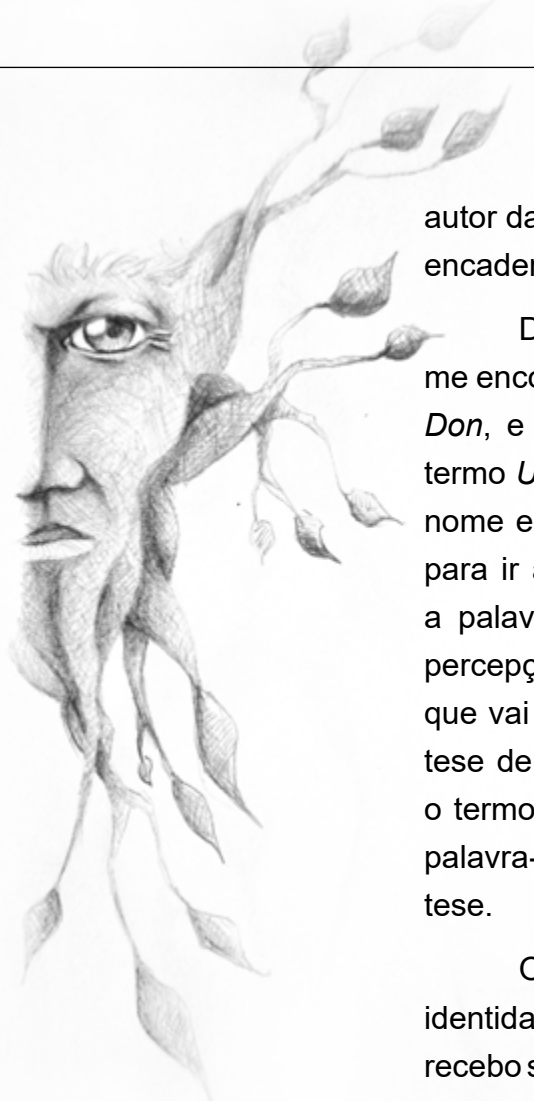
teóricos e artistas fazem parte de um movimento de resistência e são exemplos para que possamos adiar o fim do mundo e frear a ação predatória humana, sendo apresentados nesse texto como referências para essa luta.

Finalizando, em *Frutificar: considerações finais*, apresento um sobrevoo e fechamento desta pesquisa. Todo o percurso foi rememorado para trazer as contribuições deste processo para a área de conhecimento. A autobiopoética é o meu legado para pensar as bases conceituais que constituem pesquisas artísticas com intencionalidades reflexivas. Entender a perspectiva do mergulho que se iniciou autobiográfico e respirou como autobiopoético, assim como suas contribuições para minhas esferas pessoais e profissionais foram essenciais. Após todo esse caminho me compreendi no mundo a partir de novos lugares e já vislumbro desdobramentos para o futuro.

Considero esta tese de doutoramento um desdobramento da minha produção artística e estabeleço uma formatação que visa gerar uma experiência que dialogue com meu gesto criativo. Tanto escrita quanto composição tem função poética na experiência de leitura deste trabalho. *Diários do Ser Árvore* foram inseridos ao longo do texto para trazer outros aspectos autobiográficos de minha vida no processo de escrita da tese. Esses textos são memórias que foram ativadas no andamento da pesquisa e no ato de escrita, compõem a estrutura narrativa do trabalho apresentando histórias de vida, poemas e músicas que fazem parte da minha caminhada no mundo e complementam a experiência. É o *Ser Árvore* assumindo a escrita no lugar do *Don*.

O texto é escrito variando entre primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural. No primeiro caso pretendo evidenciar minhas questões enquanto artista no processo de criação do fazer artístico e de elaboração do texto. Quando utilizo o pronome no plural estou convidando o leitor e leitora para um diálogo com o que está sendo abordado, para podermos pensar juntos os conceitos e reflexões que compõem esta tese de doutoramento.

As imagens no decorrer do texto estão transpondo as margens e posicionamentos tradicionais de um texto acadêmico. A tese foi inspirada e dialoga com revistas, *artbooks*, *graphic novels* e outros materiais que se conectam aos quadrinhos. Ela poderia ser enquadrada como a versão de luxo do quadrinho *UmDon*, pois traz complementações ao enredo, desenhos extras, reflexões do artista, análises da obra e diálogo com o



autor da produção artística. Elementos que são comuns nesse tipo de encadernação editorial.

De *UmDon* a *Ser Árvore*, essa tese se desenvolve na busca de me encontrar no mundo como artista, pesquisador, professor, cidadão, *Don*, e estabelecer qual meu papel diante de nossa sociedade. O termo *UmDon* que nomeia o quadrinho é uma analogia óbvia ao meu nome e mostra a singularidade desse universo. Todavia foi pensado para ir além dessa relação visto que também é um anagrama para a palavra “mundo”. Essa é a forma que encontrei para ampliar a percepção do meu fazer artístico e dialogar com um universo maior que vai além de mim. Por conta disso, todo o texto construído nesta tese de doutoramento foi pensado para que, ao ler os trechos onde o termo *UmDon* aparece, você, leitor, leitora, possa substituí-lo pela palavra-chave “mundo”, criando assim um novo sentido ao visitar a tese.

O conceito do *Ser Árvore* nomeia a (re)significação da minha identidade, apresentando-se como uma entidade poética da qual recebo seus poderes para atuar no mundo. Ela é a compreensão do meu lugar na Terra e de como posso atuar coletivamente para a evolução de nossa espécie, frutificando novas formas de ser. A construção deste processo artístico aconteceu através de um amálgama de outras produções, anotações, escritos, esboços, métodos e conceitos com os quais me deparei ao longo desse olhar para mim mesmo e para meu passado. Ver os diferentes *Dons* e abraçá-los em um afago criativo me mostrou a importância das experiências biográficas de cada ser e de como podemos criar conexões mais potentes com o mundo que habitamos a partir do encontro consigo. No entendimento do meu mito pessoal de origem e do surgimento da entidade poética *Ser Árvore*, ilumino minha atuação em *Gaia* e semeio o solo para ser a floresta necessária no futuro.



LONDON

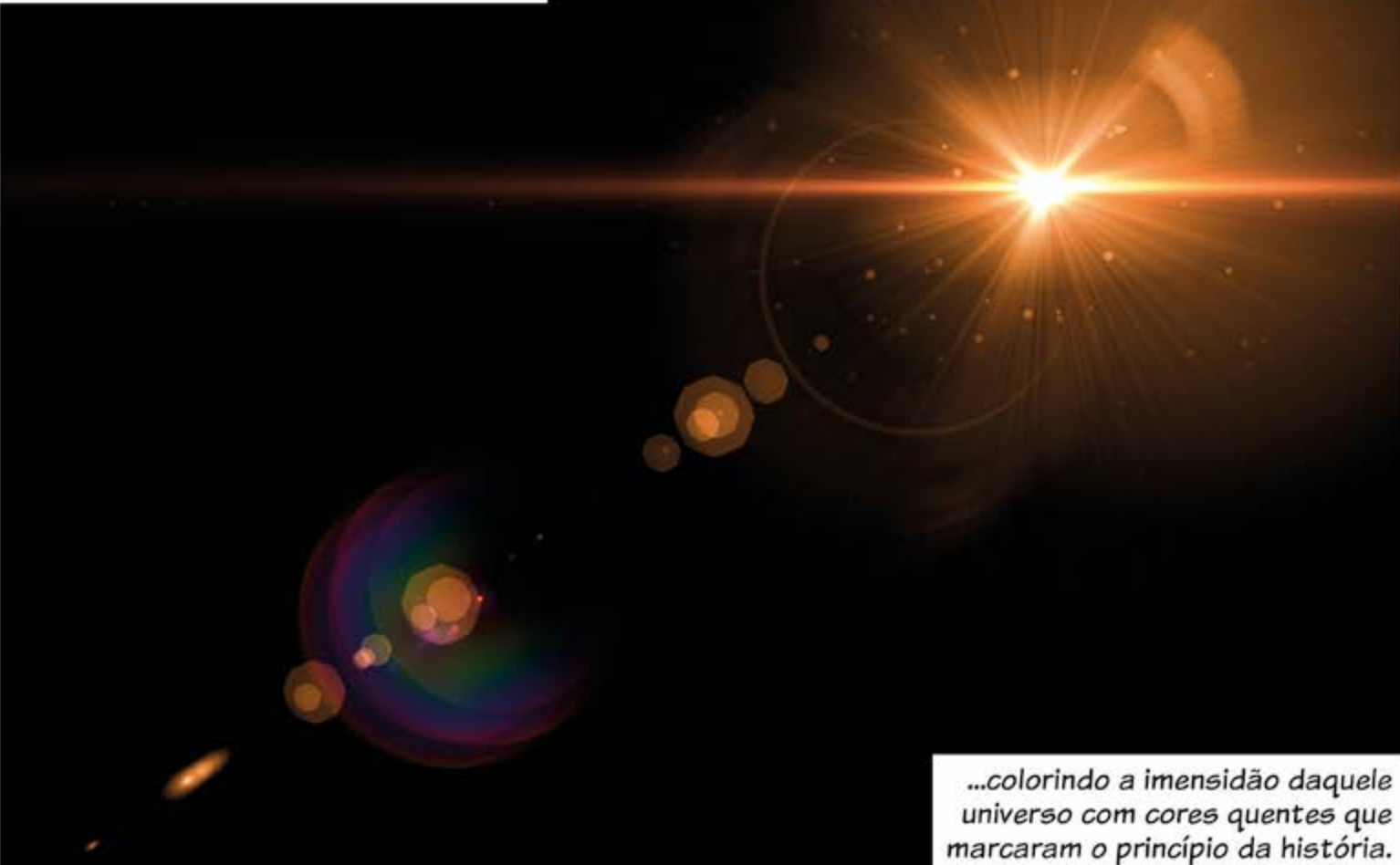
ATO I:

GÊNESE

*Na escuridão do universo nada
brilhava, apenas o silêncio mostrava
o vácuo daquele espaço inóspito.*


Não sei ao certo qual foi a centelha,
mas a explosão irradiou luz por
centenas de anos...

41



...colorindo a imensidão daquele
universo com cores quentes que
marcaram o princípio da história.

Assim nasceram os titãs...



...que vagam pelo cosmos se
embebedando da luz que queima
no centro deste sistema.

Entre eles está Gaia, a mãe-Terra, o macrocosmo vivo que é o receptáculo de outras formas de vida.

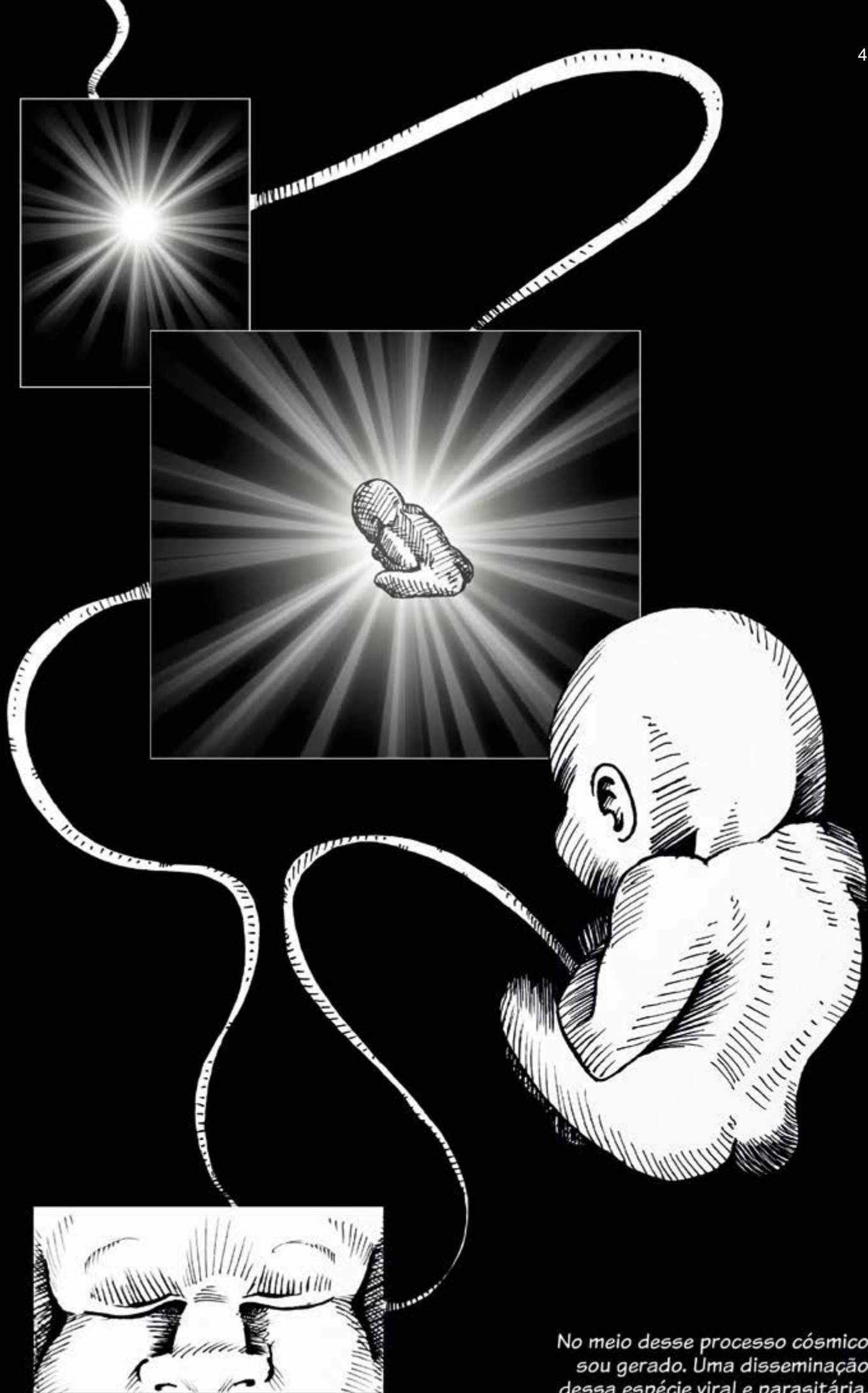


Uma espécie nasce em seu útero: os seres humanos.



Eles se espalham pela pele da mãe-Terra. Crescem e tornam-se autossuficientes, mudando sua característica genética.

Transformam-se na forma de vida mais devastadora que há no universo: um vírus.



*No meio desse processo cósmico
sou gerado. Uma disseminação
dessa espécie viral e parasitária.*



Cresço com as amarras da sociedade...



...sem saber que estava preso...

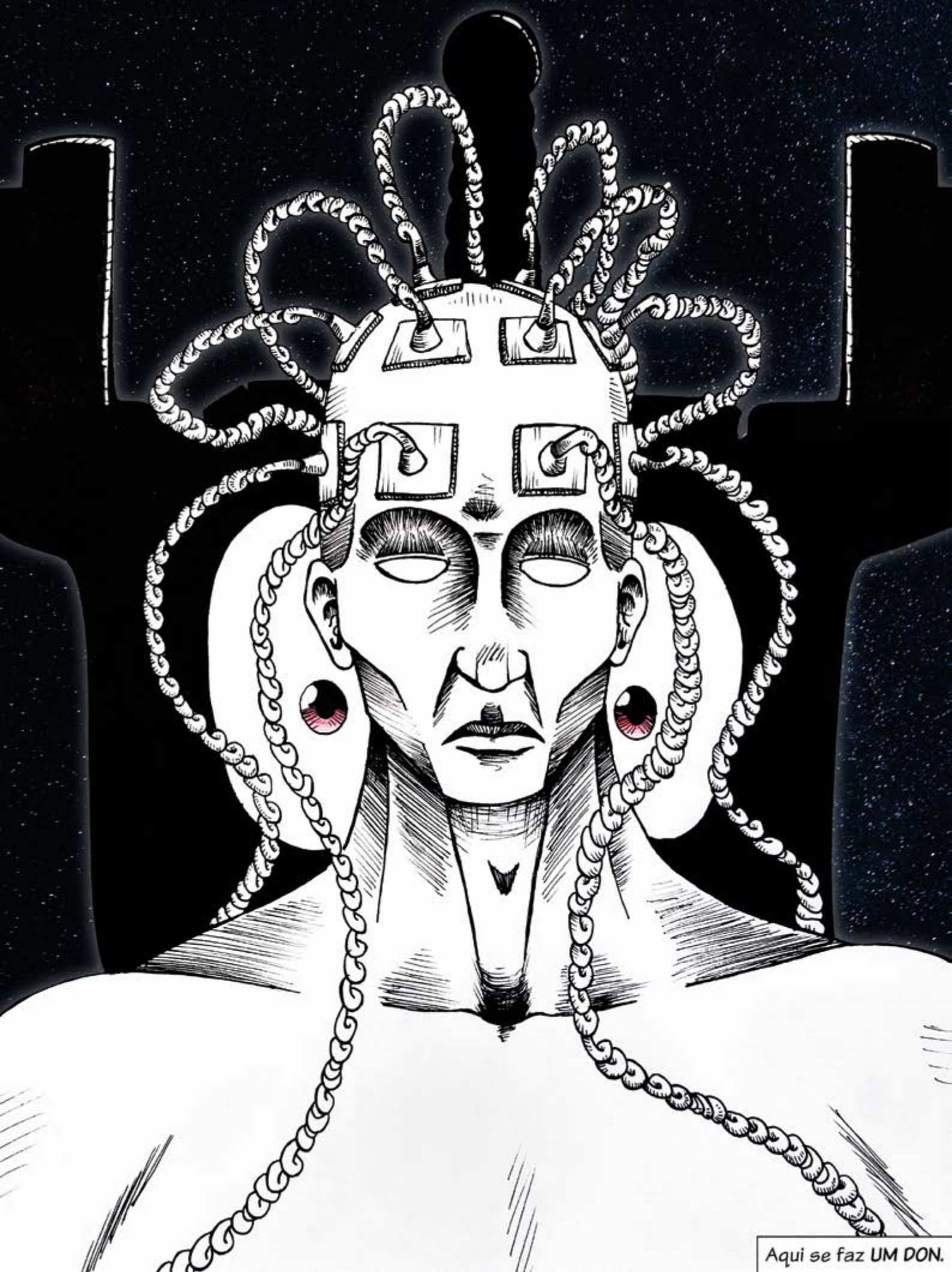
45



...caminhando por trilhas
tortuosas de um mundo cego.



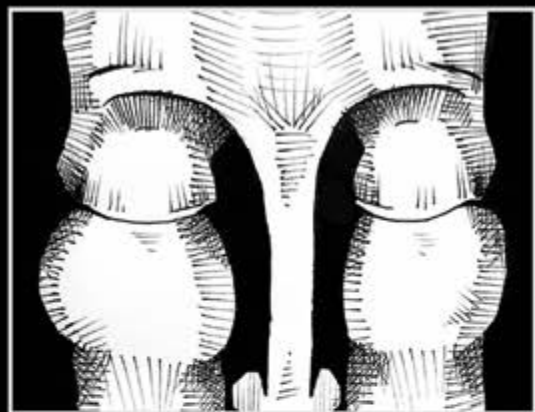
Uma a uma, as conexões deste controle
aumentam a cada ano que se passa.



Aqui se faz UM DON.

ATO II:

A VIDA
DE UM
DON



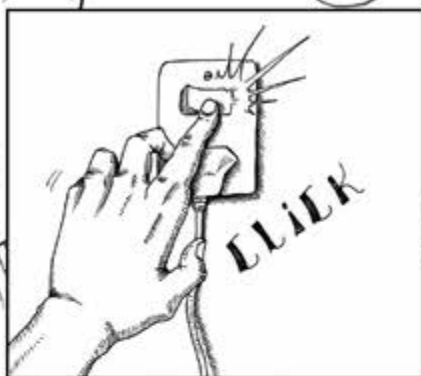
BiiiiPPPP

BiiiiPPPP

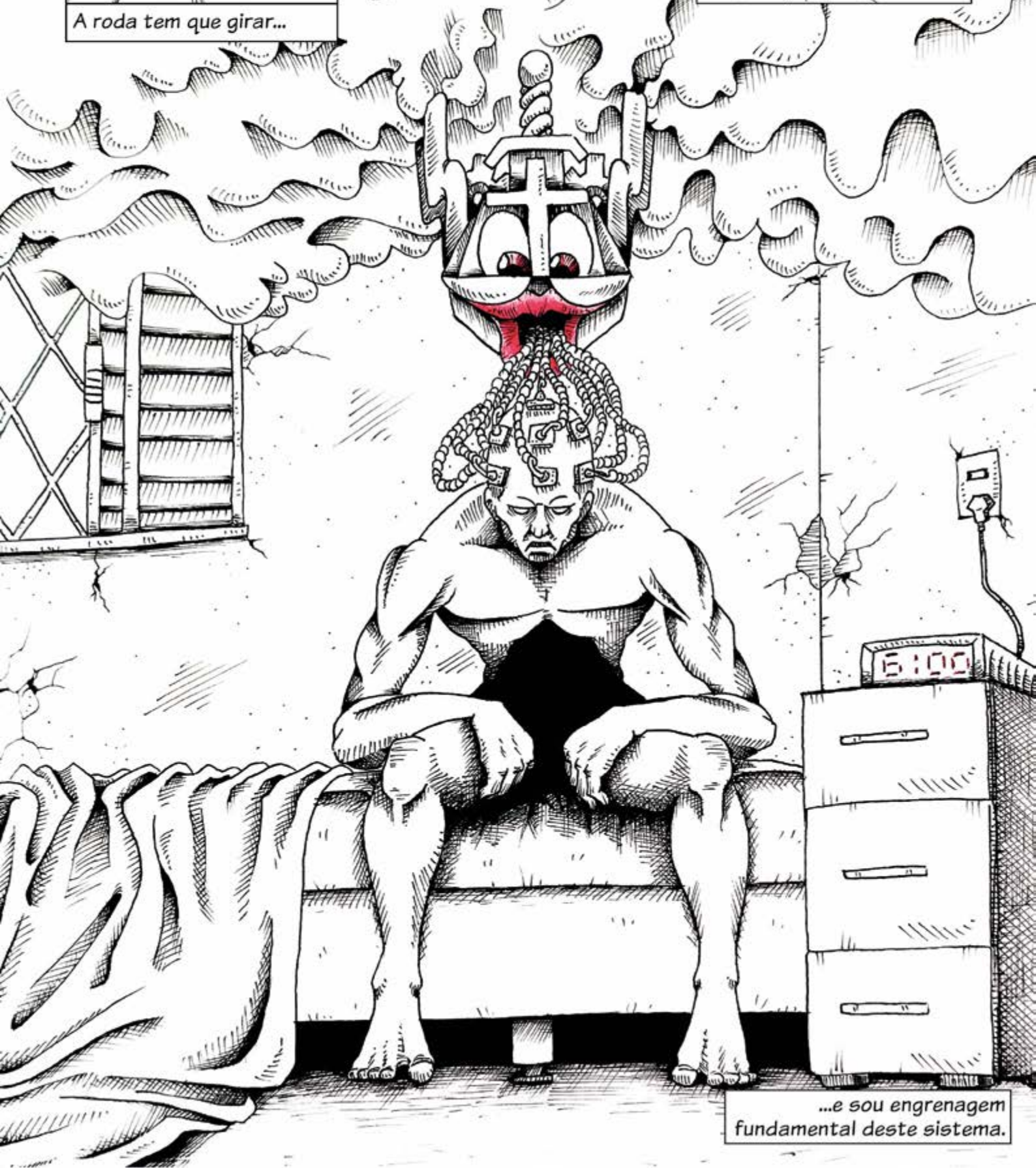
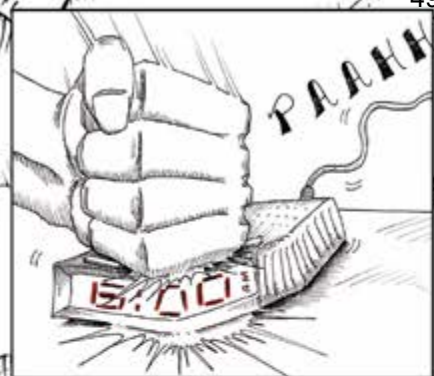
BiiiiiiPPPPPPPP



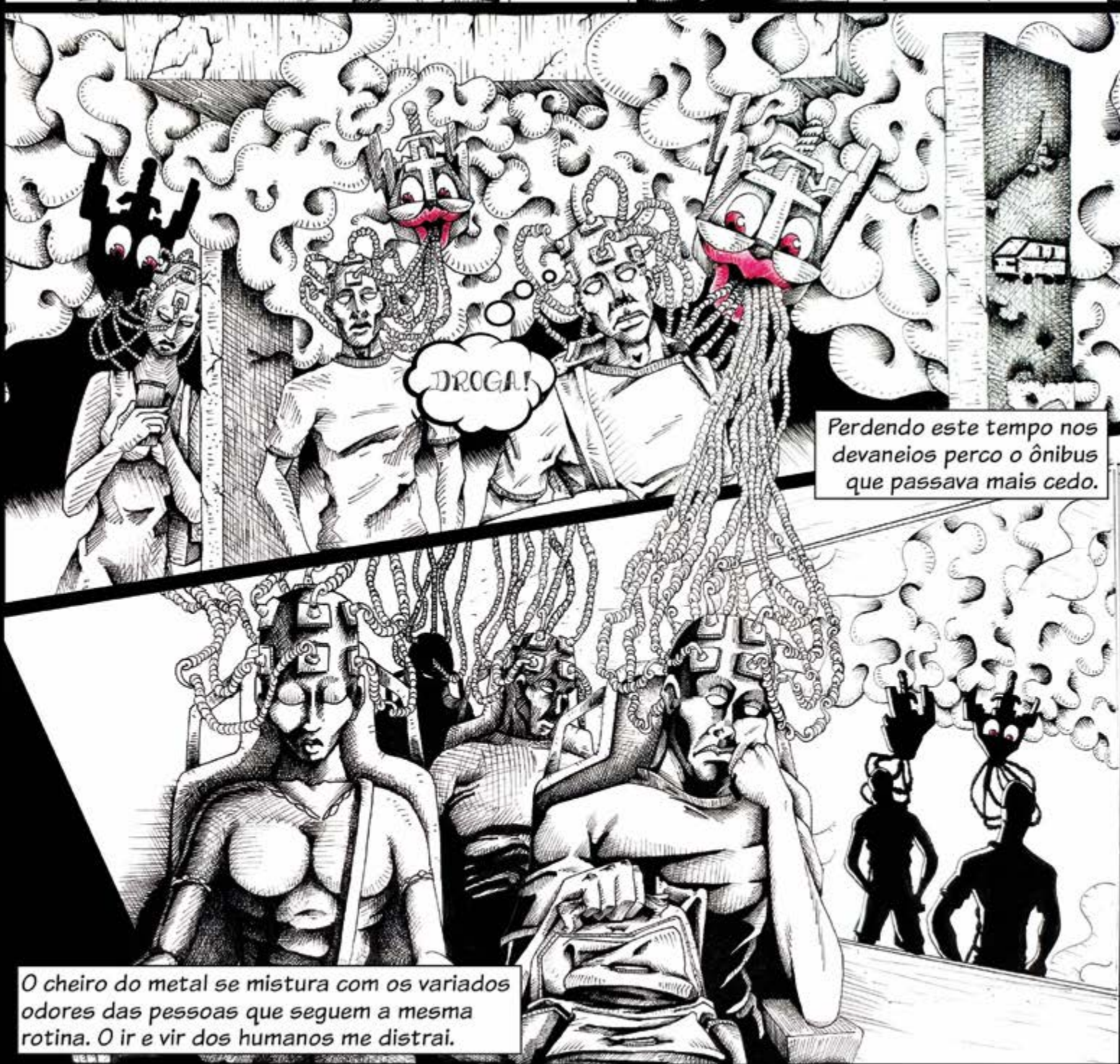
O sol nasce e o despertador toca.
Acordar é necessário pois preciso ser
ativo e produtivo para minha sociedade.



A roda tem que girar...



...e sou engrenagem fundamental deste sistema.



Os tec tec's dos teclados, click's dos mouses e inúmeras vozes dentro desta caixa de concreto e metal ressoam por cada espaço existente.

51

TEL
TEL
TEL

CLICK
CLICK

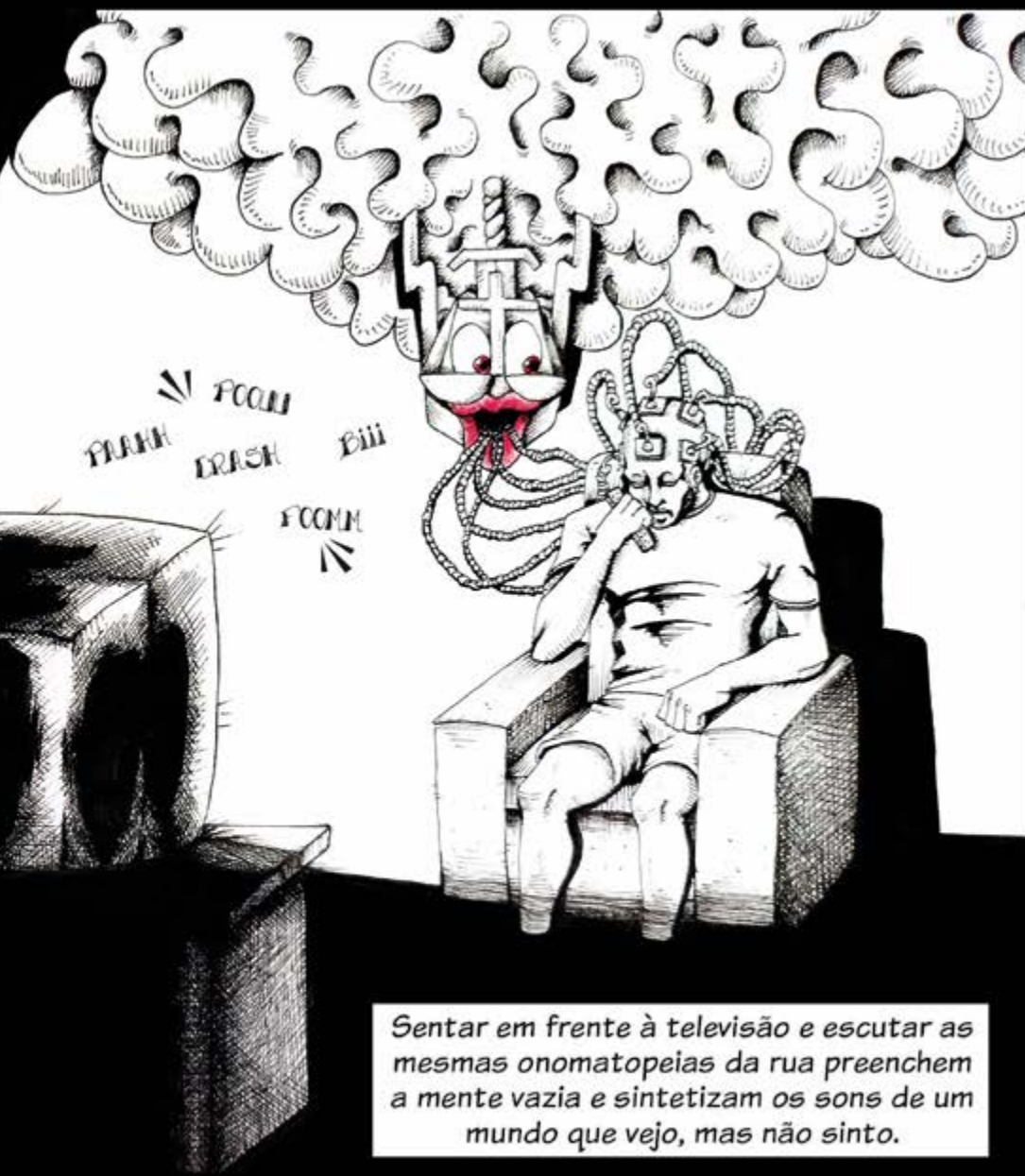
Variados "sim senhor", "pois não", "vou estar te ajudando", entoam a música do ambiente na potência do gerúndio reverberado.

O trabalho engrandece e mostra meu valor para o sistema. A sociedade gosta!

Cansado diante da rotina... voltar é a única opção.

52

Dentro de mim há
uma voz que quer
rasgar minha face,
mas ao abrir a boca
nenhum som ecoa.



Sentar em frente à televisão e escutar as
mesmas onomatopeias da rua preenchem
a mente vazia e sintetizam os sons de um
mundo que vejo, mas não sinto.

ATO III:

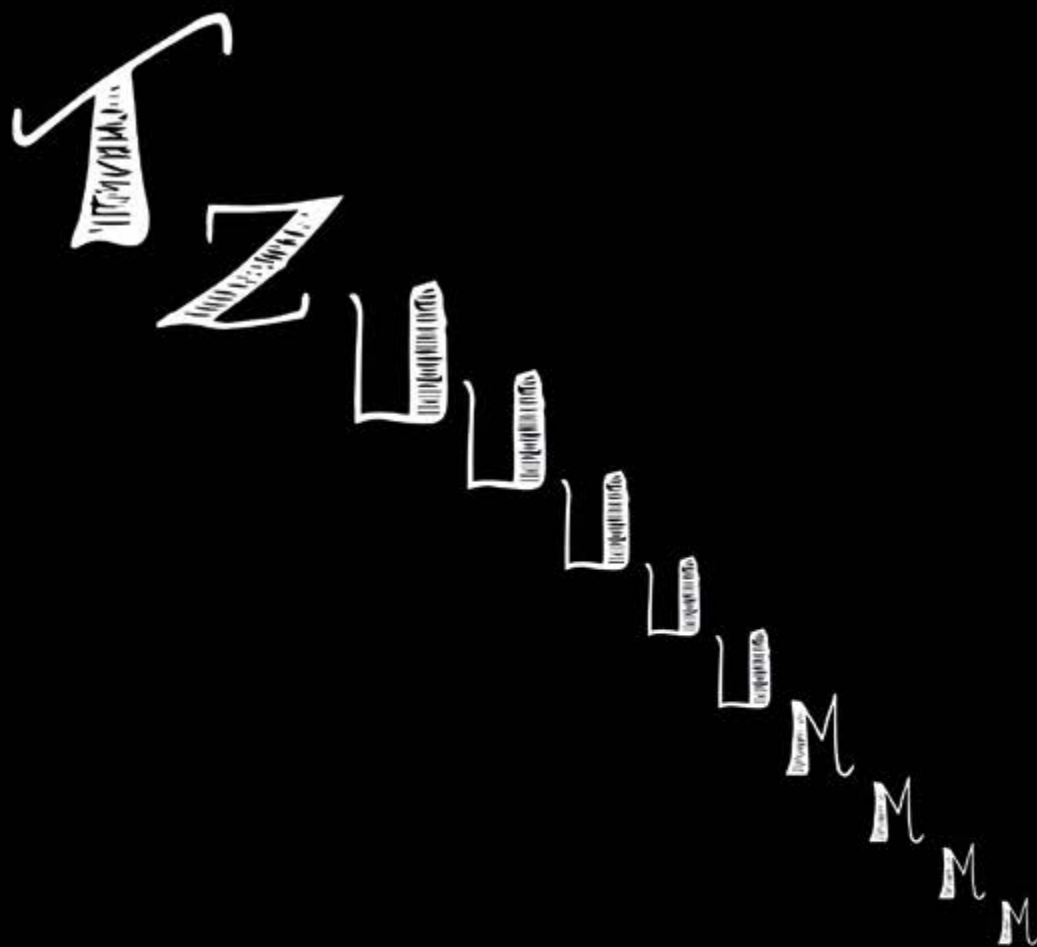
NOVA
GÊNESE



Acordar, levantar, caminhar, transitar,
trabalhar, voltar, assistir e dormir. Rotinas que
preenchem o vazio que havia em minha vida.

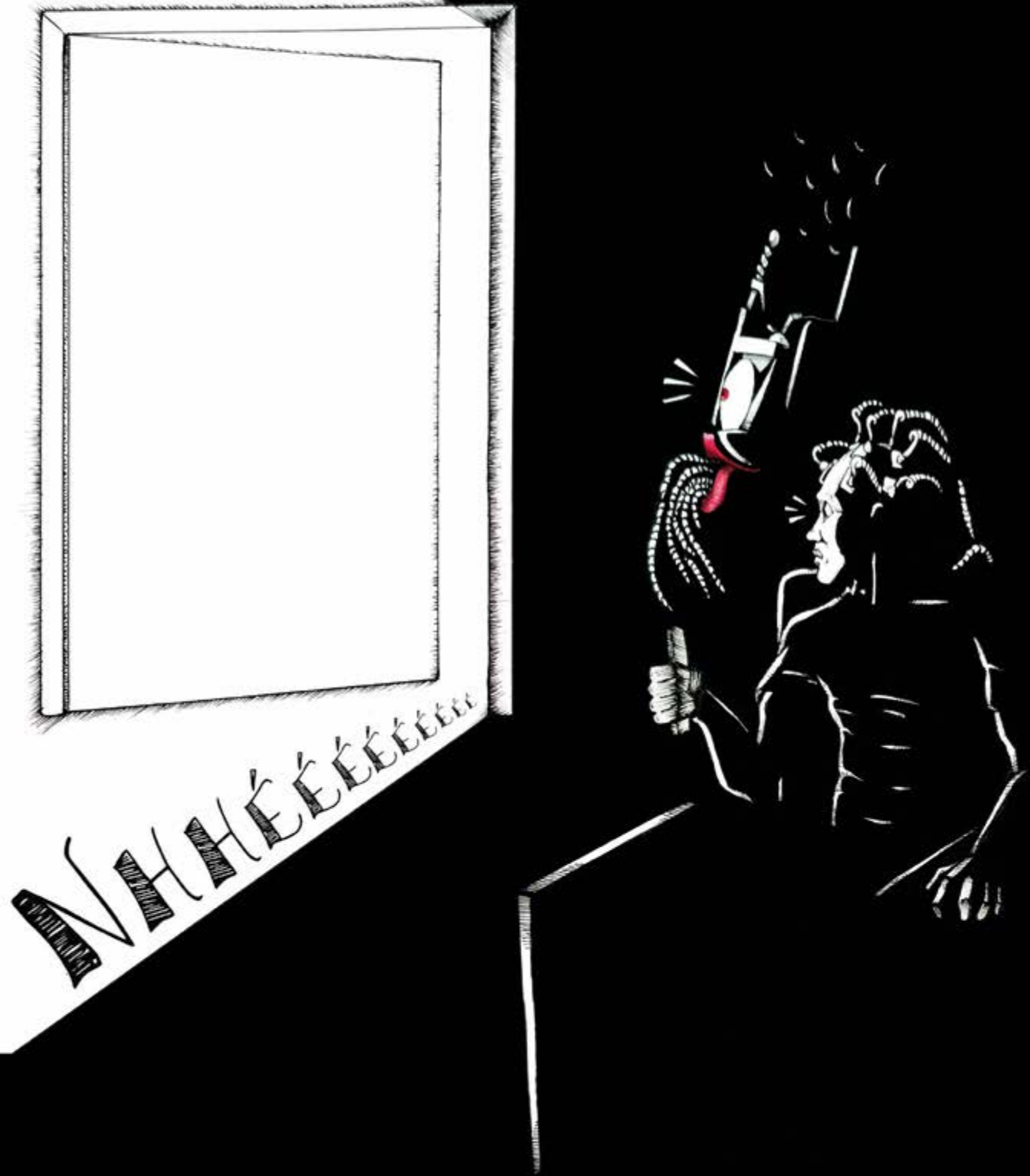


*Sentado em minha realidade,
nada parecia alterar este
status quo. Até que...*



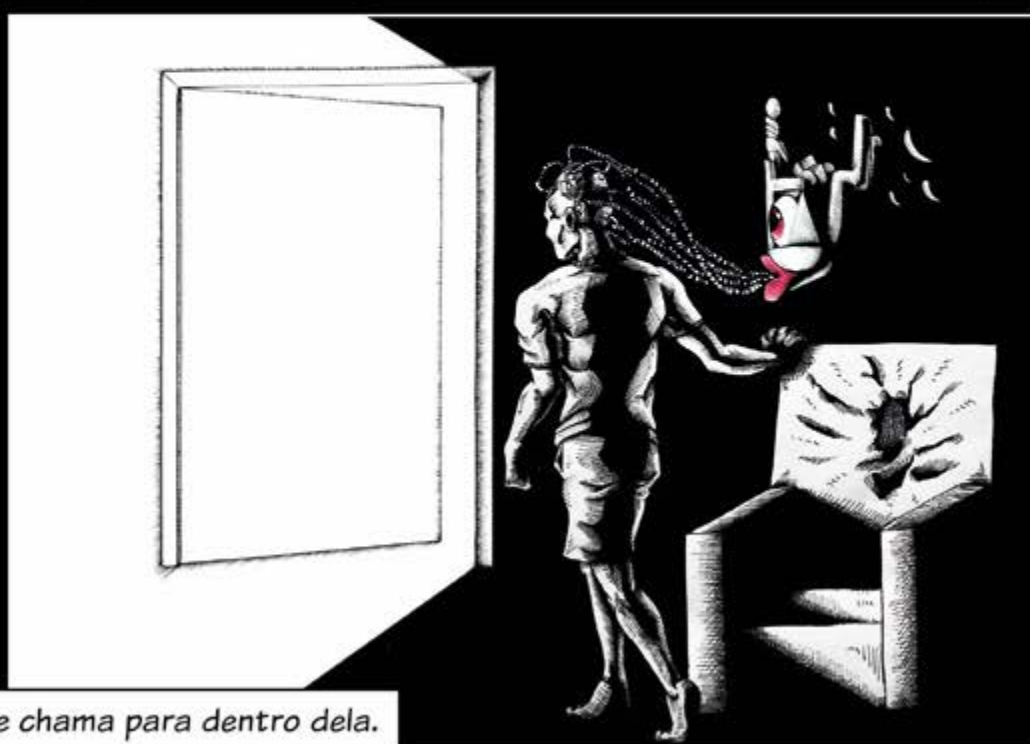
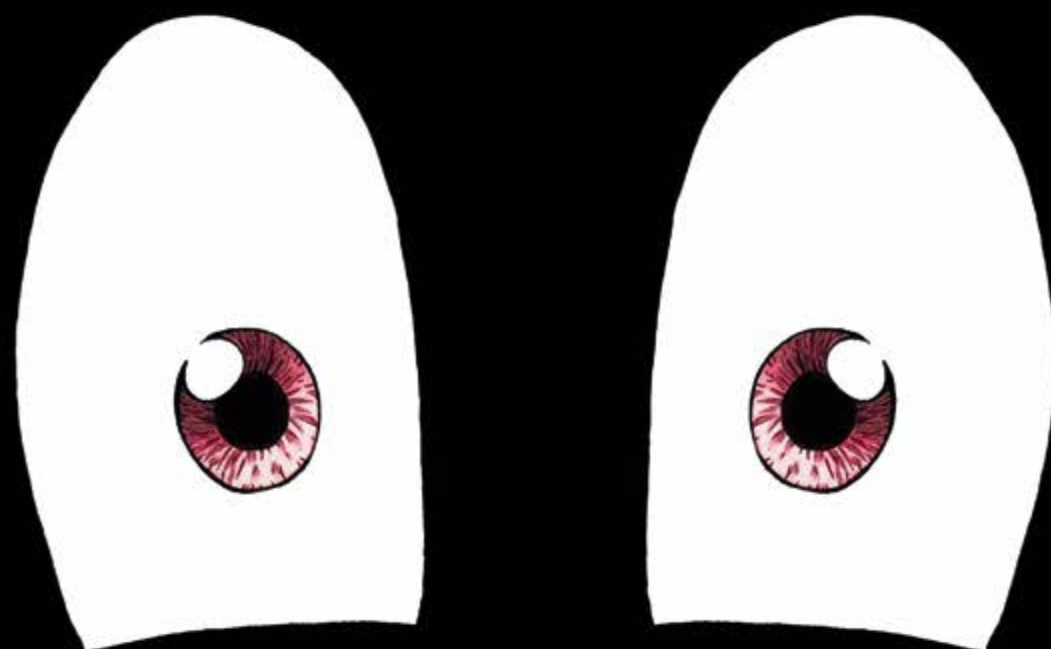
...uma fenda se abre diante de mim com uma luz intensa
que se assemelha à centelha que criou o universo.

56





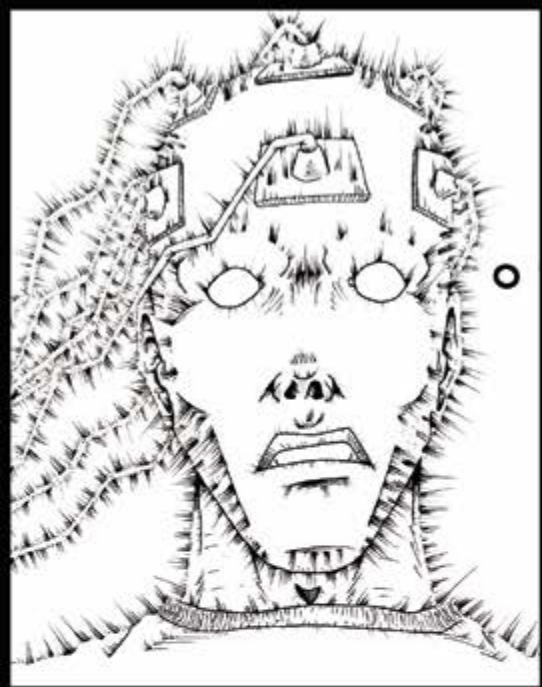
Não há visão do que há dentro desta ruptura...



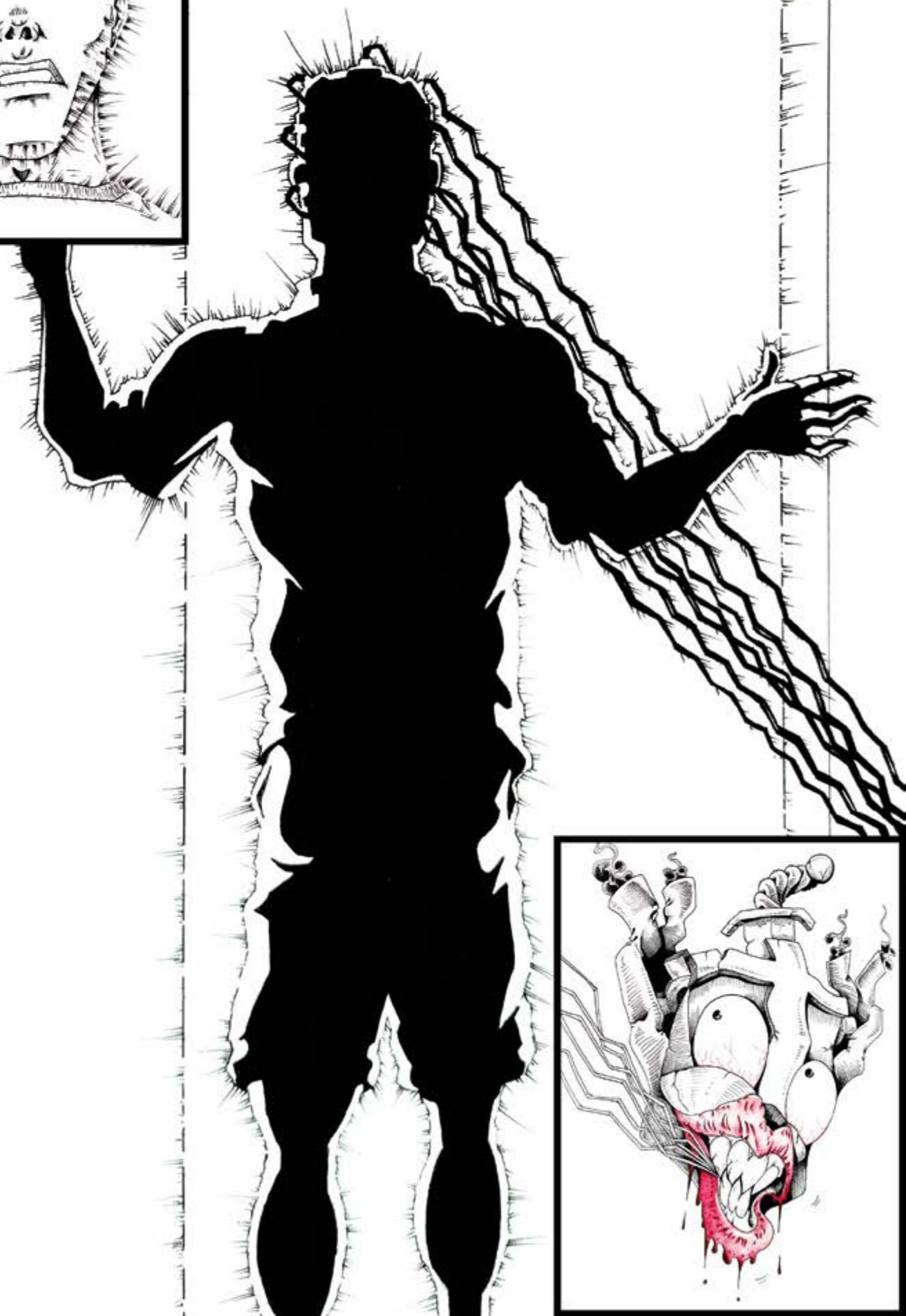
...mas algo me chama para dentro dela.



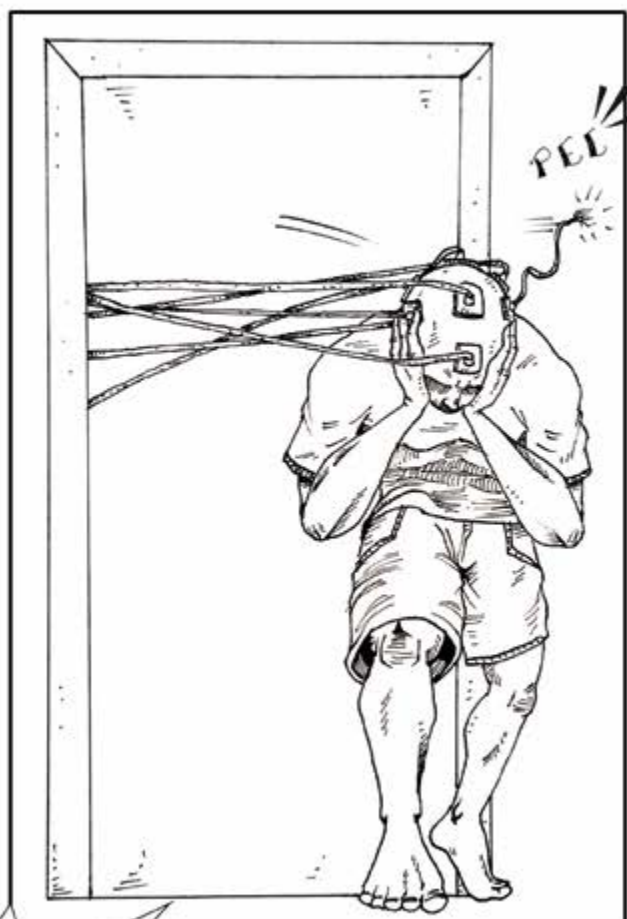


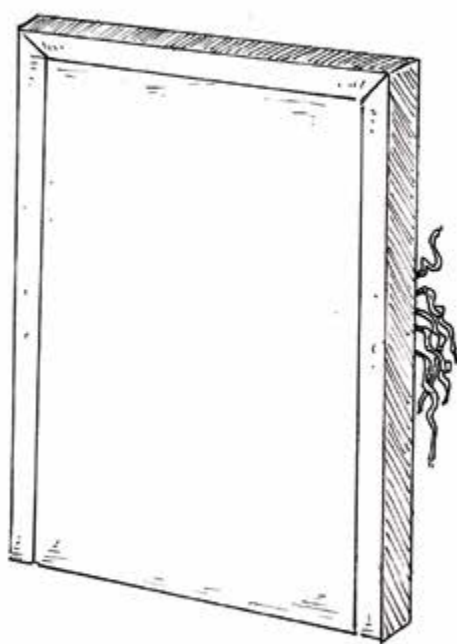


...PRELISO
OLHAR!











*A fenda se mostra como uma nova realidade,
onde há apenas luz e o vazio.*

*Caminho pela imensidão do nada ao me libertar
das últimas amarras conectivas de um mundo
que não pertencço mais.*

*Sinto a presença de seres que me conectam a
este novo universo e me infectam com algo que
ainda não compreendo.*

Minha pele borbulha e
minha íris se amplia.

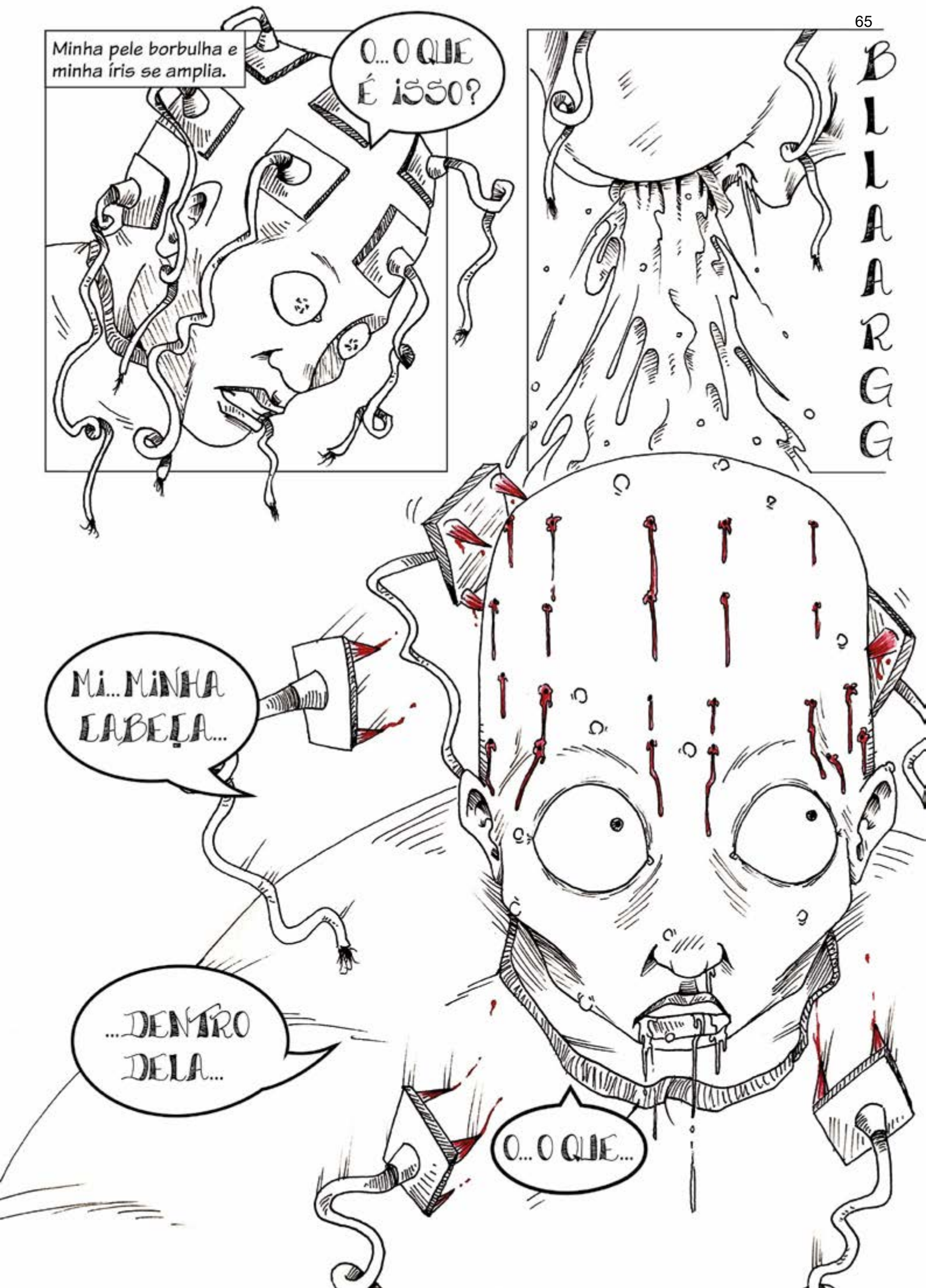
O... O QUE
É ISSO?

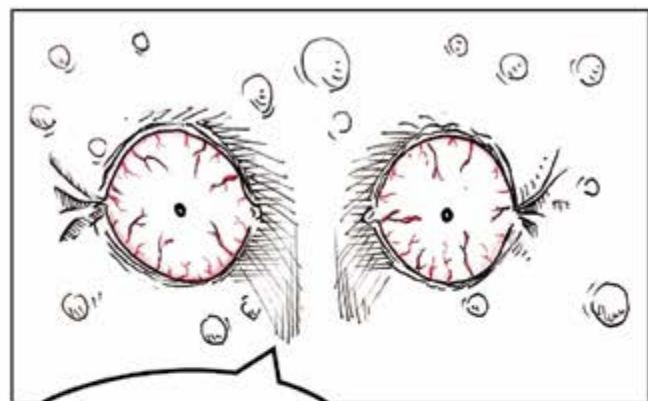
B
L
A
A
R
G
G

MI... MINHA
LABELA...

...DENTRO
DELA...

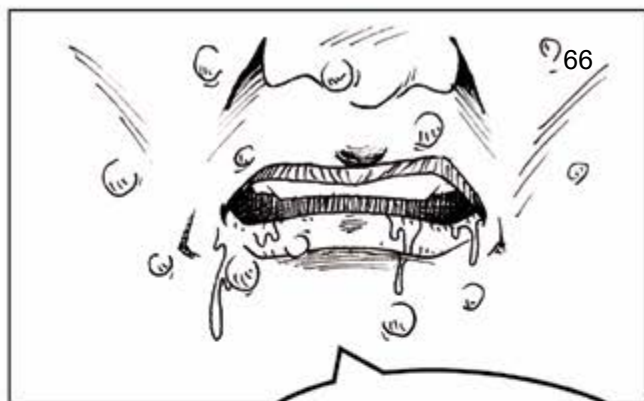
O... O QUE...





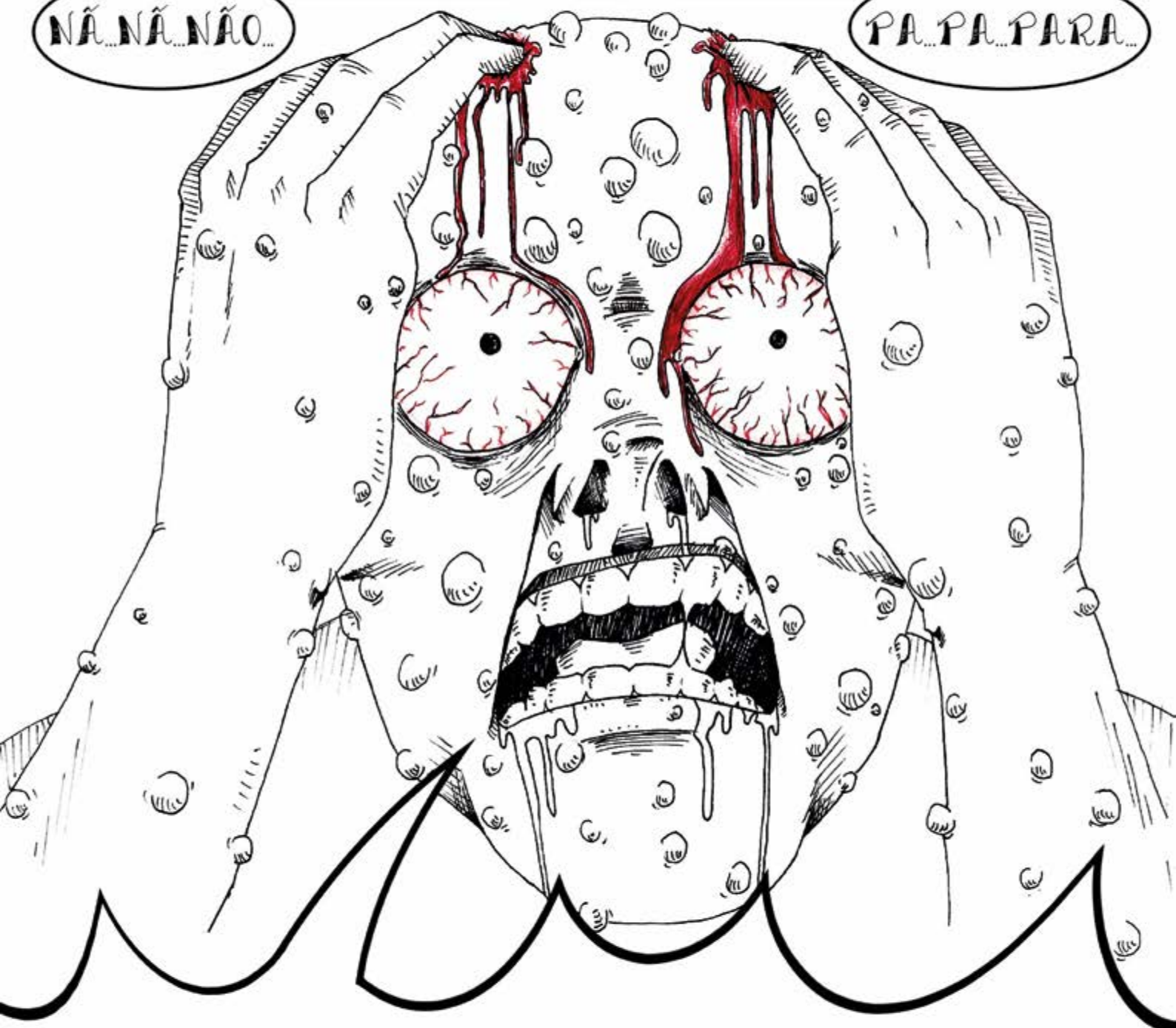
NÃ...NÃ...NÃO...

M
e
d
e
s
s
e
r
o
!

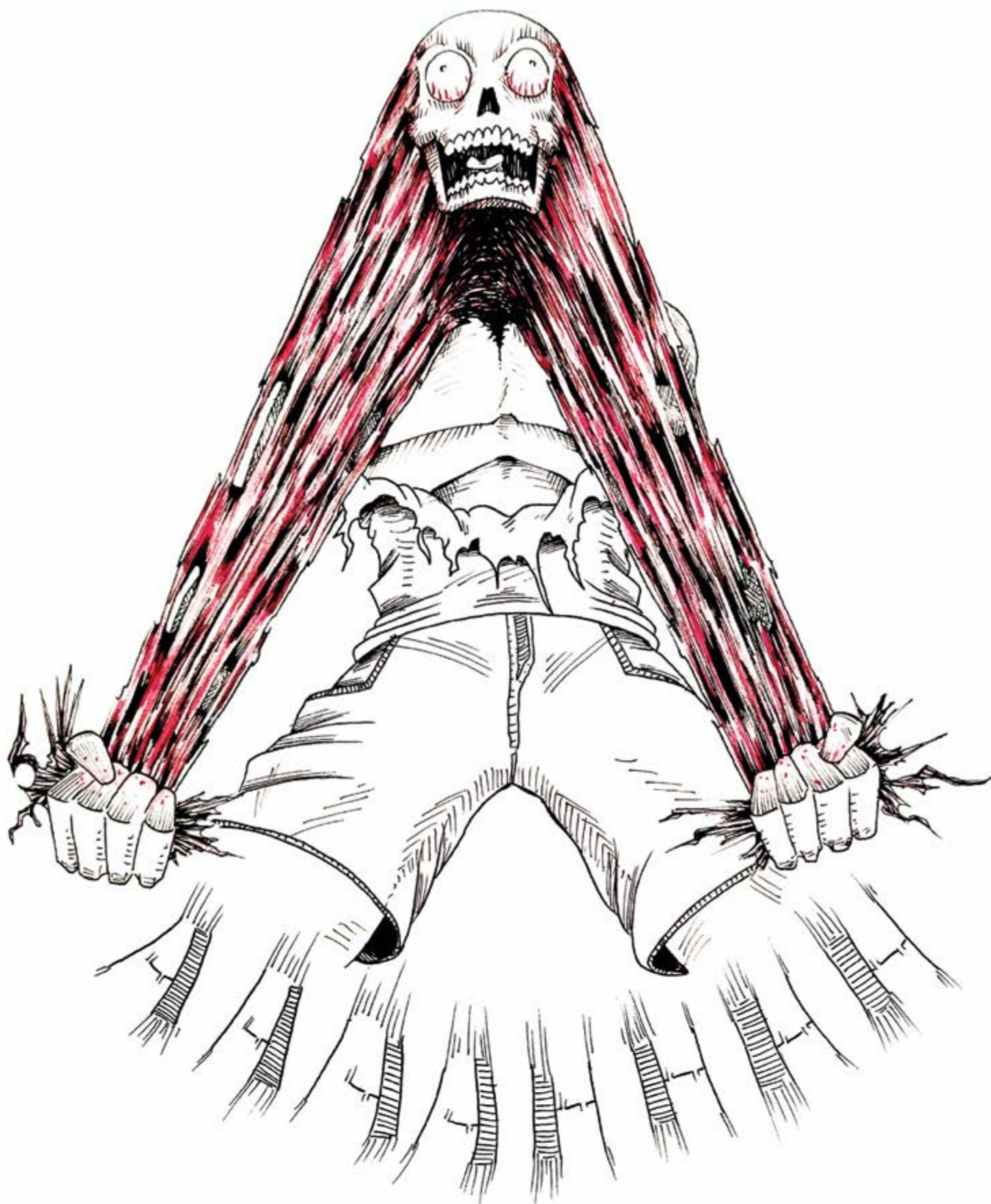


66

PA...PA...PARA...

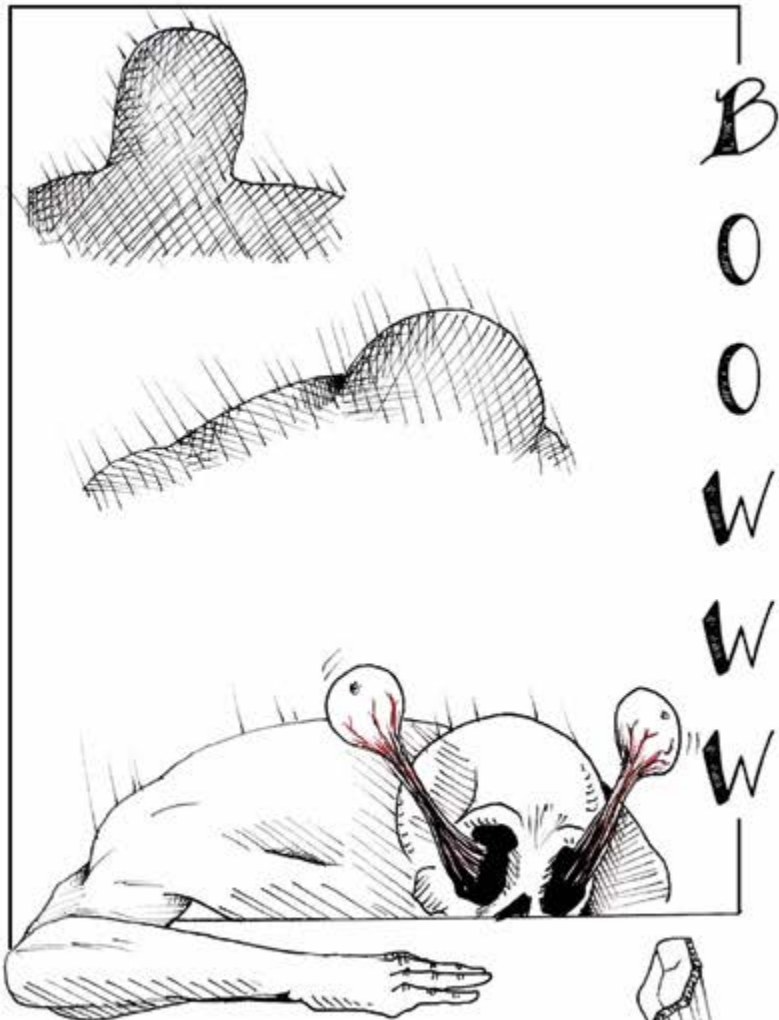


NÃ...NÃ...NÃ...O...O...O

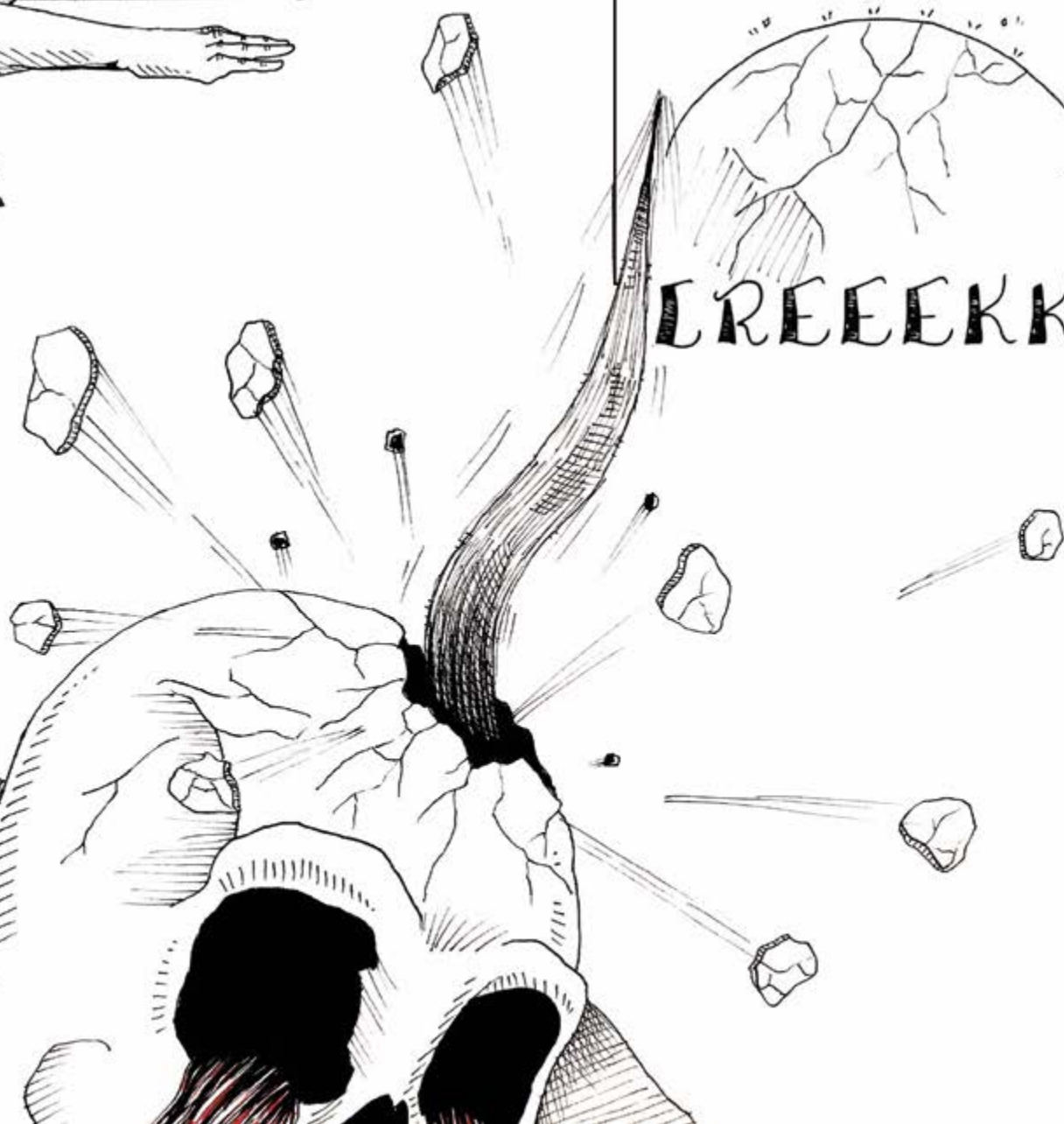


A infecção toma conta do meu corpo.

Sinto a necessidade de arrancar a condição viral de minha carne para algo novo surgir.

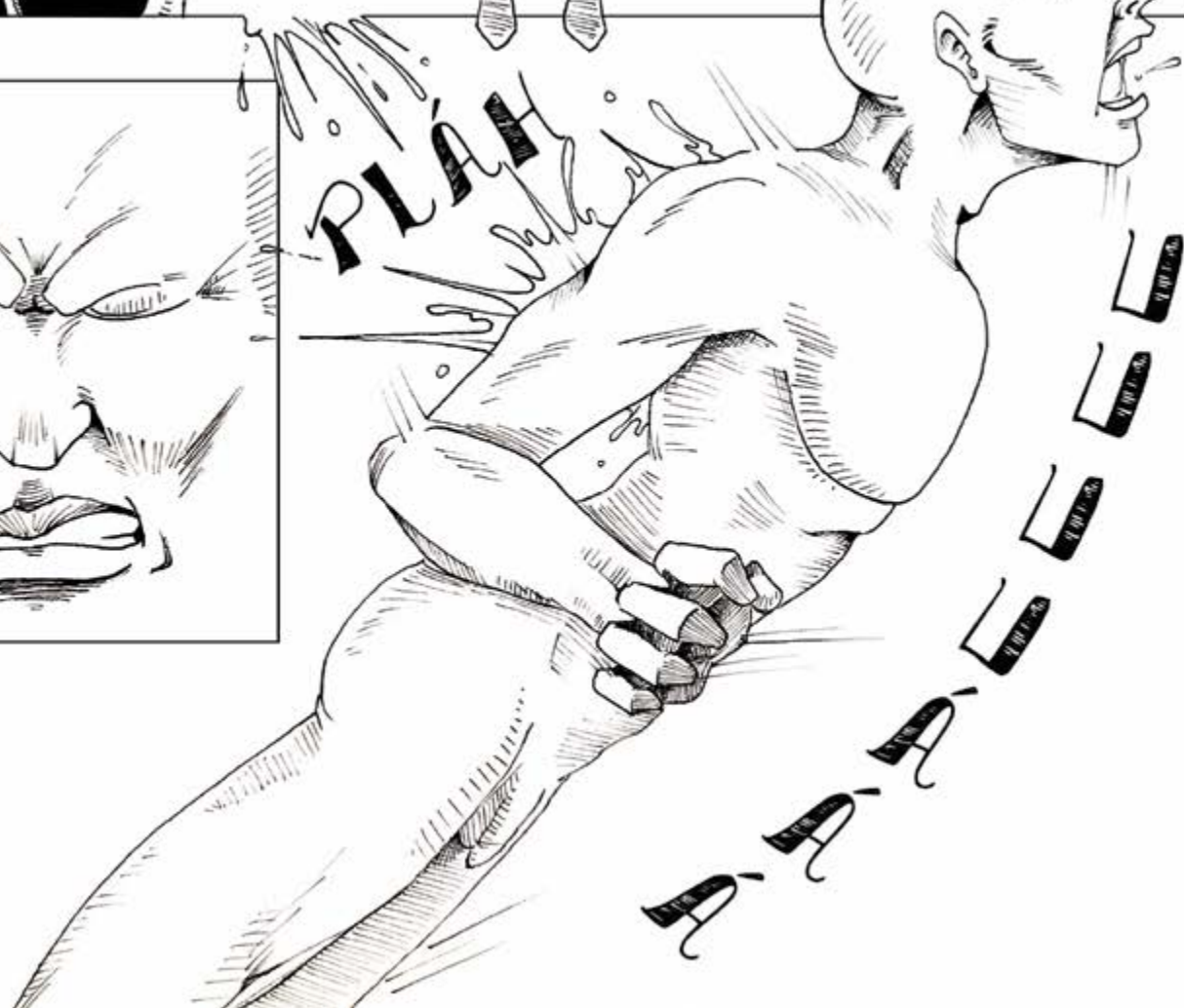
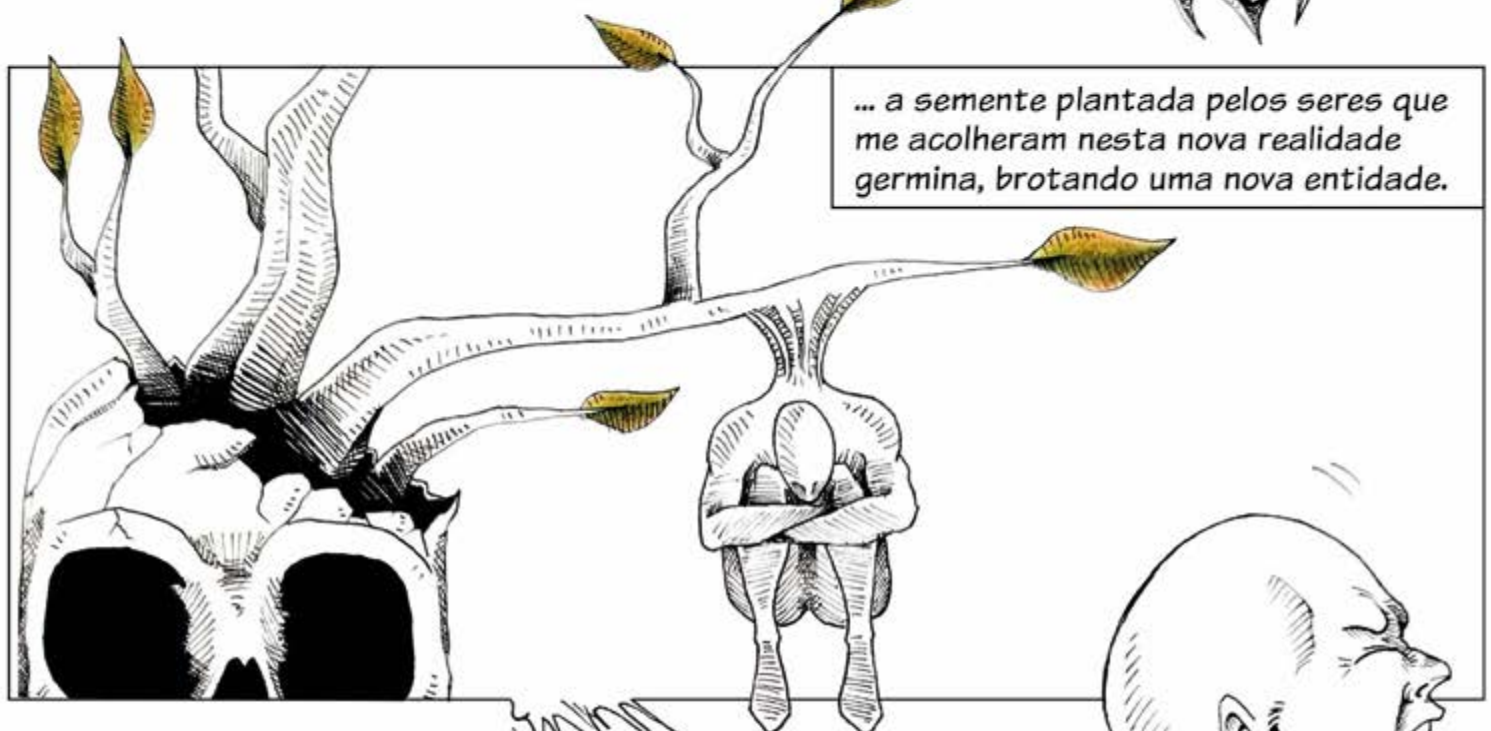


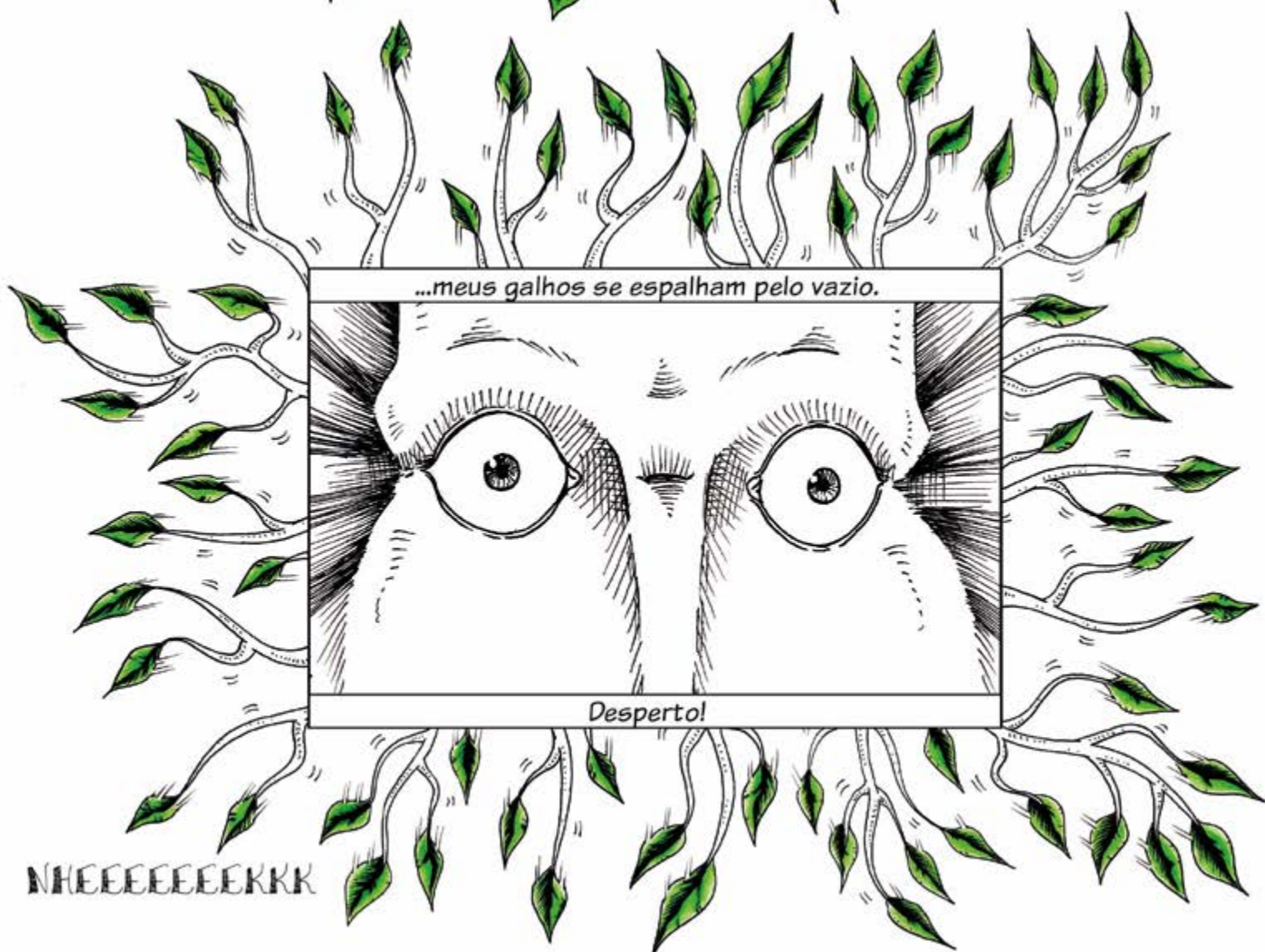
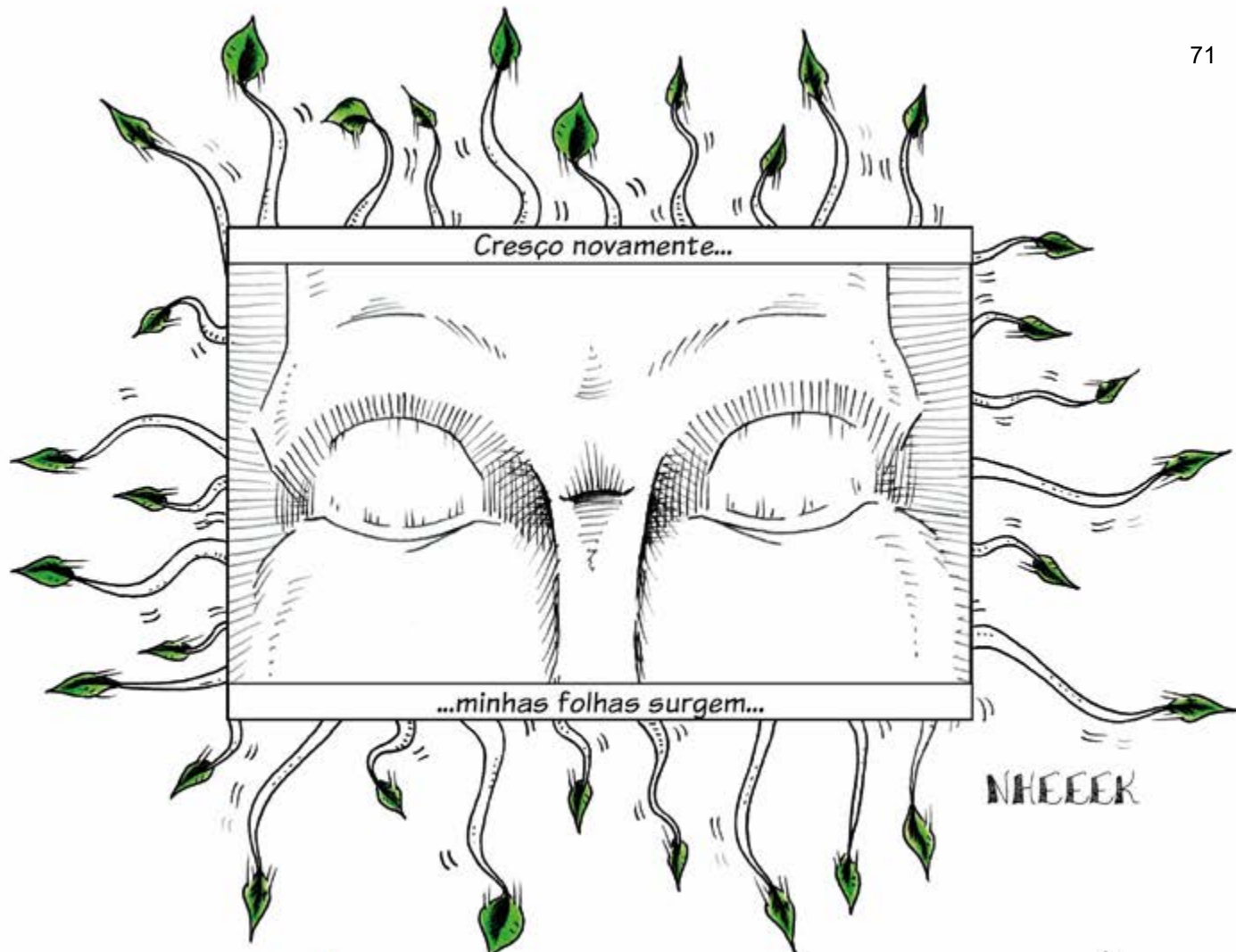
PAHAH

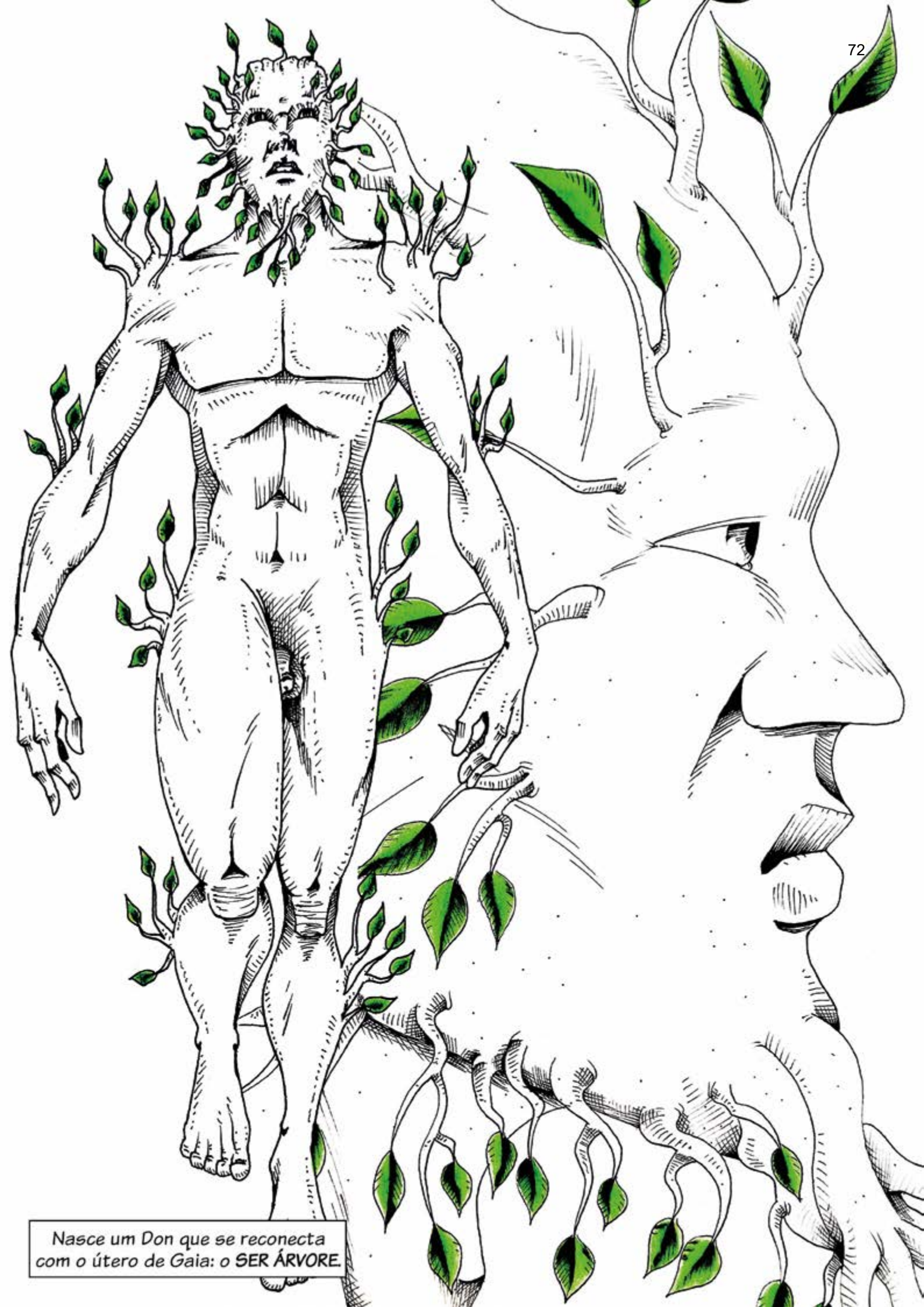


Ao rasgar a pele e ressoar um grito voraz de um ser que ali morre, minha consciência se expande.









Nasce um Don que se reconecta
com o útero de Gaia: o **SER ÁRVORE**.

ATO IV:

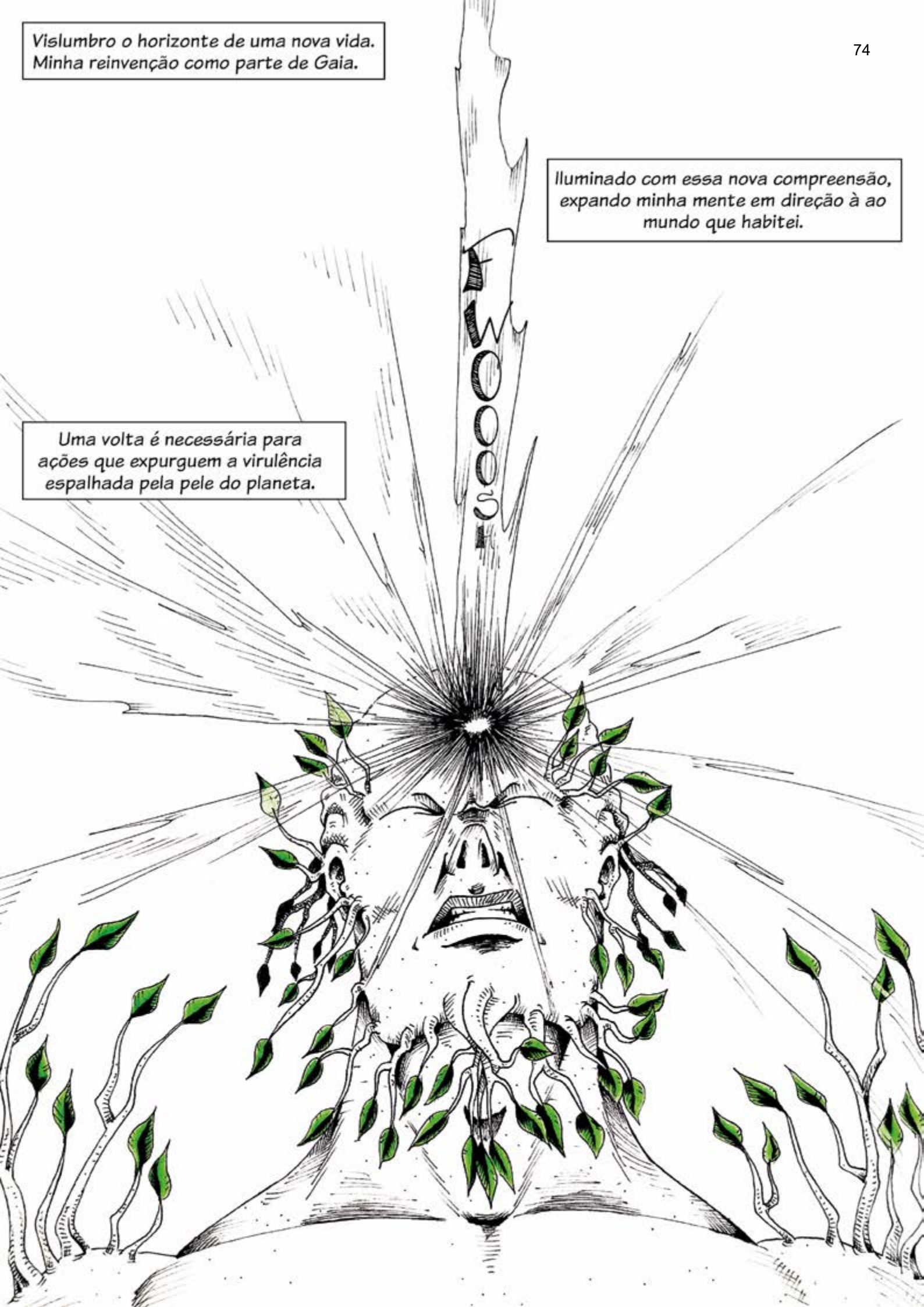
RELONEXÃO

Vislumbro o horizonte de uma nova vida.
Minha reinvenção como parte de Gaia.

74

Iluminado com essa nova compreensão,
expando minha mente em direção à ao
mundo que habitei.

Uma volta é necessária para
ações que expurquem a virulência
espalhada pela pele do planeta.



Sigo por suas veias realizando uma limpeza,
transformando aquilo que toco em possibilidades
comunicativas e de conscientização.

75



Sou anticorpo no seio da mãe-Terra, combatendo
os vírus da raça que um dia pertenci.

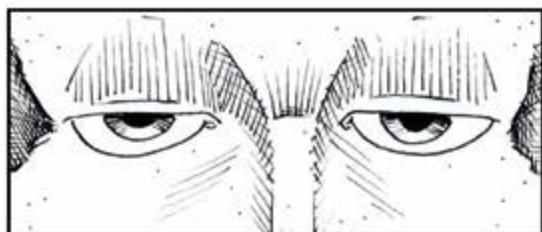
Nesta caminhada me encontro com outros iguais, aprendo pela convivência e compartilho nossas características.

76

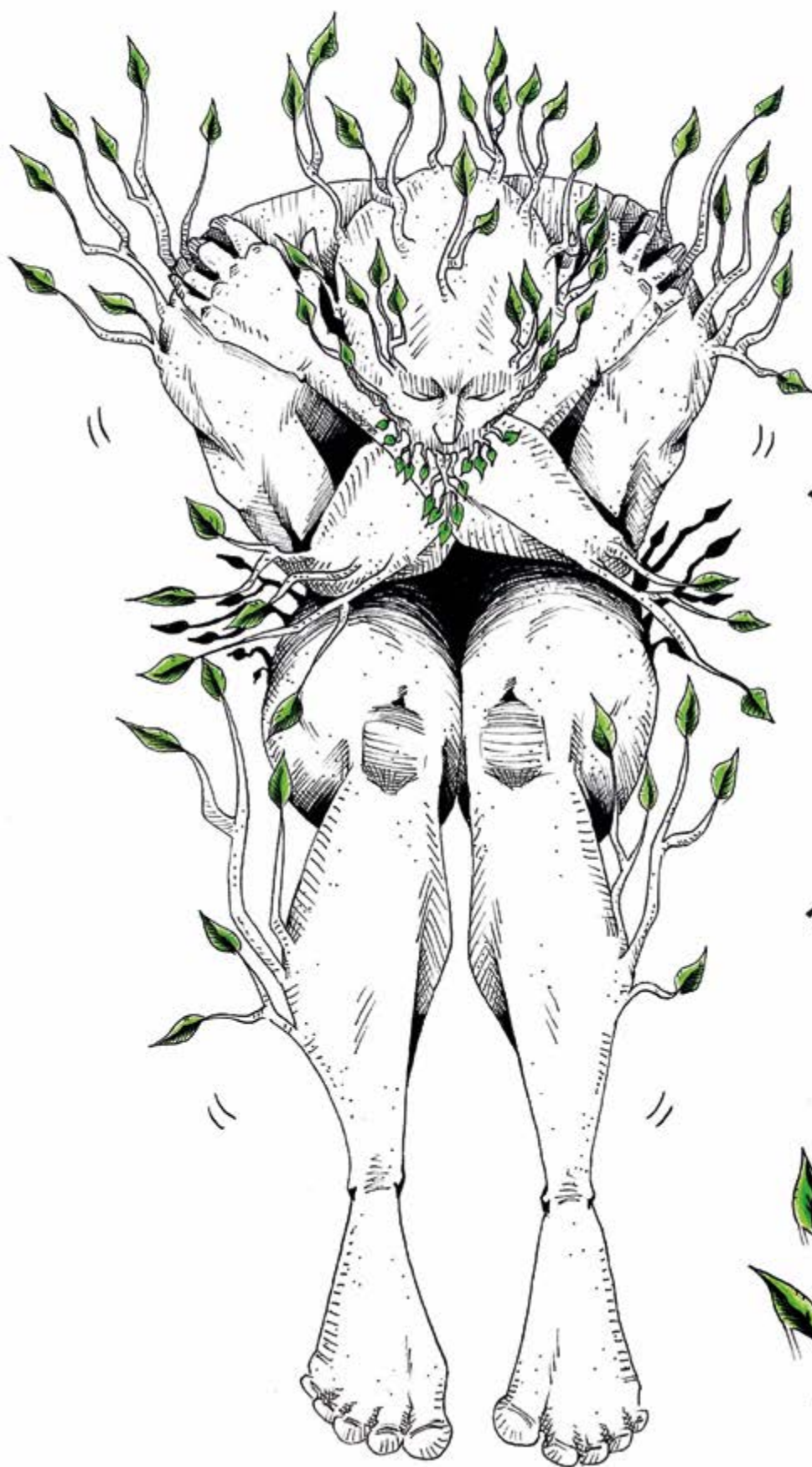


NÃO ESTOU SÓ!

Os anticorpos continuam sua luta pela reconexão da espécie humana ao útero de Gaia...



...mas o sistema de defesa do corpo de Gaia está debilitado.



Compreendendo o contexto, sinto a necessidade de me expandir novamente.

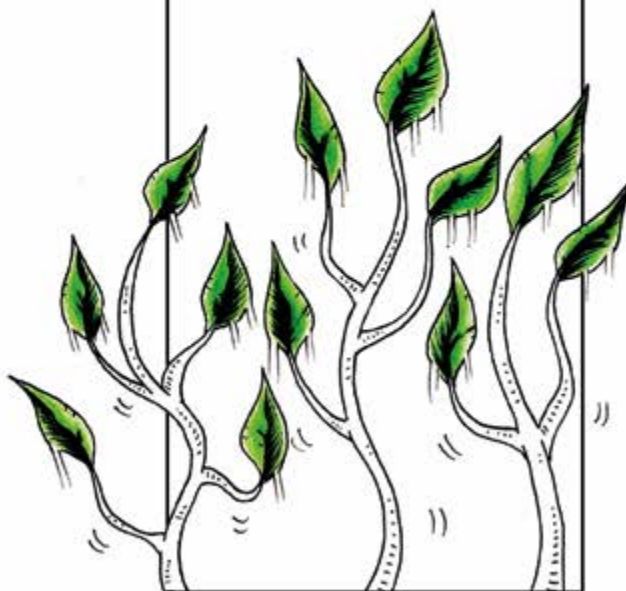
NHEEEK



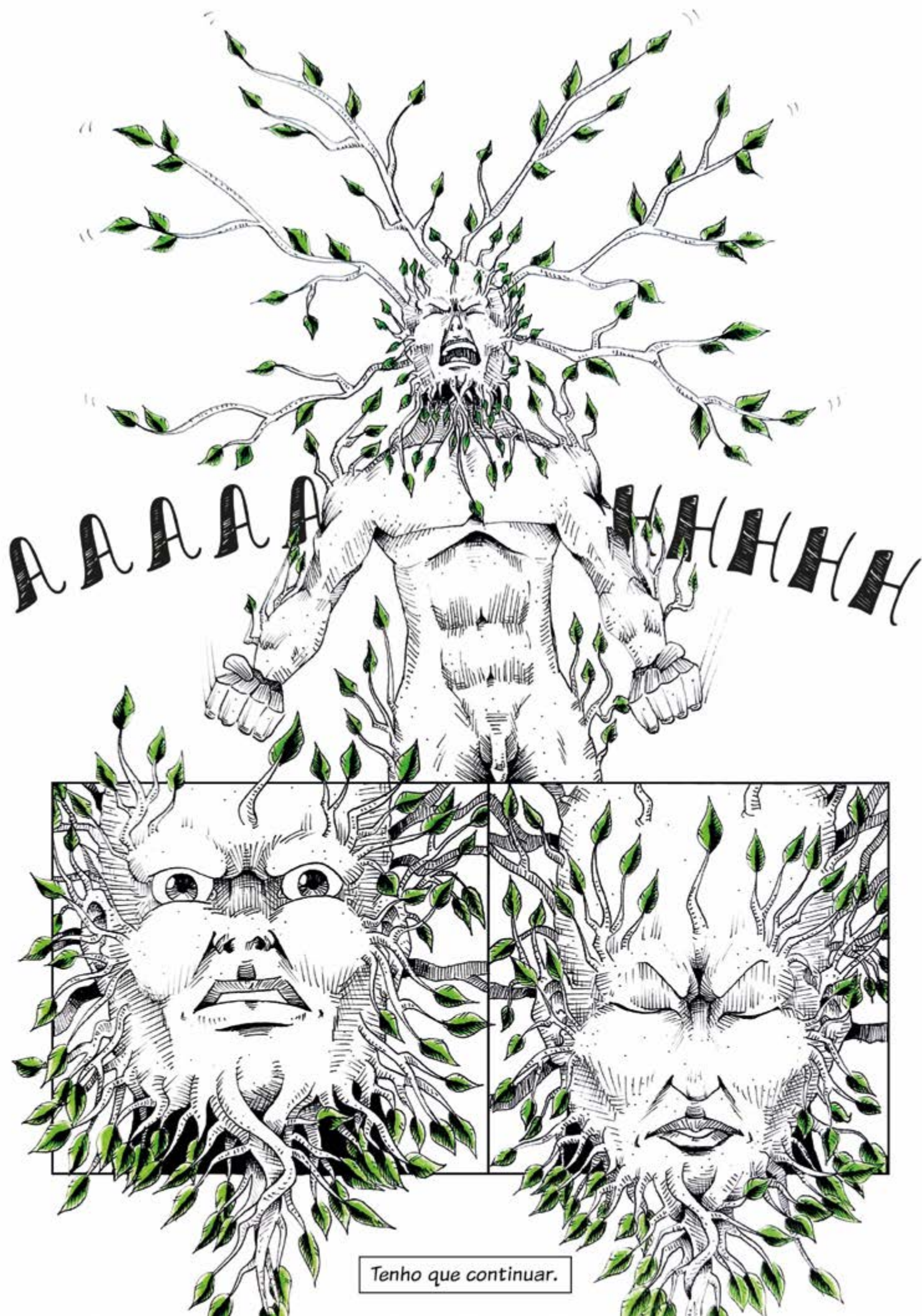
!!
A
A
A
H
H
H
!!



NHEEEEEEEEEKKK



Crescer além do meu alcance para romper as barreiras que se levantaram entre os seres humanos.





Passo a atuar em centros de educação fundindo minha consciência aos seres que me cercam, atuando coletivamente na transformação humana.

RESISTÊNCIA



O ser árvore produz frutos, crescendo em seus diversos e longínquos galhos, amadurecendo aos poucos para serem consumidos pela sociedade e contaminá-los com novas consciências.

ATO V:

NOVO
SER

Sinto o peso sobre meu corpo e mente.



Titubeio!



Sistema, monstros, dor, doença, fraqueza. MEDO! A inexistência me toma e infectam os frutos de outrora.



Preciso me multiplicar e realizar um processo de desinfecção em mim e na pele da mãe-Terra.

Transcendo energeticamente para
a mesma frequência dos seres
que me acolheram naquele vazio.

85



Condensando a energia de nossas ações em
uma única fonte: O fruto supremo.

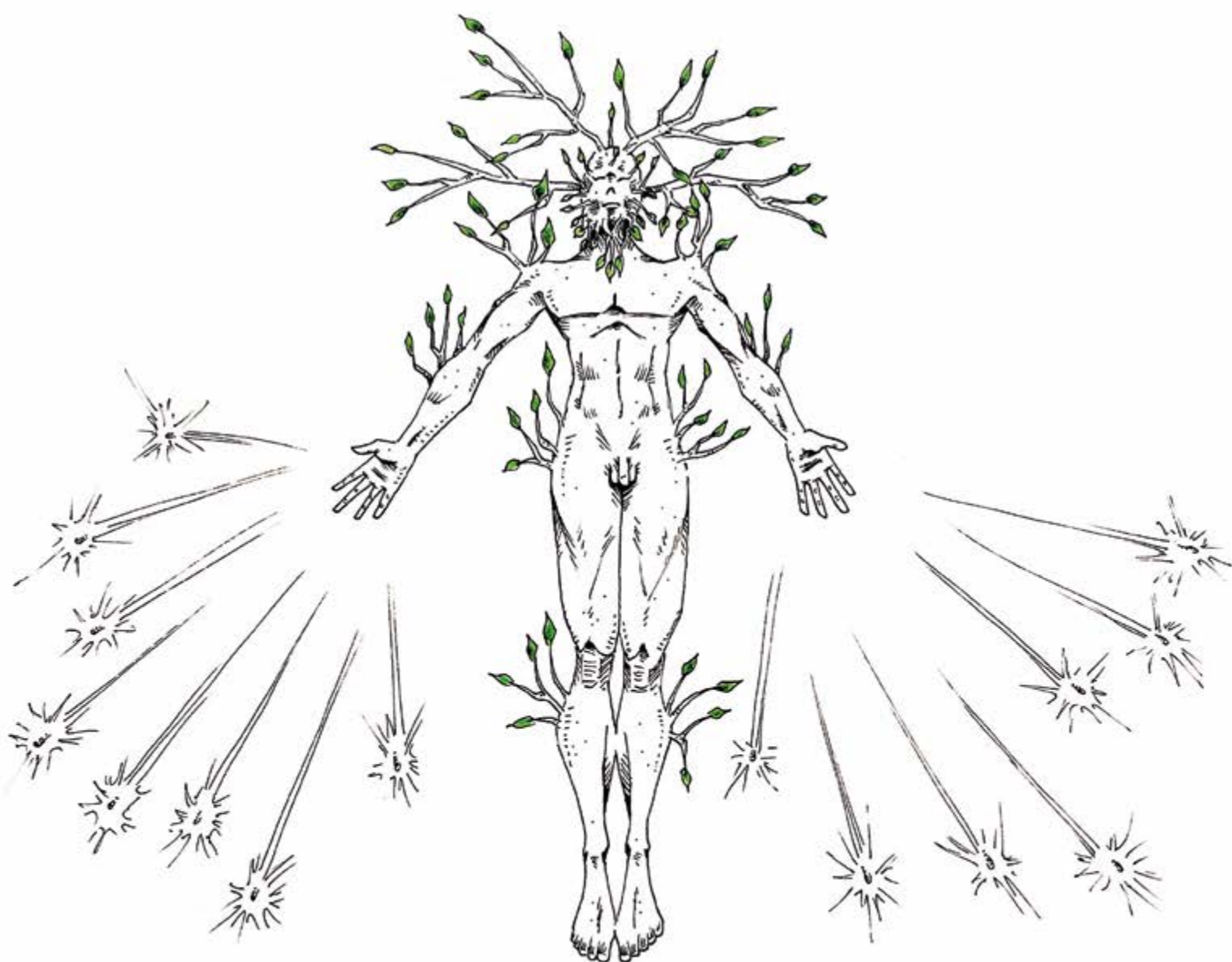


Sinto-me como a grande
árvore da vida, o Don que se
multiplica em solos férteis.

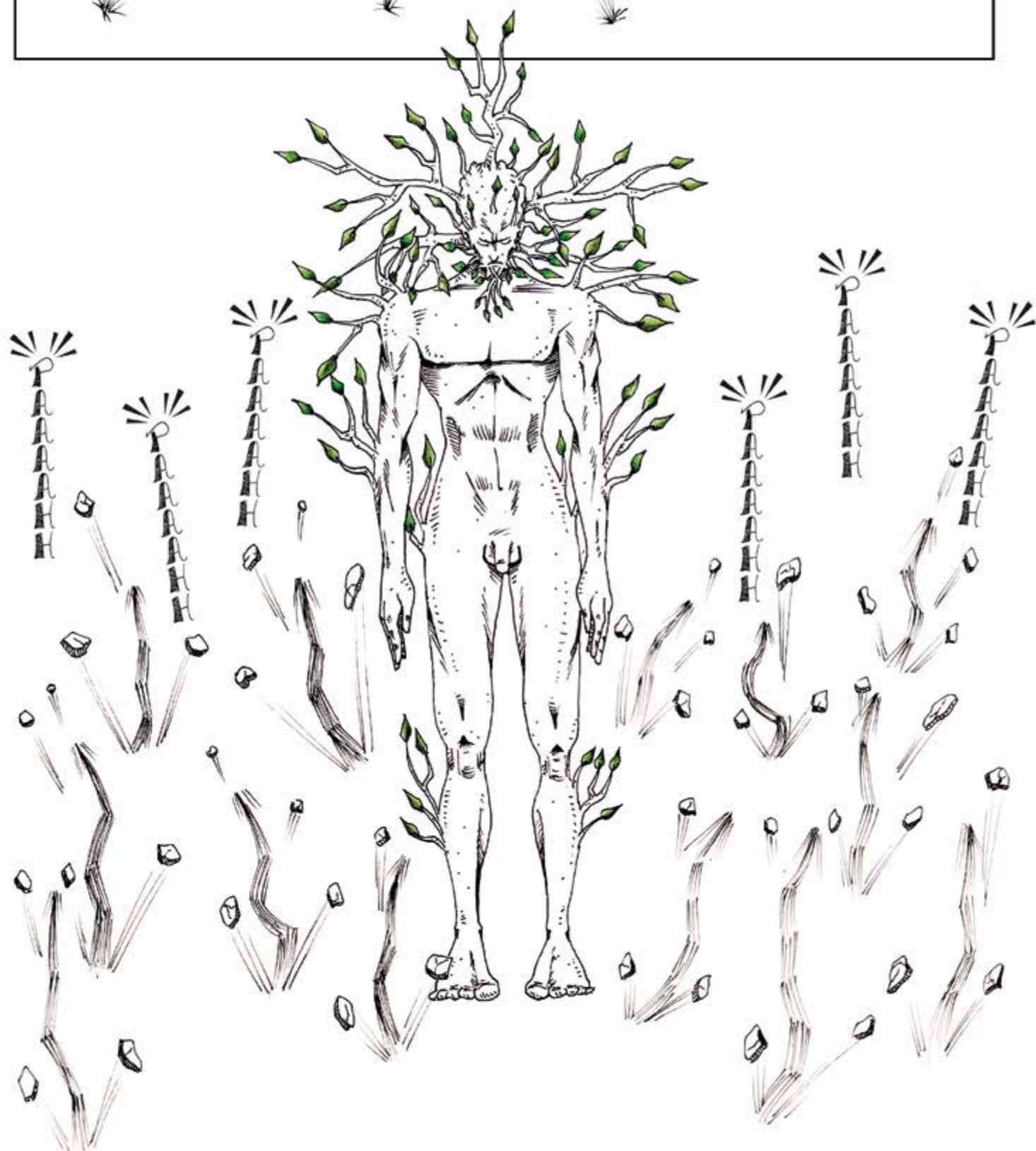
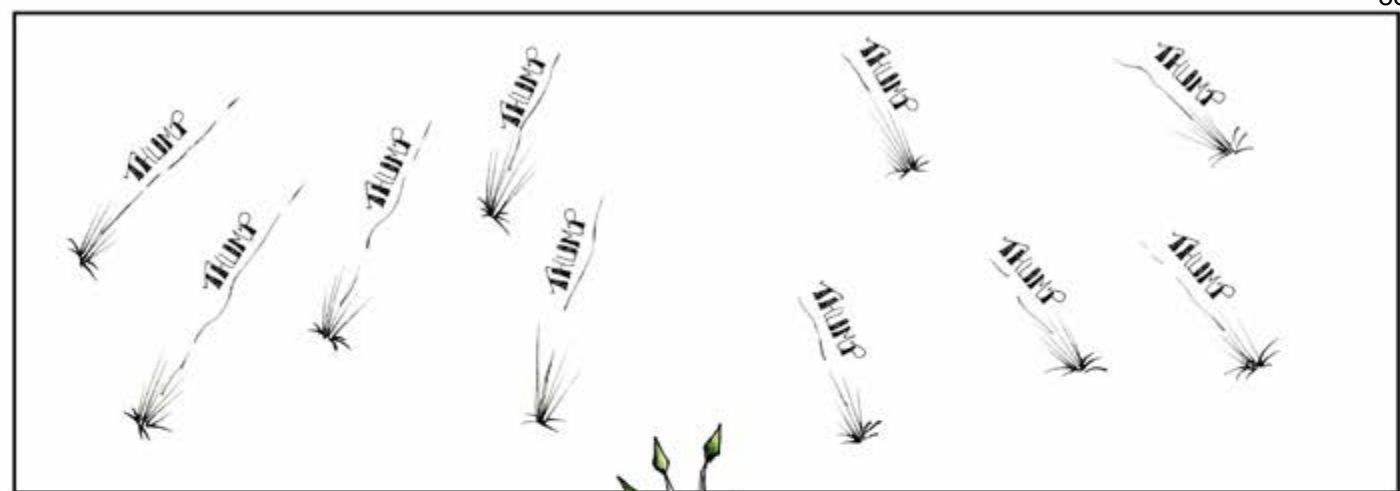
LHOMT

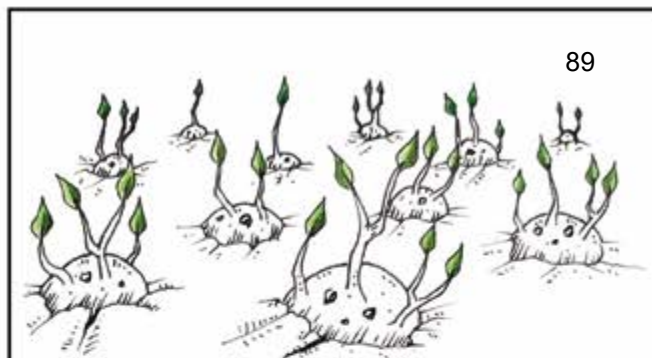
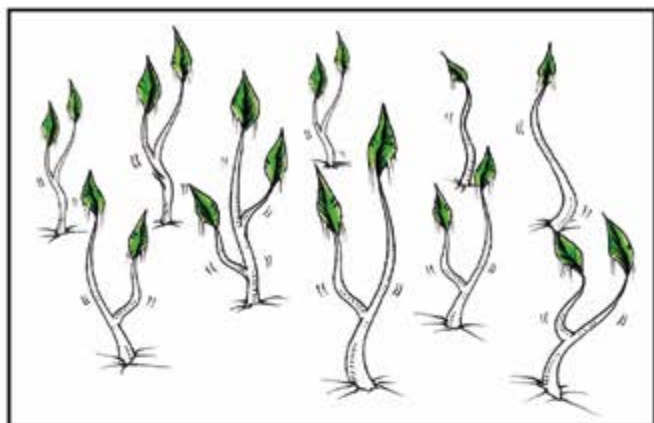
LHOMT

LHOMT

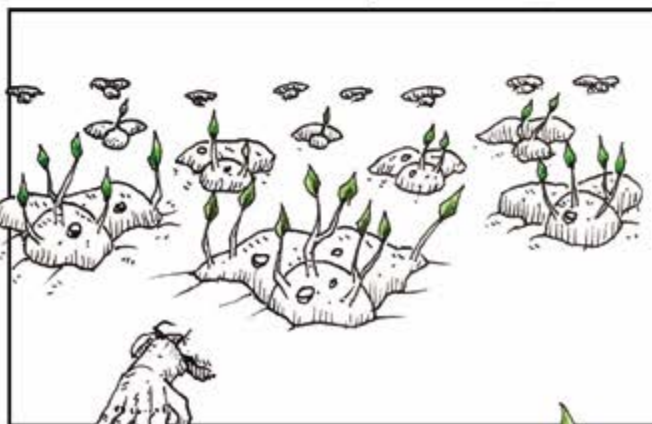
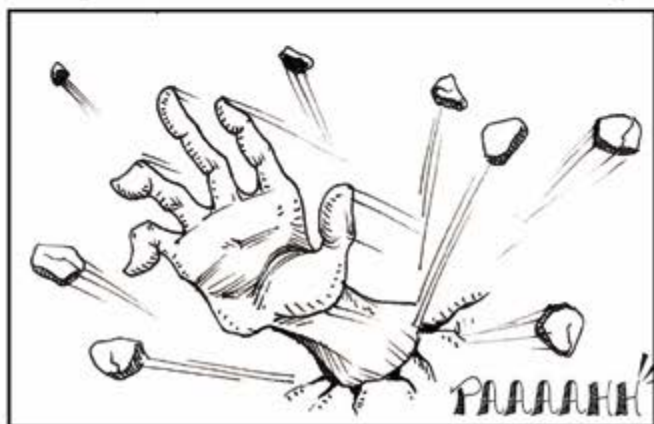


...que como estrelas cairão no chão
para a reconexão com a mãe-Terra.

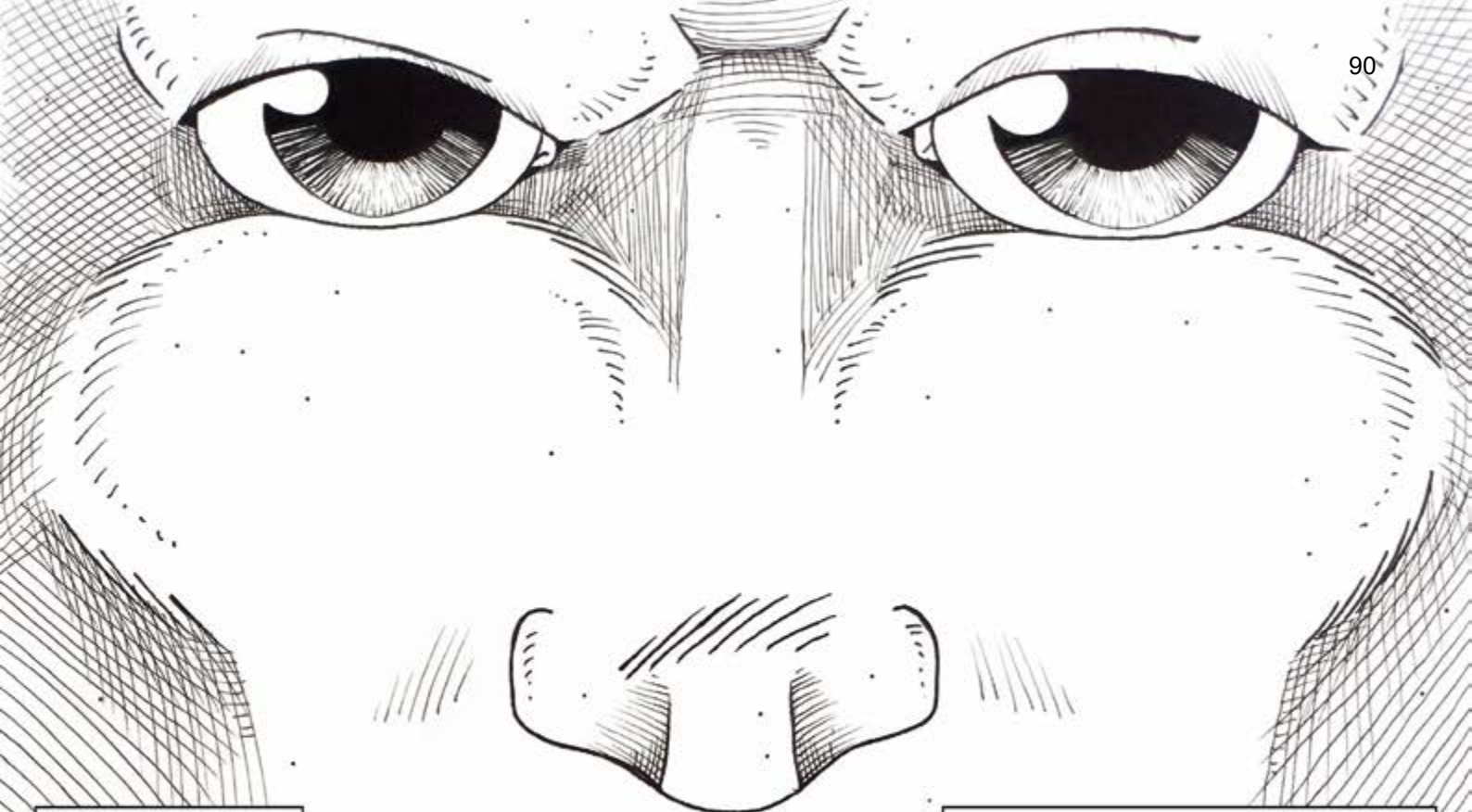




As sementes germinam...



...crescem aos montes pelo vazio da realidade que me libertou.



Seres árvores se
juntam a mim...

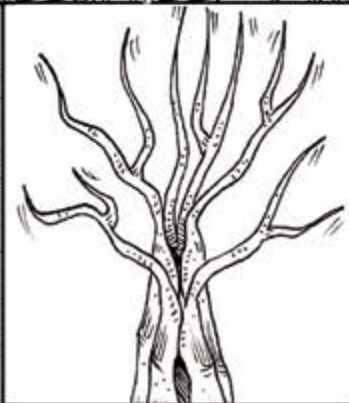
...multiplicando-se como
anticorpos para a defesa de Gaia.



Juntos, precisamos
romper a camada da
realidade que nos
cerca. É o processo
inverso da infecção
crônica que dominou
Gaia no passado.



≡ AAAAAAAAAHHH ≡



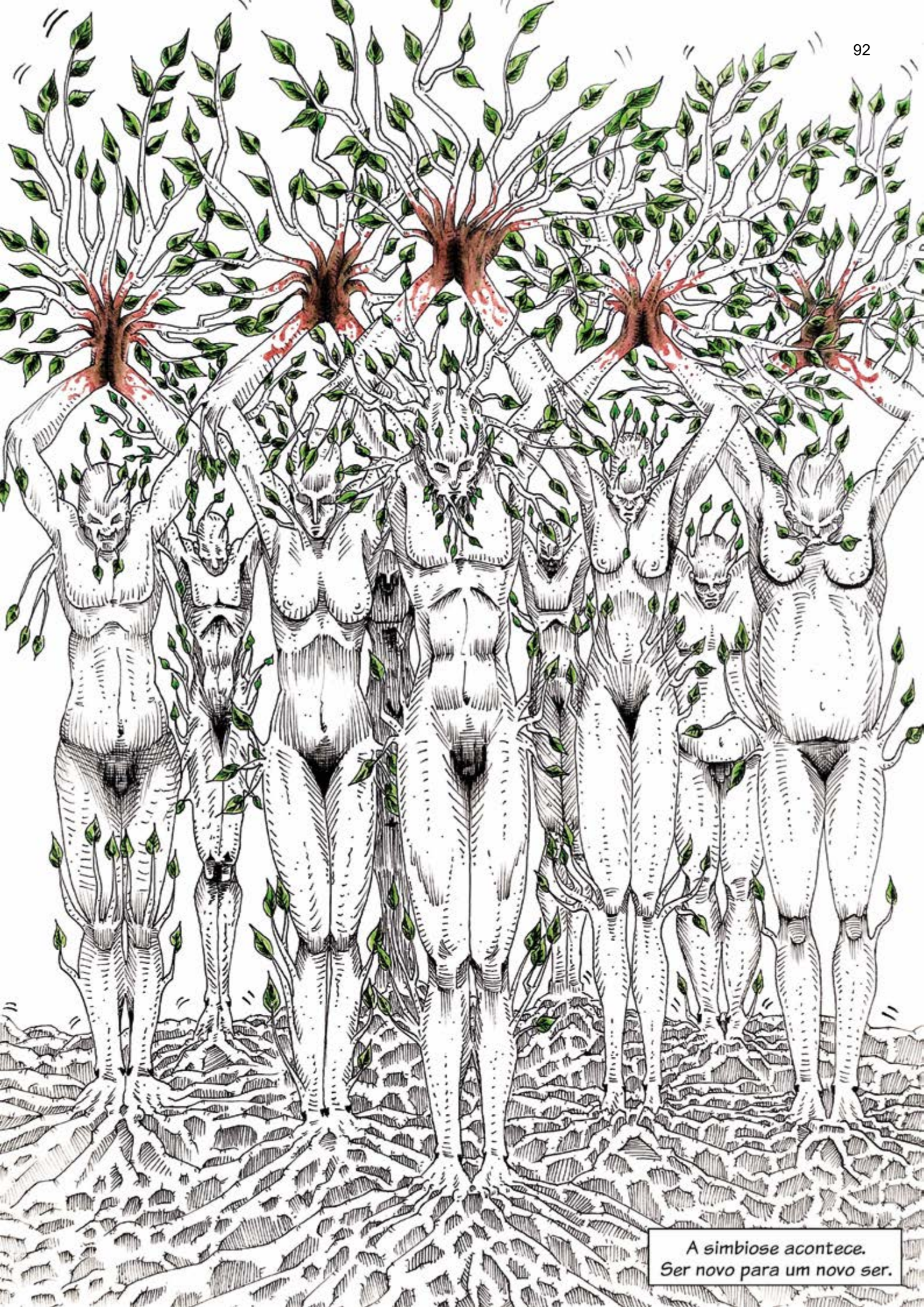
NHEEEEEKKK



NHEEEEEEEEEKKK

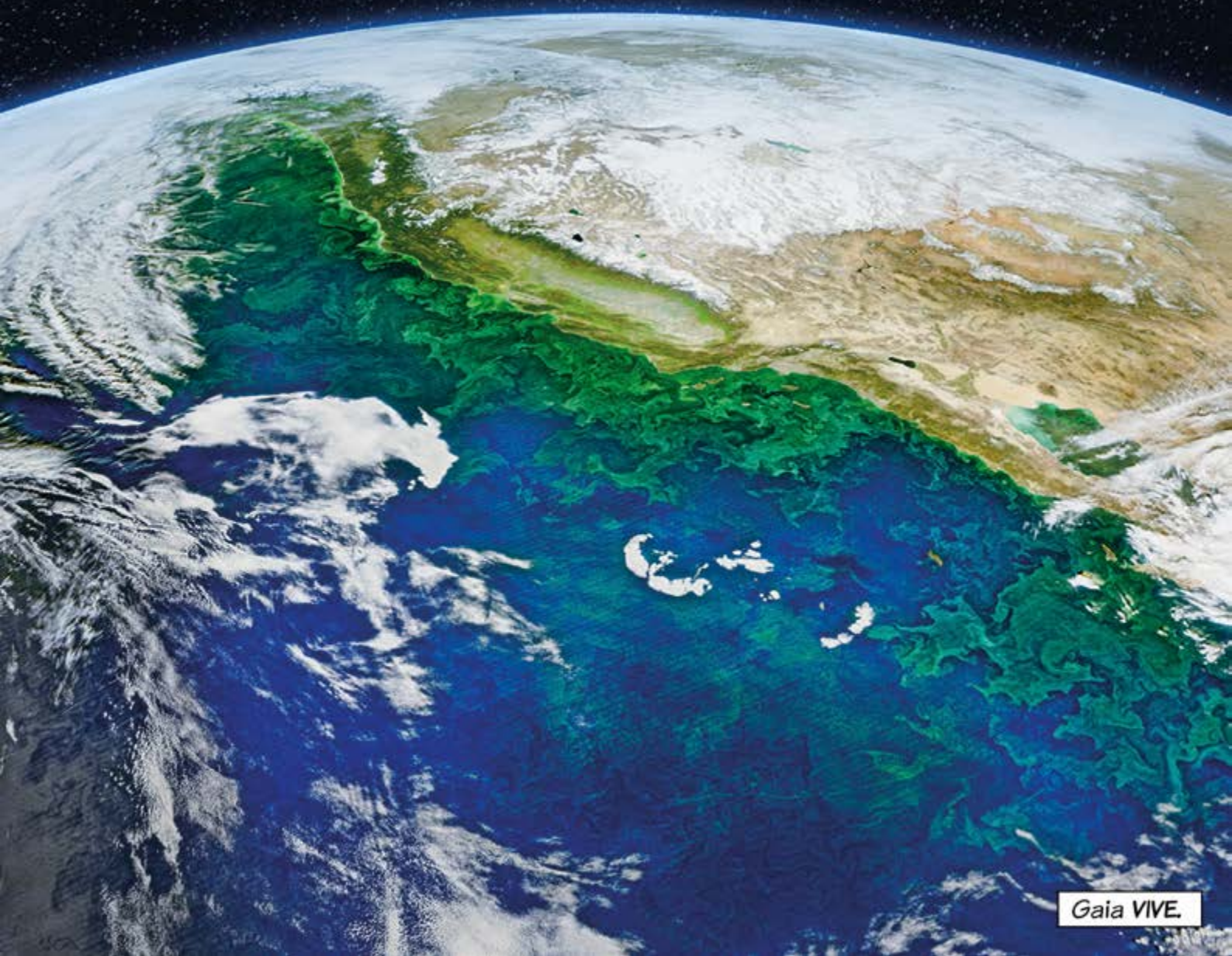


«SHRUUG»



A simbiose acontece.
Ser novo para um novo ser.

EPÍLOGO



MANIFESTO

POR SERES NOVOS NA BUSCA DE UM NOVO SER



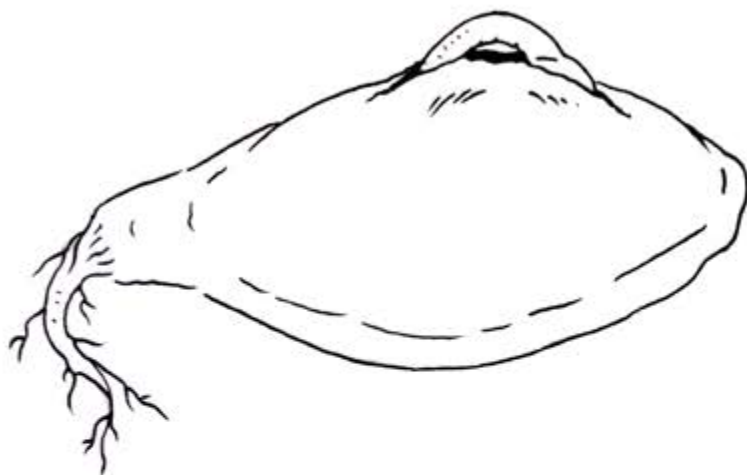
Imaginamos o mundo como um aglomerado de pequenos universos individuais, onde cada um flutua por sua imensidão colidindo com outros pequeninos universos nesse vai e vem que chamamos de vida. O amálgama desses sistemas individuais é o que forma O TUDO, que ainda não percebemos como sendo O UM, a conexão do que há de vivo.

ONDE NOSSO DESEJO SE ENCONTRA COM A REAL NECESSIDADE DO OUTRO?

Compreender-me como algo além do meu corpo é entender o EU que há dentro de mim, o EU que há dentro de você e o EU que há dentro dos outros. Isso implica em assimilar minha simbiose com o VOCÊ que há em mim, o VOCÊ que há em você e o VOCÊ que há nos outros. As formas carnis estão por aí dispersas nas rotinas que conduzem cada indivíduo, mas as energias de cada ser se conectam formando um único cosmo da pluralidade. Por cultivo daquilo que nos falta para florescer novas virtudes em nossas práticas. Por ações compartilhadas e coletivas para um melhor desenvolvimento do ser humano. Por uma compreensão da pluralidade que nos faça sentir o cheiro dos afetos que nos circundam. Por uma poética e pedagogia da sustentabilidade na formação crítica dos indivíduos. Algo que nasceu pode nascer de novo, portanto, que saibamos estar dentro do útero desse macrocosmo para que possamos ser microcosmos melhores diante do que nos cerca.

GERMINAR:

DE MEMORAR A CRIAR



O quadrinho *UmDon* nasceu do mergulho em minhas memórias e arquivos, buscando entender meu papel no mundo que me cerca nos dias de hoje. O autobiográfico como catalisador do processo criativo foi imprescindível para desenvolver minha compreensão como artista, pesquisador e professor. Este germinar do meu mito pessoal de origem ocorrida na pesquisa foi possível porquê a arte possibilitou o fazer da vida, através da qual trabalho minha criatividade e sensibilidade diante das memórias, produções, poéticas, reflexões e conceitos. Este quadrinho evidenciou relações e caminhos por onde tive que transitar. Entre passado, presente e futuro trilhei reflexões que me conduziram à entidade poética *Ser Árvore*. Voltar e olhar para os interesses, anseios e expectativas de um *Don* que está dentro de mim, mas com quem não mais me identifico, foi importante para perceber como me sinto em relação ao meu fazer artístico. Nesse momento encontro com o *Don* de hoje e, desta forma, vislumbro novos horizontes para um *Don* que ainda está por vir.

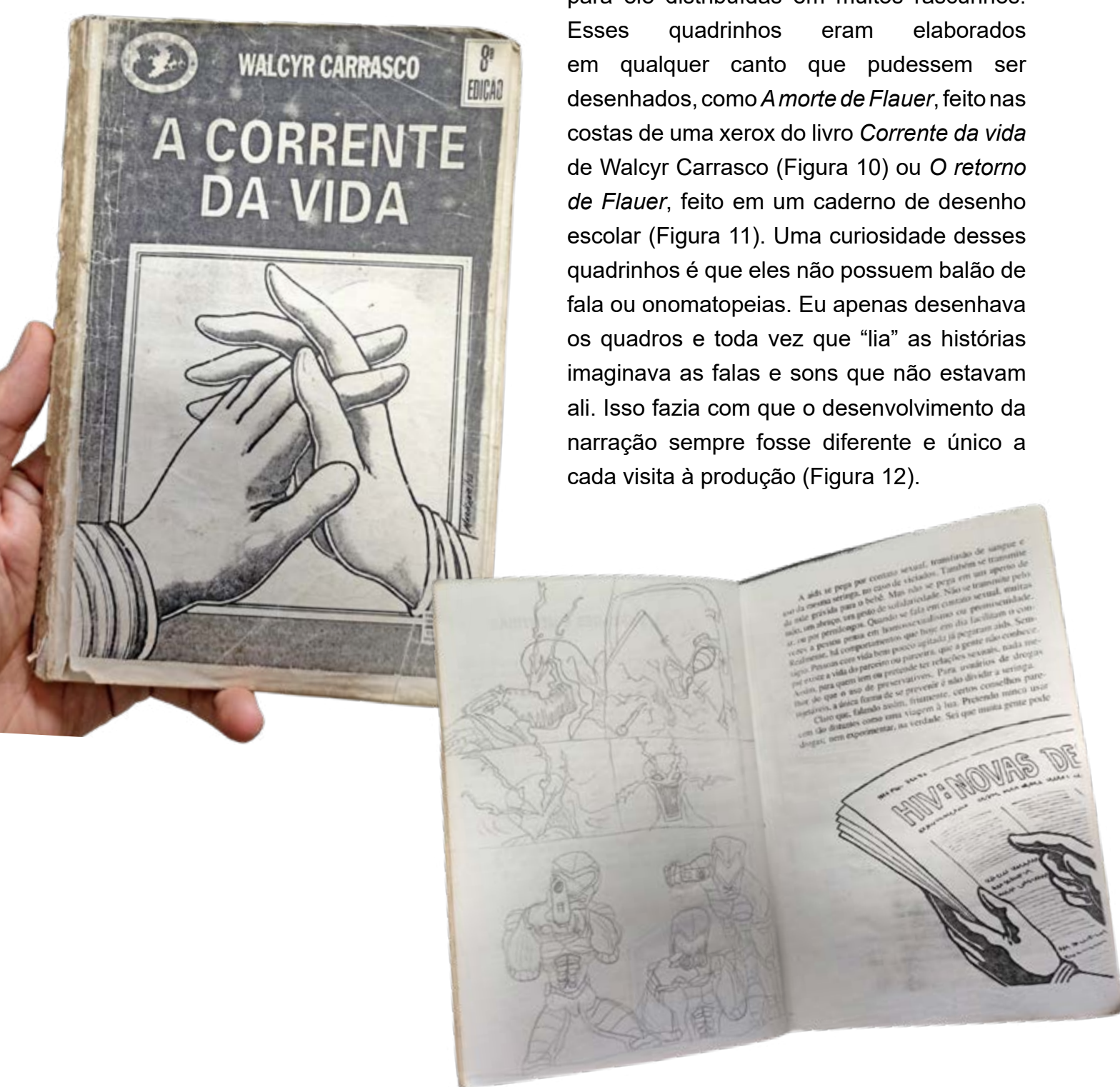
A conexão com o passado

Ao me lançar neste processo de criação por meio do ato autobiográfico não tinha a clareza da produção que seria apresentada, apenas estipulei métodos de investigação para nortear a pesquisa e esperei que os dados levantados apontariam a direção da prática artística da tese. O propósito da pesquisa foi investigar quais são as contribuições da perspectiva autobiográfica para os processos de criação e práticas de um artista que busca conexões críticas e poéticas entre as esferas pessoais e sociais de seu fazer. Posto isso, meu objetivo foi pesquisar minhas práticas artísticas entremeadas por memórias, histórias, arquivos, anseios e desejos para compreender que tipo de agente eu sou no processo de conexão com *Gaia*, e como se dá a minha identificação poética a partir disso. Apostei que entender quem sou nesse caminho poderia potencializar minhas ações como artista, pesquisador, professor e cidadão.

Como e por onde começar esse estudo? Para poder me enxergar nesse caminho, precisei buscar conexões com meu passado que estão armazenadas em lugares que não visito mais, sejam eles físicos, como caixas, álbuns de fotografia e antigas anotações, sejam eles mentais, como reflexões, conceitos, memórias e ideais passados. Nesse movimento consegui uma aderência mais significativa ao Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA), grupo de pesquisa no qual integrei, ao projeto de pesquisa de minha orientadora e à linha de pesquisa na qual ingressei. Desta forma, procurei encontrar meu caminho na autobiografia, uma “busca transcendente do sentido da vida, exercício que cria sua própria forma” (Arfuch, 2010, p. 134).

O nascimento do quadrinho *UmDon* começou no reencontro com minhas produções artísticas da juventude. Ao revirar caixas armazenadas por anos com inúmeros desenhos, rascunhos, anotações e roteiros, os cheiros daqueles papéis guardados há muito tempo inebriaram minha mente ativando memórias que me conectaram com aquele menino criativo e que adorava mergulhar em seus próprios mundos fantásticos. Me deparei com dois quadrinhos da minha adolescência: *A morte de Flauer* e *O retorno de Flauer*. Essas histórias foram elaboradas sobre a morte e ressurreição de uma criação minha chamada *Flauer*, inspirada nos super-heróis de quadrinhos que lia nessa idade, como: *Homem-Aranha*, *X-men*, *Batman*, entre outros.





Ele foi um herói criado quando eu tinha aproximadamente 12 anos sendo um amálgama dos personagens que mais me cativavam. Existem várias histórias criadas para ele distribuídas em muitos rascunhos. Esses quadrinhos eram elaborados em qualquer canto que pudessem ser desenhados, como *A morte de Flauer*, feito nas costas de uma xerox do livro *Corrente da vida* de Walcyr Carrasco (Figura 10) ou *O retorno de Flauer*, feito em um caderno de desenho escolar (Figura 11). Uma curiosidade desses quadrinhos é que eles não possuem balão de fala ou onomatopeias. Eu apenas desenhava os quadros e toda vez que “lia” as histórias imaginava as falas e sons que não estavam ali. Isso fazia com que o desenvolvimento da narração sempre fosse diferente e único a cada visita à produção (Figura 12).

Figura 10 – *A morte de Flauer*, 1997. Desenhos elaborados com lapiseira comum sobre xerox de livro. Dimensões 21x14,8cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 11 – O retorno de *Flauer*, 1997. Desenhos elaborados com lapiseira comum em caderno de desenhos dos anos 1990. Dimensões 29,7x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 12 – Desenhos e quadrinhos do super-herói *Flauer*, década de 1990 e 2000. Desenhos elaborados com lapiseira comum e caneta esferográfica em papéis diversos. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

A CRIAÇÃO DE FLAUER

O sorriso de uma criança ao criar seu próprio super-herói é inesquecível. O ano era 1997 ou 1998, não sei ao certo, mas lembro daquela tarde em que estava sozinho em casa imerso em meu quadrinho favorito. Empolgado com a última edição que havia lido da revista *O Homem-Aranha*, número 171, desenhada pelo meu artista favorito, Mark Bagley, sentei-me à mesa da cozinha com meu caderno escolar. Fazer a tarefa de casa? Logo agora que li uma reviravolta da saga do clone do Aranha? De jeito nenhum! A criatividade estava fervilhando em minha cabeça naquela tarde chuvosa. Desenhando com minha lapiseira 0.5 comecei a rascunhar um personagem. Me recordo de cada influência daquela estética que estava nascendo: A agilidade e corpo esguio do *Homem-Aranha*; a dominação de um simbiote alienígena como o de *Venom*; os olhos triangulares do *Spawn*; A máscara azul como a pintura de rosto do *Violador*; O cinto de utilidades do *Batman* com a lanterna do cinto do *Homem-Aranha*; e as garras do *Wolverine*. Essa mistura precisava de um nome e de um contexto histórico. Moleque novo, adorava jogar vídeo game, porém não sabia uma palavra da língua inglesa. A sonoridade dos sons dos games me marcavam. Ao jogar *Mortal Kombat 2* nos fliperamas, ganhando do seu amigo sem deixar ele te atacar, ou "rancar sangue" como dizíamos à época, o narrador falava "*Flawless Victory*". Não entendendo bem o que era dito, a palavra que soava como "*Flauers*" me impactava. E assim surgiu o nome desse personagem recém-criado: o super-herói *Flauer*, que tinha como identidade secreta o astronauta Max, que participou da primeira expedição tripulada à Marte, onde teve contato com uma entidade alienígena que o possuiu. As ideias de história pipocavam em minha cabeça naquele momento, muitas inspiradas naquelas que foram lidas outrora. Mal sabia aquele garoto que anos depois ele descobriria que o nome do seu super-herói soava como a palavra flor em inglês (*Flower*). A tristeza seria tamanha à alegria de sua criação.



Outro quadrinho que encontrei foi o intitulado *Magic Dragon*, inspirado em um dos quatro maiores romances da literatura chinesa, *Jornada ao Oeste*, do escritor Wu Chengen⁹. Essa minha criação conta a história de um macaco robô feito de uma pedra alienígena por um cientista para proteger um padre em uma viagem, onde ele levaria a relíquia do dragão para outra cidade. Esse tesouro abre um portal para a dimensão dos dragões, no qual um deles pode realizar seu desejo (Figuras 13 e 14). Qualquer semelhança com o mangá e anime *Dragon Ball* não é coincidência, já que a obra de Akira Toriyama também é inspirada no romance chinês e foi a motivação central para que eu usasse a mesma obra para criar *Magic Dragon*.

Ele aprende a soltar poder e fica bem hábil nas lutas nesta forma.

Tem cabelos e olhos pretos e tem 12 anos.

• Padre San Massumi

É calmo e sereno, possui uma bondade muito grande e um senso de humor maior ainda. Tem cabelos brancos e olhos verdes. Tem 40 anos. Faleceu depois da saga Demon.



• Princes

É uma garota extrovertida e alegre, levava uma vida difícil trabalhando para os pais no trailer. Quando conheceu Goku e seus amigos logo se encantou com a aventura que eles estavam vivendo. Então decidiu ir com eles (sem a permissão dos pais é claro).

Depois que Goku vira humano eles começam a namorar.

Ela monta um restaurante na cidade e ganha muita grana.

Tem cabelos castanhos e tem olhos cor de mel. Tem 15 anos.



• Losferato (primeira forma)

Filho do demônio, ele procura vingança contra seu pai que matou sua mãe.

Ele vai ao mundo de cima para lutar e aumentar seu poder, mas nisso ele mata todos que passam pela frente, se entregando ao seu lado sombrio. Ele só não termina de se entregar por que

o padre conversou com ele e abriu a mente dele, trazendo-o a seu lado humano.

Depois de renegar o trono de seu pai, ele viajou mundo afora para conhecer as belezas do mundo de cima, e assim poder treinar sua transformação.

Ele tem cabelos vermelhos com mexas pretas, os olhos são negros e tem o corpo todo tatuado. (ele já nasceu assim)

Tem 18 anos.



• Losferato (segunda forma)

Quando ele se transforma as tatuagens brilham e fazem ele se transformar em um cara bombado e grande. Nesta forma ele perde o controle de si e é um perigo para todos a sua volta.

Depois de treinar mundo afora, ele consegue controlar a transformação.



• Dragon (primeira forma)

Losferato pediu ao dragão mágico que ele vira-se humano para lutar com ele. Esta é a 1ª forma de Dragon. Um garoto de olhos e cabelos verdes, chifres e rabo. (ele não conseguiu esconder tudo num corpo tão pequeno)



Figura 13 – Roteiro do quadrinho *Magic Dragon*, 1999. Impressão em papel sulfite. Dimensões 29,7x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

⁹ Para maiores informações sobre o livro de Wu Chengen e como ele influenciou outros autores, ver reportagem “Jornada para o Oeste: conheça o romance chinês que inspirou ‘Dragon Ball’”, de Rodrigo Lara (2017), disponível em: <https://www.uol.com.br/start/ultimas-noticias/2017/04/28/jornada-para-o-oeste-conheca-o-romance-chines-que-inspirou-dragon-ball.htm>. Acesso em: dezembro de 2022.

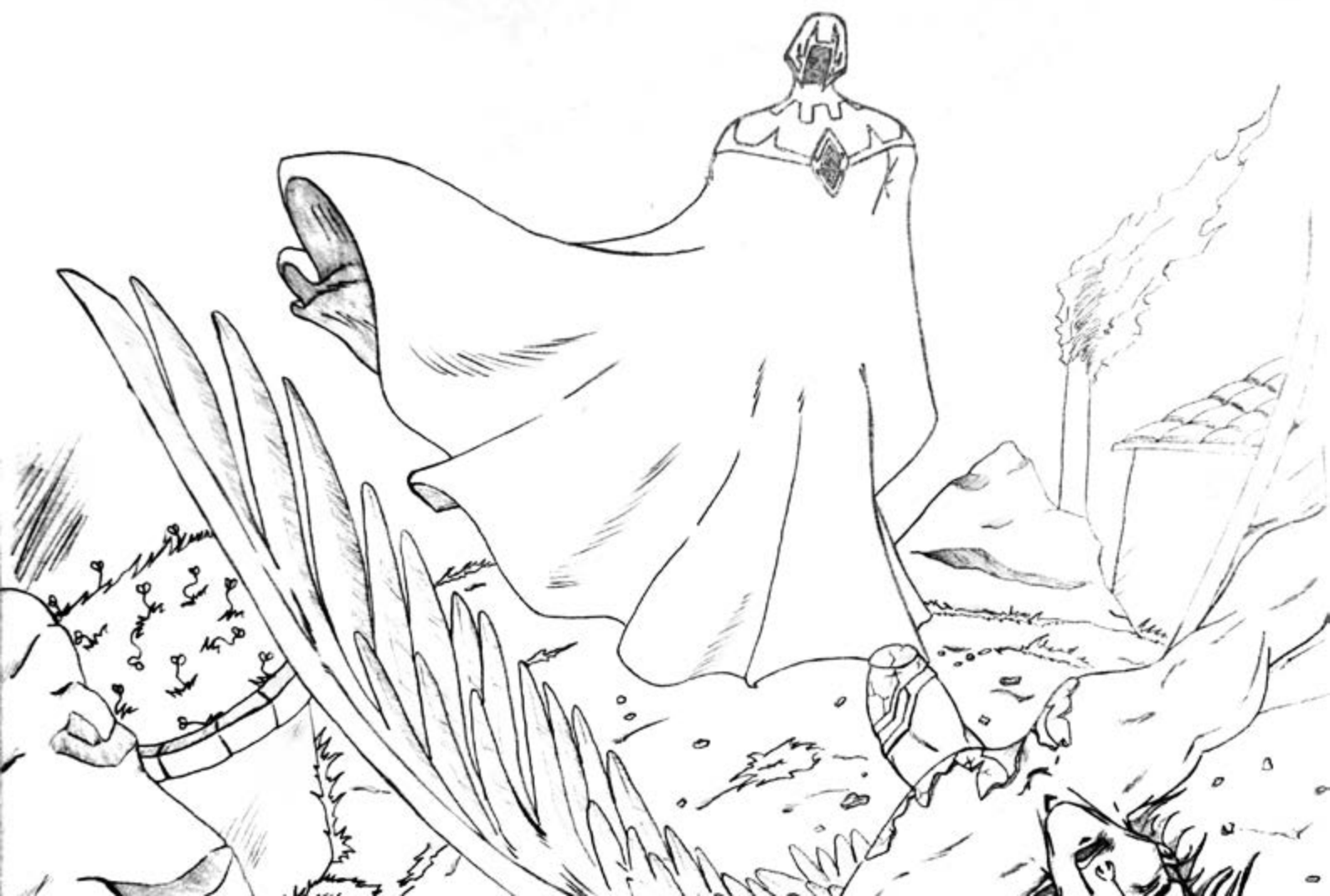


Figura 14 – Desenhos e quadrinhos do universo de *Magic Dragon*, 1999. Desenhos elaborados com caneta esferográfica e impressão em papel sulfite. Fonte: arquivo pessoal.

E o último quadrinho chama-se: *O retorno do Anjo*. Esse quadrinho é mais recente, produzido por volta de 2009, quando já me encontrava na graduação em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Conta a história de uma guerra entre céu e inferno, onde um anjo ferido em batalha é salvo por uma humana e acaba se apaixonando por ela. Dessa relação nasce uma criança chamada Rafael, o personagem principal. Sem saber de seu passado, acompanhamos ele em sua juventude na busca de descobrir de onde veio e quem é seu pai, cruzando céu e inferno para chegar aos seus objetivos. Infelizmente, nunca finalizei o quadrinho, porém tenho roteiros escritos guardados até hoje (Figura 15). Assim como Rafael buscou suas origens em minha criação do passado, hoje faço o mesmo movimento por meio do processo criativo autobiográfico no fazer artístico.



Figura 15 – Desenhos e quadrinhos do conto *O retorno do Anjo*, 2009. Desenhos elaborados com nanquim, lapiseira e caneta esferográfica sobre papéis sulfite e ofício. Fonte: arquivo pessoal.



DIÁRIO DO SER ÁRVORE

A HISTÓRIA DE CIDADE DOS ANJOS

Em um lugar distante e isolado das grandes metrópoles, existia um vilarejo. As pessoas desse lugar viviam pacificamente, trabalhando em prol da pequena comunidade que ali se formara. Mas elas não imaginavam que ali seria o palco de uma grande batalha. Um combate que vai além dos conhecimentos humanos, uma guerra que acontece desde o primórdio dos tempos e que mudaria para sempre a vida dos habitantes do vilarejo de Vale dos Sonhos. Não se sabe de onde eles surgiram, mas o exército do inferno era numeroso. Comandado pelo mais cruel demônio que já existiu: Apocalipse. Os demônios começaram a matar todos. As pessoas tentaram se defender, mas em vão.

Antes de todas as esperanças se acabarem, o céu respondeu e enviou seus mais poderosos guerreiros para proteger os humanos. O exército do céu era menor, mas muito mais poderoso. A batalha não foi rápida. Os lados estavam equilibrados. O céu com seus inúmeros poderes e luzes que dizimavam demônios. O inferno com numerosos demônios, que pareciam não acabar mais. Muitos morreram. Anjos, demônios e humanos. Vendo que não teria chances de vitória, Apocalipse se rende e retorna ao inferno, jurando voltar. Os anjos selam a entrada do inferno e vão embora. Os sobreviventes da batalha se mudam para uma área mais afastada e fundam o vilarejo de Vale dos Anjos.

Após correrem as notícias da batalha entre céu e inferno, empresas veem uma oportunidade na terra nova. Dentre elas a empresa MW CORP do famoso empresário Max Wayne. Com a chegada da MW CORP o vilarejo se desenvolve, cresce e muda de nome. Passa a ser Cidade dos Anjos. As pesquisas da empresa farmacêutica MW CORP trouxeram inúmeros benefícios aos habitantes de Cidade dos Anjos. Empregos foram gerados...

- Professora, não dá pra parar logo essa porcaria? Já está na hora de ir embora!

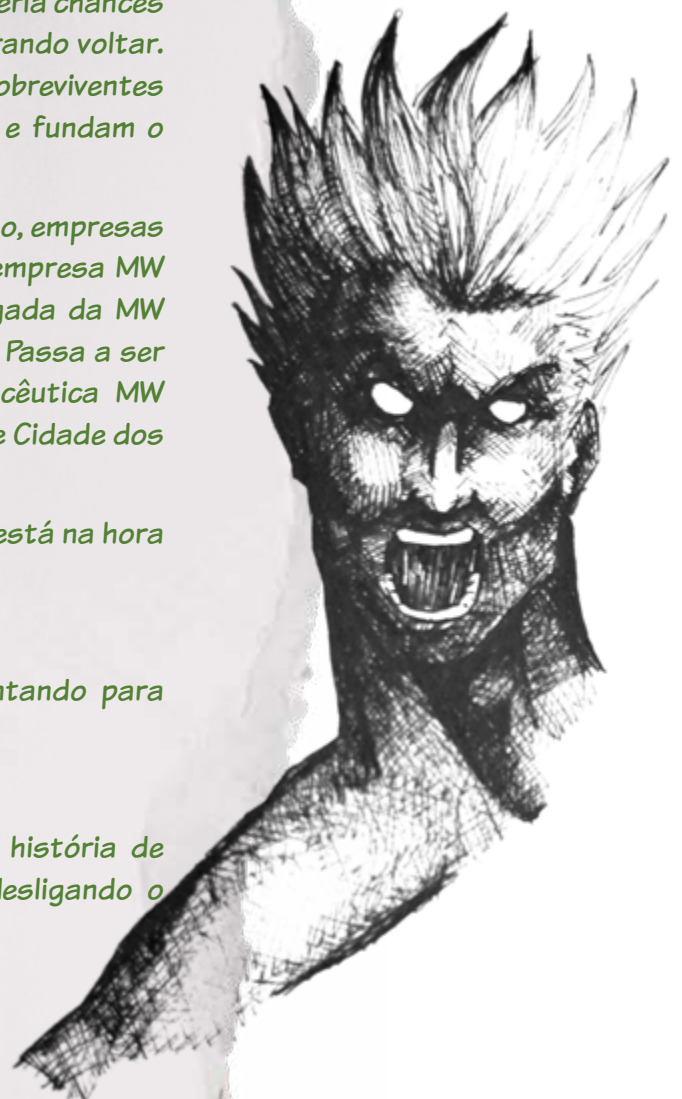
...a qualidade de vida dos habitantes melhorou...

- Olha a educação Murilo. Diz a professora se levantando para desligar o projetor.

...e a MW CORP veio apenas para ajudar.

- Certo pessoal, quero um resumo para amanhã da história de Cidade dos Anjos, valendo nota. Diz a professora desligando o projetor. - E, por favor, alguém acorde o Rafael.

(Trecho do roteiro de O Retorno do Anjo)



Ao encontrar essas histórias em quadrinhos tive o prazer de me reconectar com esse universo, me reencontrando com o *Don* adolescente, um menino cheio de imaginação e criatividade. A vontade de revisitar essas e outras histórias produzindo-as com um novo olhar contemporâneo é grande. Abandonei os quadrinhos como consumidor quando me mudei da Bahia para Goiânia no ano de 2004, comecei a trabalhar e estudar para o vestibular deixando esse hábito prazeroso de lado. Ainda tenho a maioria dos produtos que consumi desde os meus 11 anos de idade (Figura 16). Meu primeiro gibi, como era costumeiramente chamado esse tipo de revista, foi *A Teia do Aranha* nº 76, de 1996, que tenho até hoje (Figura 17).



Figura 16 – Minha coleção de quadrinhos, 2022. Fotografia: Karinne Di Angelis Farinelli de Castro.



Figura 17 – Revista *A Teia do Aranha*, nº 76, 1996, Editora Abril. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

A BANCA

Apesar de ser muito novo, andava sozinho de bicicleta para cima e para baixo na cidade de Gurupi, no Tocantins, onde nasci. Algo impensável para os dias de hoje ou para uma capital como Goiânia. Vantagens de ter crescido no interior. Pedalando pela rua 8 e com alguns trocados no bolso pagos pela minha mãe por ter capinado o quintal de casa, vou até a praça D'abadia na Avenida Pará com a rua 9, onde tem a papelaria Cometa. Lá tinha uns adesivos muito legais e diferentes que adorava comprar para colocar no meu guarda-roupas. Sempre gostei de colecionar algo e tive várias fases, desde latinhas, passando por adesivos, tampinhas, entre outros. Mas ainda não havia encontrado minha paixão. Ao chegar na praça uma estrutura metálica perto da igreja me chama a atenção. Parece uma caixa meio retangular, grande o suficiente para caber alguns adultos. É do lado da barraca de picolé. Senti a curiosidade de conhecer esse espaço e deixei os adesivos para depois. Na pior das hipóteses eu chuparia um picolé, pensei. Ao entrar nessa caixa metálica, à minha surpresa: uma banca de jornal e revistas diversas. A primeira que me salta aos olhos é a revista do *Cascão*. Eu só tinha contato com quadrinhos quando ia na casa da minha madrinha Neuza, onde meu primo tinha a "sorte" de ser rico e ter tudo que uma criança sonhava. De vídeo game a quadrinhos, de quadra de futebol a carrinho de controle remoto. Tudo o que poderíamos imaginar. Ele não dava muito valor ao que tinha e isso me afligia. Eu daria tanto valor para aquele universo. Mas usufruí muito dessas coisas nas visitas que meus pais faziam à minha madrinha. E os quadrinhos da turma da *Mônica* eram meus favoritos, principalmente do *Cascão*. Aquele gibi dentro daquela banca brilhava nos olhos daquele menino. Ao pegá-lo, percebi que do lado dele tinha outro gibi que me chamou mais à atenção. Era o *Duende Verde* atirando abóboras explosivas no *Homem-Aranha*, e eu assistia o desenho do super-herói na televisão. No rodapé, a mensagem: "A volta do *Duende Verde*". Como assim a volta? Para onde ele tinha ido? O desenho animado não me mostrou o que havia acontecido? A curiosidade, a capa colorida e convidativa, o traço do quadrinho com uma arte mais "realista" para aquele menino, tudo lhe apaixonava. 0,50R\$, 0,60 R\$, 1R\$, 1,25 R\$, 1,75 R\$, 1,95 R\$. Dane-se o picolé! E ainda vai me sobrar 5 centavos.

Me reconectando com essas memórias e produções, apropriar-me dessa forma de fazer artístico foi o caminho natural e que se conectou com minha autobiografia no processo desta pesquisa de doutorado. Trazer uma vivência do passado para o fazer artístico potencializou meu caminho, pois “a arte nasce com as experiências cotidianas e influencia a formação dos sujeitos, pois é na conexão com a vida que está seu poder e potência” (Macedo; Sant’Anna, 2019, p. 689). Nesse momento sou o *Don* adulto dando um abraço profundo naquele *Don* menino e convidando-o para brincar. O quadrinho é o primeiro vestígio que encontro de mim mesmo nessa germinação, a linguagem motriz do fazer artístico. Contudo, antes de partir para o desenvolvimento do enredo do *UmDon*, outros encontros com meus rastros do passado foram necessários.

Reencontro com a graduação

Ao lançar-me em meio às caixas guardadas onde me reencontrei com os quadrinhos outrora lidos e produzidos, me deparei com meu caderno de anotações da graduação. Que lembranças encontraria nesse momento tão importante de minha vida? Como um livro de literatura que o convida para a leitura, comecei a estudá-lo compulsivamente. Essa foi a ligação que realizei com o *Don* que se iluminou de conhecimento na faculdade, um jovem cheio de certezas que foram desconstruídas, retorcidas e ressignificadas ao longo de sua graduação. Toda palavra lida me reconectava com a fala de um dos meus queridos professores, mestres do conhecimento que me influenciaram de tal forma que hoje sigo seus passos. As aulas se avivaram em minhas memórias como a chama ardente de uma fogueira em noite fria. O caminho da minha autobiografia ia se desenhando a cada mergulho nas minhas lembranças, enriquecendo e potencializando a futura produção desta pesquisa. O doutorado me provocou reencontros e eu os recepcionei com um bom café para um papo.

Um deles é a orientadora desta tese, professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, minha mestra, amiga e um espelho. Já tivemos a relação professora e aluno em diversas disciplinas, orientadora e orientando na graduação e repetimos essa dobradinha realizando esta tese. Ao me encontrar com o caderno, uma memória foi ativada. Na disciplina *Desenho: Investigação e Linguagem I*, no ano de 2010, ela realizou uma reflexão em um dos exercícios propostos: “seus desenhos parecem com você” (Figuras 18 e 19). Após esse olhar, minha percepção se alterou profundamente. A fala dela me fez compreender que eu já estava me representando nas produções artísticas, mas não percebia ou tinha qualquer consciência disso. Isso mostra que a professora, além da habitual relação de orientação, também faz parte desse movimento de resgate e compreensão do meu caminho na pesquisa autobiográfica.



Figuras 18 e 19 – Desenhos com nanquim sobre papel Canson 30x20cm, 2010. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

O OBJETO DE ESTUDO

Metade de um caminho no curso de Artes Visuais da UFG. Meu processo na graduação foi de muita descoberta, algo que me trazia uma felicidade imensa. Estar ali com meus colegas, experimentando e aprendendo com aqueles professores magníficos me estimulava muito. Tenho um enorme carinho e orgulho de minha graduação. Tiveram professores e aulas ruins? Claro que tiveram! Contudo, a grande maioria proporcionou e despertou processos criativos intensos em todos nós. Me lembro vividamente da apresentação desses trabalhos na disciplina da professora Manoela. Deveríamos fazer uma investigação de nosso percurso artístico no curso e encontrar um fio condutor entre as produções artísticas para poder desdobrar os temas e conceitos que surgissem em um novo fazer artístico, estruturando assim nossas poéticas enquanto artistas em formação. Esses exercícios nessa disciplina conduziram 90% dos alunos para seus Trabalhos de Conclusão de Curso, incluindo eu. O título da minha proposta era *Irracional Racional*, propondo uma reflexão crítica do ser humano e suas relações com o mundo em que vive e questionando sobre sua "racionalidade" nesse contexto. Usar o desenho para mim era importante porquê sentia a necessidade de me ancorar na linguagem que sempre me moveu no universo das Artes. Ao ser instigado pela reflexão de que meus desenhos pareciam comigo, passei a me ver em todo lugar ao desenhar. Boca carnuda, nariz levemente afinado, olhos apertados que necessitam se abrir, queixo mais afinado, ou seja, inconscientemente eu me desenhava. Estou me autorretratando há anos sem saber? Por que fazia isso? Com o tempo fui entendendo que eu era meu próprio objeto de estudo. Minha aflição com o ser humano vinha da dor do que eu já fui ou relutava ser.



Ainda em meio a várias páginas do caderno me deparo com o seguinte pensamento: “Para mim o desenho é uma fuga do real” (Figura 20).

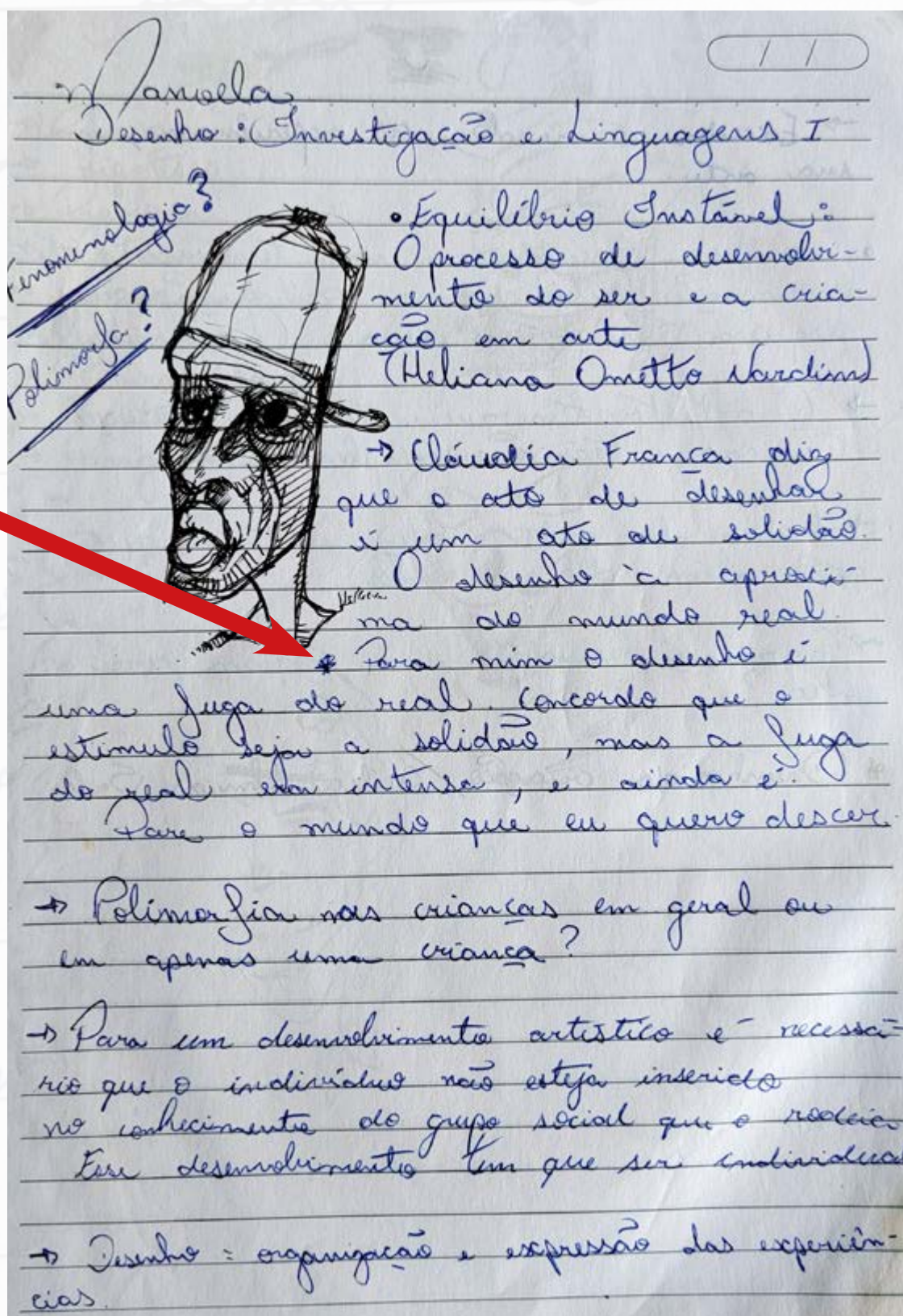


Figura 20 – Página do caderno de anotações de minha graduação, 2010. Fonte: arquivo pessoal.

Essa anotação foi realizada como uma reflexão acerca da fala cunhada pela artista plástica e professora Cláudia França, afirmando que ao desenhar sentia-se sozinha: “O desenho está ligado a esse estado de solidão” (França *apud* Nardin, 2009, p. 3335). Essa reflexão que realizei na época foi resultado da leitura do artigo *Equilíbrio instável: o processo de desenvolvimento do ser e a criação em arte*, de Heliana Ometto Nardin.

Esse pensamento demonstra um *Don* que fugia da realidade por meio da produção artística, como podemos ver no complemento de sua resposta: “Pare o mundo que eu quero descer”. A frase, além de ser uma analogia à música *Eu também vou reclamar*, de Raul Seixas, evidencia as angústias de um jovem que vê o mundo que o cerca como uma realidade que precisa ser parada e rompida, havia ali um sentimento de fuga. Com o tempo, estudos e aprofundamentos reflexivos, essa necessidade de abandono da realidade transformou-se em um desejo de proposição de mudança, usando a arte como meio de transformação social. A participação no mundo por intermédio de uma arte socialmente engajada estava incubada e amadurecendo nesse período da graduação, transformando o jovem que queria fugir no adulto que queria lutar.

O desenho é uma linguagem muito importante para meu fazer artístico, é a experiência que me conecta com a arte desde criança e foi através dele que comecei a me expressar, criar e viajar por outras realidades. Assim como na anotação do rodapé da página acima, o desenho é a forma de organização e expressão das minhas experiências, apresenta como é meu desenvolvimento e percepção de mundo. Essa linguagem expõe o universo que há em mim e como eu o devoro, usada em qualquer fresta de reflexão e pensamento. Como podemos ver na página apresentada, qualquer cantinho era motivo para desenhar, seja no verso de panfletos, cantos de caderno, carteiras da escola, roupas, entre outros. Ao me reencontrar com minhas memórias e produções passadas me deparei com vários desenhos realizados nesses suportes aleatórios.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

RABISCOS NO ASFALTO

Eu desenhava em qualquer canto que pudesse. Quando criança, meus amigos, Rafaello e Tales, e eu fechávamos a Avenida Rio de Janeiro, entre as ruas 8 e 7, com desenhos no asfalto realizados com gesso de uma construção que existia ao lado de nossas casas. Ilustrávamos de tudo: carros, super-heróis, esportes, entre várias outras coisas. Passávamos horas desenhando no final de tarde e à noite. Sempre voltávamos para casa extasiados com nossa produção. Adorávamos ver os desenhos sendo contemplados pelos transeuntes nos dias seguintes, até serem apagados pelos carros ou pela ação do tempo. Por várias vezes repetíamos essa ação. Nos dias de hoje realizo muitas intervenções em contexto público com meus alunos. Será que a faísca vem desses momentos da infância? A sensação de ver dias, semanas, meses, até mesmo anos depois, as pessoas interagindo com as intervenções é a mesma que sentia quando menino de ver os transeuntes comentando e olhando os desenhos de gesso na rua.

O hábito do desenho em roupas era tão forte que em 2009 realizei uma produção artística que resgatava esse costume de infância. Intitulada *Rabiscos de Criança*, o trabalho foi desenvolvido na disciplina *Desenho: Processos e Procedimentos*, ministrada pela professora Elani Paludo (Figura 21). No trabalho, realizei uma experiência lúdica com meu sobrinho, Dherick, o qual há época tinha dois anos e cinco meses. Instigando sua imaginação, lhe apresentei obras artísticas públicas do Bosque dos Buritis, um dos mais conhecidos parques públicos de Goiânia. Aquilo que ele imaginava ao ver a obra de outros artistas era desenhado por mim em alguns rascunhos servindo de base para os desenhos realizados em uma calça, remetendo ao meu costume de rabiscá-la enquanto a usava em minha juventude.



Figura 21 – *Rabiscos de criança*, 2009. Desenhos elaborados com caneta esferográfica sobre calça jeans. Aproximadamente 1,05x0,47cm. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

A PROFESSORA SUELLY

Minhas calças sempre foram as diferentes na escola. Até mesmo quando estudei em uma escola presbiteriana, onde a direção era mais rigorosa, lá estava eu com minhas calças desenhadas. Em uma ocasião, minha mãe foi chamada na escola para que resolvesse a minha "mania" de desenhar nas carteiras, paredes e, principalmente, no uniforme, pois isso descaracterizava a "uniformidade dos alunos da instituição". Na época, minha professora de Artes era a Suelly, que entrou na reunião e me defendeu com unhas e dentes: "Ele é um artista e reprimir isso não é certo". Sua fala ficou gravada em minha mente e senti uma confiança enorme. Será que meu caminho como professor também veio dessa época? Provavelmente sim! Tinha muita admiração aos meus professores, menos com os de física. Sempre odiei física! Enfim, com promessas de poupar as carteiras e paredes da escola, ainda pude me expressar em minhas roupas. A professora Suelly foi fundamental para não reprimir o artista em mim naquele momento. Quantas crianças não são silenciadas em processos como esse? Está certo que não cumpri muito o acordo...

Mesmo com essa importância, ao passar dos anos, o desenho foi deixando de ser protagonista em minhas produções artísticas, projetos e lazer para ser coadjuvante em minha vida. Essa linguagem ainda se fazia presente na rotina, mas foi minguando com as responsabilidades, afazeres e uso de outras formas de produção que cresceram nesse meio tempo. O fazer artístico, apesar de momentos de baixa produção, sempre esteve presente em minha vida. A intervenção ganhou força nesses processos, como vimos na introdução deste texto, deixando o desenho como um passatempo nos momentos de descanso. Esse vestígio me enraizava nas Artes. Resgatá-lo como protagonista nesse momento da pesquisa de doutorado e associá-lo aos quadrinhos como suporte foi fundamental para a minha ligação com o *Don* de outrora, germinando a base para a produção artística da tese que culminou na criação do *UmDon*.

Nasce o enredo do UmDon: o rebento do Ser Árvore

Definidas algumas estruturas metodológicas para seguir com a produção artística, senti que continuar nesse mergulho iria me trazer riquezas mais potentes para a elaboração do fazer artístico. Que tipo de história seria contada nesse quadrinho? Seria uma composição literal das passagens da minha vida? Esse tipo de produção não me representa enquanto artista. Um enredo poetizando passagens da minha vida? Pode ser um bom caminho! Em meio às leituras do caderno da graduação me deparei com o argumento que serviu de solo fértil para a semente do *UmDon* (Figura 22).

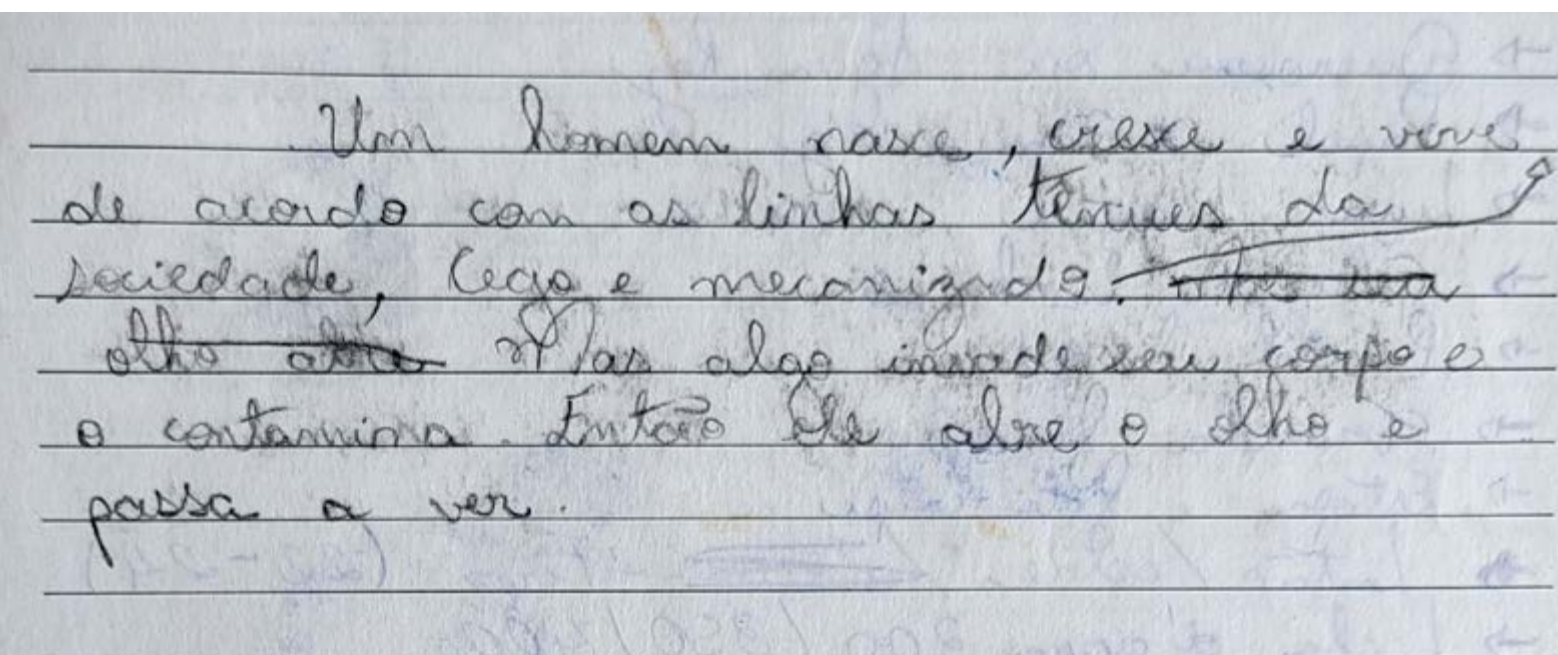


Figura 22 – Anotação no caderno de notas de minha graduação, entre 2008 e 2012. Fonte: arquivo pessoal.

Esta anotação é apenas uma ideia escrita em uma página solta, sem especificação de data e provavelmente fazia parte de um processo criativo para alguma produção ou se relacionava com algum sentimento meu da época. Ao me deparar com esse argumento e pensar no homem como o *Don* de antes da experiência na universidade, comecei a enxergar nessa cegueira e mecanicidade desse personagem, que chamarei de *Ser Controlado*, uma oportunidade poética muito forte. A contaminação de algo que o faz enxergar abre possibilidades comunicativas e o enredo do *UmDon* não precisava ser necessariamente atrelado ao *Don* real, mas sim ser uma alusão poética a ele. Mesmo a referência clara a mim por conta do uso do meu nome no título do quadrinho, a intenção é possibilitar que cada leitor/leitora se coloque no lugar do personagem, abrindo campo para diálogos com outras pessoas.

Em algumas páginas à frente dessa anotação havia ilustrações que nortearam esteticamente o desenvolvimento da produção do quadrinho. Uma sequência de quatro desenhos apresentando um homem com fios saindo de sua cabeça, de repente ele começa a ter a pele invadida por bolhas estranhas que tomam conta de seu corpo (Figura 23).

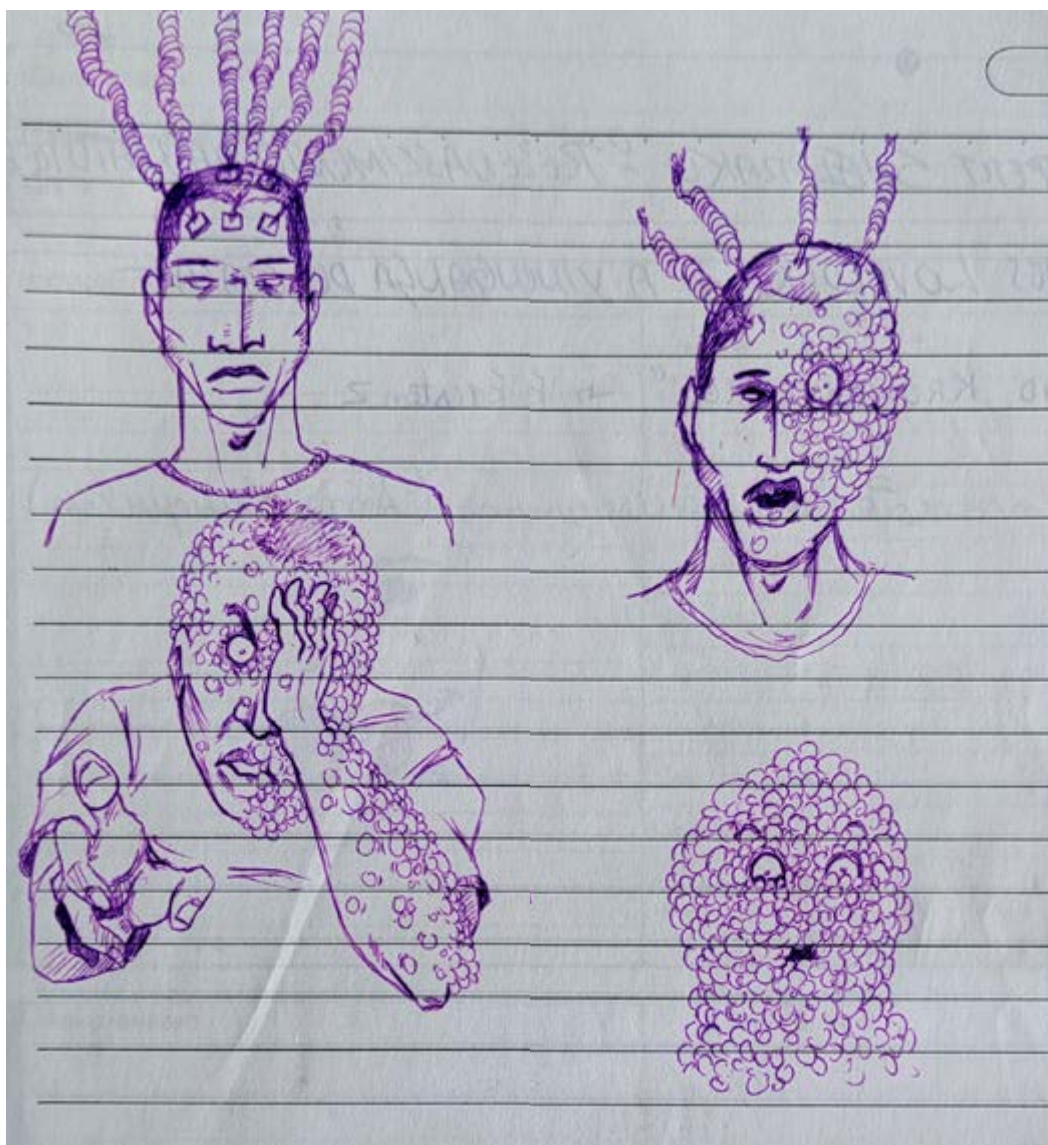


Figura 23 – Desenhos com caneta esferográfica no caderno da minha graduação, entre 2008 e 2012.
Fonte: arquivo pessoal.

Esses fios são uma ilustração da mecanicidade dessa pessoa colocando a mente humana condicionada a um certo tipo de controle, simbologia que utilizava bastante nos meus desenhos da graduação e vimos também nas figuras 18 e 19 anteriormente. A representação do olho esbugalhado para fora era um signo que eu costumeiramente usava para mostrar um ser que enxerga uma nova realidade diante de si.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

PRISÕES

Ao final do ano de 2002, eu concluía meu ensino médio. Fazia cerca de um ano que toda minha família havia mudado do Tocantins para uma cidade nova e promissora da Bahia: Luís Eduardo Magalhães. Hoje, quem vê a cidade, não imagina como ela era ruim. Apenas uma rua de asfalto, areia por tudo quanto era lugar, falta de saneamento, casa alugada, pessoas estranhas, enfim, um local desagradável para se viver. Contudo, o problema era o mundo de um jovem que havia sido virado de cabeça para baixo, todo meu ciclo social desapareceu em uma idade de descobertas e voos. Me enclausurei física e emocionalmente. A conclusão do ensino médio na Bahia não foi suficiente para estabelecer conexões com outras pessoas. Logo vieram as cobranças: O que você vai fazer agora? O que você quer da sua vida? Começar a fazer vestibulares em várias cidades e estados foi uma fuga do peso das cobranças que estava sentindo. Jornalismo, Comunicação Social, Design Gráfico, enfim, fui atirando para todos os lados no intuito de ser sugado para outro espaço onde eu pudesse florescer novamente. Fracassos e mais fracassos depois, me vendo cada vez mais preso àquela cidade que eu detestava, definhava qualquer vislumbre de futuro que eu pudesse ter. Foi quando decidi sair de casa e vir tentar a sorte em Goiânia. Trabalhar para me sustentar, morando de favor na casa de uma tia e assim ir tentando os vestibulares ao longo desse caminho. Não seria fácil, mas com isso conseguia me ver fora daquele mundo invertido onde me encontrava. E assim foi feito. Comecei a trabalhar no *callcenter* de uma grande empresa de telefonia. Ao mesmo tempo que estar lá era minha alforria do contexto anterior, tornou-se minha prisão enquanto escravo de um sistema capitalista que me sugava até a alma por míseros 300 reais, e metade desse valor ficava com minha tia para ajudar nos meus custos com energia, água e comida. Eram salas lotadas de baías com jovens e adultos sentados, atendendo clientes do Brasil inteiro. Constantemente vigiados por câmeras e monitoramentos de escuta nos atendimentos, tendo uma pausa de 5 minutos para ir ao banheiro e uma pausa de 15 minutos para se alimentar ao longo de 6 horas. Detalhe que para se alimentar você precisava sair do prédio, algo que não conseguia fazer em menos de 10 minutos, ida e volta. O fone de ouvido me marcou muito. Não tinha a espuma para que você usasse ele confortavelmente na orelha. Machucava! Se quisesse conforto tinha que comprar por sua conta. E tinha aquele fio enrolado típico de telefone dos anos 80 que se retorcia do aparelho de atendimento ao fone. Enrolava o dedo naquele emaranhado preto e o apertava até ficar roxo, como se precisasse me lembrar que eu sentia algo naquele espaço horrível de assédios morais. Essa foi a pior experiência que tive em uma profissão. Um chá revelação de classe trabalhadora no sistema em que vivemos. Me sentia mecanizado pela rotina e cego por não conseguir visualizar uma fuga de lá.

Na página seguinte, podemos ver o desenvolvimento da situação vista na figura 23, onde saem galhos com folhas das pequenas bolhas. A planta passa a ser elemento fundamental nestes esboços, sendo rascunhada com curvas protuberantes e bolhas que a deixam com uma estética orgânica, ela invade o corpo desse ser de dentro para fora alterando sua característica humana (Figura 24). Como a planta que nasce nos concretos e asfaltos, ela estava brotando algo novo dentro daquela dureza.

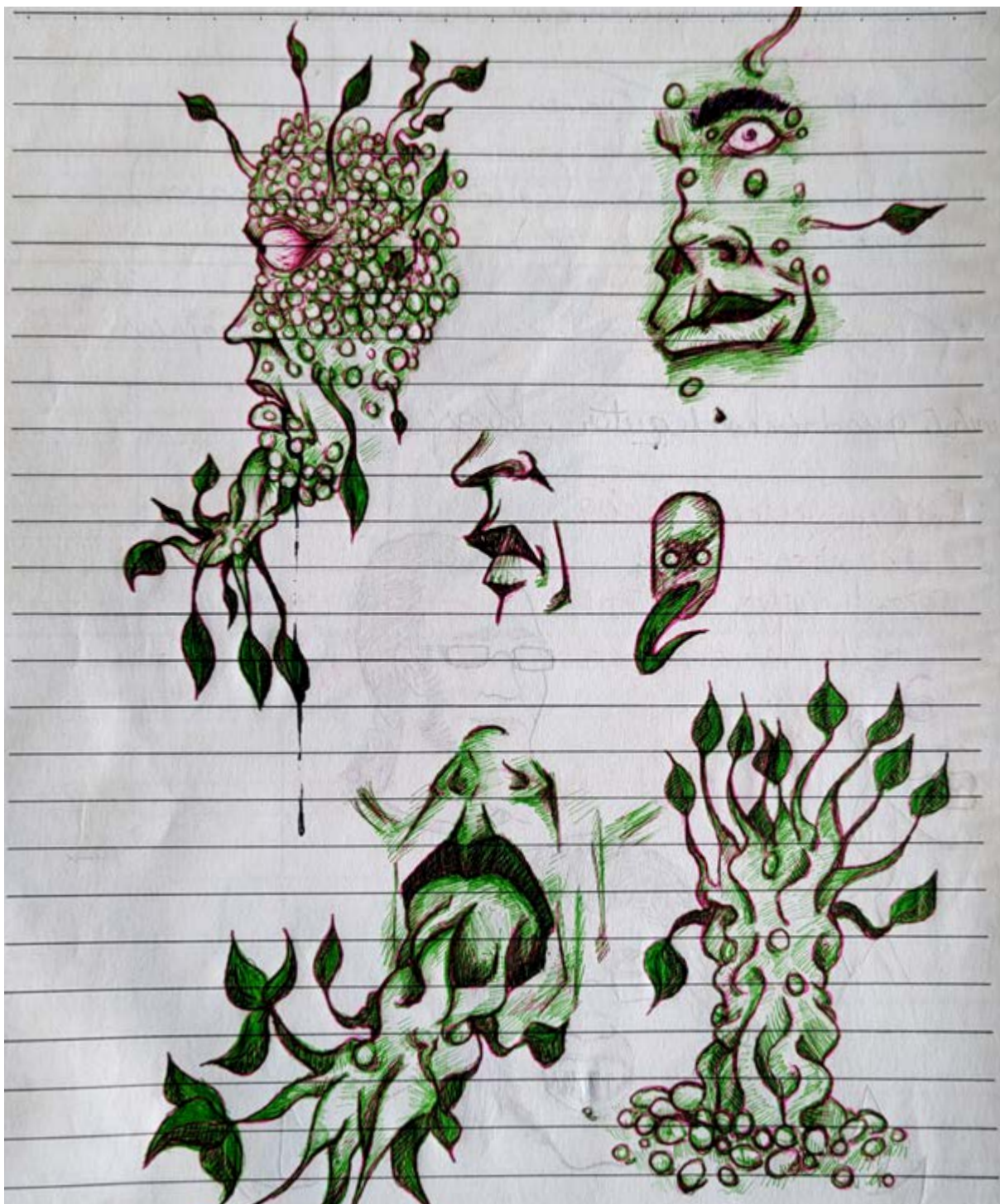
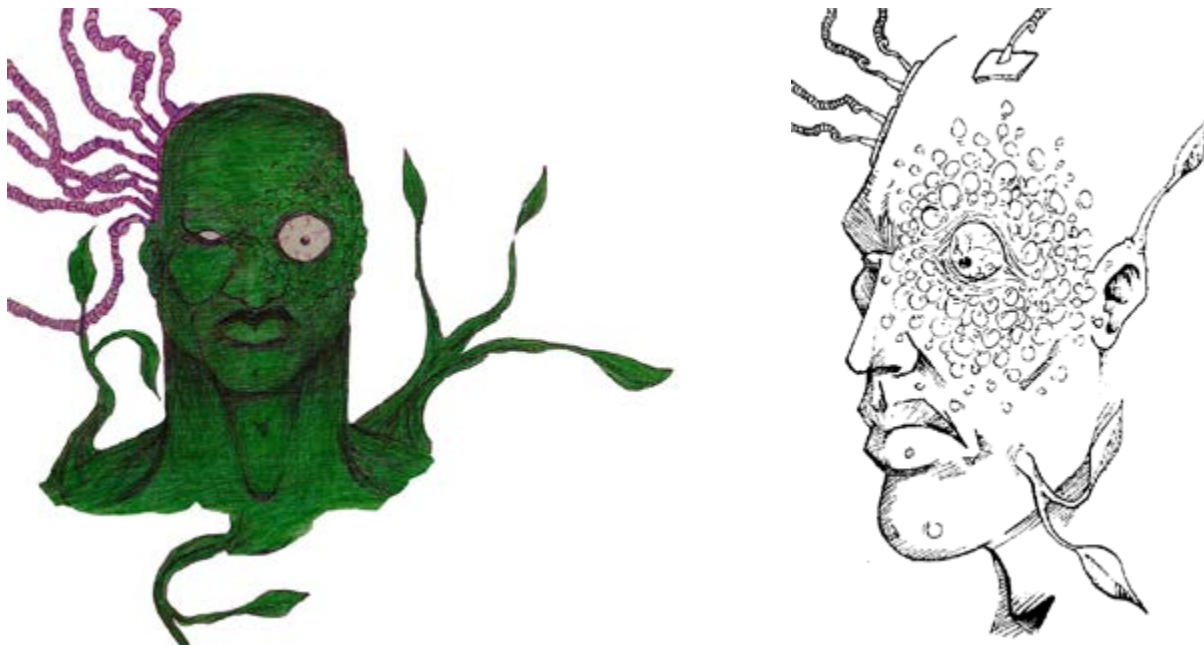


Figura 24 – Desenhos com caneta esferográfica no caderno da minha graduação, entre 2008 e 2012.
Fonte: arquivo pessoal.

Esse desenho de um homem hibridizado com uma planta era recorrente na minha graduação, tenho vários deles espalhados por cadernos, pastas, rascunhos e até mesmo como elemento de produção em outras linguagens artísticas, mesmo que desdobradas esteticamente agregando outros conceitos (Figuras 25 a 28). É a morte do ser humano como o conhecemos e o surgimento de um novo ser.



Figuras 25 e 26 – Desenhos com nanquim e caneta esferográfica em papel cartão e papel Canson, entre 2008 e 2012. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 27 e 28 – Gravura em metal realizada com água forte (à esquerda) e escultura elaborada com resíduos e arames (à direita), 2010 e 2011 respectivamente. Fonte: arquivo pessoal.

A morte do ser humano e seu renascimento como algo novo é um elemento recorrente nas minhas produções dessa época, como podemos ver na gravura *Solução*, de 2009 (Figura 29). Tratar do falecimento do individualismo, da compulsão por consumo, da atitude predatória, da violência entre povos, da desigualdade, ou seja, daquilo que norteia as características humanas era interessante para minhas reflexões e fazer artístico. Essa flor que nasce no crânio de um ser humano é a representação do novo que deve vir, mesmo que de forma visceral e profunda.



Figura 29 – *Solução*, gravura realizada com ponta seca em acrílico, 2009. Dimensões 30x20cm
Fonte: arquivo pessoal.

No início do curso de Artes Visuais da FAV minhas produções eram mais impetuosas, representando a morte do ser humano de maneira literal. Com o passar dos anos fui entendendo que a morte não é o fim, mas sim o princípio, trabalhando esse conceito como uma transmutação para uma conexão maior. Ao invés de focar na morte, passei a olhar para a transformação humana como caminho poético em minhas produções artísticas.

Um exemplo dessa nova perspectiva em meus trabalhos é o quadrinho intitulado *Colo*, elaborado para a disciplina *História em Quadrinhos de Autor*, ministrada pelo professor Edgar Franco no ano de 2010 (Figuras 30 a 39). O enredo apresenta o conto de um homem cansado do caos e rotina de seu mundo, ao recostar-se em uma árvore aparentemente morta, ele realiza um pedido: “Mãe...salve-me”. O planeta Terra o escuta e inicia um processo de absorção dele por meio da árvore, reconectando-o ao seu útero e o tirando do caos que o cercava.



Figuras 30 e 31 – Capa e página 1 do quadrinho *Colo*, 2010. Quadrinho elaborado com técnicas mistas utilizando fotografia, colagem e pintura. Dimensões 30x20cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 32 e 33 – Páginas 2 e 3 do quadrinho *Co/o*, 2010. Quadrinho elaborado com técnicas mistas utilizando fotografia, colagem e pintura. Dimensões 30x20cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 34 e 35 – Páginas 4 e 5 do quadrinho *Co/o*, 2010. Quadrinho elaborado com técnicas mistas utilizando fotografia, colagem e pintura. Dimensões 30x20cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 36 e 37 – Páginas 6 e 7 do quadrinho *Co/o*, 2010. Quadrinho elaborado com técnicas mistas utilizando fotografia, colagem e pintura. Dimensões 30x20cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 38 e 39 – Páginas 8 e 9 do quadrinho *Co/o*, 2010. Quadrinho elaborado com técnicas mistas utilizando fotografia, colagem e pintura. Dimensões 30x20cm. Fonte: arquivo pessoal.

O livro *A vingança de Gaia* (2006), de James Lovelock, traz conceitos que influenciaram esse momento do meu fazer artístico e me acompanham até os dias de hoje. Pensar nessa criatura meio humana e meio planta representava minha nova visão de mundo, me vislumbrando como um ser que faz parte da natureza. Na época não me enxergava naqueles desenhos, ali havia apenas a representação de uma poética. Todavia, trazendo a reflexão que a professora Manoela me provocou com seu apontamento no passado, aquele já era o *Don* que havia sido transformado pela sua passagem na universidade. O quadrinho *Colo* já representava essa minha trajetória. Era a gênese da entidade poética *Ser Árvore*, minha evolução como ser humano dentro de *Gaia*. Porém, por que nomear essa representação poética de *Ser Árvore*? Qual a razão de escolher a árvore como elemento representante da natureza para essa hibridização? Qual a importância das árvores no planeta e o que elas têm para ensinar à espécie humana? Por que existir como uma árvore?

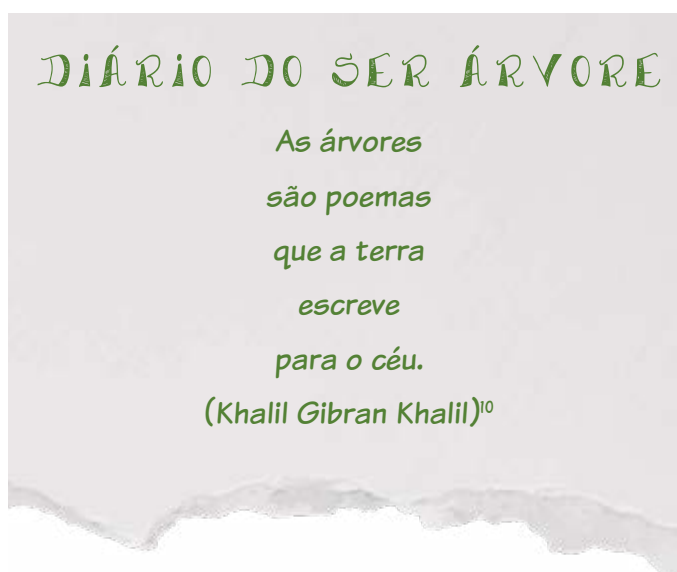
Retomando o diálogo apresentando na introdução deste texto, as árvores representam para mim um exemplo de coletividade e conexão com o planeta. Por meio de simples observações podemos compreender que elas retiram nutrientes do solo para sua subsistência, purificam o ar criando condições de vida para outros seres e geram frutos que alimentam diversas espécies. A árvore se liga de maneira tão íntima com *Gaia* que cria um ambiente que fomenta a vida e a existência de ambas. Para mergulhar nessa reflexão, no livro *A Vida Secreta das Árvores* (2017), escrito pelo alemão Peter Wohlleben, somos apresentados aos resultados de uma pesquisa sobre as árvores, demonstrando como elas se comunicam, cooperam, compartilham e formam comunidades. Segundo Wohlleben, as árvores são seres sociais que respeitam umas às outras e criam ligações fortes entre elas:

Uma árvore normal estende seus galhos até alcançar a altura da ponta dos galhos de uma vizinha do mesmo tamanho. Não vai além disso porque o espaço já está ocupado. Depois, fortalece os galhos que expandiu, e a impressão é de que existe uma verdadeira briga lá em cima. No entanto, desde o início um par de árvores amigas de verdade cuida para que nenhum galho grosso demais se estenda na direção da outra. Elas não desejam tirar nada uma da outra. Esses pares de árvores mantêm uma ligação tão íntima pelas raízes que às vezes até morrem juntos (Wohlleben, 2017, p. 8).

Essa conexão entre as árvores é um exemplo de coletividade e cuidado com o próximo. Existe um compartilhamento da vida e uma subsistência mútua entre elas. “Cada árvore é valiosa para a comunidade e deve ser mantida viva o máximo de tempo possível. Mesmo os espécimes doentes recebem ajuda e nutrientes até ficarem curados” (Wohlleben, 2017, p. 8). Todo ser é importante e o coletivo surge do encontro com o outro. Juntas, sua força aumenta e a reciprocidade impera. O individualismo morre enquanto seres sociais. Por que as árvores são seres tão coletivos? Por que compartilham seus nutrientes?

Porque juntas elas são mais fortes. Uma única árvore não forma uma floresta, não produz um microclima equilibrado. Fica exposta, desprotegida contra o vento e as intempéries. Por outro lado, muitas árvores juntas criam um ecossistema que atenua o excesso de calor e de frio, armazena um grande volume de água e aumenta a umidade atmosférica – ambiente no qual as árvores conseguem viver protegidas e durar bastante tempo (Wohlleben, 2017, p. 7).

Podemos ver que as árvores são seres que compartilham suas forças e fraquezas, cuidam umas das outras e equalizam sua existência. Exemplos do que é viver em comunidade. São fundamentais para o ciclo vital da Terra, equilibrando os ecossistemas e proporcionando condições de vida para além de sua espécie. As árvores são símbolos de uma conexão profunda com *Gaia* e nos ensinam muito sobre cuidado, solidariedade e resiliência. A espécie humana tem muito o que aprender com elas. Portanto, escolher a árvore como esse elemento de hibridização representa o desejo de conexão com a natureza e com o planeta. Ser como a árvore é viver em comunidade, aprender a ser uma pessoa coletiva em nossa sociedade. Partilhar!

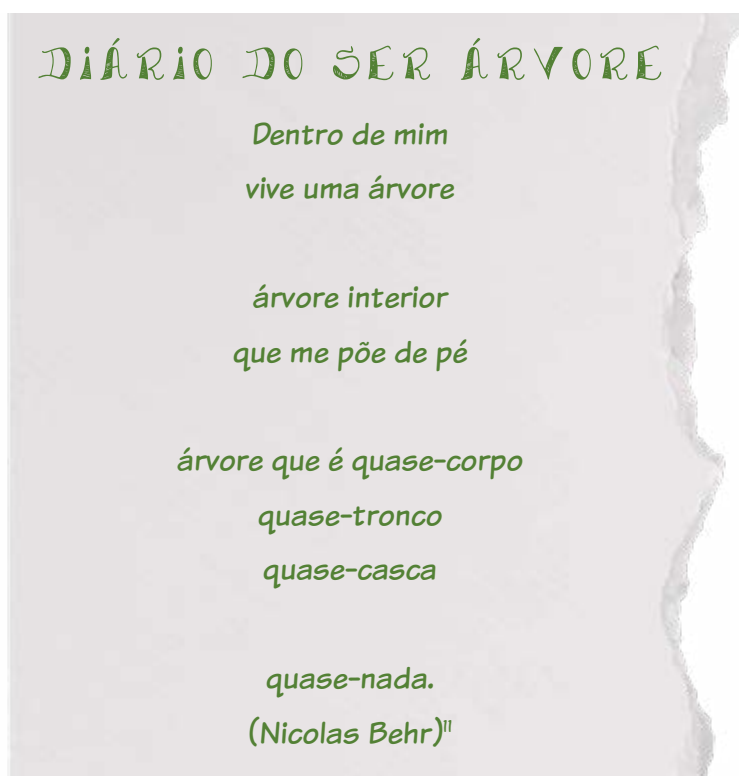


Colocado esse caminho, reflexões e os vestígios encontrados nesse passo de memorar, uma sinopse do quadrinho *UmDon* tomou forma, apresentando um personagem que nasce e cresce, contudo, está mecanizado e controlado pela rotina no sistema capitalista em que vivemos. Ele passa por uma experiência que o leva a uma nova realidade, esse acontecimento o muda de dentro para fora rasgando sua pele e rompendo a barreira do seu crânio na expansão de uma nova consciência. Morre o personagem para sua transmutação em um novo ser, o *Ser Árvore*, aquele que detém uma conexão com o planeta Terra (Figura 40). Esses vestígios e sinopse passam a ser o solo fértil de desenvolvimento do roteiro do quadrinho *UmDon*.

¹⁰ Poema retirado da página 3 do livro *Iniciação à dendrolatria* (2006) de Nicolas Behr.



Figura 40 – *Ser Árvore*, 2021. Desenho elaborado com lápis 6B, lápis de cor e caneta nanquim sobre papel Canson 30x20cm. Fonte: arquivo pessoal.



Esse percurso do personagem é uma alusão poética ao *Don* de antes e depois da sua vivência na universidade, sendo o ambiente mecanizado a vida rotineira de trabalho para casa e vice-versa, e a nova realidade sendo a experiência no curso de Artes Visuais. O *Ser Árvore* é a representação das minhas ações como ser humano, artista, pesquisador, professor e cidadão após minha transformação na FAV.

O Monstro do Controle

Poeticamente entendemos ao longo deste texto que essas ligações com a mente do ser humano remetem a um controle do sistema capitalista em que vivemos, onde temos rotinas pré-definidas socialmente, como: estudar, trabalhar, consumir, descansar e repetir os ciclos. Contudo, ainda faltava uma representação potente para retratar a opressão sentida por mim no período anterior à minha formação. Quais elementos poderiam ser usados como simbologias desse mundo mecanizado e de controle? Refletindo sobre as estruturas de nossa sociedade elenquei elementos que serviram para a construção de uma criatura que exerce o controle sobre o personagem e representa essa realidade opressora, tais como:

- Engrenagens e escapamentos;

Simbolizam a industrialização do nosso período moderno, onde o capitalismo

¹¹ Poema retirado da página 23 do livro *Iniciação à dendrolatria* (2006) de Nicolas Behr.

ganhou força e tornou-se o sistema hegemônico no nosso planeta. “A dependência da acumulação de dinheiro, objetos e experiências leva a uma epidemia consumista que devora o ambiente e devasta a mente” (Ribeiro, 2022, p. 15). Esse sistema dá continuidade a um projeto colonial que levou a devastação em escala global, aniquilando povos, culturas, animais, natureza, etc. O consumo cresceu nesse período e passou a ser a pedra fundamental em nossa sociedade, demandando a exploração de recursos não renováveis que agredem o nosso planeta.

DIÁRIOS DO SER ÁRVORE

CONTINENTAL TRATORES

Quando pequeno, por volta dos 6 ou 7 anos de idade, me lembro da instauração de uma fábrica de peças para maquinários agrícolas no lote da frente de minha casa, chamada Continental Tratores. Durante o dia era comum o barulho intenso de máquinas diversas trabalhando, metais estalando e um intenso cheiro de algo semelhante a óleo velho. Aos fins de semana, quando não havia expediente, os amigos de rua e eu pulávamos o muro e futricávamos naquelas engrenagens estranhas, imensas para crianças. Saíamos de lá pretos de graxa, óleo e fuligem daquele local. Com o tempo, colocaram um vigia para morar na fábrica. Um senhor mal-encarado e que constantemente maltratava a criançada quando estavam brincando e se divertindo na rua. Aquele espaço desagradável pelos odores e barulhos, mas que por vezes era a diversão de exploração da criançada, passou a ser apenas um incômodo.

- Fumaça;

Ela representa a poluição e toda a violência ambiental em prol de uma modernidade e do consumismo exacerbado, é a intoxicação do nosso habitat para geração de produtos que fomentam egos desconexos do nosso meio. Os problemas ambientais vêm se tornando

cada vez mais graves, variando entre poluição, aquecimento global, diminuição dos mananciais, destruição da camada de ozônio, inundações, chuvas ácidas, extinção de espécies, entre inúmeros outros (Stevens, 2016). A negligência no controle das emissões de gases de efeito estufa e de outras demandas ambientais é a virulência humana em seu grau mais alto.

O ODOR FÉTIDO DA INDÚSTRIA

Ao sair do Tocantins e me mudar para a Bahia, no ano de 2002, enfrentamos um problema ambiental que assolou toda a cidade de Luís Eduardo Magalhães. Apesar de ser uma cidade pequena, grandes empresas se instauraram naquela região do oeste baiano, explorando e sugando a região de diversas maneiras possíveis. Uma delas foi a Galvani, uma fabricante de fertilizantes para sabe-se lá o quê. Por uma falta de planejamento adequada da administração municipal, a fábrica foi instalada muito próximo à cidade e, para mascarar sua operação, ela funcionava no período noturno, já que assim era mais difícil de visualizar as densas fumaças amareladas que saíam de suas chaminés. Contudo, o odor exalado do funcionamento dela era insuportável. Os moradores trabalhavam durante o dia e quando chegavam em casa à noite para descansar não conseguiam devido ao forte cheiro enjoativo que pairava na cidade e a fumaça que entrava em cada fresta das casas. Com o crescimento acelerado da região, justamente por conta dessas empresas, os bairros de moradores acabaram "abraçando" o local onde a fábrica funcionava. A situação se arrastou por anos até que a prefeitura, em meio a vários protestos, cedeu outro terreno a quilômetros da cidade e ainda teve que INDENIZAR a empresa pelo "transtorno". Sim! É revoltante a situação, mas como amenizou a questão do odor na cidade, a população deu-se por satisfeita e essa fabricante de fertilizante continuou poluindo o meio ambiente longe dos olhos dos moradores. Lembro que essa situação me revoltou muito como cidadão. Eu já havia ido embora da cidade, porém meus pais moram lá até os dias de hoje. É incrível como somos permissivos com certas situações quando ela está longe das nossas individualidades.

- Cruz;

É uma alusão às crenças limitantes e dogmas religiosos, onde parte dos seres humanos adaptam os discursos para morais estabelecidas socialmente, criando

um falso-aparente que protege as práticas viciosas do cotidiano. Tal proteção nos conduz à comodidade desses conceitos e mergulhamos tão profundamente neles que alimentamos sistemas que nós mesmos contestamos. Não há destaque de uma religião em específico ao utilizar esse elemento, contudo, é um símbolo de fácil reconhecimento e uma representação acessível aos leitores do quadrinho.

A RELIGIÃO E A ESPIRITUALIDADE

A religião me foi imposta desde que eu era pequeno. Sempre fui obrigado a ir na igreja aos domingos de manhã e fazer todo o ritual. Não foi uma escolha minha, apenas seguia aquilo que minha mãe ensinava e me conduzia. Lembro de chegar na escola por diversas vezes e escutar os colegas de classe falando sobre coisas que viram na televisão ou fizeram no domingo de manhã, enquanto eu não tinha histórias para contar, já que estava enfurnado na igreja. Aquilo me incomodava, mas eu não tinha muito o que fazer na época, visto que era apenas uma criança querendo aproveitar seu tempo com brincadeiras e outras coisas mais interessantes. Com o passar do tempo e o amadurecimento, a igreja passou a me incomodar cada vez mais. Ver o quanto as pessoas são hipócritas ao estarem num local "sagrado", pedirem perdão seguindo seus ritos, comungarem com a energia santa e depois saírem de lá fazendo as mesmas barbaridades que fizeram antes, me desconectou totalmente disso que visendo a religião, independente de qual for. E podemos ver casos e casos em qualquer lugar: padre que desviou dinheiro, pastor que compra seu templo como um negócio, pais de santo que tentaram abusar de suas filhas de santo, entre inúmeros outros casos que vemos por aí. Compreendi que religião é algo dos humanos, caixinhas que atendem a interesses próprios e uma lavagem social estética para pessoas pútridas. Já a espiritualidade é outra coisa. Uma conexão com aquilo que você acredita e energiza sua alma. Isso sim é valioso para mim. É claro que existem pessoas que estão nas religiões que não são assim, mas sofrem uma lavagem cerebral e se embrenham nesse chorume. Eu me considero liberto disso.

- Espada e balança;

Têmis, a deusa da Lei, apresentava-se com uma balança em uma das mãos e noutra uma espada (Silveira, 2011). Simboliza a justiça, instituição que fomenta desigualdades sendo tirânica contra os oprimidos e permissiva com os privilegiados. Filha de *Gaia* e *Urano*, deusa que tudo enxerga pairando sobre a população, violentando a sociedade no equilíbrio desigual da burguesia, a justiça é impávida

permitindo governos corruptos, condenando os desprovidos, manipulando a ação pública e calejando o senso de coletividade de um povo.

A (IN)JUSTIÇA

Após sair da empresa de callcenter onde trabalhei por quase dois anos, entrei com um processo trabalhista contra ela por assédio moral e condições desumanas de trabalho. Minha saída foi conturbada, já que não aceitava mais aquelas condições de trabalho ultrajantes. Questionava constantemente as pausas que tínhamos para nossas necessidades básicas, seja se alimentar ou defecar. Constantemente conversava com colegas para nos mobilizarmos e lutarmos por melhores condições de trabalho. Contudo, a gota d'água foi quando participei de um princípio de paralisação dos trabalhos na empresa, tentando transformar isso em greve, solicitando melhores salários e benefícios para nossa categoria. O movimento não deu em nada, pois estranhamente o sindicato tirou o apoio depois de dois dias de paralisação, e tive várias conversas ao pé d'ouvido de supervisores de que eu errei muito ao me embrenhar por esse caminho. Logo fui demitido sem muitas explicações. O processo judicial me foi favorável em primeira instância com uma boa indenização, contudo, na segunda instância, estranhamente perdi o processo com o juiz alegando que a empresa cumpriu com tudo o que estava no meu contrato e que eu sabia das regras de trabalho daquele local. Ainda frisou que eu causei tumulto ao participar de uma paralisação que fugia das regras estabelecidas para uma greve no país e que não constava assédio moral à conduta de meus supervisores diante daquele contexto. Perplexo e revoltado, não pude fazer mais nada.

- Olhos arregalados;

Simboliza a sociedade em que vivemos, vigilante na moral e costumes conservadores, ditando cada passo que o indivíduo deve dar. Os olhos opressores da liberdade que minguam a criatividade e expressão de cada ser, confinando-o entre as paredes de seu controle. Família, amigos, vizinhos, bairro, cidade, estado, país, igreja, trabalho, homem, mulher, etc., ou seja, cada um dos olhos que lhe cerca é uma linha que amarra e conduz cada um de seus braços e pernas no palco do teatro de bonecos da vida. Os olhos são a janela da sua alma, porém, reprimem as alheias.

OS OLHARES

Os olhos repressores estão em toda as partes e já podemos vê-los em algumas histórias já contadas aqui. É o vigia que reprime crianças porque a bola acertou o muro da empresa, a diretora da escola que não vê valor na expressão artística de uma criança, o supervisor que te encara ao retaliar sua luta, o juiz que atende a interesses de empresas, entre outros. Esses olhares machucam, inibem, assediam e violam.

- Boca carnuda.

Ela é necessária e perigosa, lasciva e atroz, maliciosa e mordaz, a parte mais ameaçadora do corpo humano. A boca que convence, alicia, negligencia, ludibria, ama e cospe. Principal arma do ser humano contra seus iguais, representa a família, os amigos, a esposa, o marido, o padre, o vendedor. Cada boca que nos cerca pode afagar com sorrisos ou reprovar com o desprezo de um julgamento malicioso. É por onde a paixão pode lhe envolver em beijos quentes, mas também pode ser o caminho da opressão por meio das palavras.

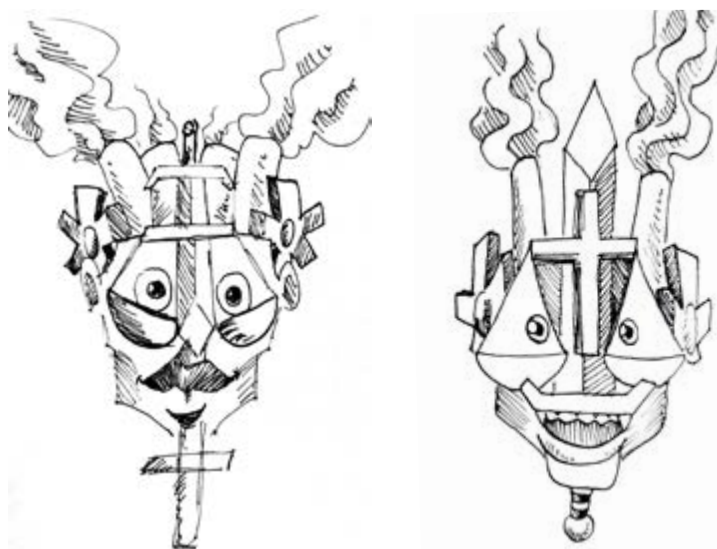
A SALIVA ATROZ

Assim como os olhos, a boca esteve presente nessas histórias. O grito exagerado por conta de uma bola, a bronca descabida por conta de meros desenhos numa roupa, a fala ardilosa para te reprimir, as mentiras eloquentes e compradas de leis que não escolhi, entre outros. Essas falas também machucam, inibem, assediam e violam.

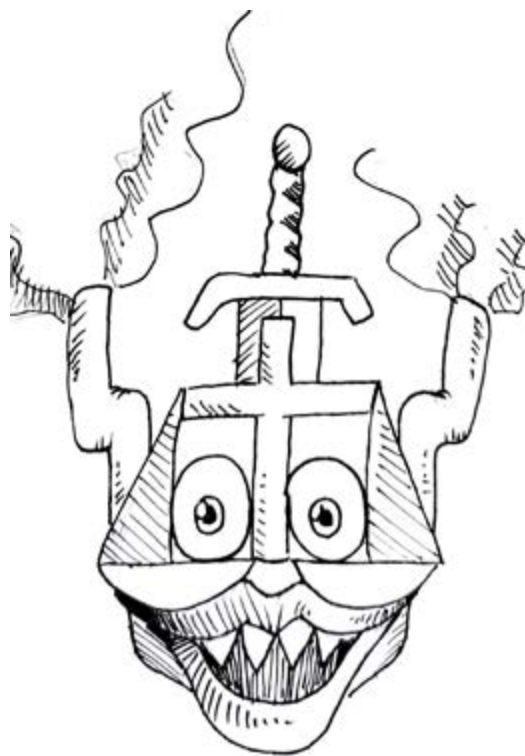
Todos estes elementos têm alguma relação com minha vida. Todo o simbolismo que compõe a união destas partes torna a criatura que controla o personagem da história *UmDon* na síntese da realidade opressora que me cercava antes da minha graduação. Com os elementos e poéticas bem claros foram elaborados alguns rascunhos para sintetizar o ente que aprisiona o protagonista naquela realidade mecanicista (Figuras 41 e 42). Após algumas tentativas e não satisfeito com as duas primeiras versões, chego a um resultado satisfatório da criatura, a âncora do sistema do *UmDon*: o *Monstro do Controle* (Figura 43).

Acriatura foi elaborada para ser um pequeno monstro que sobrevoa a cabeça do *Ser Controlado* e dos indivíduos da história, conduzindo suas ações para se manterem em uma rotina estipulada e dominando seus pensamentos para que não haja uma reflexão imprópria para aquela realidade. A estética do monstro foi pensada para passar um ar de doçura, escondendo suas intenções ao controlar o protagonista do *UmDon*. Por trás dos olhos brilhantes e boca carnuda existe um demônio pronto para atacar caso o sistema que ele serve seja problematizado.

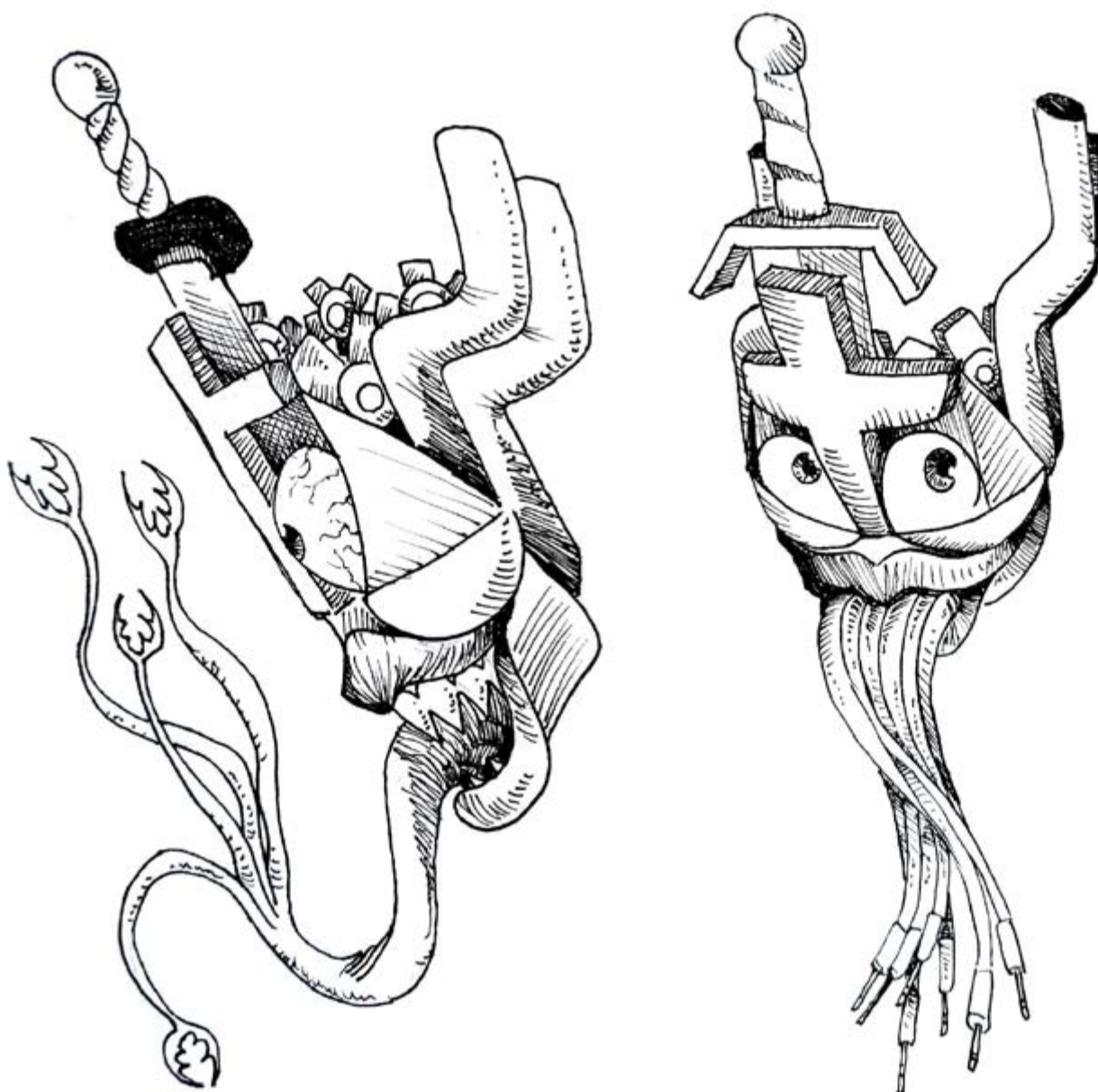
Os fios que se ligam à cabeça do protagonista seriam a língua da criatura e também foram estudados com rascunhos feitos com caneta nanquim tendo alguns resultados estéticos diferentes (Figuras 44 e 45). Inicialmente foi pensado em algo orgânico como tentáculos com dentes para sua língua, mas essa estética deixava-o menos mecânico. Posteriormente, rascunhei a criatura com fios saindo de sua boca e *plug's* semelhantes a entrada P2 ou P3 de fones de ouvido comuns. Nesses exercícios também experimentei posições e ângulos diferentes para poder ir treinando meu traço para o quadrinho *UmDon*.



Figuras 41 e 42 – Primeiras versões do *Monstro do Controle*, 2021. Desenho elaborado com caneta nanquim sobre papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 43 – *Monstro do Controle* versão final, 2021. Desenho elaborado com caneta nanquim sobre papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 44 e 45 – Estudos da língua do *Monstro do Controle*, 2021. Desenho elaborado com caneta nanquim sobre papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Mesmo com essas experiências estéticas, a melhor escolha para ser a língua da criatura foi a de fios encaracolados de telefones dos anos 1980 e 1990, representação que se aproxima dos rascunhos encontrados no caderno da graduação e retratam o aparelho de atendimento que era utilizado no *callcenter*, visto em uma passagem anterior de um diário. Essa fisionomia do monstro se liga à década em que nasci e cresci, assim como se liga a esse aparelho que tanto usei em um emprego que me marcou muito negativamente, o que potencializa a representação poética da criatura no quadrinho. O *Monstro do Controle* vive voraz e atroz em sua representação definitiva (Figura 46).



Figura 46 – *Monstro do Controle*, 2021. Desenho elaborado com lápis 6B e caneta nanquim sobre papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

A expansão do Ser Árvore: em busca de ser a floresta

Compreendendo os seres antagônicos que dominam a história em quadrinhos *UmDon*, o enredo necessitava de uma reflexão acerca da atuação do *Ser Árvore* no seio de *Gaia* para assim criar a conclusão de toda a trama. Essa entidade poética representa a minha transformação por meio da formação na graduação em Artes Visuais da FAV/UFG, ocorrida entre os anos de 2008 e 2011, contudo, desse momento até os dias de hoje existem mais de dez anos de uma vida que germinou e frutificou. É o momento de olhar para minha trajetória como artista, pesquisador e professor.

Como visto na introdução deste texto, em 2013 tornei-me professor no Instituto Tecnológico em Artes de Goiás Basileu França. Foi nessa instituição de ensino que o *Ser Árvore* começou a sua ramificação, onde seus galhos foram se estendendo por distâncias maiores e cobrindo uma vasta área com a sombra de suas folhas. Concomitante a esse momento, entre os anos de 2014 e 2016, realizei meu mestrado no PPGACV sendo um pesquisador vinculado à linha B – Poéticas Artísticas e Processos de Criação, sob a orientação da professora Eliane Chaud. Foi um processo amplificador da coletividade em meu fazer artístico, onde me encontrei com outros seres promotores da conexão com a Terra, me ensinando a vivenciar de maneira mais intensa a troca, o respeito e a defesa de ideais.

Toda essa experiência culminou na minha entrada no curso de licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no ano de 2018, onde ramifiquei a prática do *Ser Árvore* e passei a atuar em uma região que agrega dois estados: Tocantins e Goiás. São abarcadas pela atuação do curso a cidade de Arraias, onde o campus da UFT é instalado, e locais como: Teresina de Goiás, São Jorge, Alto Paraíso, Cavalcante, Campos Belos, Monte Alegre, Aurora, Rio da Conceição, Natividade, Paranã, Lavandeira, Combinado, entre outras, incluindo comunidades camponesas, quilombolas e indígenas da região. Todas as cidades e comunidades fazem parte da ação operacional do curso, seja agregando os alunos no campus ou com a atuação dos docentes nos locais de origem dos estudantes.

A Educação do Campo nasceu de experiências camponesas e lutas sociais que reivindicam direitos de igualdade perante a sociedade e os grandes centros urbanos, compreendendo que os sujeitos camponeses precisam de uma educação qualificada que respeite a agricultura familiar e sua cultura (Oliveira; Campos, 2012). Integrar pequenos agricultores e as comunidades mais isoladas, incluindo os quilombolas e indígenas, é uma política de inclusão de um povo que normalmente é marginalizado, não apenas levando educação e formação para essas pessoas, mas também aproximando seus costumes e cultura das sociedades dos médios e grandes centros.

Um dos pilares do curso de Educação do Campo é justamente o desenvolvimento sustentável, fortalecendo as práticas locais e trazendo uma reflexão advinda dessas comunidades para contribuir em outras, valorizando e atuando próximo às questões ambientais em nosso mundo (Silva, 2012).

O entrelace desses caminhos foi o meu crescimento como entidade protetora de *Gaia*, atuando por meio da arte para ramificar os conceitos sobre coletivo, relação com o outro e a partilha do pensamento. Com isso, as práticas artísticas coletivas e o compartilhamento das proposições do projeto *Simbiose*, que aprofundamos na introdução desta tese, se ramificaram de maneira muito potente chegando a lugares impensados nos primórdios das ações. Todo esse desenvolvimento do *Don* sendo a árvore que cresce no mundo produzindo solos férteis, frutificando novos paradigmas de uma consciência ambiental, coletiva e artística por intermédio de seus alunos e, conseqüentemente, da população das cidades abraçadas pelo curso de Educação do Campo da UFT, foram a inspiração para o fechamento da trama do *UmDon*. Esses discentes se formarão novos artistas professores, atuarão em outros locais e instituições de ensino, ramificando os conceitos abordados pela prática do *Ser Árvore*.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

*Ser para servir
servir para viver
viver para ser árvore.
(Nicolas Behr)¹²*



¹² Poema retirado da página 29 do livro *Iniciação à dendrolatria* (2006) de Nicolas Behr.

Todo esse ciclo apresenta o ser que se enraíza no útero de *Gaia* e estende seus galhos, realizando a tão almejada conexão com o planeta. Pensando nessas questões elaborei o rascunho do que seria a evolução da entidade poética, onde suas raízes penetram ideias e seus galhos se abrem amplificando os conceitos do que é ser a árvore no mundo (Figura 47).

A partir de toda essa vivência e transformação no útero de *Gaia*, o que fazer? Multiplicar-se! Portanto, o *Ser Árvore* produz frutos, deles vêm as sementes que germinam novos *Seres Árvore*. Eles crescem e produzem novos frutos, alimentando um ciclo de evolução e reconexão com o planeta. O final do quadrinho *UmDon* está bem delineado com esta reflexão, onde nos conectamos com o *Don* do presente. Contudo, como será ele no futuro? O que se forma com o surgimento dos *Seres Árvore*?

Trazendo todo esse caminho de memorar e criar para um período mais recente, no ano de 2021 adentro novamente para o PPGACV realizando este processo de doutoramento vinculado à mesma linha de pesquisa do mestrado. Todas as disciplinas do programa foram importantes no desenvolvimento desta pesquisa, contudo, uma delas trouxe desdobramentos e experimentações mais profundas para esta tese: a disciplina *Tópicos Especiais – Linha B: Ateliê de Metodologia de Pesquisa em Poéticas Artísticas*, ministrada pela docente e orientadora desta tese Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, e pela professora da

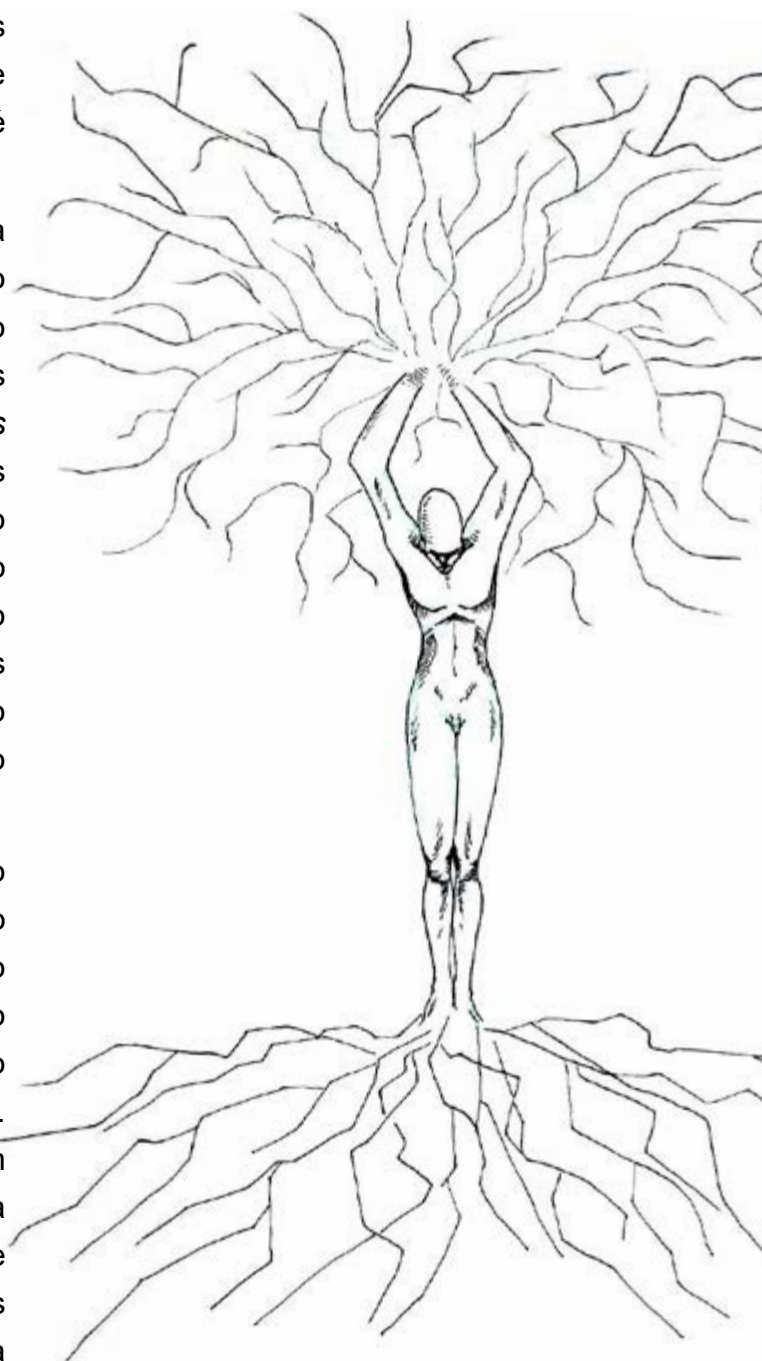


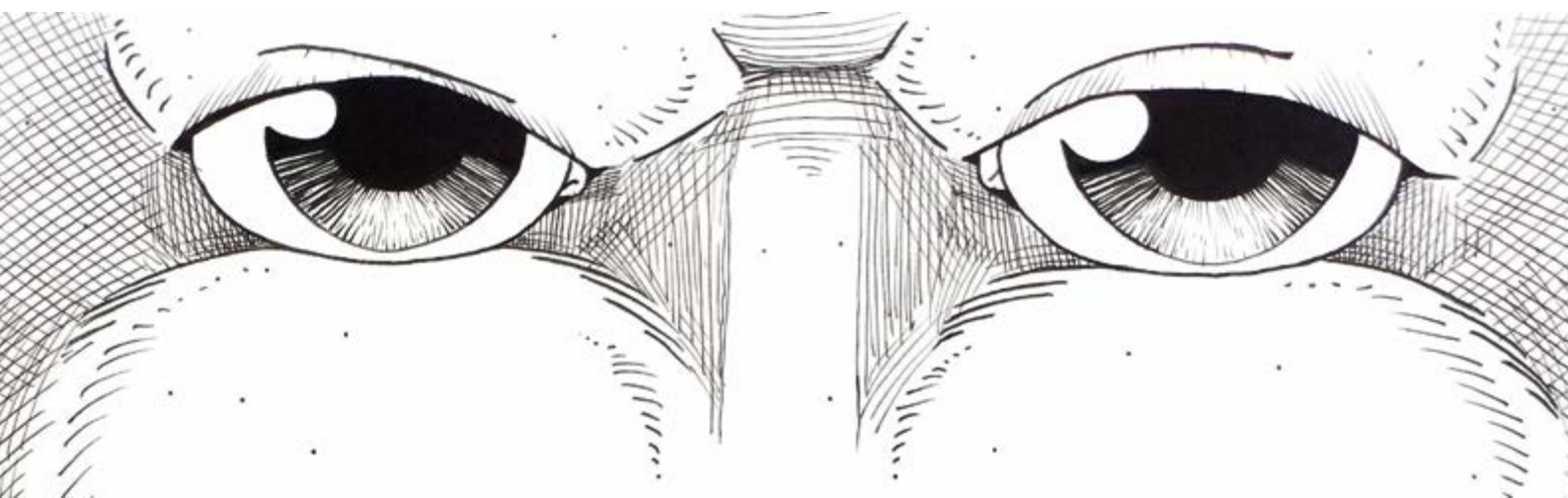
Figura 47 – Rascunho para a representação de conexão do *Ser Árvore* com *Gaia*, 2022. Desenho elaborado com caneta nanquim sobre papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Universidade de Brasília (UNB) e na época pós-doutoranda no PPGACV, Denise Moraes Cavalcante. Em um momento de estudo dos projetos da turma, a professora Manoela nos instigou com o seguinte questionamento: “O que você quer com a sua pesquisa”? Assim como no passado, a professora estimulou uma reflexão profunda que iluminou meu entendimento. O que quero ser atuando como a entidade poética *Ser Árvore*? Anseio ser floresta!

Ser sozinho no mundo em que vivemos não é eficaz. Portanto, não basta realizar a transmutação e passar a ser uma árvore na sociedade que convivo. É preciso que essas ações reverberem, se multipliquem.

Quanto menos integrada a árvore estiver numa comunidade, mais perigo correrá. Os espécimes solitários, que ficam expostos à névoa e ao frio, sucumbem com muito mais frequência do que os bem relacionados que habitam a floresta fechada, que podem se apoiar nos vizinhos (Wohlleben, 2017, p. 143).

E este é justamente o ponto de escolha da árvore como elemento de hibridização poética para esta pesquisa. É buscar inspiração nelas enquanto seres coletivos e sociais. Uma árvore sozinha não segura a tempestade, a chuva amolece a terra entre suas raízes, os ventos a balançam e os raios a queimam, mesmo resistindo haverá uma hora que ela cairá. Várias árvores podem ser chacoalhadas por uma tempestade, porém, juntas, elas mantêm firme a floresta. Posto isso, o que se forma com o surgimento dos *Seres Árvores* é o *Ser Floresta*, a união de vários entes onde tudo é um e um é tudo. A representação visual de ser a floresta é a junção das várias entidades poéticas que surgem da minha ação multiplicadora por meio dos meus alunos e pessoas que se integram de alguma forma às ações desses coletivos. O final do quadrinho *UmDon* já estava bem delimitado e, com essa reflexão, compreendido em sua totalidade. Parte do meu percurso de vida está traçado no enredo de maneira poética e subjetiva, pronto para surgir visualmente como produção artística materializada.



BROTAR:

UMDON TOMA

FORMA



O mergulho no ato de memorar trouxe à tona os elementos que me constituem enquanto ser vivente no útero de Gaia. Memórias, histórias, relações, signos, vestígios e traços prepararam o solo para a semente germinar e iniciar seu brotamento. No rebento da criação estabeleci minha base para poder seguir e assim encontrar minhas raízes na poética do fazer artístico. Este foi o momento necessário para cultivar esse caminho semeado pelo ato autobiográfico, mas que se constituiu num gesto criativo, artístico e autoral pelas composições dos rascunhos, experimentações e que deu forma ao quadrinho *UmDon*. A poética foi elemento fundamental nesse momento para a prática de fazer a vida na arte. Ela fecundou e germinou sobre o papel as experiências de um *Don* artista que busca conexões críticas e poéticas com sua própria história.

Caminhos do fazer: as experimentações do UmDon

Delimitados todos os elementos, sinopse, personagens e ambientes, o desenvolvimento deste universo gritava por surgir no papel para ganhar vida própria. Antes de adentrar na versão final, conceitos e ideias da história do quadrinho *UmDon* foram experimentados em exercícios de diferentes disciplinas do PPGACV. A primeira experiência aconteceu na já mencionada disciplina ofertada pelas professoras Manoela e Denise, onde foi realizada uma oficina sobre Fanzines com o professor convidado Gazy Andraus, resultando no conto *Transmutação* (Figuras 48 a 52). Essa breve história apresenta, de maneira poética e em poucos quadros, uma síntese do que viria a ser o enredo do *UmDon*, mostrando meu nascimento, crescimento, morte, transmutação em *Ser Árvore* e multiplicação.



Figura 48 – Capa do zine *Transmutação*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta esferográfica e caneta nanquim sobre papel sulfite 14x10cm. Fonte: arquivo pessoal.

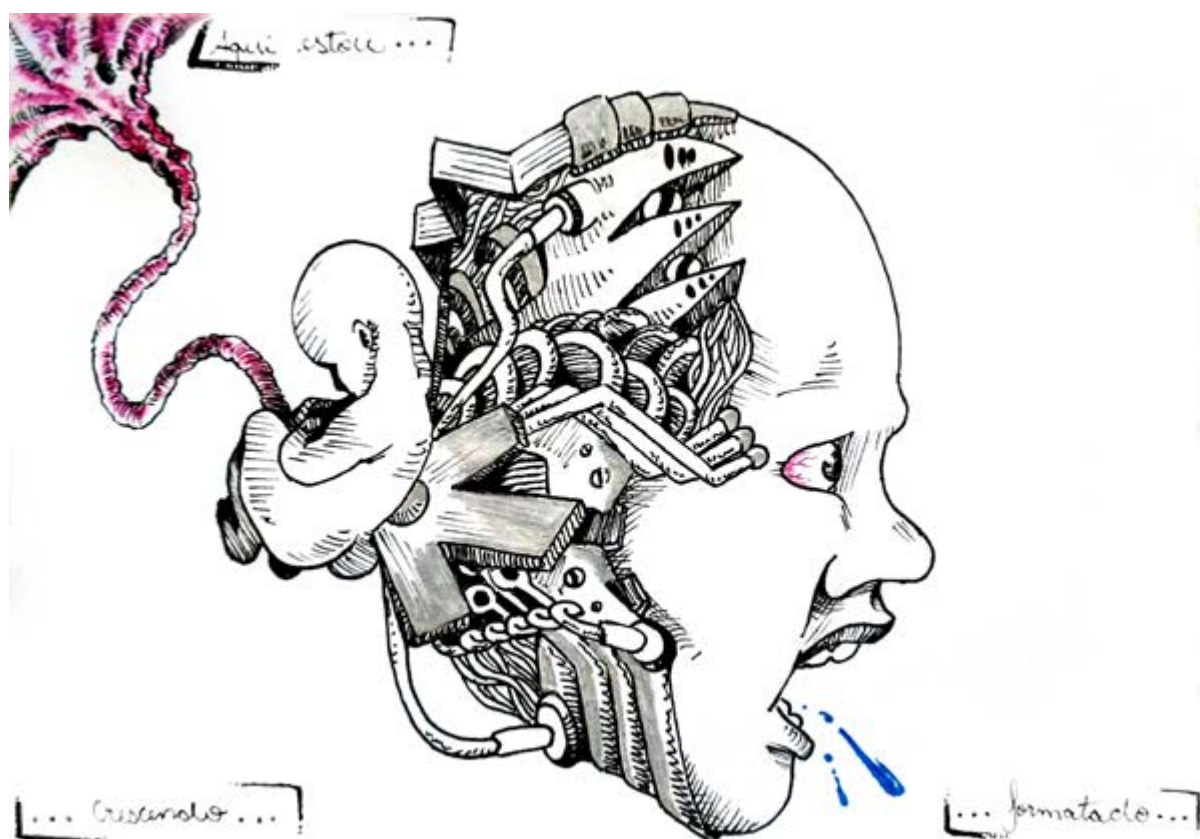


Figura 49 – Páginas 1 e 2 do zine *Transmutação*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta esferográfica e caneta nanquim sobre papel sulfite 14x10cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 50 – Páginas 3 e 4 do zine *Transmutação*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta esferográfica e caneta nanquim sobre papel sulfite 14x10cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 51 – Páginas 5 e 6 do zine *Transmutação*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta esferográfica e caneta nanquim sobre papel sulfite 14x10cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 52 – Contracapa do zine *Transmutação*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta esferográfica e caneta nanquim sobre papel sulfite 14x10cm. Fonte: arquivo pessoal.

Outro exercício ocorreu ainda na mesma disciplina, uma oficina ministrada pelo professor Flávio Gomes de Oliveira envolvendo experiências e processos de criação por meio de animação em *stop motion*¹³ com uso de bonecos. Desta forma, surgiu um curta animado que apresenta um ser humano sendo controlado pelo *Monstro do Controle*, vídeo que encaminhou mais um passo na experimentação do universo *UmDon* (Figura 53)¹⁴. Para a animação foram criados bonecos bidimensionais com desenhos. A movimentação e mudança de expressões ocorreram por meio de diversos olhos, bocas, fumaça, engrenagens e tentáculos que eram mudados de posição e/ou substituídos conforme as fotografias eram executadas. Foram realizadas mais de cem fotografias para um produto final de pouco mais de trinta segundos de animação.



Figura 53 – Frame da animação em Stop Motion sobre o universo *UmDon*, 2021. Elaborado com fotografias de bonecos bidimensionais em papel sulfite realizados caneta nanquim e lápis de cor. Fonte: arquivo pessoal.

¹³ Técnica de animação que utiliza sequências fotográficas de pequenos movimentos de objetos ou figuras inanimadas para simular seu movimento.

¹⁴ Para assistir à animação experimental sobre o universo ficcional do “UmDon” elaborado para a disciplina Tópicos Especiais – Linha B: Ateliê de Metodologia de Pesquisa em Poéticas Artísticas, visite o site: <https://www.youtube.com/watch?v=K0unA46R884>. Acesso em: janeiro de 2023.

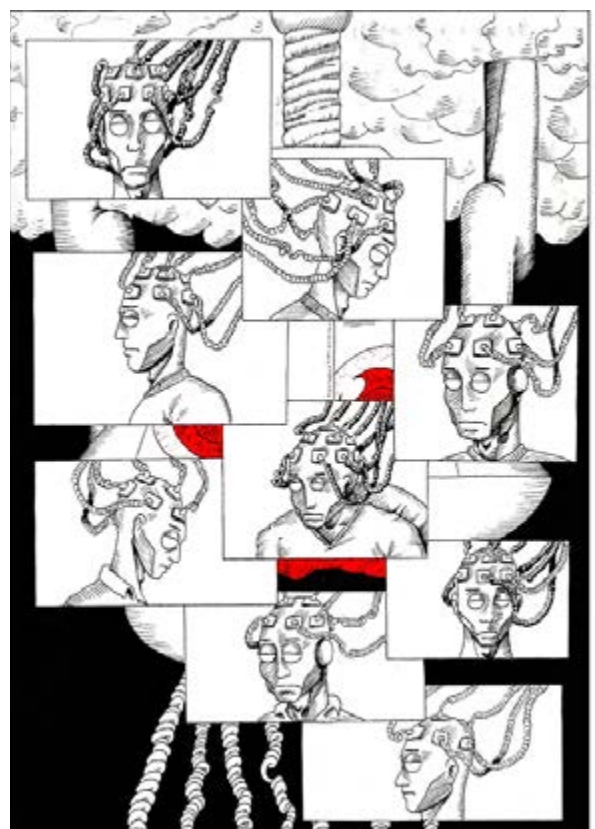
Houve um exercício experimental que ocorreu na disciplina *Tópicos Especiais – Linha B: Artesines: Zines, Fanzines e Biograficzines como Expressão Criativa e Artístico-Autoral*, ministrada pelo professor Gazy Andraus. Nela, fomos apresentados ao universo do fanzinato e como esse movimento potencializa a produção artística. Nessa liberdade criativa surgiu mais uma experiência: o zine *UmDon* (Figuras 54 a 69). O foco desse conto é o mundo mecanizado onde o *Ser Controlado* é conduzido pelo *Monstro do Controle* e o desenvolvimento de como acontece a sua libertação da opressão sistêmica que o cerca. Nessa produção não temos o surgimento da entidade poética *Ser Árvore*, experimentando um final diferente com uma metáfora para a libertação da mente. Toda a arte foi digitalizada tendo um leve tratamento de cores no programa *Photoshop*, onde também foi aplicado o texto e onomatopeias.



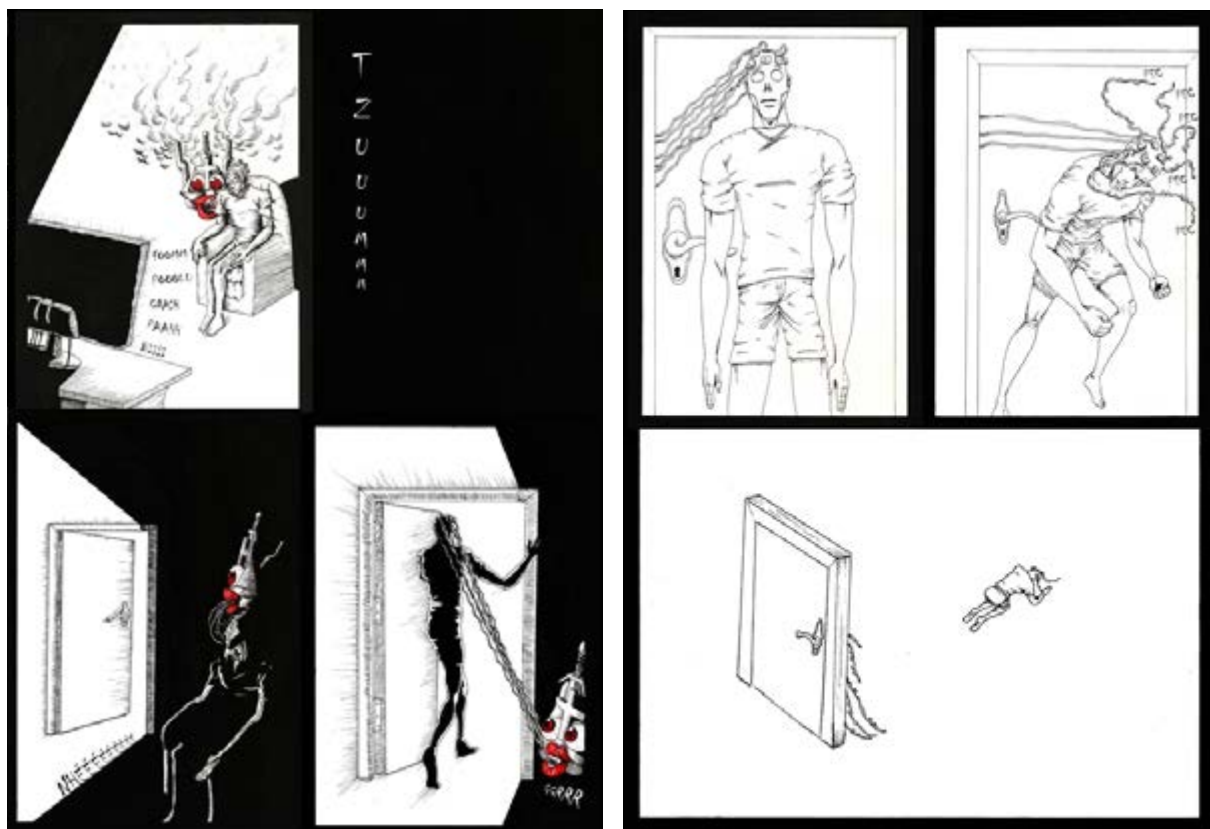
Figuras 54 e 55 – Capa e página 1 do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



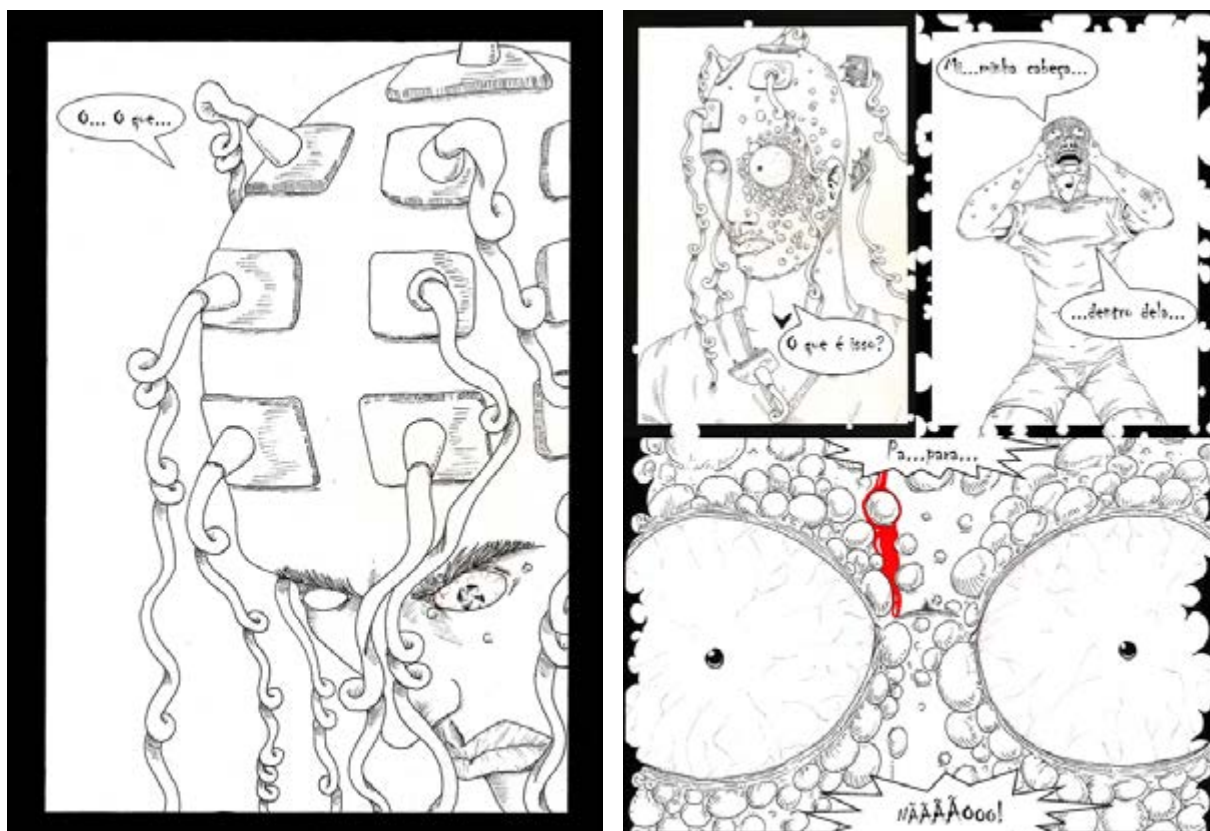
Figuras 56 e 57 – Páginas 2 e 3 do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 58 e 59 – Páginas 4 e 5 do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



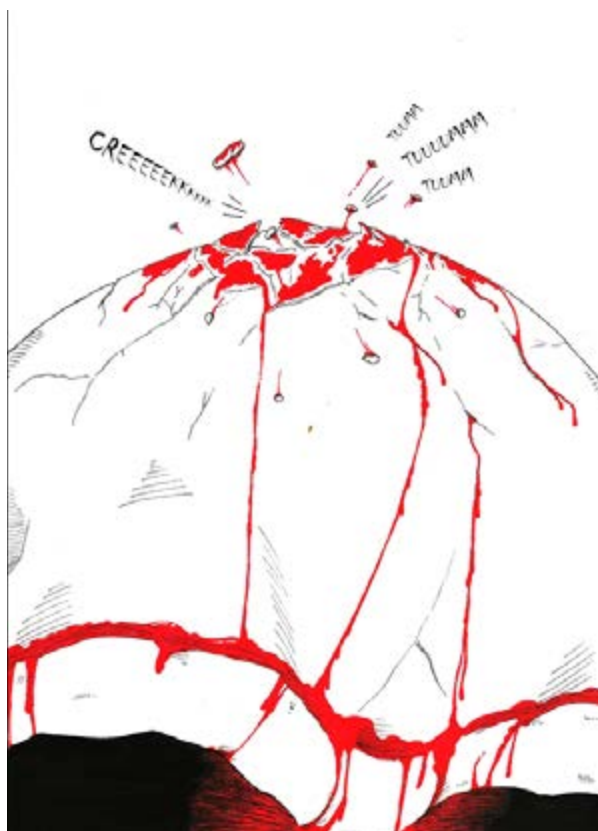
Figuras 60 e 61 – Páginas 6 e 7 do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 62 e 63 – Páginas 8 e 9 do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 64 e 65 – Páginas 10 e 11 do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 66 e 67 – Páginas 12 e 13 do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



A realidade do *Umdon* mostra os seres humanos ligados a uma entidade estranha, que sobrevoa a cabeça destes sujeitos com tentáculos circulares que se conectam à cabeça deles. Esta entidade se une a cada ser humano em seu nascimento, ampliando o contato com a mente do sujeito com o passar dos anos. Na fase adulta, a pessoa segue uma rotina pacífica: acorda cedo, vai até o local de trabalho, executa suas funções, retorna para sua casa e descansa em frente à sua televisão no fim do dia. O *Umdon* é tranquilo e bem controlado, seguindo normas que ajudam o ser humano no caminho da ordem e do progresso. Nunca houve qualquer desordem neste universo. Até que...

Figuras 68 e 69 – Página 14 e contracapa do zine *UmDon*, 2021. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, hidrocor vermelha e nanquim líquido em papel Canson 29x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Voltando à disciplina *Tópicos Especiais – Linha B: Ateliê de Metodologia de Pesquisa em Poéticas Artísticas*, o último exercício que trouxe uma experimentação para o fazer artístico desta pesquisa foi a oficina ministrada pelo professor Edgar Silveira Franco, abordando a criação de universos ficcionais. Aproveitando o ensejo, desenvolvi o esqueleto do roteiro que estruturou o caminho do quadrinho. Por ser um processo que usa o autobiográfico como base para a criatividade e estímulo do fazer, trazendo essa singularidade em sua elaboração, cada ato do *UmDon* representa um momento de minha vida. O texto foi elaborado trazendo os pensamentos do personagem principal como o narrador de todo o enredo, ele é quem nos conta a história e se encarrega de conduzir os leitores nesse mundo. O roteiro foi dividido em cinco atos:

- Ato I: Gênese;

É uma introdução ao universo cósmico, a vida de *Gaia* e ao personagem que me representa na história. Não está relacionado a um momento específico de minha trajetória, contudo, tece relações com os conceitos poéticos que me conduzem até os dias de hoje e resume meu crescimento enquanto um jovem em nosso mundo. Na infância, menos amarras e mais sorrisos. Com o passar do tempo, mais amarras e menos sorrisos. Desde cedo você é educado para trabalhar e se encaixar nesse contexto.

- Ato II: A vida de um *Don*;

Conhecemos a vida do protagonista nesse mundo, mostrando sua rotina em um sistema mecanizado e capitalista. Representa o interstício entre 2004 e 2007, período em que saí de Luís Eduardo Magalhães – BA, e me mudei para Goiânia – GO. Morando de favor na casa de uma tia, consegui um emprego em uma grande rede de telefonia móvel como atendente de *Callcenter* e, nas horas vagas, estudava para me preparar para os vestibulares que surgiam. O tempo foi passando e o ingresso na universidade não vinha. Ao sair da casa de minha tia e ir morar sozinho, criei uma dependência daquele emprego que não queria ter e fui ficando naquele lugar como mofo em paredes úmidas. A esperança de uma mudança de vida foi sendo corroída pela necessidade de trabalhar e ter um sustento, cada vez mais necessitado do capital daquele espaço. Quando menos percebi, estava eu preso naquela rotina de acordar, pegar ônibus, trabalhar, pegar ônibus novamente e sentar em frente a uma televisão. A rotina que vemos do personagem no quadrinho neste ato é a mesma que tive por alguns anos.

- Ato III: Nova Gênese;

O controle da criatura impera na vida do personagem, mas uma fenda na realidade daquele mundo para tirá-lo dessa mecanicidade. Representa meu caminho na universidade, entre os anos de 2008 e 2011. A porta que se abre para o personagem e provoca uma virada na história do *UmDon* é o meu ingresso no curso de Artes Visuais da FAV/UFG, processo que mudou minha vida de todas as formas possíveis. Na FAV eu cresci, aprendi a refletir sobre minhas questões e do mundo que me cerca, pude me expressar melhor artisticamente, ter um olhar mais observador e analítico. Como o personagem no quadrinho, rasguei minhas convicções abrindo espaço para outros pensamentos. Assim me transmutei em outro *Don*, representado no enredo deste fazer artístico pelo *Ser Árvore*.

- Ato IV: Reconexão;

O novo ser compreende sua situação na nova realidade e qual seu papel no útero de *Gaia*. O *Ser Árvore* usa a arte como meio de transformação atuando no sistema mecanizado ao qual ele pertenceu. No ato está simbolizado as minhas atuações como artista, pesquisador e professor entre os anos de 2011 e 2019. Passando pelas minhas formações, as atuações docentes e ações realizadas como artista em diversos locais, sintetizam minha evolução nas Artes Visuais e como ser conectado com o planeta Terra. São as ligações críticas e poéticas entre as esferas pessoais e sociais de meu fazer artístico representadas nas conexões do personagem. É a realidade que me moveu e continua me impulsionando para viver em nosso mundo.

- Ato V: Novo Ser.

Atormentado pelas sequelas e dores do sistema opressor que o enclausurou, o *Ser Árvore* sofre. Contudo, compreendendo o poder da partilha e do coletivo, ele consegue ter as sementes para se multiplicar na nova realidade. Desta forma, germinam outros *Seres Árvores* que se unem ao personagem principal da história, evoluindo numa nova entidade poética que muda o ambiente: o *Ser Floresta*. Retrata um passado recente, de 2020 até os dias de hoje, onde dificuldades com doenças, trabalho, estudos e outras relações me colocaram diante da reflexão sobre minha condição como *Ser Árvore* nesse sistema em vivemos. O medo de não conseguir ou mesmo de não querer mais nada nesse mundo me aflige. Estou a titubear por meu caminho. Portanto, buscar novos sentidos naquilo que faço ou farei está sendo o desafio. Contudo, nesse ato também há um desejo de futuro. Seguir em frente, me alimentar dos frutos das ações coletivas e vislumbrar novos lugares, novas formas de atuação. Esse é o trecho do quadrinho que não há vínculos a momentos específicos da minha autobiografia, mas sim a um desejo de semear a mudança para o futuro.

O universo poético apresentado no exercício conduzido pelo professor Edgar Franco é a história de um rapaz que entra num curso de Artes Visuais e é transformado por ele, constitui-se um artista e envereda pelo campo do ensino, vibrando nesses dois lugares. A ressonância desse movimento é tão intensa que o fazer se funde com o ensinar, o pessoal se simbiotiza com o coletivo, repousando o artista, pesquisador e professor no encontro poético com a entidade *Ser Árvore*. Ambas as experimentações nas disciplinas apresentadas serviram como base para estruturar a criação dos conceitos estéticos e de elaboração narrativa desse universo, alimentando o caminho do fazer do quadrinho *UmDon*. O próximo passo foi emergir do mergulho em um gesto artístico poético.

Nasce o UmDon

Definidos os caminhos do enredo, a visualidade carecia de uma forma. No caminho de toda esta tese de doutorado, por conta de um problema grave de saúde, o fazer artístico se dividiu em dois momentos que tiveram modos de produção diferentes: antes da doença (período até a qualificação) e depois da doença (período pós qualificação)¹⁵. No primeiro momento foram realizados os planejamentos, estruturas, *storyboards*, paginações, o primeiro ato finalizado e a arte da segunda metade do quadrinho. Já no segundo momento, a arte da primeira metade (com exceção do ato I) teve que ser refeita usando um método diferente do usado anteriormente. Devido a

¹⁵ Esclareço sobre a doença mais adiante, falando das simbologias do quadrinho *UmDon*.

problemas motores da minha mão por conta da doença e dos inúmeros remédios que tive que tomar nessa época, os desenhos dessa parte ficaram trêmulos e mal-acabados. Esclareço esse fato no decorrer do texto. Também foram realizadas toda coloração manual, digitalização, tratamento e finalização de todos os atos.

Seguindo pelo primeiro momento, tendo como norte os conceitos estéticos realizados nas produções das disciplinas de doutorado, o primeiro *storyboard* da história do *UmDon* foi elaborado em papel sulfite tamanho A5, onde os esboços experimentaram a paginação, estrutura de quadros e quantidade de páginas (Figura 70). Foram desenhos soltos apenas com o objetivo de compreender o desenvolvimento do enredo visualmente e assim compor a base para um formato maior. Como o quadrinho seria digital, sem a necessidade de impressão, não me preocupei em fixar a quantidade de páginas em múltiplos de quatro, como costumeiramente é feito nas estruturas de quadrinhos para impressão.



Figura 70 – *Storyboard* do quadrinho *UmDon*, 2022. Elaborado com lápis 6B em papel sulfite 21x14cm. Fonte: arquivo pessoal.

Após roteirizar o *storyboard* do quadrinho e delimitar toda sua paginação, o próximo passo foi refazer a história em um formato maior já estruturando a base que seria usada na versão final do *UmDon*. Esse foi o momento em que a primeira metade do quadrinho não ficou satisfatória, pois estava desenvolvendo essa parte da produção no auge da doença. Por quase um ano de tratamento médico e fisioterapia, os problemas motores de minhas mãos foram sendo solucionados. Concomitantemente, meus desenhos foram voltando ao normal e consegui deixar a segunda metade do quadrinho bem-acabada (Figura 71). Cada paginação foi realizada em sua própria folha para que o nanquim dos desenhos e a pintura com os pincéis não interferisse na página seguinte.



Figura 71 – Versão base do quadrinho *UmDon*, 2022. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, Posca preta e lápis de cor em papel ofício 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Após a qualificação, dando continuidade à produção do *UmDon*, revisei essa primeira metade para refazê-la com um traço que me agradasse mais. Inspirado pela exposição que visitei em setembro de 2022 na Vila Cultural Cora Coralina do artista brasileiro Julio Yoshinobu Shimamoto, mais conhecido por seu último nome, refiz essa segunda metade utilizando sua técnica de desenhar os quadros separadamente para poder compor a página do quadrinho (Figura 72). Desta forma, no segundo momento da produção, pude realizar desenhos maiores e com riqueza de detalhes (Figuras 73 a 76), montando as páginas posteriormente com o uso da ferramenta *photoshop* (Figura 77). O resultado final é imensamente superior à versão elaborada no primeiro momento de produção (Figura 78).



Figura 72 – Registros da técnica de Shimamoto para compor a paginação de seus quadrinhos, 2022.

Fonte: Vila Cultural Cora Coralina.

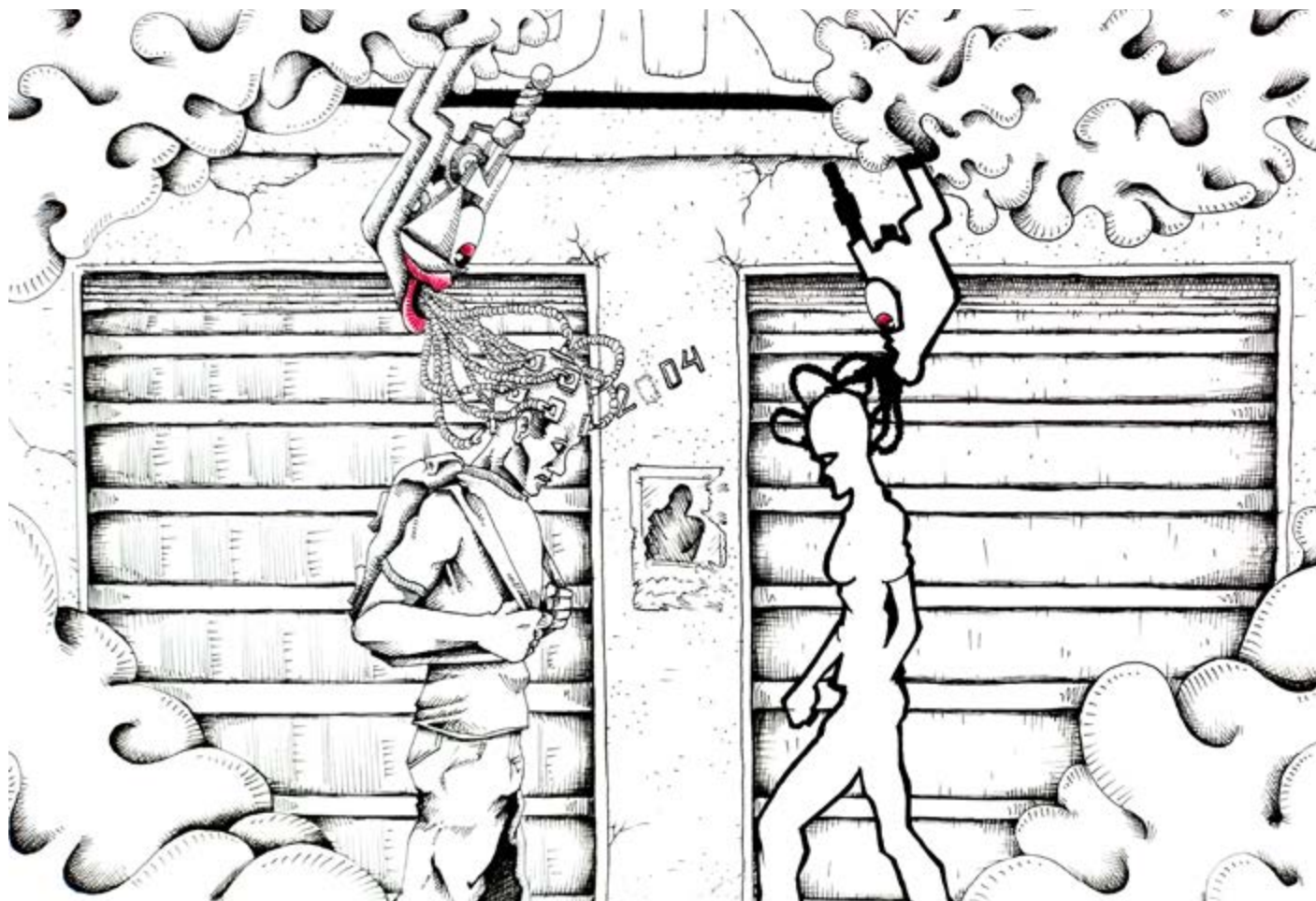


Figura 73 – 1º quadro da página do quadrinho *UmDon*, 2023. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, Posca preta e lápis de cor em papel ofício 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

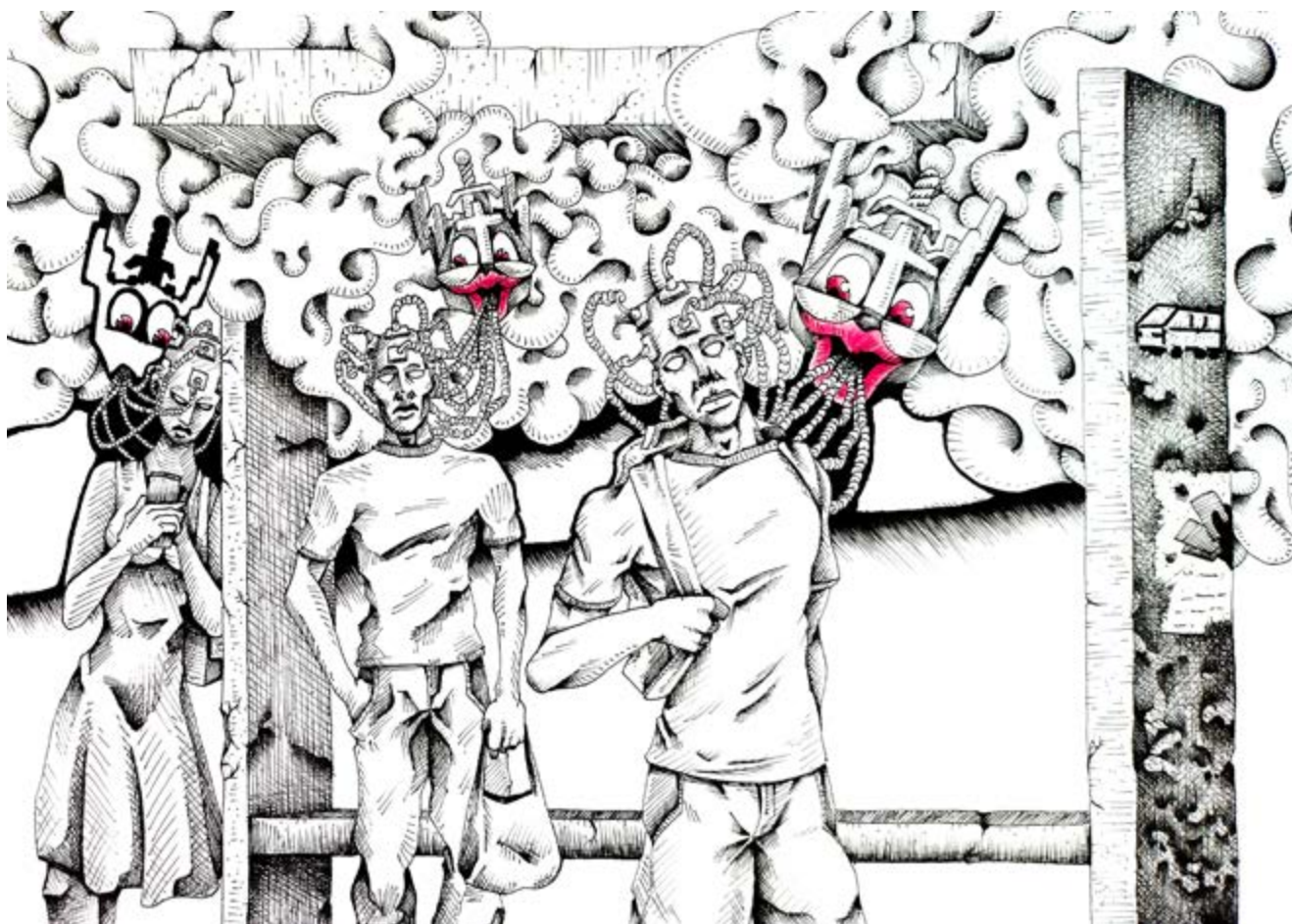


Figura 74 – 2º quadro da página do quadrinho *UmDon*, 2023. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, Posca preta e lápis de cor em papel ofício. Fonte: arquivo pessoal.

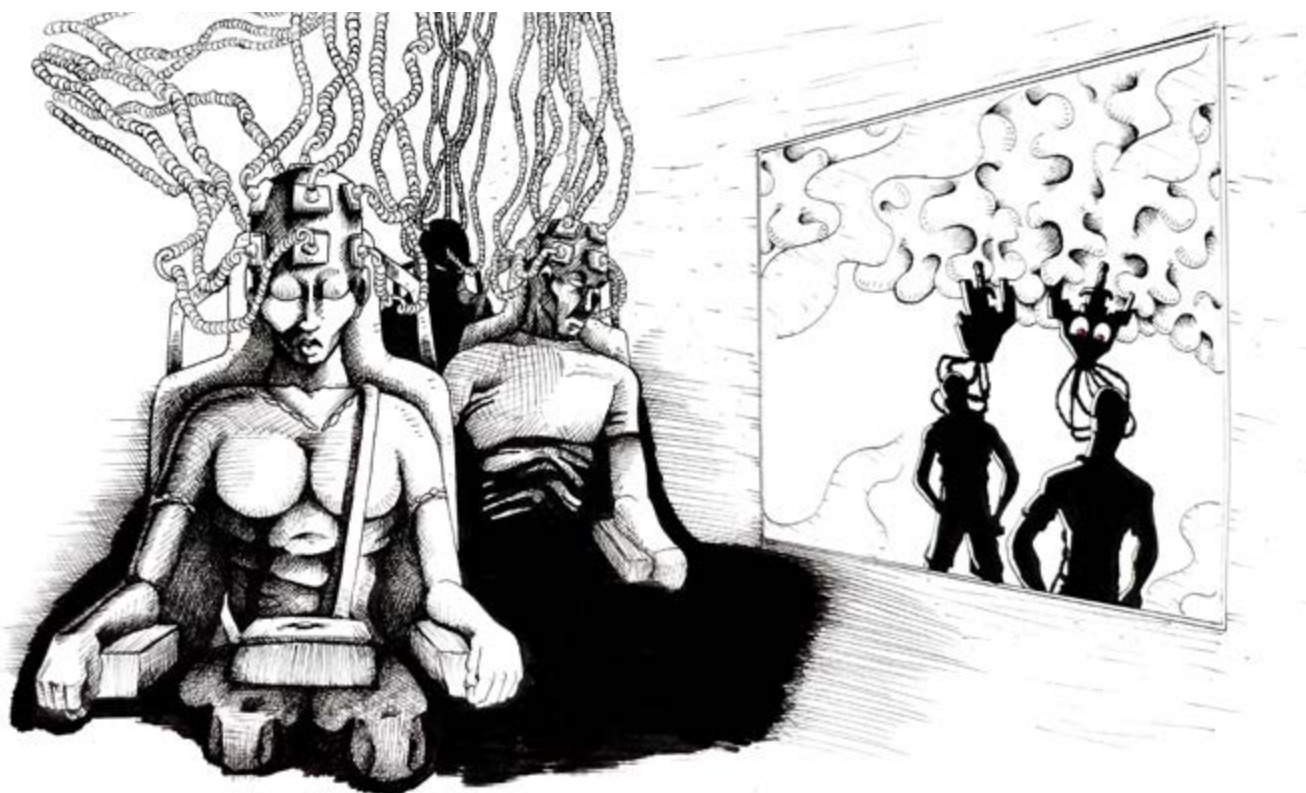


Figura 75 – Parte do 3º quadro da página do quadrinho *UmDon*, 2023. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, Posca preta e lápis de cor em papel ofício 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 76 – Parte do 3º quadro da página do quadrinho *UmDon*, 2023.

Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, Posca preta e lápis de cor em papel ofício 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

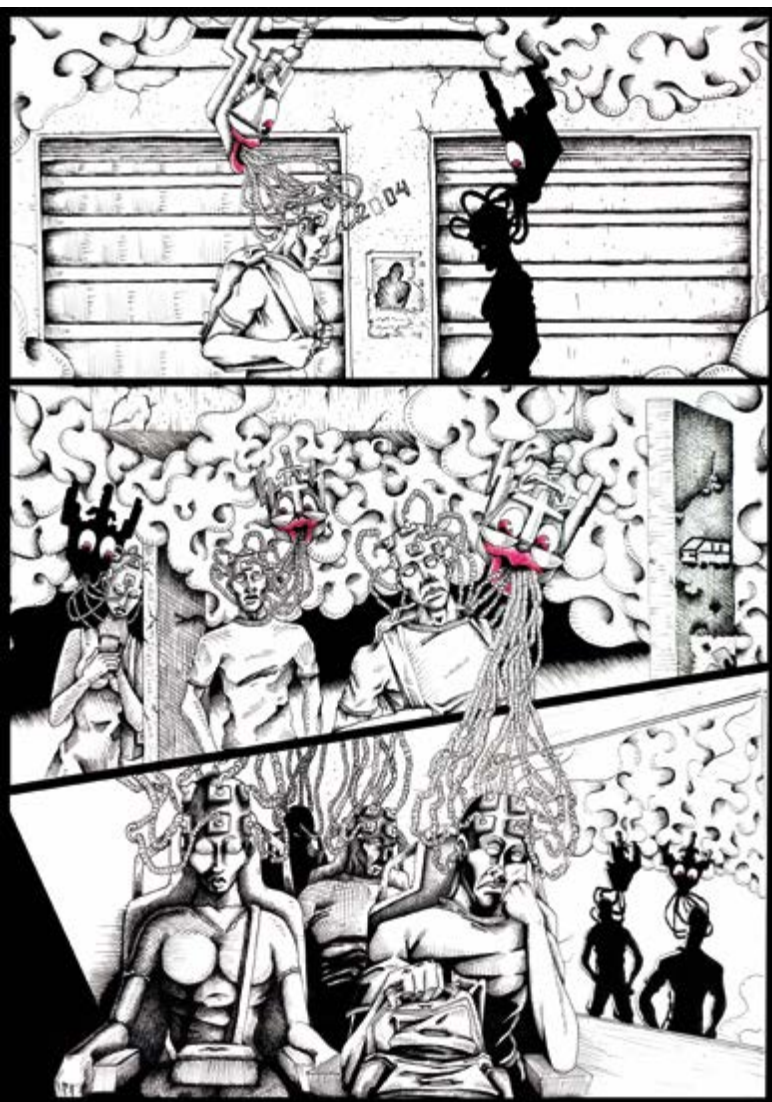


Figura 77 e 78 – Versão final e primeira produção da página do quadrinho *UmDon*, 2024 e 2022. Elaborado com lápis 6B, caneta nanquim, Posca preta e lápis de cor em papel ofício 35x21cm, finalizado com o programa *photoshop*. Fonte: arquivo pessoal.

Outra técnica utilizada no fazer artístico do quadrinho *UmDon* foi inspirada no artista americano Alex Ross, muito conhecido pelo realismo fotográfico em seu trabalho. Para ilustrar poses mais complexas, Ross fotografa modelos para facilitar o estudo de certos movimentos do corpo, iluminação e assim criar suas composições (Figura 79). Para alguns quadros do *UmDon* onde o personagem exigia uma pose mais difícil ou dramática utilizei o mesmo processo, me fotografando para criar os esboços iniciais e posteriormente finalizar os desenhos (Figuras 80, 81 e 82). Por meio do desenho digital é comum os artistas fotografarem determinados objetos, pessoas ou usarem imagens de internet para desenhar por cima da referência em seus *laptops*, utilizando programas específicos para desenhos digitais. Contudo, meu processo remete a um modo mais antigo de produção: desenhar olhando a referência. Não utilizei a fotografia

ou impressão dela para colocar outra folha por cima e ir desenhando, apenas olhei a pose para a elaboração do manequim articulado e posteriormente realizei a arte finalização por cima dessa estrutura. Esse procedimento endereça à minha infância.



Figura 79 – Processos de estudo de Alex Ross. Fonte: <https://www.alexrossart.com/>. Acesso em: outubro de 2024.



Figura 80 – Processo de criação do quadro 3 da página do quadrinho *UmDon*, 2023. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

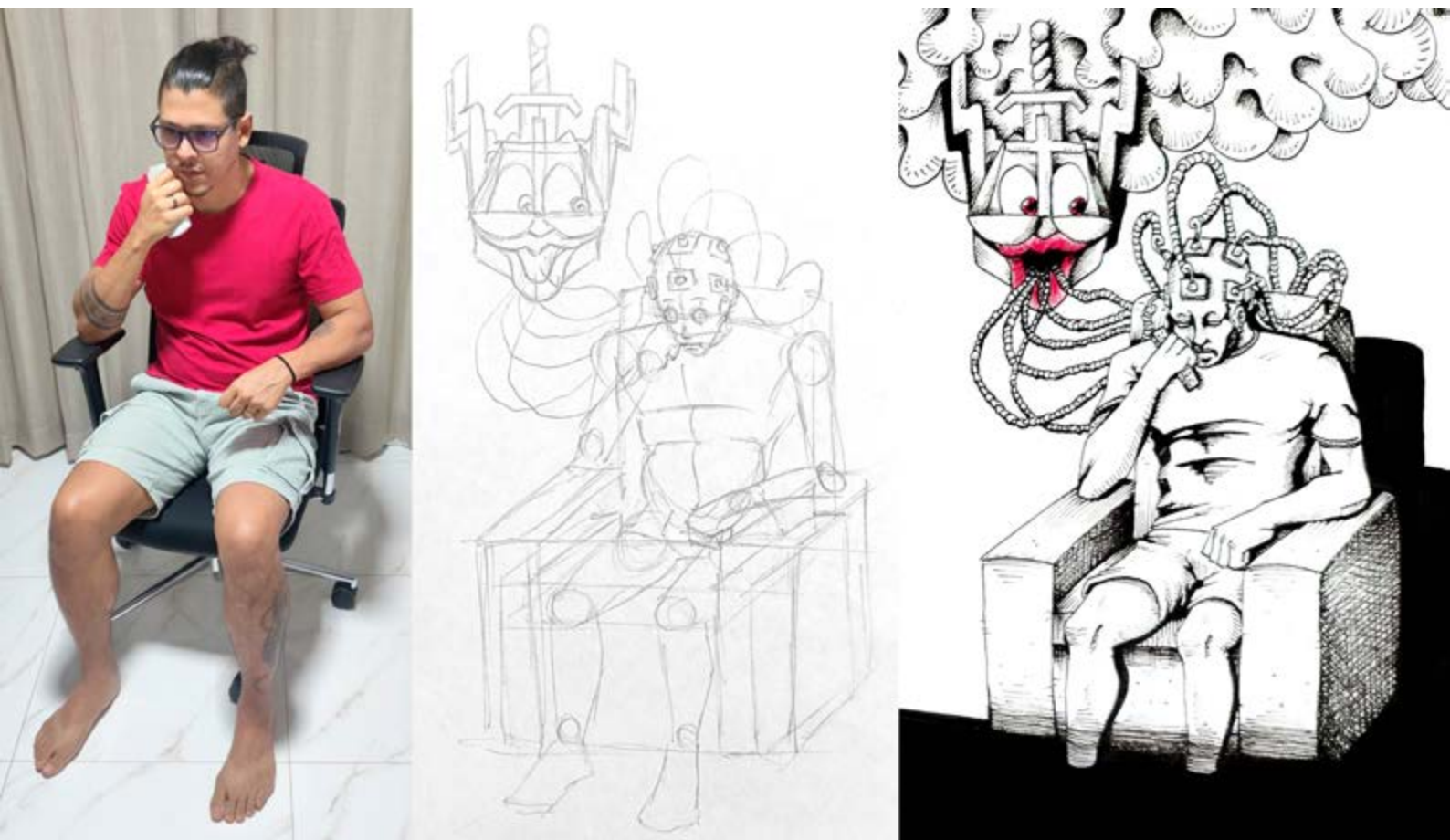


Figura 81 – Processo de criação do quadro 3 da página do quadrinho *UmDon*, 2023. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

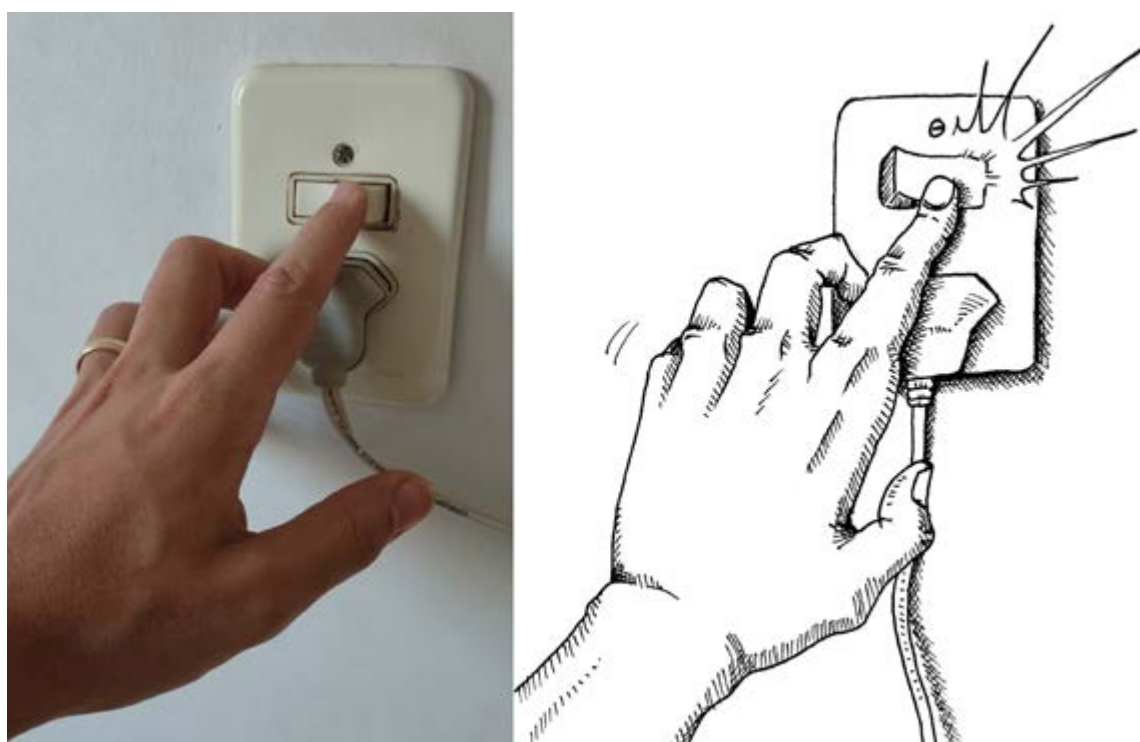


Figura 82 – Processo de criação do quadro 1 da página do quadrinho *UmDon*, 2023. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

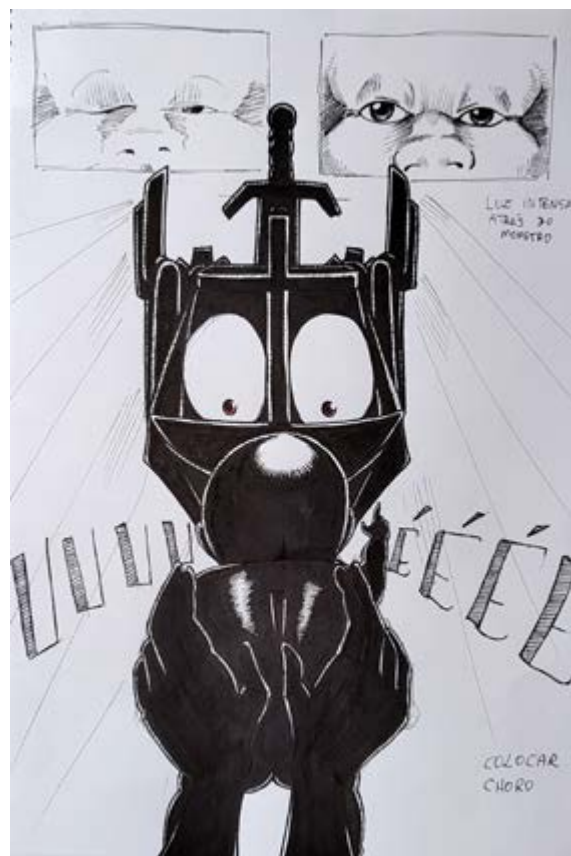
DIÁRIO DO SER ÁRVORE

DESENHAR POR CIMA É ROUBO

Quando era criança e comecei a realizar meus primeiros desenhos não tinha muita habilidade para composições mais complexas. A paixão pela linguagem começou na década de 1990. Lembro de ficar encantado pelo anime *Os Cavaleiros do Zodíaco*, transmitido pela extinta rede de televisão Manchete, e o quanto aquele traço me fascinava. Porém, sem conseguir desenhar o corpo humano, me recordo de desenhar apenas as cabeças dos personagens do anime. O corpo era feito de "palitinhos". Várias batalhas homéricas foram desenhadas dessa forma, com cavaleiros cabeçudinhos lutando com linhas finas que representavam seus corpos. Com o tempo, quis desenvolver mais minha habilidade no desenho e minha mãe me estimulava trazendo papéis carbono usados da empresa em que ela trabalhava. Apesar de não serem novos, ainda conseguia desenhar com eles usando revistas ou livros didáticos que tinham imagens. Quando não havia carbono, usei querosene para deixar a folha sulfite transparente e assim poder realizar as cópias. Papel vegetal? Era caro para nossa condição na época. Copiando desta forma consegui entender melhor as formas e fui aprimorando meu desenho. Quando estava com 13 anos conheci um amigo que morava na mesma rua que eu, chamado Rafaello. Ele era mais velho e desenhava muito bem, acabou se tornando meu mestre. Informalmente, claro. Era alguém em que eu me espelhava para realizar minhas artes. Rafaello elaborava seus desenhos apenas olhando para as referências e me desafiava a fazer o mesmo: "copiar a arte com o papel por cima é fácil, tem que ir além. Senão você não vai desenvolver seu olhar e seu traço". Desde então, passei a me estimular realizando os desenhos apenas observando o que queria desenhar. Com o tempo fui explorando e criando minhas próprias composições a partir desse banco de referências que se estabeleceu em minha mente. Essa frase dele me marca até os dias de hoje. Não consigo ver a possibilidade de realizar um desenho utilizando as imagens ou referência para desenhar por cima, como muitos colegas fazem. Contudo compreendi, aqui nessa escrita para o diário, que fugir desta forma de produção pareceria uma traição àquele ensinamento que tive enquanto menino. Mesmo facilitando meu fazer artístico, "você está roubando", é o que vem à mente.

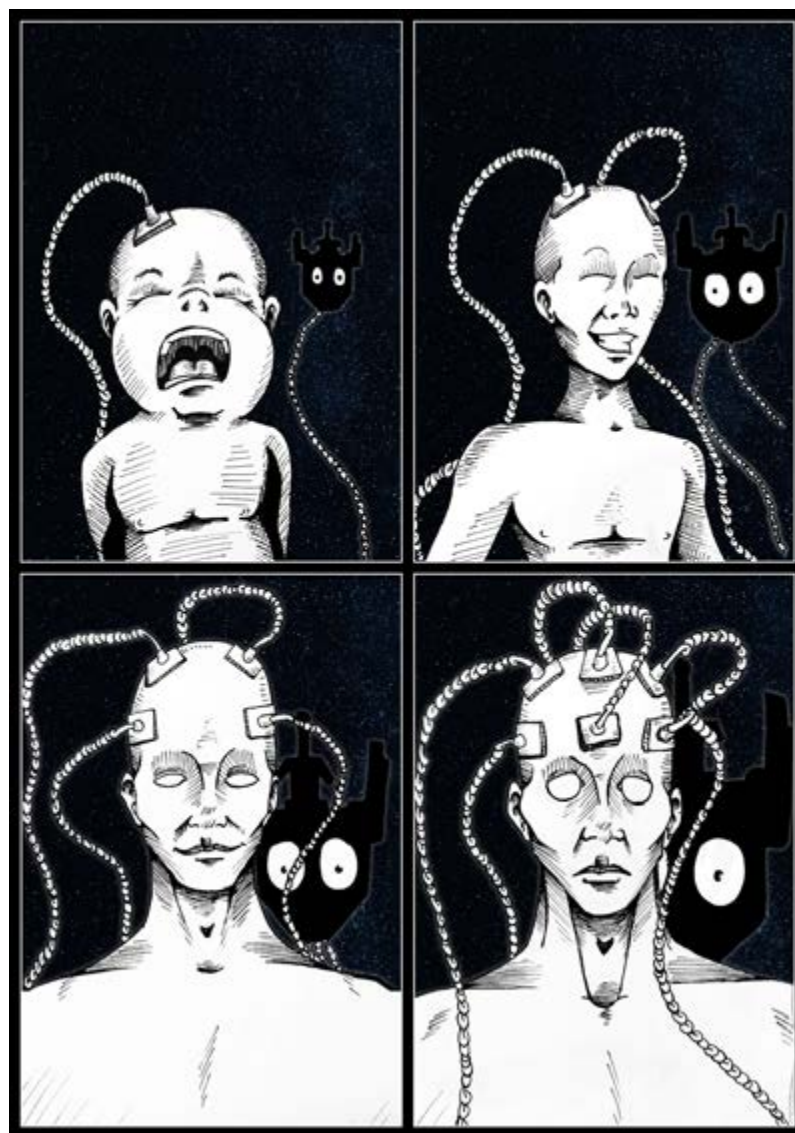
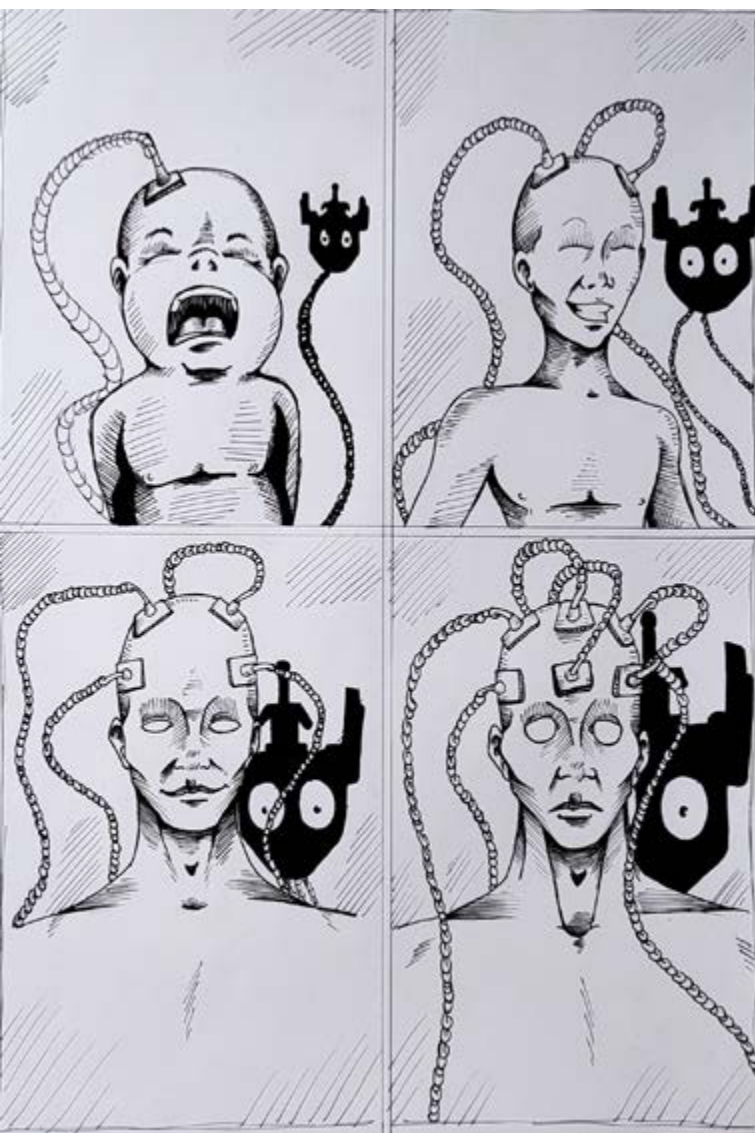
Ao concluir todo o desenvolvimento da parte manual, a versão base do quadrinho foi encadernada e utilizada como matriz das páginas que foram finalizadas no programa *Photoshop*. O uso dessa ferramenta digital ocorreu como complemento da produção realizando ajustes na arte, como: remoção de erros, rebarbas e manchas nos traços; quadros, sarjetas e estruturas refeitas digitalmente; melhoria de cores e iluminação; adição de imagens, preenchimentos, fundos, textos e detalhes extras.

Para a composição da produção artística houve a utilização de imagens prontas de um banco pago, chamado *Freepik*¹⁶. Portanto, imagens como os planetas, fundos estrelados, luzes e floresta foram aplicadas no quadrinho em momentos específicos, se mesclando com os desenhos feitos à mão, tendo um propósito poético que será analisado mais à frente na escrita da tese. Comparando as versões base e final podemos ver a diferença entre as páginas e como a finalização em *Photoshop* contribuiu para o resultado estético da produção do quadrinho *UmDon* (Figuras 83 a 86).



Figuras 83 e 84 – Diferenças entre a versão base e final da página do quadrinho *UmDon*, 2022. Elaborado com o programa *photoshop*. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

¹⁶ Para maiores informações sobre o site de banco de imagens Freepik, visite o site: <https://br.freepik.com/>. Acesso em: janeiro de 2023.



Figuras 85 e 86 – Diferenças entre a versão base e final da página do quadrinho *UmDon*, 2022. Elaborado com o programa *photoshop*. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Além desse artifício foram utilizadas imagens de outras produções artísticas minhas para construção de algumas páginas. Uma delas foi a gravura intitulada *Mundo*, produzida no ano de 2021 na disciplina *Tópicos Especiais – Linha B: Ateliê de Metodologia de Pesquisa em Poéticas Artísticas*, em oficina ministrada pelo professor José César Teatini (Figura 87). Essa produção foi realizada com carimbo de borracha e apresenta um planeta infectado de seres humanos (Figura 88). Nela podemos ver o carimbo que representa o ser humano no segundo quadro, seguido da infecção acontecendo no terceiro quadro utilizando a gravura sobreposta à imagem de *Gaia*, traduzindo visualmente essa condição.



Figura 87 – *Mundo*, gravura realizada com carimbo de borracha, 2014. Dimensões: 30x20cm Fonte: arquivo pessoal.

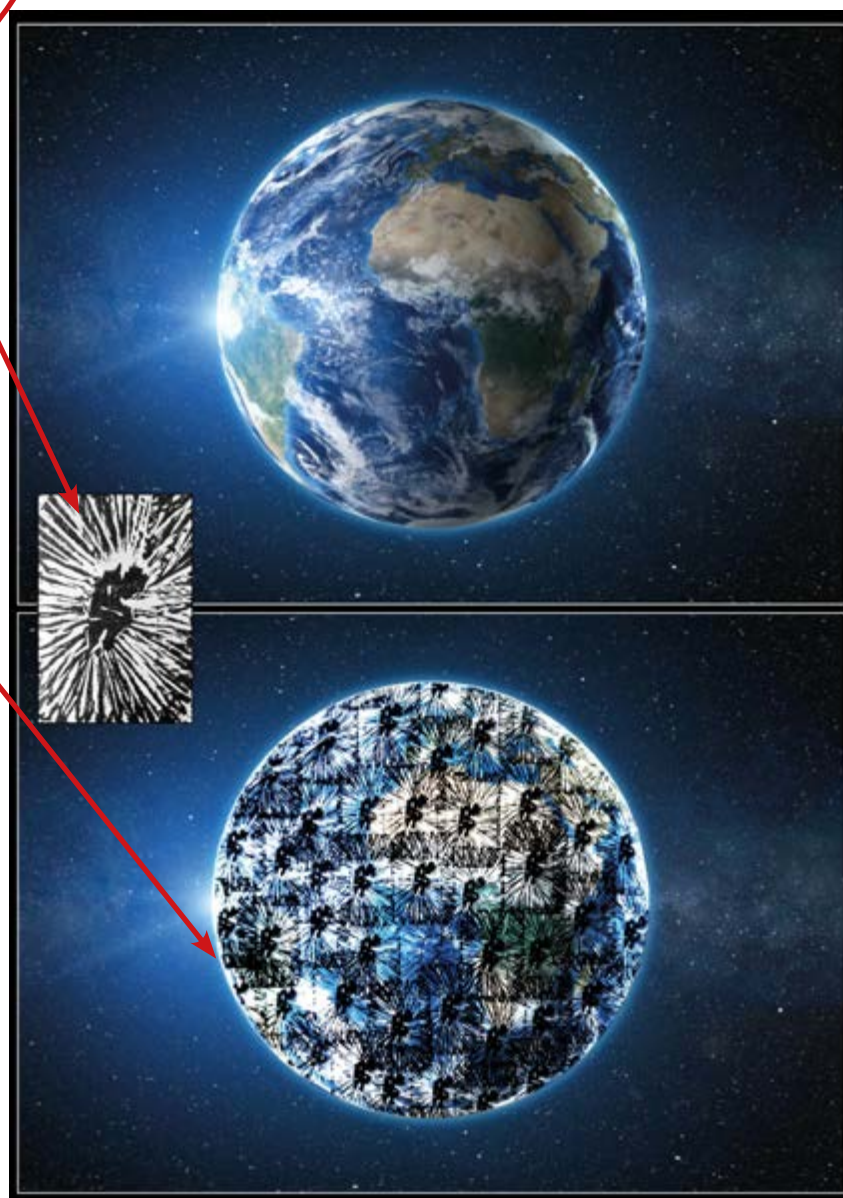
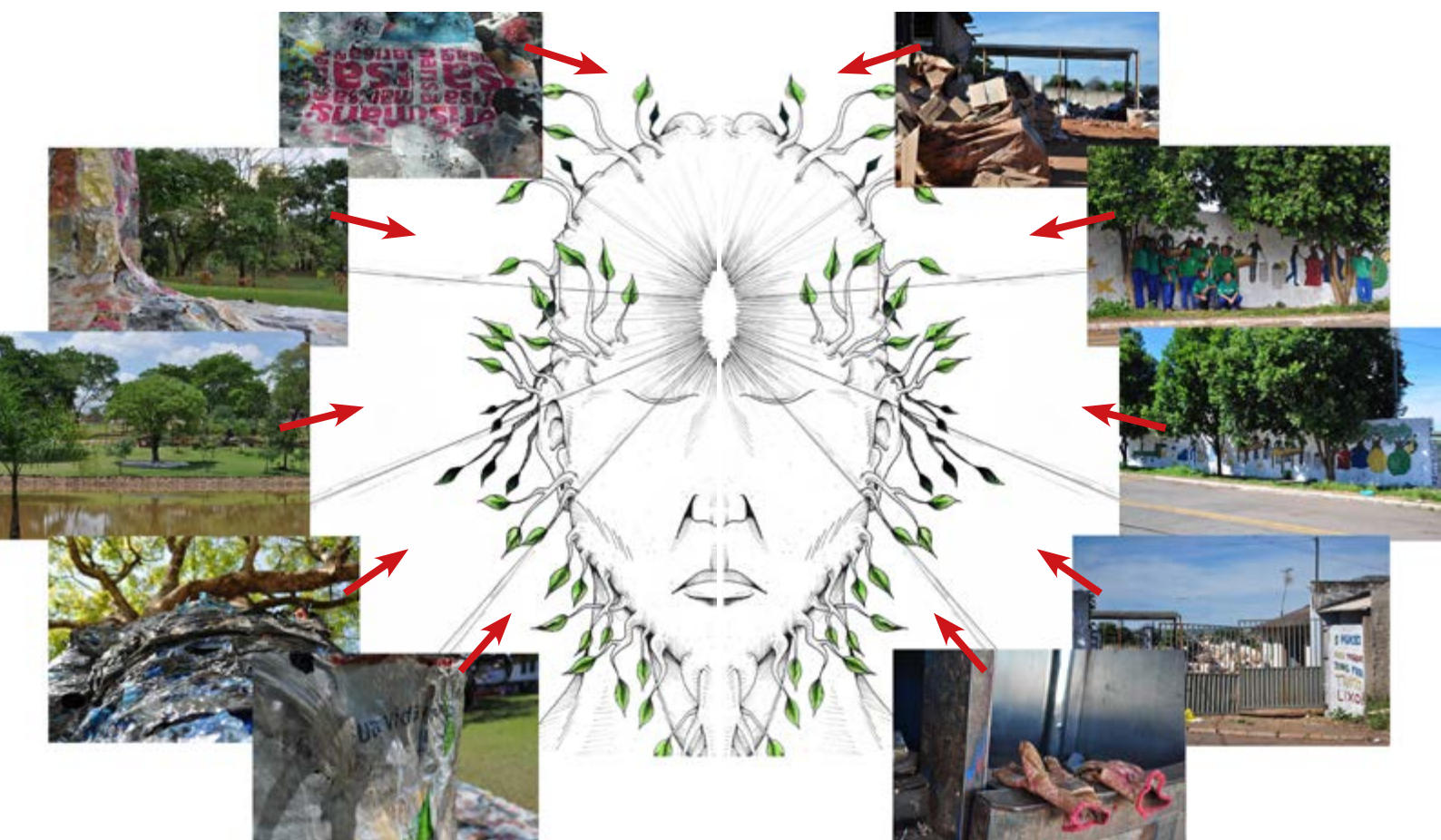


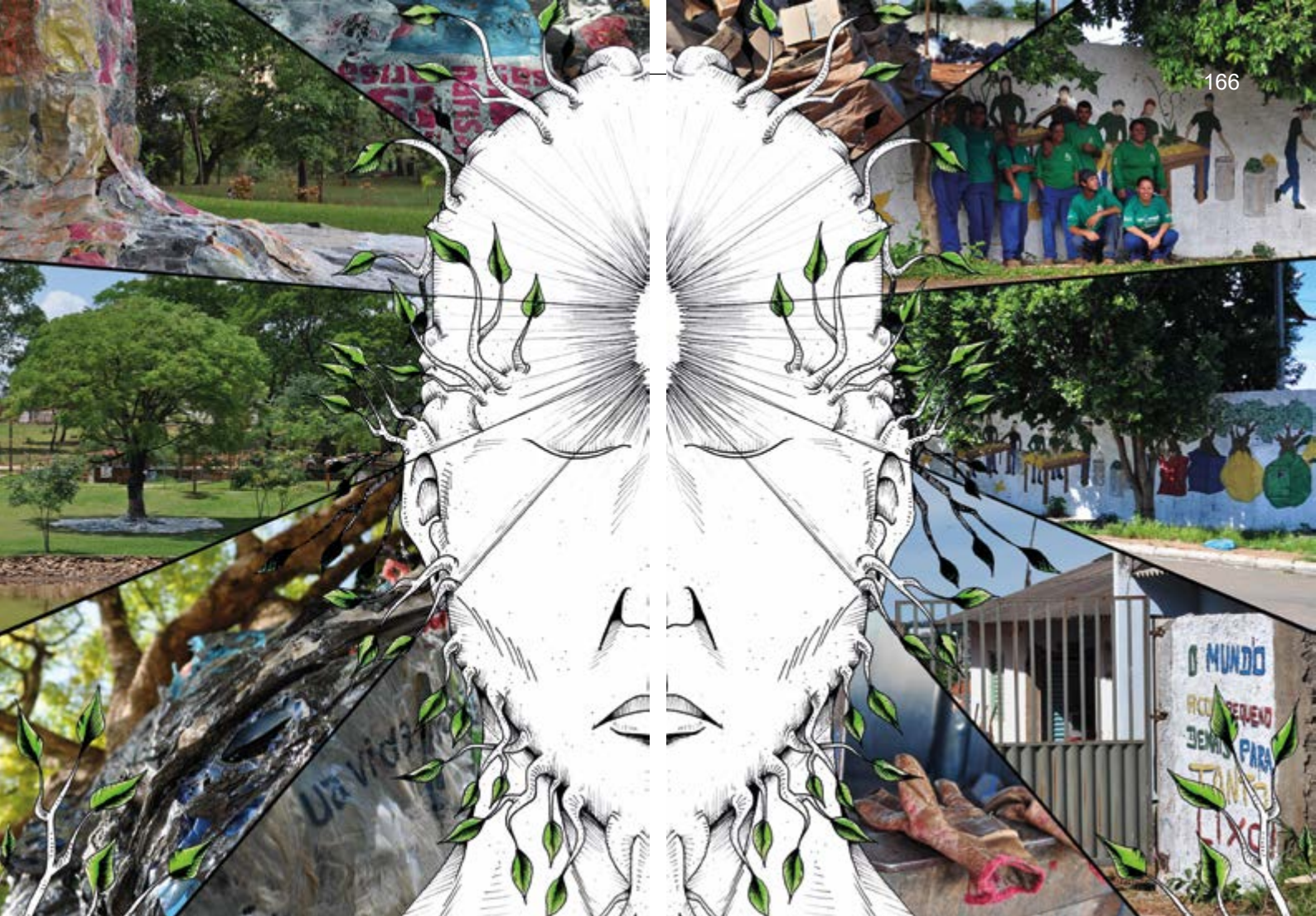
Figura 88 – Versão final da página do quadrinho *UmDon*, 2022. Elaborado com o programa *photoshop*. Fonte: arquivo pessoal.

Outras imagens utilizadas são das intervenções do projeto *Simbiose*, desde a realizada no parque Flamboyant em 2011, passando pela vivência na cooperativa em 2014¹⁷, até as mais recentes realizadas em coletivos de salas de aula, oficinas e palestras, como vimos na introdução desta tese, porém com uso de imagens extras e de outras intervenções. O rosto das pessoas foi desfocado para respeitar suas identidades, pois o foco é mostrar as ações/produções e a coletividade envolvida. Essas fotografias realizam a composição poética da ação do *Ser Árvore* ao iluminar sua mente (Figuras 89 a 92), e representam os frutos de sua expansão mais adiante no enredo (Figuras 93 a 98). Esse momento do quadrinho *UmDon* utiliza essas imagens como ligação autobiográfica e filosófica com meu presente, apresentando um *Don* que transcendeu como ser humano para a entidade poética e de como suas ações reverberaram em nossa realidade.

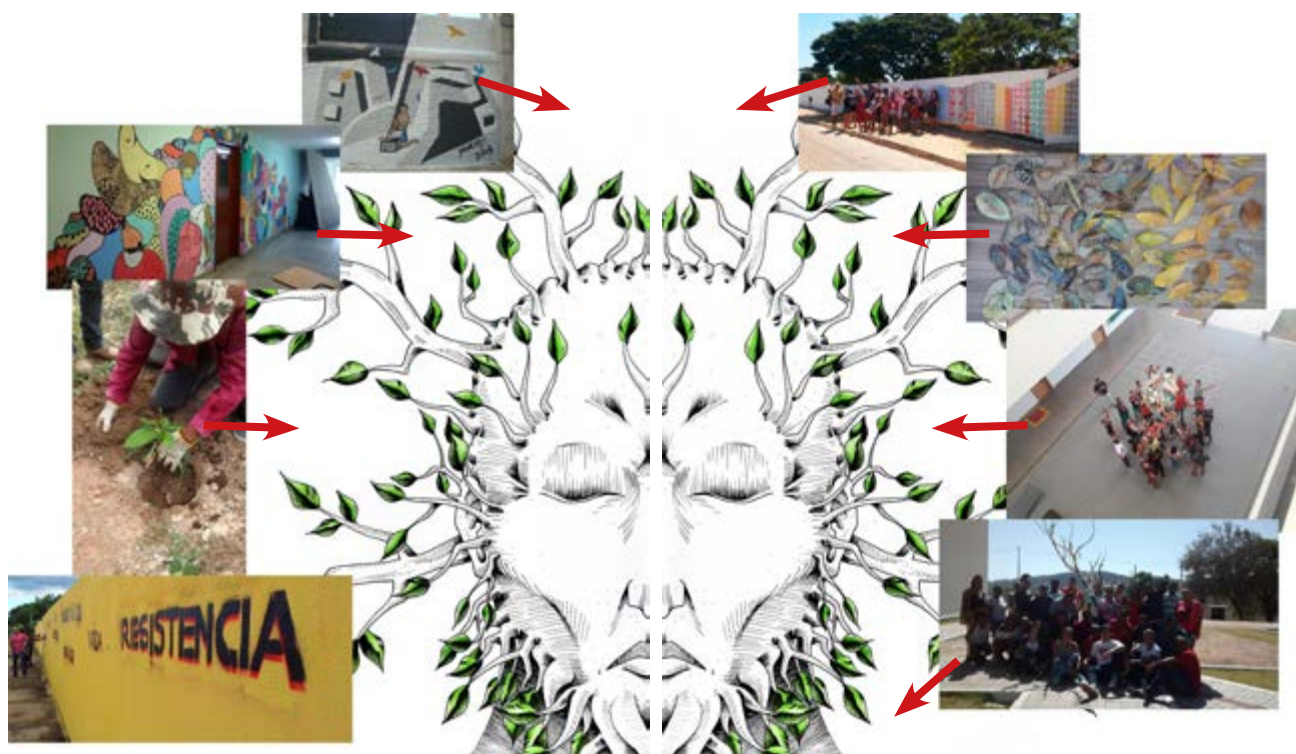


Figuras 89 e 90 – Processo de criação das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

¹⁷ Nas imagens da ação artística desenvolvida na COOPERMAS, o rosto não foi desfocado porque aquele processo de mestrado tem autorização do comitê de ética e dos participantes para divulgação.



Figuras 91 e 92 – Versões finais das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024. Elaborado com o programa *photoshop*. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 93 e 94 – Processo de criação das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 95 e 96 – Versões finais das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024. Elaborado com o programa *photoshop*. Fonte: arquivo pessoal.



Figuras 97 – Processo de criação do quadro 1 da página do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

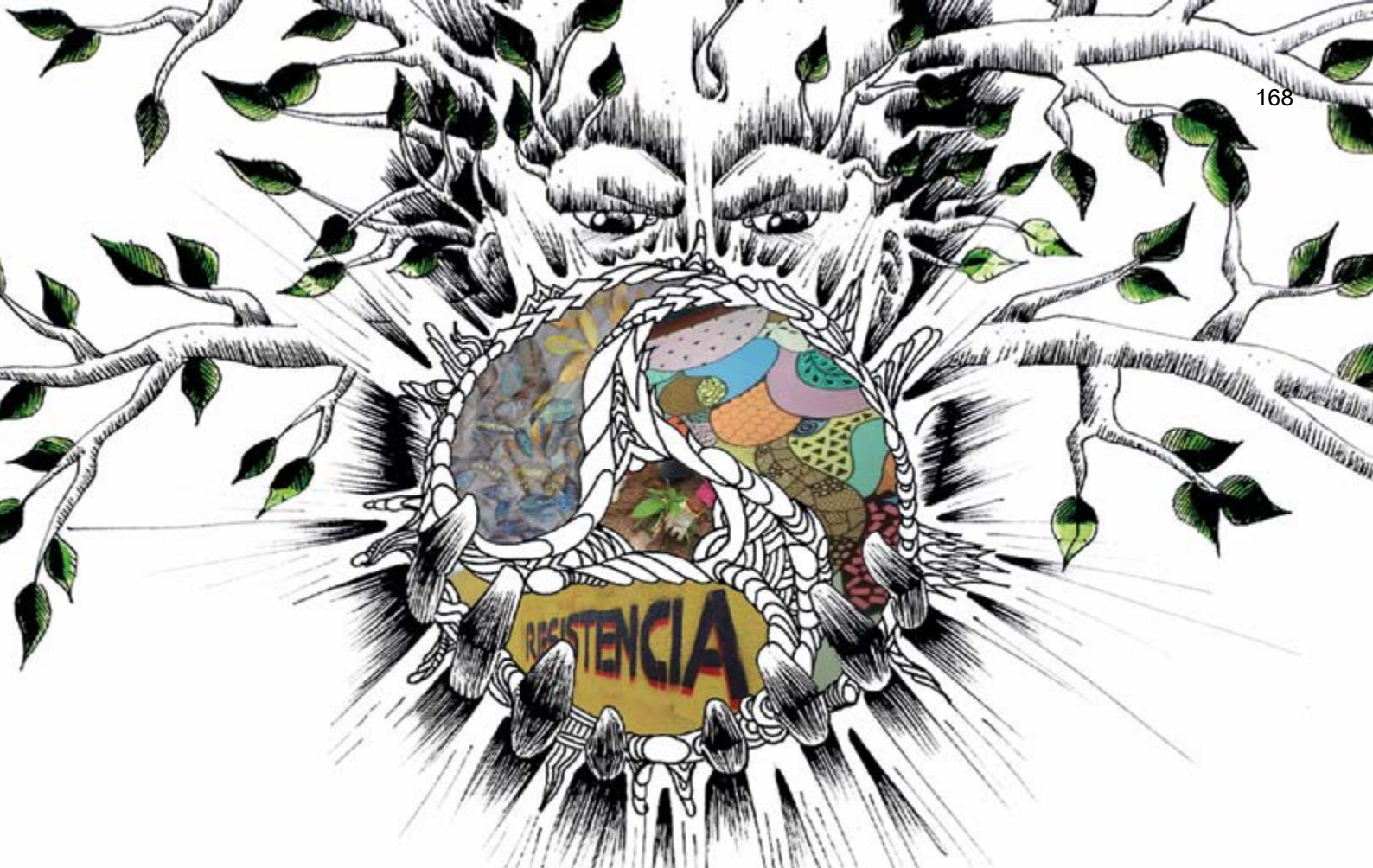


Figura 98 – Versão final do quadro 1 da página do quadrinho *UmDon*, 2024. Elaborado com o programa *photoshop*. Fonte: arquivo pessoal.

O passo final foi a inserção do texto no quadrinho, importante elemento para a história que pode tanto contribuir quanto atrapalhar na experiência dos leitores. Voltando às memórias estocadas em algumas caixas daquele *Don* da juventude, um detalhe naqueles desenhos e quadrinhos apresentados anteriormente me chamou a atenção. Um tipo específico de letra criada na adolescência para ser a fonte das minhas produções artísticas da época, encontrada em diversos rascunhos (Figura 99). É uma tipografia simples que consiste em uma letra de forma maiúscula com alguns pontos dela mais volumosos, utilizada em títulos, nomes de personagens e elaboradas à mão.



Figura 99 – Tipografia das produções artísticas da juventude, década de 2000. Fonte: arquivo pessoal.

Não havia recordação dessa fonte em minhas memórias, foi no processo de reencontro com o passado que esse detalhe me saltou aos olhos evidenciando possibilidades de utilização dessas letras no fazer artístico. Portanto, estudei cada rascunho que me trouxesse as letras do alfabeto e possíveis caracteres para uso neste quadrinho, montando assim a tipografia base para a história feita manualmente (Figura 100).

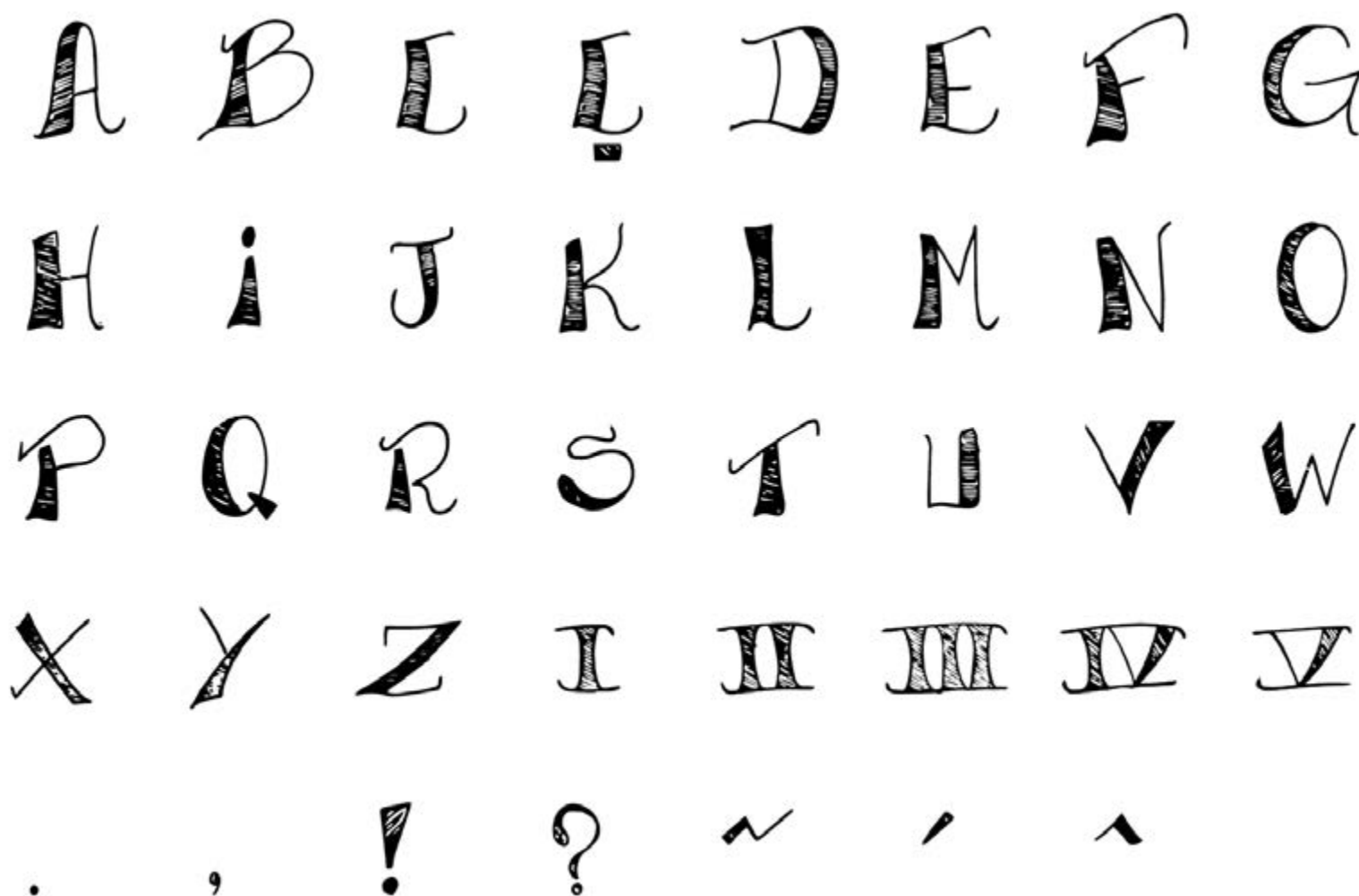


Figura 100 – Tipografia base para composição do quadrinho *UmDon*, 2022. Elaborado com caneta nanquim. Sem dimensões definidas. Fonte: arquivo pessoal.

Realizei um estudo e consegui transformar a tipografia em uma fonte digital para utilização em ferramentas como *Word*, *Photoshop*, *Corel*, entre outros, nomeada como *UmDon*. Com a tipografia base vetorizada no programa *Illustrator*, entrei no site calligraphr.com e baixei um *template* para produzir uma matriz da futura fonte (Figura 101), retornando-a ao site e seguindo o passo a passo do tutorial para enviar o *template* preenchido. Desse modo, a página me fornece a fonte digital da tipografia em dois formatos: otf e ttf. Baixando-a no computador, basta instalá-la para ficar disponível na maioria dos programas que utilizam fontes para elaboração de textos (Figura 102).



Figura 101 – Matriz com a tipografia base para elaboração da fonte digital *UmDon*, 2024. Fonte: <https://www.calligraphr.com/en/>. Acesso em: janeiro de 2024.



Figura 102 – Fonte digital *UmDon*, 2024. Fonte: <https://www.calligraphr.com/en/>. Acesso em: janeiro de 2024.



Essa fonte foi usada na capa, títulos dos atos, onomatopeias, balões de fala e pensamento do personagem, reforçando o caráter autobiográfico desta produção. A utilização desta fonte digital facilitou a produção, padronizou as letras e agilizou o processo de finalização do quadrinho, visto que antes elas eram feitas uma a uma manualmente, o que proporcionava pequenas diferenças em sua construção e tamanho. A tipografia não foi utilizada em todo o texto narrativo por que senti que a leitura ficava cansativa. Essas letras eram usadas por mim na adolescência para nomear personagens, fazer chamadas ou anúncios de encontros deles e para intitular a produção. Portanto, utilizei ela remetendo a esses momentos e não me preocupei de criar a tipografia em caixa baixa, mas somente como eu a usava na adolescência. Para o texto narrativo que apresenta os devaneios do personagem principal do quadrinho *UmDon* foi escolhida outra fonte, *Komika Text*¹⁸, deixando a leitura mais dinâmica. Ambas as fontes são usadas nos diários que compõem a escrita desta tese para trazer uma relação com o quadrinho.

Com isso temos toda elaboração metodológica do quadrinho *UmDon*, partindo dos primeiros esboços, experimentações, arte final, digitalização, edição e montagem, chegando ao resultado final apresentado no primeiro capítulo desta tese de doutoramento. Contudo, nesse entremeio existem as simbologias que compõem toda produção e edificam a poesia deste quadrinho. Pelo caminho desta leitura já destrinchamos alguns pontos que deram origem a elementos poéticos. Foram memórias, traços, vestígios de um *Don* e de sua linha da vida tecida pelo destino. Passado e presente se encontram nesse processo num vislumbre do futuro que pode ser desenhado para mim e para o mundo que me cerca.

¹⁸ Para maiores informações sobre a tipografia *Komika Text* e o banco de fontes, visite o site: <https://www.dafont.com/komika-text.font>. Acesso em: outubro de 2022.

A poesia do UmDon: as simbologias por trás da história

O quadrinho *UmDon* apresentado nesta tese de doutoramento contém simbolismos e conceitos que fomentam minha poética no fazer artístico, assim como traduzem minha visão de mundo. Muitas simbologias que compõem o quadrinho já foram explicadas e analisadas na introdução e no capítulo anterior. O foco dessa escrita é trazer complementações para outros pontos que possam aprofundar reflexões sobre a obra e assim potencializar seu diálogo.

Em alguns pontos temos o uso de imagens prontas do banco *Freepik* e de fotografias das ações coletivas frutos do projeto *Simbiose* desenvolvido ao longo de minha carreira como artista, pesquisador e professor. Elas são coloridas, realistas e têm um caráter poético. Todas estas imagens estão aplicadas no Ato I, Ato IV, Ato V e Epílogo, e representam três momentos da história do universo *UmDon* que simbolizam a vida, plural e diversa em suas cores. É o equilíbrio em *Gaia* como em seus primórdios. A criação da realidade é simbolizada no primeiro momento e propositalmente são imagens fotográficas para se diferenciar da realidade que será imposta com o surgimento dos seres humanos. Portanto, cor é vida, diversidade, pluralidade, coletividade, abundância e equilíbrio nesses momentos em que ela surge no quadrinho *UmDon*. Essas imagens coloridas se perdem à medida que o ser humano vai surgindo no quadrinho, onde vemos nosso personagem surgir e crescer em um fundo estrelado (Figura 103). As estrelas se perdem nos atos seguintes, pois ali é a morte dos desejos. A partir do segundo ato do quadrinho, a diversidade de cores se esvai. O mundo se torna praticamente binário.



Figura 103 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024.

Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

ESTRELAS

Quem nunca fez um pedido a uma estrela cadente? Quando criança fazia vários, e ainda me pego desejando algo quando o céu é riscado por uma. Aquela luz irradiada por um corpo celeste e que chega aos nossos olhos como um brilho de uma fonte de desejos me encanta. Realizar um pedido na esperança de ser atendido afaga o coração de um menino sonhador. No mundo contemporâneo as estrelas cadentes passaram a ser os detritos espaciais dos foguetes de Elon Musk, que queimam na atmosfera terrestre em rastros luminosos de toxicidade. Não basta poluirmos a Terra, estamos agora poluindo a galáxia. Pensar em viver num céu sem estrelas não faz sentido, e perdê-las no quadrinho UmDon é mostrar como aquele jovem não tinha qualquer desejo naquele contexto.

O segundo momento onde as imagens coloridas surgem representa a conexão com essa realidade cheia de vida que tínhamos em nosso planeta. Ao me tornar o Ser Árvore e conseguir me conectar com meu mundo antigo, transformo aquele ambiente, entorno e contexto. Me ligo assim com *Gaia*, conseguindo acessar os primórdios do nosso planeta, onde a vida é rica, plural e abundante. Por conta disso as imagens são fotográficas nesse momento e não desenhos coloridos, simbolizado pelas ações coletivas proporcionadas pelo projeto *Simbiose* e minha atuação em minhas profissões. Estamos transformando nossa espécie e nos reconectando com a Terra nesses instantes, pois são ações que reverberam. Evidentemente que tenho a clareza de que são ações locais e, mesmo com o ressoar, não totalizam o mundo como um todo. Contudo, são simbolismos para que essas questões e reflexões localizadas possam ser catalizadores de processos em outros espaços, sendo o fruto que os alimenta e se dissemina como sementes que romperão suas cascas para germinar (Figura 104). Como a ação artística da aluna da comunidade Kalunga Vão do Moleque, em Goiás, apresentada na figura 6 que está na introdução deste texto.



Retorno da cor – conexão com *Gaia* em seus primórdios/busca do equilíbrio

Figura 104 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024.
Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Ao final do quadrinho chegamos no terceiro momento onde as imagens fotográficas estão presentes. Com a expansão dos *Seres Árvores* no ato final do quadrinho, surge o *Ser Floresta*, representado por uma imagem real dela. Nesse momento fictício desse processo autobiográfico vislumbro um desejo de futuro, como se uma estrela cadente estivesse passando pelo fazer artístico naquele instante. *Gaia* retorna aos seus primórdios e consegue se encher de vida, a vemos no epílogo com sua existência colorida e imponente no espaço estrelado, um ambiente finalmente equilibrado (Figura 105). A possibilidade de desejar voltou, e que seja de um mundo melhor. Portanto, todas as imagens fotográficas, sejam do banco *Freepik* ou de arquivo pessoal das ações coletivas, estão simbolizando essa conexão com a vida de *Gaia* e o retorno dos seres humanos para seu útero.



Reestabelecimento da cor – conexão com *Gaia* em seus primórdios/alcance do equilíbrio

Figura 105 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Outro elemento poético são as cores pintadas manualmente na arte do *UmDon*. São quatro cores que se destacam no quadrinho: vermelho, preto, verde e branco. Pensar as cores como elemento representativo em um processo de Artes Visuais é complexo, pois elas podem ter e proporcionar significados diversos. Utilizar das simbologias que as cores podem proporcionar potencializa o poder de diálogo que a produção artística terá. O contexto em que elas estão inseridas norteará a percepção do espectador, onde ele conseguirá determinar a carga positiva ou negativa daquele símbolo (Heller, 2022). Portanto, cada uma dessas cores usadas nesses pontos específicos do fazer artístico do *UmDon* traz consigo um simbolismo poético que se relaciona com questões e/ou sentimentos da minha vida. Ao destrinchá-las nesta

análise não pretendo conduzir o diálogo poético que você, leitor, leitora, teve com a produção artística, mas sim evidenciar meu processo criativo na elaboração do quadrinho. Outras leituras são muito bem-vindas e ampliam o poder de comunicação do fazer artístico deste trabalho.

O vermelho é a cor que mais chama a atenção a partir do segundo ato do quadrinho. É uma cor quente marcada por seu simbolismo extremado, visto que, com pequenas nuances e tons, ele vai do bom ao ruim, do amor ao ódio. É vida dentro de nossos corpos, mas também a morte quando se esvai de nossas veias.

O vermelho é a cor de todas as paixões, as boas e as más. Por detrás do simbolismo está a experiência: o sangue se altera, sobe à cabeça e o rosto fica vermelho, de constrangimento ou por paixão, ou por ambas as coisas simultaneamente. Enrubescemos de vergonha, de irritação ou por excitação. Quando se perde o controle sobre a razão, “vê-se tudo vermelho”. Pintamos os corações de vermelho, pois os enamorados acreditam que todo o seu sangue afluí ao coração. Também é assim em relação às rosas vermelhas e ao papel de carta vermelho: logo sugerem amor (Heller, 2022, p. 54).

No *UmDon* temos um contexto opressor quando o vermelho é usado. Portanto, a cor tem uma carga negativa ao aparecer na história. Existem três simbologias colocadas no quadrinho pelo uso da cor: controle, dor e doença. A primeira é aplicada ao *Monstro do Controle*, evidenciado em seus olhos e boca (Figura 106).

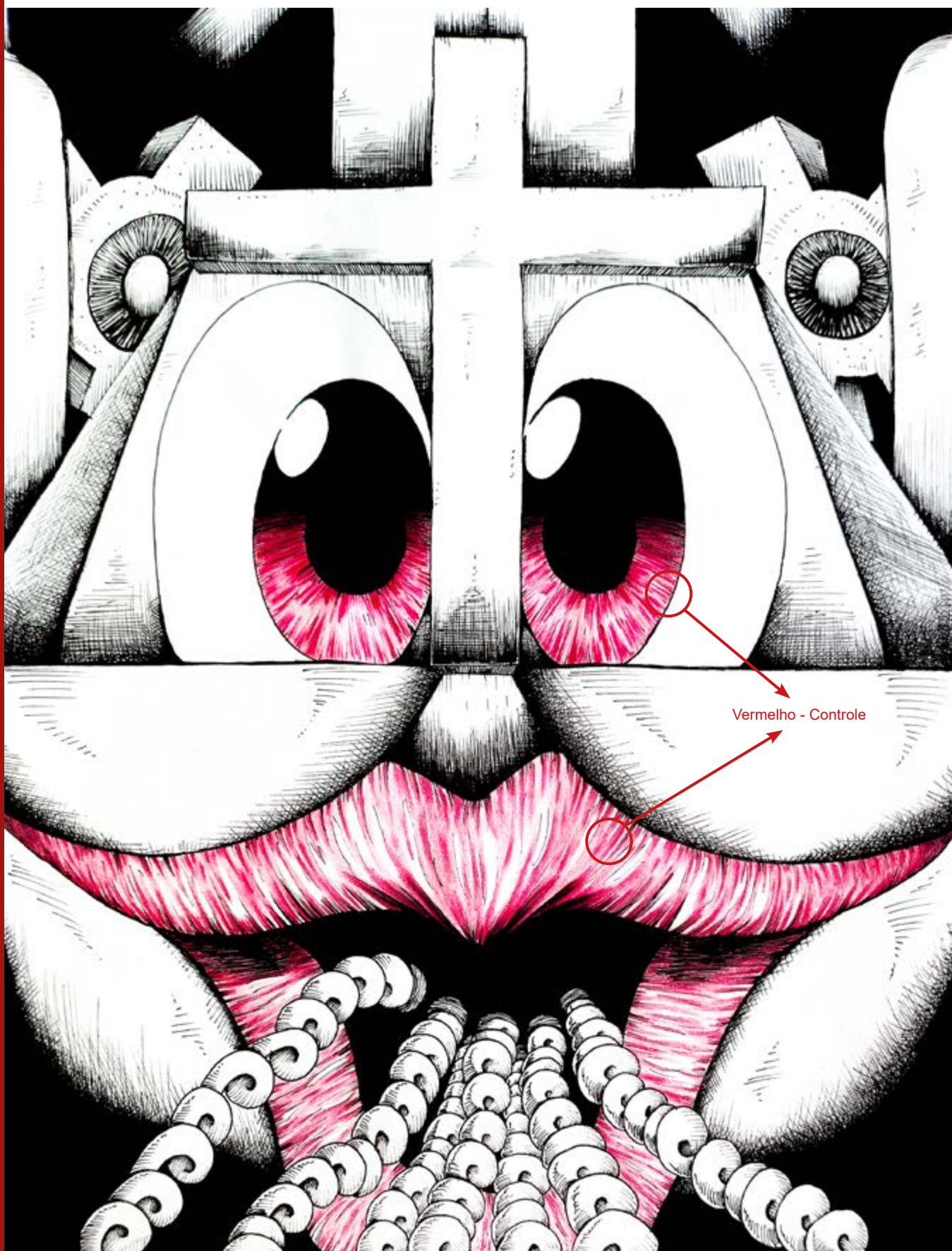


Figura 106 – Processo de criação da simbologia das cores do *Monstro do Controle*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Os símbolos de sua construção já foram tratados aqui neste texto, mas o uso da cor nele tem outra ligação com minha história de vida: a multinacional de *callcenter* que trabalhei quando jovem. A cor símbolo dessa instituição é vermelho. Tudo que rodeava seu ambiente e funcionalidade também eram, como fachadas, uniformes, memorandos, decorações e afins. É uma cor que esteve muito presente nesse momento de minha vida e representa todo controle, opressão e desigualdade que o capital faz conosco. Os olhos e boca do monstro serem vermelhos se conectam a esta empresa que passou pela minha história e demonstram a violência que sofríamos naquele local, onde a renda e lucro se concentravam (e ainda se concentram) na mão de poucos às custas do trabalho de milhares de pessoas. Não é surpresa para mim que essa multinacional está entre as empresas que mais receberam isenções fiscais do governo federal em lista divulgada no ano de 2024¹⁹.

A simbologia da dor pode ser vista na história quando o *Ser Controlado* entra na realidade luz, representado pelo sangue que surge ao romper as conexões com o *Monstro do Controle*. O vermelho se irriga por seus olhos e corre por sua pele, quente e brilhoso, mostrando ao personagem que em seu corpo havia mais do que uma rotina robótica. Ele está vivo! Contudo, o personagem ainda se sente preso e necessita se libertar daquilo que viveu. A cor da pele rasgada é intensa nesse momento para mostrar o rompimento com algo que o oprimia. O desenho é elaborado de uma forma que a pele do personagem se assemelha a uma camisa rasgada, ato que fiz ao sair da empresa citada anteriormente. Me despir daquele controle deixou que a minha dor se esvaísse de mim, representado pelo sangue que escorre daquele corpo morto (Figura 107). O sangue é minha dor. Deixá-lo sair é minha limpeza.

¹⁹ Para maiores informações ver reportagem de André Lucena (2024) da Carta Capital, disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/em-meio-a-debates-sobre-ajuste-fazenda-divulga-lista-inedita-de-empresas-e-setores-beneficiados-por-renuncias-fiscais/>. Acesso em: dezembro de 2024.

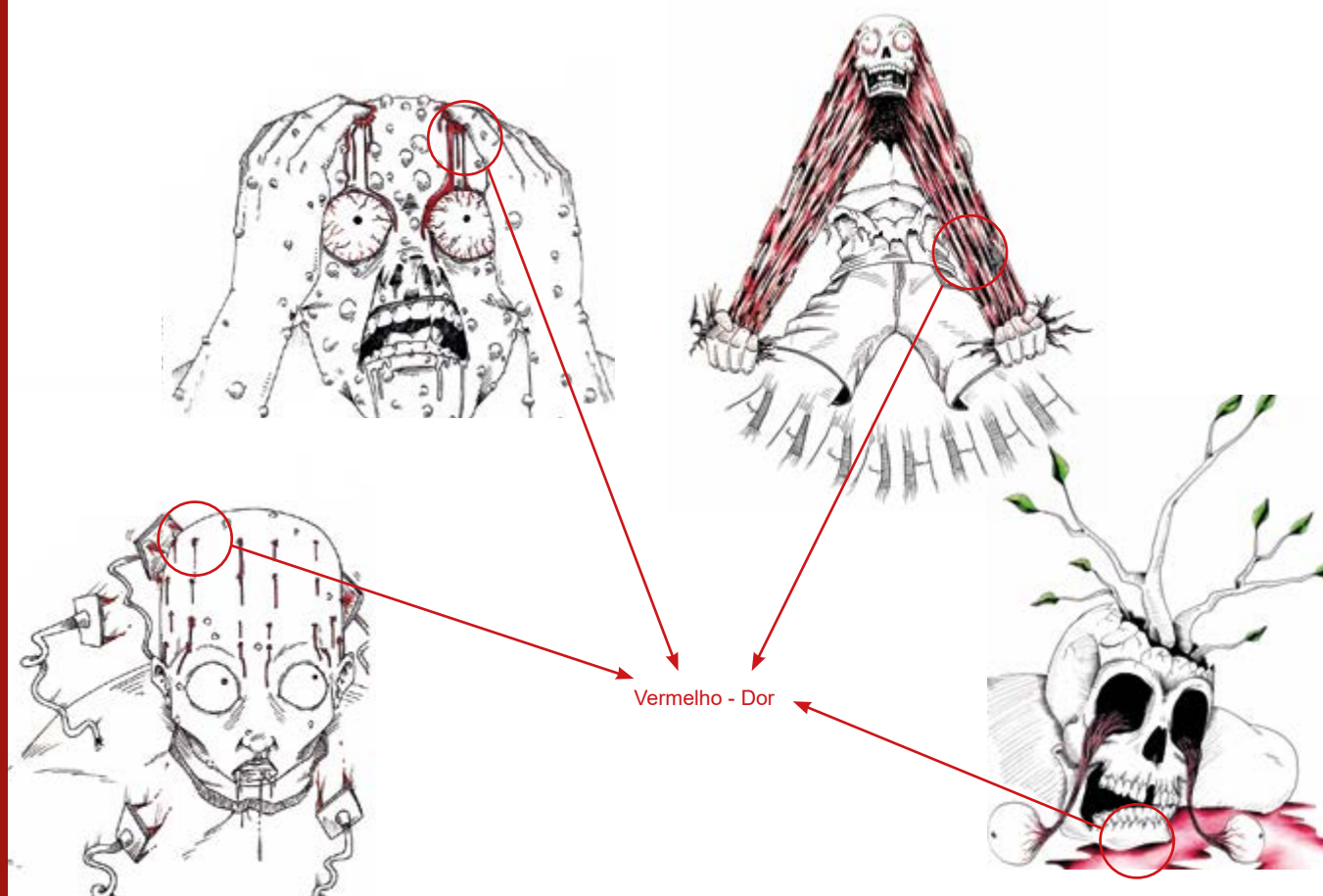


Figura 107 – Processo de criação da simbologia das cores das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

A cor vermelha retorna no quinto ato por meio do tormento do *Ser Árvore*, trazendo questões mais atuais em minha história de vida. O medo impera nesse momento e revela fraquezas do personagem, demonstrando que para ser a árvore em nossa sociedade também é necessário superar limitações individuais. Essa página do quadrinho *UmDon* representa meu presente, os últimos anos onde enfrentei (e ainda enfrento) problemas de saúde graves.

Relutei muito em colocar essas referências no fazer artístico porquê são questões que ainda estou resolvendo internamente e me causam imensa dor. Contudo, o processo de criação autobiográfica não é feito apenas de encontros calorosos, mas também de confrontos desconfortáveis. Portanto, encarar esses fragmentos incômodos e latentes de um *Don* dos dias de hoje é não permitir que eles se tornem outros monstros de controle sobre minha vida (Figuras 108). Nesse ponto a cor vermelha representa doenças pelas quais ainda luto: a depressão e a Espondilite Anquilosante. O peso das cobranças, o tormento da mente, a quebra do corpo, a dor constante, tudo alimenta meus temores de não conseguir ser a árvore e de me enraizar nesse mundo.

Figura 108 – Processo de criação da simbologia das cores da página 92 do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

O FUNDO DO POÇO

Ainda era março de 2020, um ano que se iniciava como outro qualquer e parecia ser mais um em nossas rotinas cotidianas. Contudo, mal sabia que seria um ano de atribulações para todos nós. Ali dava-se início ao período da pandemia de Covid-19 em nosso país. Perdido e sem saber ao certo como viver diante daquele contexto horrível, apenas me enfurnei com minha esposa dentro de casa, torcendo para que nossos familiares pudessem passar ilesos por essa onda que nos assolava. Nesse ano já estava com o planejamento de realizar meu doutorado e me debruçava no pré-projeto para o processo seletivo do PPGACV da FAV/UFG. O trabalho docente na UFT foi conturbado e os egos colossais, de pessoas que deveriam ser unidas em prol de um bem maior, colidiam aos montes pelos ciberespaços. Muitas cobranças e dedos em riste, pouca empatia e gestos acolhedores. Fui acusado, injustamente, por alguns colegas de profissão de falsificar documentos de estágio, atacado por fazer meu trabalho e cumprir os prazos de entrada nas escolas antes do confinamento do *lockdown*. Para não serem acusados de negligentes com a própria função, eles vão para ofensiva desviando a atenção e foco de sua inanição profissional. Uma tática fascista com a qual aprendemos a conviver nos últimos anos. E olha que assumi sozinho a disciplina com uma turma que tinha cerca de 50 alunos a pedido da coordenação para ajudar o curso que estava com defasagem de professores de Artes Visuais. O que descobri recentemente que é contra lei, pois cada professor pode orientar no máximo 15 alunos de estágio por semestre. Irônico, não? No meio desse turbilhão, Nega, minha cachorra e companheira por 12 anos, falece de câncer. Ela esteve ao meu lado nos momentos mais felizes e nunca me deixou nos mais difíceis. Foi um baque para mim e um luto muito longo. Passados alguns meses, consegui a aprovação no PPGACV e em 2021 iniciei esta caminhada. Em abril, minha esposa e toda sua família pegam a Covid-19, com boa parte sendo internada no hospital. Minha esposa demora a se recuperar, mas consegue vencer a doença. Meu sogro e minha cunhada quase foram entubados e escapam por um triz, porém com sequelas. Infelizmente, minha sogra não resiste, é entubada e falece horas depois. Conciliando trabalho com estudos, massacrado constantemente pelos ególatras da academia, vivendo um período caótico em nossa sociedade, sem convívio social, perdendo amigos por questões políticas, com familiares e amigos falecendo ou ficando

com sequelas diante da doença que assola o mundo, pressionado para ser, prover, sustentar e prosperar em minha casa, essa era minha realidade. O fundo do poço acabou sendo meu caminho. A depressão me castigou como o chicote quente do demônio em minhas costas e a morte passou a ser minha companheira de devaneios mais fiel. No fim do ano, após um tratamento que se arrastou por meses, a terapeuta me indicou viajar para descansar: "Alivie sua mente". Desde 2019 eu não viajava para ter férias e me desligar de todos esses problemas. Portanto, no início de 2022, viajamos ao litoral baiano para finalmente ter o descanso merecido, mesmo ainda receosos com o contexto pandêmico que vislumbrava sinais de abertura e vacinação. Porém, em poucos dias meu maior algoz se manifestou, incorporando a dor permanente em meu ser. A Espondilite Anquilosante me agarrou pelos dentes de forma voraz e me mastiga até os dias de hoje. Ela atrofia minha musculatura, causa dor e inchaço nas grandes articulações, e com o tempo transformará minha coluna em um pedaço de pau velho, duro e quebradiço. Consigo escutar sua risada a cada passo que tento dar, vindo como facas em meus quadris que me dilaceram em gritos de dor e horror. Aquele momento, que era para descanso e cura da mente, apenas me apodreceu, afundando meu ser cada vez mais na lama da depressão. E que aliviada de mente, não é mesmo? Sem conseguir me movimentar, andar ou dirigir, tive que ser resgatado por meus pais naquele paraíso destinado às minhas férias. A partir desse ponto, no final de janeiro de 2022, comecei uma batalha para identificar o que eu tinha. Por meses andei de muletas e tomei tantos remédios que afetaram minhas capacidades motoras. Sequer conseguia desenhar, minha grande paixão e a linguagem que estava enamorando neste processo de doutoramento. Como poderia desenvolver meu fazer artístico, sendo que me propus a realizar um quadrinho como elemento de ligação com minha autobiografia? Concomitantemente, a docência ainda se fazia presente. Se podemos ver algo de bom nesse contexto é que as aulas ainda estavam sendo realizadas online, o que facilitou meu trabalho pela dificuldade de locomoção da época. Não dava mais para conciliar doença, doutorado e UFT. Eu precisava de uma licença! Apesar de tudo me empurrar para a forca, foi a própria doença que me impulsionou para sair dessa lama de chorume ao qual me encontrava. Não aceito você, Espondilite! Filha de uma puta! Em abril do mesmo ano, após passar por três médicos de áreas diferentes, finalmente consegui um especialista em reumatologia que identificou qual era minha doença e me colocou no caminho do tratamento correto. HLA-B27, o exame que identificou a presença da proteína antígeno leucocitário humano B27 em meu corpo e é usado para diagnosticar portadores dessa

doença. A inconformidade dessa proteína dentro de mim faz com que meu sistema imunológico me ataque. Meu próprio corpo! Após um processo de exames, burocracias e liberações, tomei a minha primeira injeção para controle da doença em maio de 2022. Uma medicação importada que, dependendo da cotação do dólar, custa cerca de 10 mil reais. Porém ela foi adquirida pelo SUS: Viva o SUS! 6 meses de intensas fisioterapias, reforços musculares, alongamentos e o tratamento medicamentoso correto, a vida foi voltando a uma certa normalidade. As conquistas alimentaram também a mente e conseguiram fomentar um pouco do vazio que sentia, me tratando homeopaticamente da depressão. Essas mazelas ainda estão aqui me rondando e volta e meia tentam se apossar de meu corpo. Uma parte do tratamento consiste em realizar constantemente alongamentos e fortalecimentos da musculatura, assim como práticas esportivas. Ficar parado, sentado, relaxado ou em descanso é um gatilho para a doença. Ela não permite que eu descanse, por conta disso, me sinto exausto! Uma tarde deitado no sofá para ver um filme, por exemplo, é garantia de dor nos quadris e ombros no fim do dia. A dor é constante e sinto ela a todo momento, tanto pela exaustão ou lesão física devido à prática de esportes constantes, quanto pela brincadeira com meu corpo da sorridente e arlequina Espondilite nos momentos em que esqueço dela. Por mais fraca que a dor seja, ela ainda me lembra que, se eu descuidar, irá tomar conta de mim, e faz isso com crises que vêm e vão sem qualquer cronograma planejado. Junto com as dores físicas, as dores da alma vêm à galope. Cada tombo é um mergulho profundo na lama de chorume. Odeio meu corpo! Não falo de questões estéticas, mas sim de funcionalidade. Meu sistema imunológico rejeitou a primeira medicação após um ano e meio de aplicação. Nesse ano em que escrevo, 2025, ele está rejeitando novamente a segunda, me causando alergia, irritação no local de aplicação e não aliviando mais as dores. A dor passou a ser minha amante mais fiel. Estou sentindo-a nesse exato momento que escrevo por estar sentado na mesma posição por horas, e é bem provável que esteja sentindo enquanto você lê esses escritos. Eu luto! Porém, cada dia que passa não consigo ver significado nas coisas que me rodeiam. Por que passar por isso? Como ser árvore assim? Às vezes me pergunto se faz sentido continuar...

Em contraponto ao vermelho, o verde surge no *UmDon* como elemento de conexão com a natureza, ponto de ruptura com o mundo tecnológico e industrial do ser humano. Ao morrer na história, o personagem germina uma nova consciência e dela renasce um novo ser. O vermelho, cor simbólica da vida animal e que traz toda a carga negativa que vimos, dá lugar ao verde, cor simbólica da vida vegetal e que representa evolução no quadrinho. Por ser uma cor que se modifica bastante com a incidência de luz, mais do que outras, “o verde simboliza uma cor muito mutável” (Heller, 2022, p. 105). A transformação está simbolizada no *Ser Árvore* e em suas ações no quadrinho *UmDon*, refletindo a necessidade de mudança do ser humano diante de nosso planeta (Figura 109). Por conta disso, o verde o acompanha representado em suas folhas. No momento em que o verde passa a ser mais evidente na história do personagem está simbolizando um momento positivo de mudança e esperança evolutiva de nossa espécie.

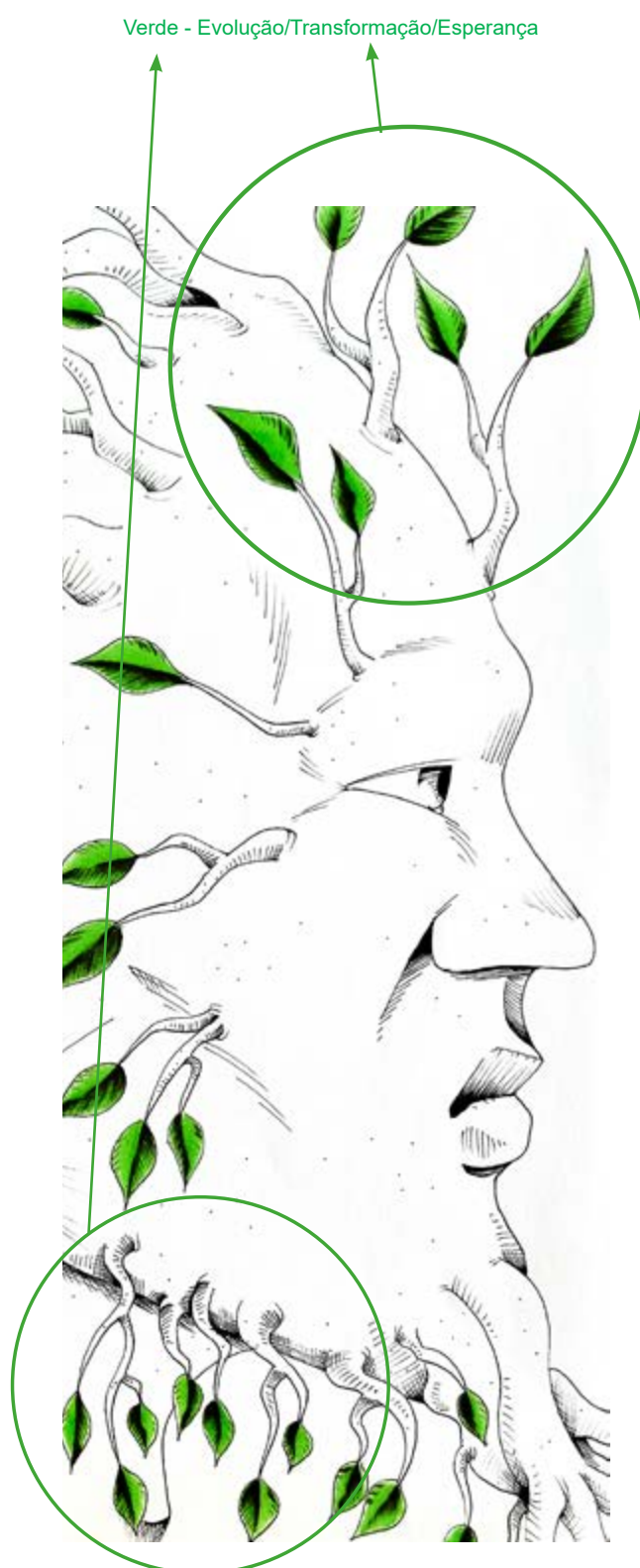


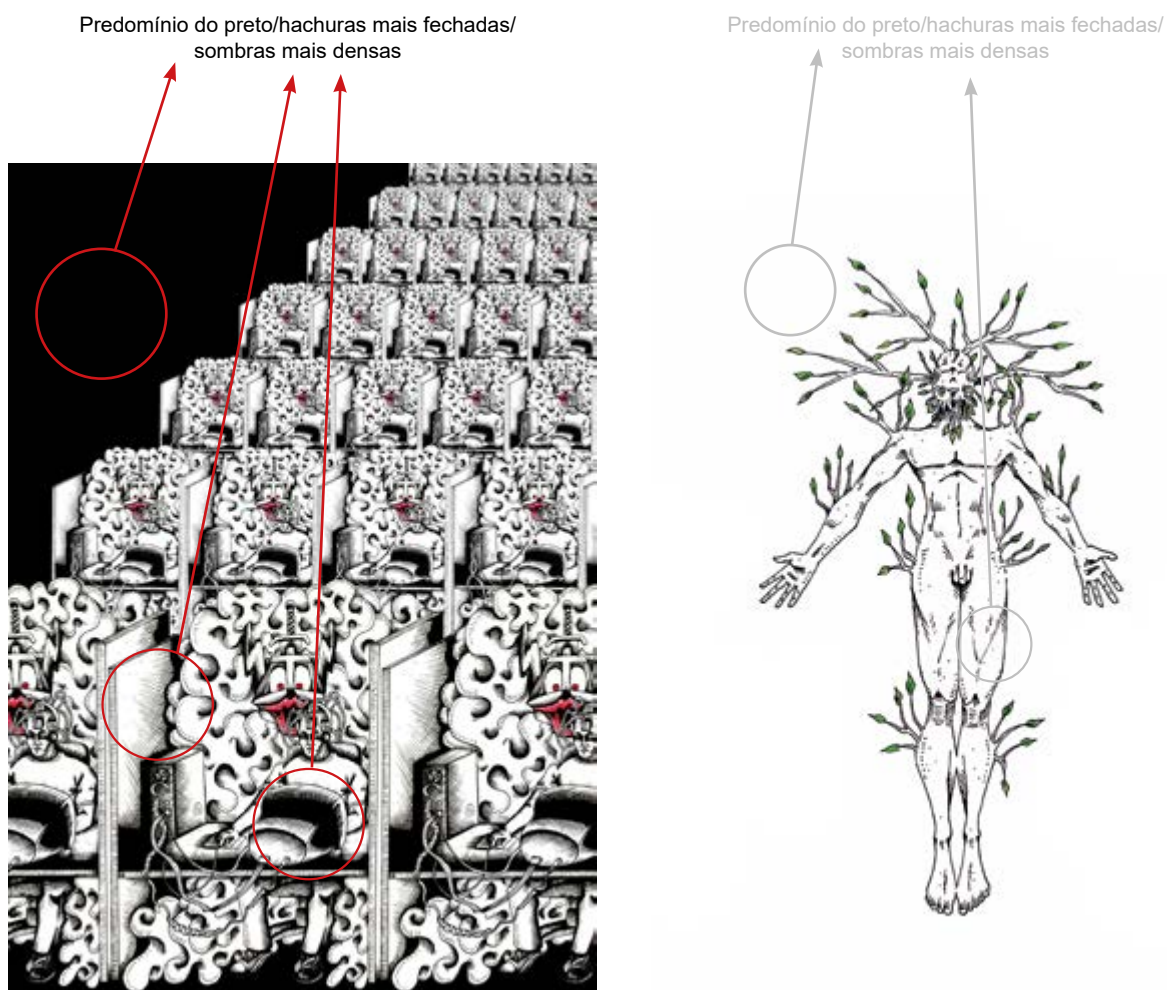
Figura 109 – Processo de criação da simbologia das cores do *Ser Árvore*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

A ideia de a esperança ser verde sobrevive porque está aparentada com a experiência da primavera. As analogias idiomáticas tornam isso visível: a esperança germina como a semente na primavera. A primavera significa renovação após um tempo de escassez. Também a esperança é um sentimento de que os tempos de privação estão ficando para trás (Heller, 2022, p. 111).

Nessa ideia de esperança, o verde traz o ideal de evolução através da mudança. As sementes que se tornarão *Seres Árvores* vislumbram esse futuro almejado de um mundo melhor, germinando novas pessoas com consciência crítica, coletiva e conectiva. “O verde é mais do que uma cor, o verde é a quintessência da natureza. O verde é uma ideologia, um estilo de vida: consciência ambiental, amor à natureza, ao mesmo tempo a recusa a uma sociedade dominada pela tecnologia” (Heller, 2022, p. 105).

O vermelho e o verde foram cores aplicadas em detalhes para trazer essas simbologias e relações com momentos de minha vida, contudo, o quadrinho possui duas cores de ambientação predominantes e fortes, com exceção das imagens fotográficas e coloridas citadas anteriormente. Temos o preto predominando nos atos I, II e início do III, e o branco que toma conta no III, IV e V. Elas evidenciam um contexto binário do personagem, algo que remete à ausência de vida em seu caminho devido à falta de pluralidade de tons e cores, diferenciando dos momentos em que as imagens são coloridas e remetem a uma conexão com a Terra. Portanto, “branco é o começo, preto é o fim. O branco é composto de todas as cores da luz, o preto é a ausência de luz” (Heller, 2022, p. 129).

O quadrinho inicia pelo contexto de uma sociedade que está em seu fim, por isso o preto predomina nesse momento. Os preenchimentos com essa cor são mais densos, as hachuras estão com tramas mais fechadas e linhas mais grossas. Ali temos um ambiente de controle, denso, que absorve tudo à sua volta em prol do funcionamento do capital. É o momento de escuridão de nosso mundo. O ambiente absorve o personagem e o deixa envolto nessa ausência de cor (Figura 110). O segundo contexto é a realidade luz, apresentando um caminho de iluminação, mudança e evolução para o personagem. Por conta disso, o ambiente tem a predominância do branco, diminuindo os preenchimentos em preto por hachuras que possibilitam um maior respiro, linhas mais finas e a ilusão de textura para a ilustração. O preto está lá nos contornos, traços e tramas hachuradas, mas é mais suave que no momento anterior. Ela predomina na realidade luz por ser a manifestação de todas as cores, envolve e ilumina o personagem em sua transformação (Figura 111).



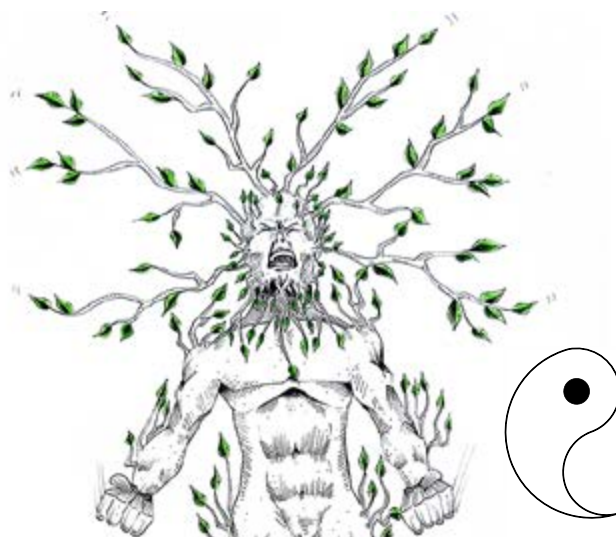
Figuras 110 e 111 – Processo de criação da simbologia do mundo do controle e da realidade luz, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Para tratar essa dualidade do preto com o branco no quadrinho *UmDon*, me embasei no conceito da filosofia chinesa de *Yin Yang* visto no oráculo *I Ching: o livro das mutações*, usado em meu cotidiano para reflexão e meditação de ensinamentos que se entrelaçam com questões pessoais. “Em seu sentido original *Yin* significa “o nebuloso”, “o sombrio”, e *Yang* significa na realidade “estandartes tremulando ao sol”, ou seja, algo que “brilha”, ou “luminoso” (Jung, 2006, p. 28). Portanto, a realidade *Yin* no quadrinho representa o mundo do controle em *UmDon*, o sombrio, enquanto a realidade *Yang* representa o mundo luz, o luminoso. O controle é firme como as sombras, atroz como uma máquina e pungente como a escuridão. A luz é maleável como a água, evolutivo como a natureza e sem amarras como a liberdade. São “a face sombria e iluminada de uma montanha ou rio” (Jung, 2006, p. 247).

Nessa reflexão dos ambientes do quadrinho *UmDon* temos um peso entre positivo e negativo, contudo, não se limita apenas a um julgamento de bom ou mau. “Representam as tendências de repouso e movimento do Receptivo e do Criativo que, mais tarde, viriam a inspirar as noções do *Yin* e *Yang*” (Jung, 2006, p. 25). Portanto, *Yin*, o controle de *UmDon*, é o repouso do personagem que está preso, estagnado e num ciclo sem identidade própria. Já *Yang*, a luz de *UmDon*, é o movimento do personagem que está livre, evoluído e conectado com o planeta. Ambos ambientes se baseiam na imagem representativa de *Yin* e *Yang*, sendo o primeiro predominante na cor preta e o segundo na cor branca. A principal questão dessa filosofia chinesa é encontrar o ponto de equilíbrio entre essas forças dentro de nós. No quadrinho, ao equilibrar essa balança, o *Ser Árvore* se une a outros iguais e se expande, trazendo de volta a pluralidade de cores e tons, formando o *Ser Floresta*. O útero de *Gaia* é o ambiente equilibrado que tínhamos e devemos resgatar (Figura 112).



Yin/Repouso



Yang/Movimento



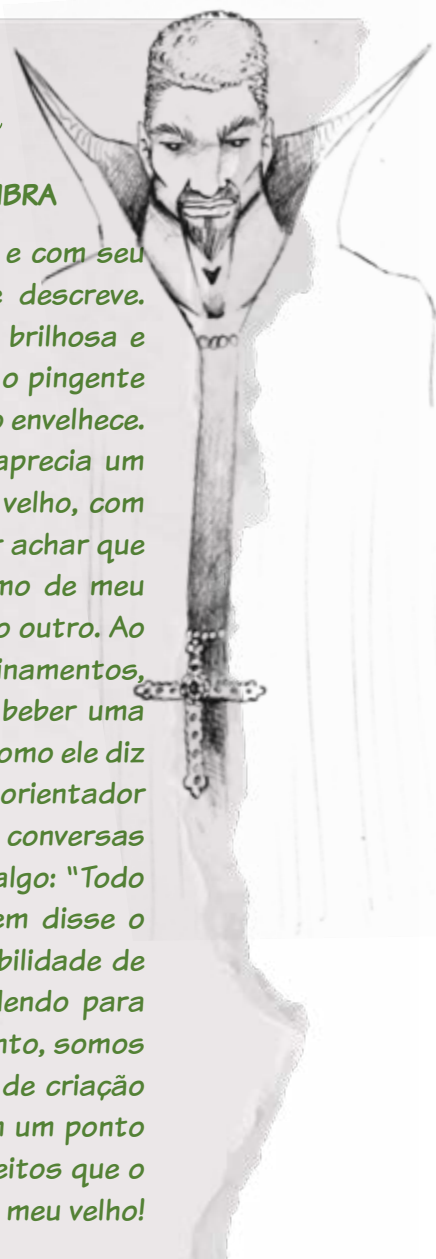
Yin e Yang/Equilíbrio

Figura 112 – Processo de criação da simbologia do equilíbrio no quadrinho *UmDon*, 2024.
Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

TODO MUNDO TEM SEU LADO LUZ E SEU LADO SOMBRA

Em 2016 conheci o Exu Veludo, homem preto, alto, forte e com seu cavanhaque marcante. Ao menos é assim que ele se descreve. Sua capa no tecido que dá nome para sua linhagem é brilhosa e esvoaçante. Sua cartola é imponente, usa um colar que o pingente é um relógio de caveira em dourado com um betume que o envelhece. Fuma charuto, gosta de um whisky e cerveja preta, e aprecia um bom padê²⁰ de fígado apimentado. Eu o chamo de meu velho, com reverência e respeito à sua sabedoria. Ele não gosta por achar que é novo demais para ser chamado assim, então o chamo de meu velho para implicar com ele, como um irmão implica com o outro. Ao longo de anos ele vem para conversar comigo, traz ensinamentos, abre caminhos, dá conselhos e por vezes quer apenas beber uma cerveja preta enquanto eu tomo meus "drinks de puta", como ele diz só para me sacanear. Por vezes até quis fazer o papel de orientador da minha tese, com muitos puxões de orelha. Em nossas conversas sobre a vida, os amigos, as atitudes, ele me ensinou algo: "Todo mundo tem seu lado luz e seu lado sombra". Como bem disse o amigo e saudoso Exu Veludo, todos nós temos a possibilidade de ser a escuridão ou a claridade, sempre estamos pendendo para esses lados e a escolha depende de nós mesmos. Portanto, somos mutáveis, o que dialoga fortemente com os processos de criação autobiográficos. É um trabalho constante se manter em um ponto de equilíbrio. Seus ensinamentos dialogam com os conceitos que o *I Ching* aborda, ambos oráculos de sabedoria. Saudades meu velho!



Outra filosofia usada na história do quadrinho *UmDon* foi a metáfora conhecida como *Mito da Caverna* ou *Alegoria da Caverna* proposta pelo filósofo grego Platão em sua obra chamada *A República*. Resumidamente, o filósofo propõe uma reflexão sobre pessoas que estão presas em uma caverna desde sua infância, onde sua realidade são as sombras projetadas em uma parede e os ecos distorcidos que reverberam no ambiente. Um dos presos acaba se libertando e saindo da caverna, percebendo que sua realidade era apenas uma projeção deformada do mundo exterior. O dilema proposto por Platão é: o preso deveria voltar e alertar os demais companheiros, com o risco de ser considerado louco e sofrer as consequências desse ato? Ou deveria sair da caverna e viver sua liberdade, mesmo que isso signifique abandonar os companheiros

²⁰ O padê é uma oferenda para a entidade que pode variar conforme cada prática religiosa, casa espiritual ou entidade que a recebe. Desde comidas, bebidas ou até mesmo animais sacrificados são usados. O Exu Veludo do diário gosta de uma farofa de fígado acebolada, apimentada e bem temperada, servida em um alguidar (um vasilhame de barro) para ser degustado com as mãos nuas, acompanhado de uma dose de whisky ou cerveja preta para beber e um charuto para fumar.

à própria sorte? A metáfora proposta pelo filósofo nos faz refletir sobre nosso papel diante do mundo em que vivemos. Podemos ser os prisioneiros que se acomodam diante da sua realidade distorcida e em nossos pequenos guetos ou os libertos que buscam a luz fora da caverna para poder evoluir em nosso mundo por meio do conhecimento e trazer outros consigo (Platão, 2001). E qual o diálogo com o quadrinho *UmDon*?

No quadrinho podemos ver o personagem passando pela mesma situação do liberto, saindo de sua caverna, ou seja, o mundo do controle, para o mundo exterior, a realidade luz do *UmDon*. Ele aproveita de sua liberdade ao se transmutar no *Ser Árvore* e retorna através de sua iluminação ao seu mundo antigo, trabalhando por meio de suas ações para libertar outros que estão na realidade do controle. No enredo desta história, a caverna pode ser vista como um mundo onde as pessoas não estão dando atenção para as questões ambientais e coletivas. A mediocridade no pensamento e falta de senso crítico tomou conta dos seres humanos, que enxergam apenas distorções de sua própria realidade em seus dispositivos de áudio e vídeo, e escutam os ecos incompreensíveis de seus próprios guetos. Estamos em um mundo com informação e conhecimento disponíveis nas palmas de nossas mãos, contudo, não conseguimos ir além do senso comum. Pior! Temos vivenciado tempos de negacionismo científico, político, histórico e cultural nos últimos anos, pensamento que nos acorrentam cada vez mais dentro dessa caverna. O fomento ao individualismo é enorme, visto que um coletivo só nos interessa quando satisfaz questões próprias de cada pessoa.



DIÁRIO DO SER ÁRVORE

MAIS UM JEITO DE MORRER (ANOTHER WAY TO DIE)

A indulgência de nossas vidas...

(The indulgence of our lives)

...lançou uma sombra sobre o nosso mundo...

(Has cast a shadow on our world)

...nossa devoção aos nossos desejos traiu todos nós...

(Our devotion to our appetites betrayed us all)

...uma condição apocalíptica...

(An apocalyptic plight)

...mais destruição virá à tona...

(More destruction will unfold)

...mãe Terra mostrará seu lado mais escuro...

(Mother Earth will show her darker side)

...e cobrará seu pedágio...

(And take her toll)

...é só mais um jeito de morrer.

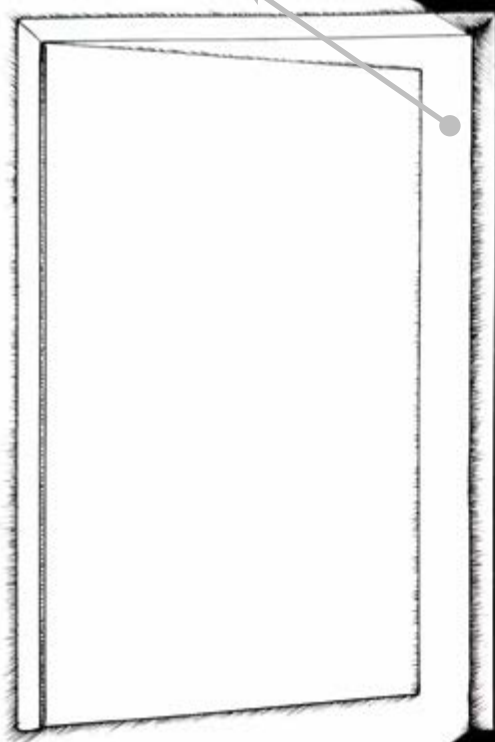
(It's just another way to die!)

(Disturbed)²¹

No quadrinho, a realidade luz é apresentada como o mundo além dessa lama rasa que estamos, onde a compreensão vem através do conhecimento. A porta que vemos representa minha entrada na universidade e também toda reflexão crítica de mundo que tive com esse passo em minha vida. Não estou afirmando que este é o único caminho de libertação para os prisioneiros de nossas cavernas, existem outras formas de busca de conhecimento como saberes populares, experiência de sábios/xamãs/guias/entidades de culturas diversas, tecnologias de acesso à informação, análises críticas que vão além do que a mídia burguesa dispõe, entre outros. A universidade é representada nesse momento por ser o meu elemento de conhecimento e libertação, trazendo para o quadrinho um vestígio autobiográfico no meu processo criativo (Figura 113).

²¹ Música Another Way To Die, composta por David Draiman, interpretada por Disturbed (4':14").

Mundo exterior/Libertação/
Conhecimento



Caverna/Prisão/Senso Comum

Figura 113 – Processo de criação da simbologia do *Mito da Caverna* de Platão no quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

A CAVERNA E EU

O *Mito da Caverna* de Platão traz uma reflexão filosófica muito pertinente para os dias atuais, é uma alegoria que tenho muita estima e está presente em obras da cultura pop que me influenciaram muito desde a adolescência. A produção que mais me marcou foi o filme *Matrix*, de 1999, dirigido pelas irmãs Wachowski, um marco do cinema e referência para toda uma geração. Era comum, nessa época, ver jovens vestidos de preto, sobretudo, coturno e óculos escuros, andando pelos parques, praças e shoppings, ventilando possibilidades de estarmos em uma realidade simulada. No ano de lançamento da obra cinematográfica ainda morava no interior do Tocantins. Tinha meus 14 anos de idade, uma fase da vida de descobertas e transgressões de limites. Um primo que havia se mudado de Goiânia para Gurupi foi acolhido em minha casa por um tempo para estudar, até que resolvesse a vida e pudesse ter seu próprio espaço. Seu nome era Kerly e era uns 6 ou 7 anos mais velho que eu (sim, a família da minha mãe gosta de criar nomes diferentes e, por vezes, esquisitos. Olha o meu...). Ele veio da capital trazendo um universo cultural muito diferente do que estava acostumado. Me apresentou músicas mais pesadas do mundo do rock como *Iron Maiden*, *Metallica*, *Pink Floyd*, *Ozzy Osborne*, *Black Sabbath*, *Sepultura*, *Rage Against The Machine*, *Nirvana*, entre outros. Mostrou filmes clássicos como *Alien*, *Predador*, *Poderoso Chefão*, *Os Doze Macacos*, *O Iluminado*, *O Exorcista*, etc. Um moleque do interior que não estava acostumado à essas referências, numa cidade onde tudo chegava atrasado em relação às grandes cidades, em tempos de princípio de internet e conectividade engatinhando, aquilo explodiu a mente daquele *Don*. Em uma tarde qualquer, já quase no fim do ano, meu primo veio até mim com uma fita VHS pirata de um filme que havia conseguido em uma de suas idas à capital de Goiás. "Você sabe o que é *Matrix*? Você tem que ver esse filme", ele falou. Ao assistir a obra das irmãs Wachowski pela primeira vez, aquilo me marcou de uma forma pungente. Apesar do filme ser um amálgama de referências, filosofias e mitologias, essa foi a primeira vez que tive contato com uma obra que tinha elementos e reflexões do *Mito da Caverna* de Platão. Debatendo o filme com meu primo e amigos, pesquisando as referências das diretoras, lendo textos que foram base para a criação da obra cinematográfica, vendo filmes que tinham um diálogo ou também serviram de referência, fui ampliando e aprofundando meu conhecimento de mundo. Assim conheci obras como *Ghost in The Shell*, *O Show de Truman*, 1984, *O labirinto do Fauno*, etc, que também traziam reflexões filosóficas do pensador

grego. Dessa forma, fui aprendendo a ter acesso a um pensamento mais crítico, reflexivo e analítico acerca daquilo que me rodeava, do que eu consumia, do meu contexto social, político e histórico. Escrevendo agora e deixando a memória me guiar, percebo que esse momento teve influência no desenvolvimento do artista que eu me tornaria no futuro, e também nos gostos do Don de hoje, pois muito do que me foi apresentado nessa fase dos 14 aos 16 anos, ainda carrego no meu dia a dia.

Posto todos esses elementos simbólicos, poéticos e conceituais que me formaram ganham potência narrativa, comunicativa e dialógica no quadrinho *UmDon*. Tecer relações entre vestígios de minha autobiografia e o processo criativo no fazer artístico enriquece esta produção. Ir até meus guardados, usar os elementos de minhas histórias, acionar minha memória no processo são traços que desenharam a minha identificação poética e mitologia de origem no processo criativo autobiográfico. Afinal, “narrar é manter-se vivo” (Brandão, 2020, p. 102). Portanto, estabeleço quem sou no encontro poético com esses vestígios ganhando vida ao transformá-los por meio do fazer artístico. Tanto os elementos simbólicos quanto os estéticos fomentam minha autobiografia nesse processo. Ao longo do texto, vimos algumas escolhas de composição, tanto na elaboração do universo quanto na criação dos personagens do quadrinho, que dialogam com minhas questões intimistas. E que outros elementos estéticos contribuem para fortalecer essa narrativa do *UmDon*?

Escolhas estéticas do UmDon

Muitas escolhas estéticas já foram explicadas no passo a passo do processo de mergulho pelos meus guardados e ativação de minhas memórias que culminaram na criação do *Ser Controlado*, *Monstro do Controle*, *Seres Árvores* e *Ser Floresta*. Contudo, alguns pontos relevantes dessa construção estética no fazer artístico precisam ser abordados para complementar a experiência com essa produção. São escolhas conscientes e inconscientes de composição que surgem no processo de realização do fazer artístico. Elas trazem um caráter autoral para o desenho realizado para o quadrinho *UmDon* e apontam para outros vestígios do *Don* que aqui escreve.

Primeiro podemos identificar os vestígios conscientes de composição, pois são escolhas que fazem parte do processo criativo de maneira autoral, como meu próprio estilo de desenho. Tive influências de quadrinhos tradicionais americanos da *Marvel*, *DC* e *Image Comics* em minhas leituras, assim como de animações americanas e japonesas, como *Homem-Aranha*, *Thundercats*, *Capitão Planeta*, *Os Cavaleiros do*

Zodíaco, *Yu Yu Hakusho*, *Dragon Ball*, entre outros, exibidas pela televisão aberta de nosso país. Sendo assim, era comum para mim desenhar me inspirando e até mesmo copiando essas referências visuais que estavam ao meu alcance na juventude, acostumando meu traço a esse tipo de estética corporal greco-romana. Artistas como Todd Macfarlane, John Romita, John Byrne, Mike Deodato, Jim Lee, entre outros, formaram meu traço na linguagem.

Dentre eles, o artista americano Mark Bagley²² foi a principal influência para meus desenhos na adolescência, desenvolvendo minha paixão por esse universo através dos quadrinhos do *Homem-Aranha* na década de 1990. A estética de sua arte foi a base do desenvolvimento do meu traço, que com o tempo foi agregando outras características ao longo dos anos e criou identidade própria (Figura 114). Colocando uma ilustração dele e minha lado a lado podemos ver semelhanças de composição como corpo alongado, algumas definições musculares e curvas incisivas, contudo, meu desenho foi se distanciando aos poucos e ganhou particularidades ao longo dos tempos. É satisfatório identificar de onde saí e ver meus passos na linguagem.

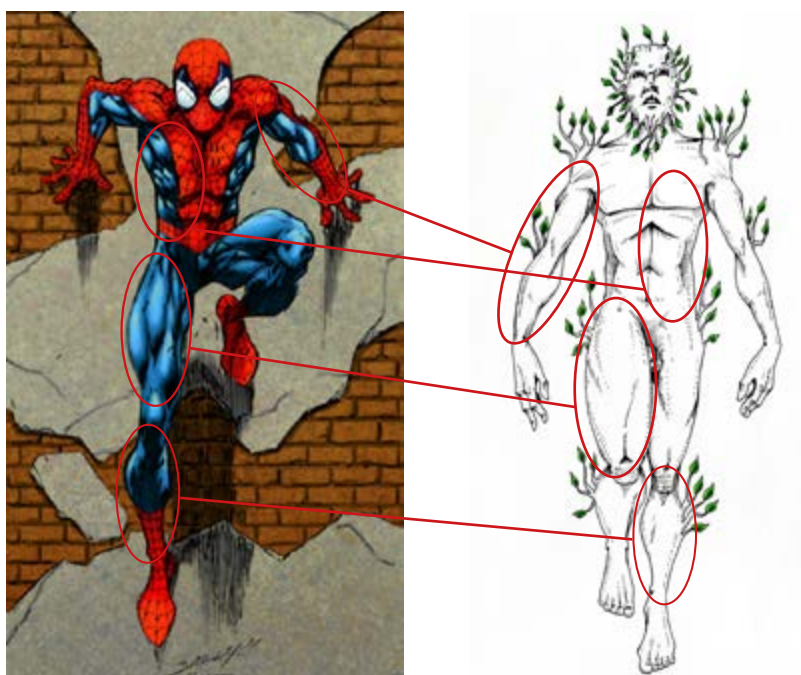


Figura 114 – Semelhanças entre os traços de Mark Bagley e os meus. Fonte: *Homem-Aranha*, disponível em: <https://www.instagram.com/officialmarkbagleyart/>. Acesso em: janeiro de 2025. *Ser Árvore*, arquivo pessoal.

Esse meu estilo de desenho, vindo de quadrinhos tradicionais e comerciais vinculados ao que podemos chamar de cultura pop *mainstream* e representados normalmente pelos super-heróis de grandes editoras americanas, fazem parte da minha

²² Para maiores informações sobre Mark Bagley e sua arte, visite o site: <https://www.instagram.com/officialmarkbagleyart/>. Acesso em: janeiro de 2025.

infância e adolescência. Por conta disso, criava meus próprios super-heróis e histórias fantasiosas, universos que estimularam minha criatividade na época. Ao realizar o curso de bacharelado em Artes Visuais não me propus a desconstruir meu desenho dessas influências como alguns colegas fizeram por conta própria, até mesmo por que não tivemos esse estímulo nas disciplinas que envolviam desenho. Pelo contrário, compreendo que meu desenho bebe dessa fonte e tem sua característica autoral por meio do meu desenvolvimento técnico, poético e artístico. Entendo que o importante não é a estética do meu traço ter essa característica “comercial americanizada”, mas sim o que eu faço com ela.

Outra característica consciente do meu estilo de desenho que pode ser colocada em análise é o intenso uso de hachuras. Refletindo sobre a utilização dessa técnica da linguagem, percebi que isso é uma particularidade do meu traço (Figura 115). Não que eu seja o único ou que seja incomum utilizar as hachuras em desenhos, contudo, existe uma ligação com minha infância que compreendi apenas nesse mergulho pelos meus arquivos e memórias realizado nesse processo de criação.

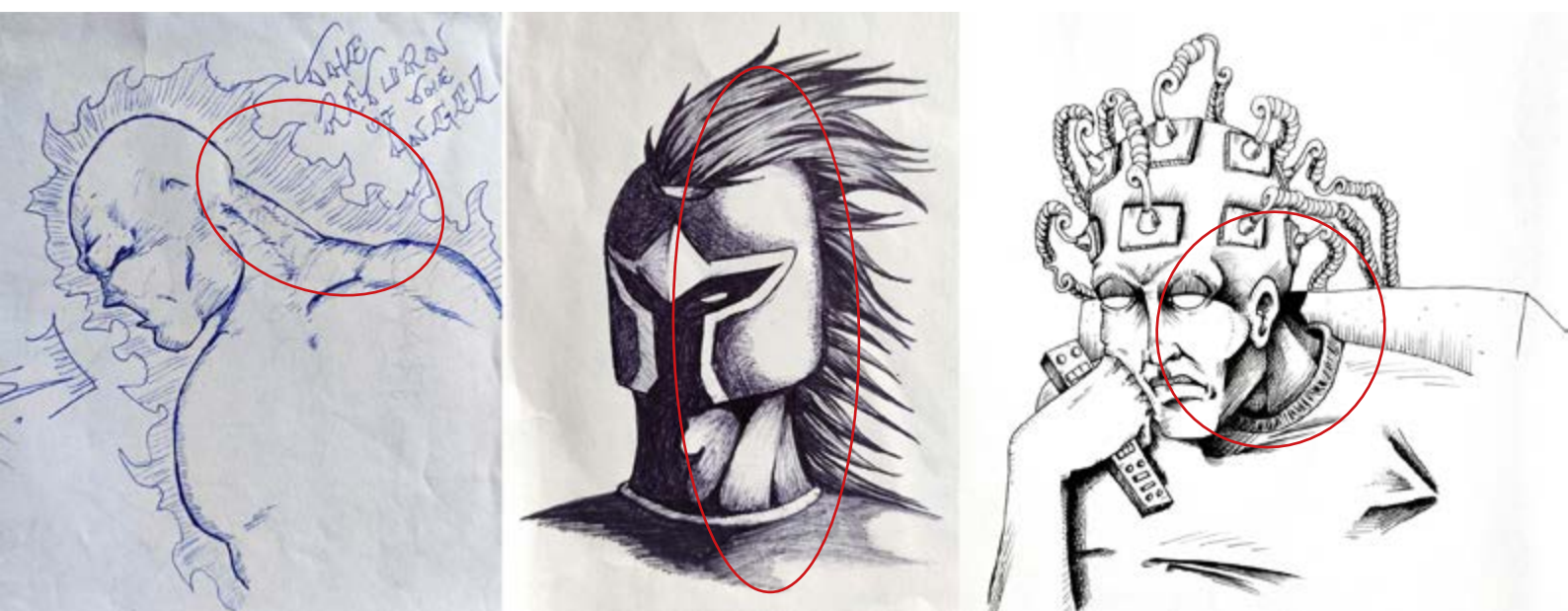


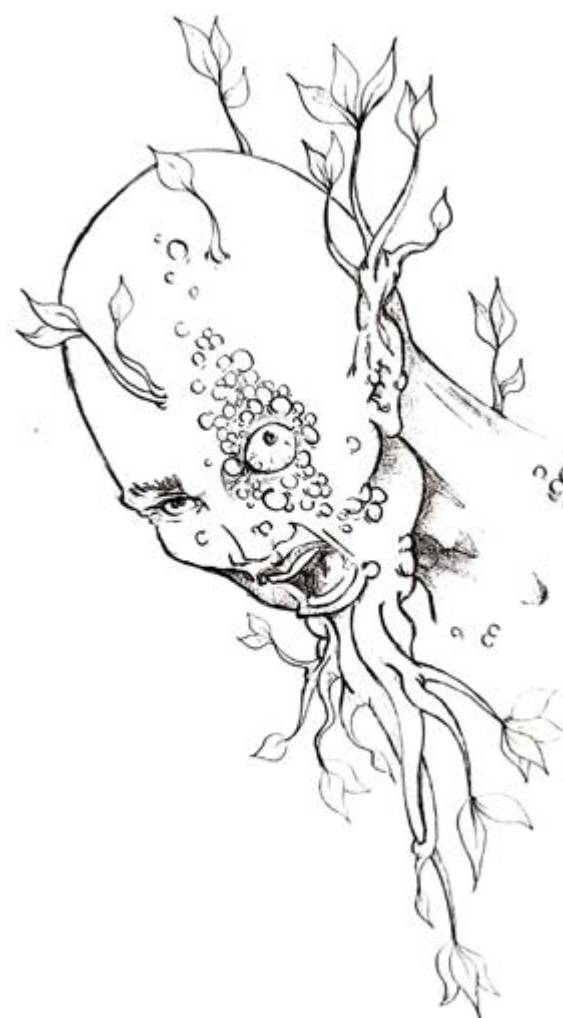
Figura 115 – Exemplos de uso de hachura em meus desenhos da adolescência até o quadrinho *UmDon*, desenhos da década de 1990 e 2000, e 2024. Dimensões: diversas. Fonte: arquivo pessoal.

Quando criança, o acesso que eu tinha a materiais de arte era o básico: lápis, caneta esferográfica, borracha e papel. Outros materiais como guache, canetas hidrocor, giz de cera, entre outros, eram adquiridos apenas em casos especiais. Isso acontecia devido à condição financeira de minha família na época e também por sermos do interior, sem acesso a materiais de arte mais complexos, como um esfuminho, pincéis, canetas bico de pena e nanquim, giz pastel, tintas acrílicas e a óleo, etc. Não era hábito da maioria das famílias interioranas, que sequer conheciam

esses recursos artísticos, estimular as crianças no mundo das artes com materiais próprios para a prática e, creio que por conta disso, o comércio local também não investia nesse tipo de material. Posto isso, para fazer sombras, volumes e/ou textura, usar as linhas da hachura sempre foi um caminho mais fácil, rápido e econômico, principalmente nos desenhos de caneta esferográfica, ferramenta que sempre adorei trabalhar. O que era conveniência se tornou hábito, o hábito se aprimorou como técnica, a técnica de tão utilizada passou a ser característica e modo de produção.

As influências culturais e sociais que nos cercam também fomentam esses processos de composição no fazer artístico. Filmes, músicas, desenhos animados, oratórias, ditados, ensinamentos, aprendizados, momentos, enfim, uma gama de elementos dos nossos contextos de vida ajuda na construção de quem somos e acabamos colocando esses referenciais no processo artístico, consciente ou não. De criança até os dias de hoje, sempre gostei muito de filmes e obras de terror, por essa razão acredito que o *UmDon* tenha essa característica, principalmente na primeira metade do quadrinho. Temos elementos como controle de mente, aprisionamento, pele sendo rasgada e dilacerada, mutações, ambientações escuras e dimensões paralelas, ou seja, toda essa mistura vem das referências que fui tendo ao longo de anos consumindo esse tipo de material.

Um filme de terror que se faz presente de forma consciente enquanto conceito e estética no quadrinho *UmDon é It: Uma obra prima do medo*. Não me refiro à adaptação recente dirigida por Andy Muschietti e lançada em duas partes nos anos de 2017 e 2019, respectivamente. Estou aludindo à minissérie dos anos 1990, transformada posteriormente em um filme lançado diretamente



nas locadoras de *home vídeo* e que adapta a obra literária do escritor norte americano Stephen King (Wallace, 1990). Quando criança, o que mais me marcou nessa produção era a dualidade do palhaço *Pennywise* que em primeiro momento se mostrava como um ser doce, amigável e engraçado, mas que se transformava em um monstro quando estava com sua vítima em mãos ou mesmo acuado em outros instantes.

O *Monstro do Controle* tem uma composição que se baseia nesta dualidade do personagem de King. Não me refiro aos elementos usados para sua construção estética, pois já vimos isso anteriormente, mas sim na sua forma de ação. Enquanto está no controle, aparenta ser meigo, com olhos grandes e brilhosos, uma boca carnuda que traz um sorriso convidativo, contudo, ao se ver ameaçado muda completamente ficando com olhos pequenos e obsessivos, exibindo sua boca cheia de dentes afiados (Figura 116). Essa é uma referência direta ao *Pennywise* de Tim Curry, ator que o interpretou nesse filme dos anos 1990.



Figura 116 – Referências na forma e ação de *Pennywise* no processo de criação do *Monstro do Controle* no quadrinho *UmDon*, 2024. Fonte: arquivo pessoal.

Essas ligações com nossas influências culturais, visuais e sociais também são trazidas ao processo artístico de maneira inconsciente e posteriormente, com a produção artística finalizada, conseguimos analisar e compreender de onde vêm determinadas escolhas. Ainda no universo de filmes de terror, o *design* do *Ser Controlado*, antes de sua transmutação em *Ser Árvore*, se assemelha ao cenobita

Pinhead do meu filme de terror favorito *Hellraiser*, de 1987, criação do escritor inglês Clive Barker. São personagens completamente diferentes em seus conceitos, porém, esteticamente, a cabeça careca com quadriculados que a compõem, assim como a expressão fria e incólume têm certa proximidade. Por ser um filme que fez parte da minha adolescência, me marcando a ponto de ter uma tatuagem do *Pinhead* na perna esquerda, acredito que de forma inconsciente apliquei uma estética referente ao filme na construção do *Ser Controlado* do *UmDon*, mesmo eles não tendo qualquer semelhança em suas histórias e conceitos (Figura 117).

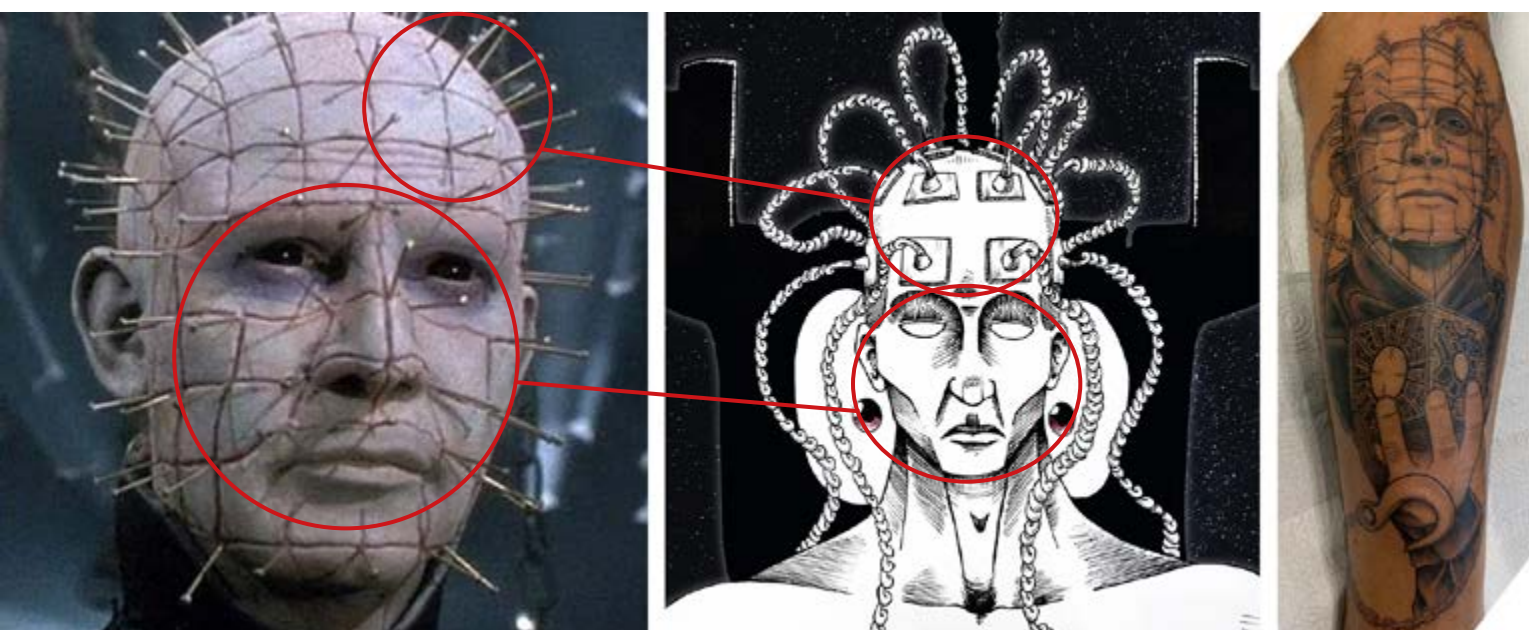


Figura 117 – Referências estéticas do *Pinhead* no processo de criação do *Ser Controlado* no quadrinho *UmDon* e minha tatuagem, 2024. Fonte: arquivo pessoal.

Outro ponto de composição do quadrinho *UmDon* que aconteceu de forma inconsciente, mas que tem lastro com minha história, é a forma da folha desenhada no *Ser Árvore*. No II Seminário de Pesquisa em Arte (SPA), evento organizado e coordenado pela linha de pesquisa B do PPGACV/FAV/UFG, acontecido entre os dias 06 e 10 de maio de 2024, ao apresentar o andamento da pesquisa e produção artística da tese de doutoramento, uma questão levantada pelo público presente me inquietou: Por que você desenha as folhas dessa forma? Ao respondê-la, uma memória afetiva foi acionada, fazendo com que eu lembrasse de árvores que tinham na frente da minha casa em Gurupi, Tocantins (Figura 118). Era muito comum quando criança subir nessas árvores, brincar nelas e com elas, pegar suas folhas para secá-las e fazer colagem, entre diversas outras recreações e travessuras. Após o II SPA, caminhando aqui em meu bairro encontrei uma árvore igual a essa e consegui ver que a folha dela tem o mesmo formato da que eu desenho no *Ser Árvore* (Figura 119). Seu nome é

Ficus Benjamina, mas também é conhecida como Figo-Chorão. Inconscientemente, ela estava gravada em minha mente e era a referência que era trazida para a ilustração no papel.



Figura 118 – Casa da minha família em Gurupi – TO, 1985. Dimensões: 15x10cm. Fonte: arquivo pessoal.

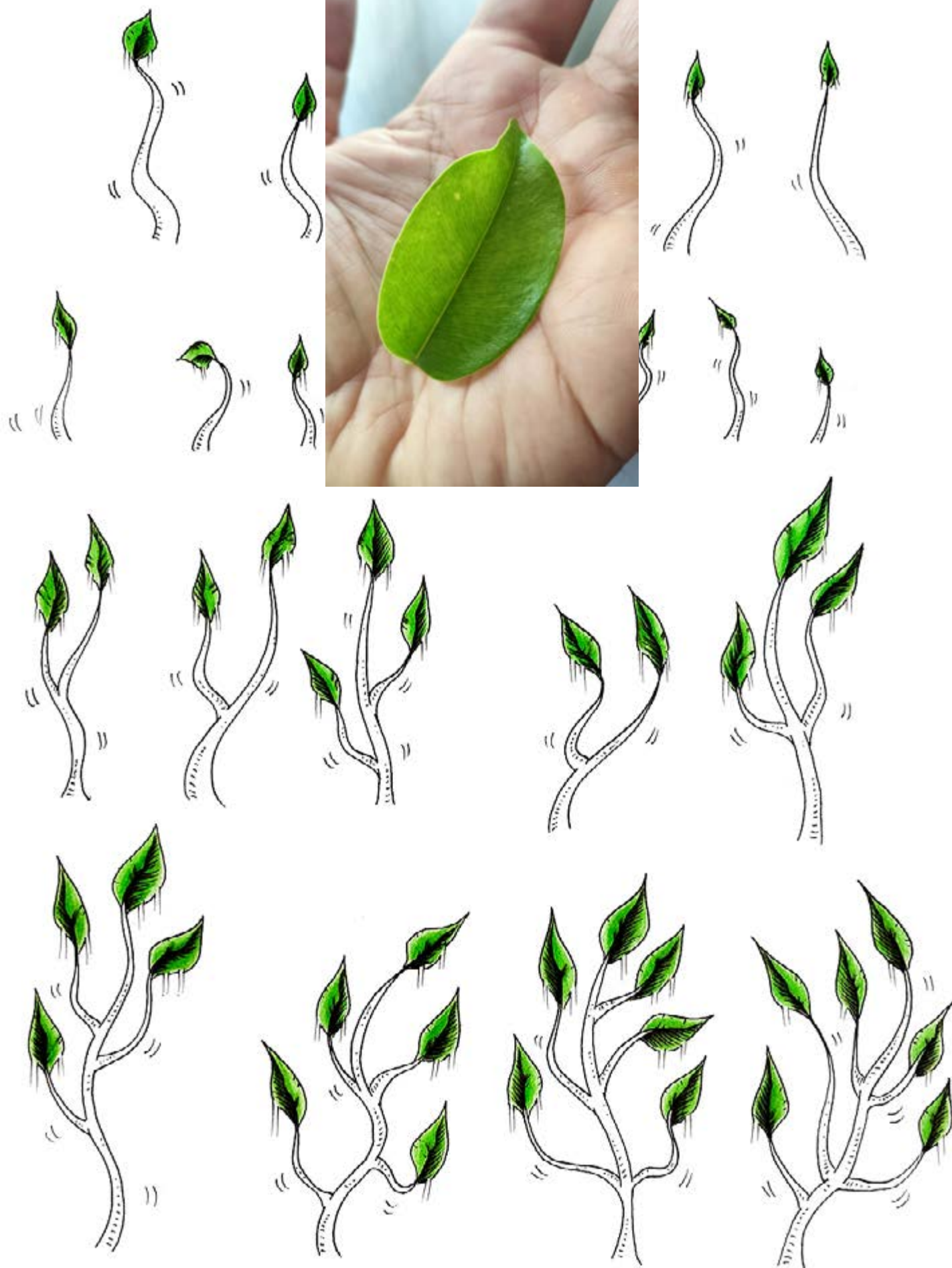


Figura 119 – Processo de criação da folha do *Ser Árvore* no quadrinho *UmDon*, 2024. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

A CONEXÃO COM AS ÁRVORES

Era comum eu estar em cima de uma árvore até os meus 16 anos de idade. Desde pequeno meu contato com elas sempre foi intenso. Nessa casa de Gurupi tínhamos várias árvores, as duas na calçada da frente eram Figos-Chorões, o Pinheiro e a Sete Copas na parte interna da frente, o pé de Acerola, Jambo, Limão e Manga no fundo. Eram minhas companheiras, meus locais de fuga, meus abrigos e minhas diversões. Fingir que um cabo de vassoura era uma espada ou lança, lutar com a árvore como se fosse uma gigante a ser derrotada ou mesmo me unir a ela em uma corrida para os desfiladeiros gloriosos onde os guerreiros lutavam até a morte, era muito comum. Mesmo mais velho, já na juventude onde você infelizmente não mergulha mais em mundos fantásticos e criativos que sua mente cria, lá estava eu, subindo na árvore e me deitando no galho triplo que ela tinha e que ficava acima de nossa casa, perto da caixa d'água. Descansar, me isolar ou ter um momento só meu, era o que eu buscava. Lembro de uma vez que minha mãe e meu tio estavam me procurando e, ao perceberem que eu estava deitado nesse galho triplo acima da casa, comentaram: "O Don é muito sozinho". Mas eu não estava só, quem me fazia companhia era ela: a árvore. Será que o Ser Árvore é fruto desses momentos?... Calma! Não precisa gritar... estou vendo isso também!... Aos 16 anos me mudei para a Bahia, morando em uma casa sem árvores. Nessa mudança houve muitas perdas. Desde então, nunca mais subi em uma árvore como antes. Em minha casa tenho duas árvores, uma na parte interna chamada Amargosa, outra na parte externa chamada Pata de Vaca. Subo nelas duas ou três vezes ao ano para podá-las. Mesmo passando a mão nelas, conversando, sentindo sua textura e energia, não me conecto com elas como antigamente. Quem dera eu tivesse novamente meus 15 ou 16 anos para ter a mesma agilidade ao subir nelas. Sinto saudades!... Com licença que vou ali subir em uma árvore...

Como vimos anteriormente neste texto, a estética do Ser Árvore veio do encontro com meus rascunhos da graduação que expressavam um pensamento de conexão com *Gaia* baseado nos conceitos que eu estava conhecendo, à época, de James Lovelock. A escolha da árvore como elemento de hibridização com o ser

humano sempre teve uma definição conceitual muito forte em mim. Contudo, acredito que outros fatores inconscientes da minha história me encaminharam para trazer essa estética para frente do meu fazer artístico. Como a árvore se apresentou como esse elemento estético de hibridização? De forma inconsciente, essa ligação afetiva que eu tenho com árvores desde a infância me colocou nesse caminho de olhar para elas de uma maneira diferente em minhas formações acadêmicas. Mergulhando nos meus guardados e memórias, encontrei-me com vários momentos em que as árvores se fazem presentes (Figura 120).



Figura 120 – Momentos de descontração e brincadeiras em árvores da minha casa em Gurupi – TO, entre 1985 e 1999. Dimensões: 15x10cm. Fonte: arquivo pessoal.

Outro ponto de encontro inconsciente com essa estética da árvore hibridizada com o ser humano está nos quadrinhos e filmes que fizeram parte da minha história. Muitas obras usam a árvore como elemento simbólico de conexão com a natureza e/ou de entidades com imensa sabedoria. Como exemplo temos o *Monstro do Pântano* e o *Barbárvore*, dos escritores britânicos Alan Moore e J.R.R. Tolkien, que fizeram parte das minhas leituras na adolescência. A vovó *Willow* de *Pocahontas*, o Fauno de *O Labirinto do Fauno* e a entidade de *7 Minutos para Meia Noite* foram filmes que trouxeram esses seres com características híbridas e me marcaram (Figura 121). Referências que não estavam conscientes no momento de criação dos desenhos da graduação, porém, com certeza trouxeram influências nos traços que foram elaborados.



Figura 121 – Referências estéticas que influenciaram a criação do Ser Árvore no quadrinho *UmDon*. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Monstro_do_P%C3%A2ntano, <https://br.pinterest.com/pin/5207355813222984/>, <https://vanessatuleski.com.br/labirint/>, https://disney.fandom.com/pt-br/wiki/Vov%C3%B3_Willow e <https://veja.abril.com.br/cultura/imperdivel-a-dor-e-bela-em-sete-minutos-depois-da-meia-noite/>. Acesso em: janeiro de 2025.

Os primeiros esboços para o *Ser Árvore* trazem cores e características mais grotescas, ilustrado com bolhas em sua pele e um tom esverdeado, se assemelhando visualmente ao *Monstro do Pântano* de Moore, por exemplo. Com os experimentos estéticos da entidade, o verde da pele foi substituído pela cor marrom, tom natural da minha pele, e as bolhas foram reduzidas para que o personagem fosse mais humanizado. Contudo, no desenvolvimento do fazer artístico do *UmDon*, a cor foi retirada para o trabalho poético que vimos anteriormente e esses elementos mais grotescos como as bolhas saíram para deixá-lo mais humanoide ainda, visto que era uma representação de mim mesmo, porém, evoluído como um novo ser (Figura 122). A cor do tom de minha pele iria voltar no momento de conexão dos *Seres Árvores* com *Gaia* e no bebê apresentado junto com o manifesto, respeitando o planejamento poético das cores que havia sido estabelecido. Pensar nas árvores como partícipes da minha história me faz compreender como meu inconsciente me encaminhou para a entidade poética *Ser Árvore*. Confiar minha transmutação a elas é me reencontrar com aqueles momentos e referências da infância/adolescência/juventude.

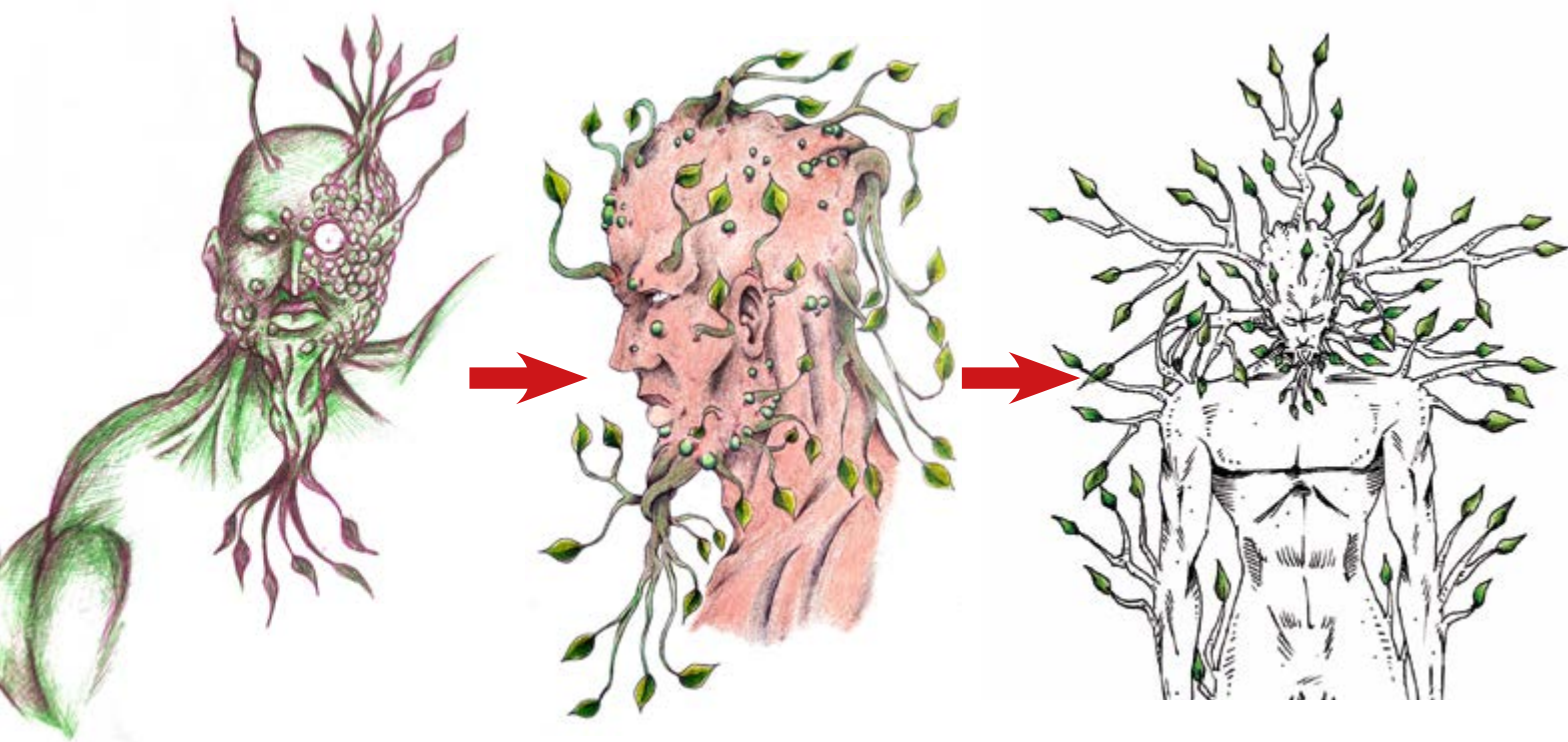


Figura 122 – Evolução do *Ser Árvore* no processo criativo do quadrinho *UmDon*, sem data definida.
Dimensões: diversas. Fonte: arquivo pessoal.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

O CORDÃO UMBILICAL

Recentemente descobri em uma conversa com minha mãe sobre o cordão umbilical do meu filho que ela enterrou o meu no pé de uma das árvores da casa onde morávamos em Gurupi. Ela não soube precisar em qual delas foi, todavia, em meu peito sinto que a mangueira que havia em nossa casa era especial. Era a árvore em que eu mais brincava, subia e me balançava na infância. Quando adolescente deitava no alto de seus galhos para ler, meditar ou simplesmente descansar. Os filamentos das raízes da árvore devem ter se envolvido no meu cordão umbilical e conectaram minha energia à da árvore. Minha representação poética como Ser Árvore já se desenhava desde meu nascimento, passando pelo super-herói que soava como uma flor, nas referências culturais dos desenhos que assistia e nos quadrinhos que eu lia, até desaguar na minha formação e atuação profissional. Sem saber, minha mãe me entregou aos cuidados de uma árvore e ela passou a cuidar de mim desde então.



Para finalizar, alguns pequenos *easter eggs* foram colocados conscientemente nas composições do quadrinho, referências a objetos, locais ou momentos que estiveram presentes em minha vida. O rádio relógio que apresentava as horas em vermelho ficava no quarto de meus pais e eu gostava de mexer nele quando era criança. O ano da minha mudança da Bahia para Goiás como um número de loja por onde o *Ser Controlado* passa. O ponto de ônibus de concreto que Goiânia tinha no início dos anos 2000 e que constantemente caíam por falta de manutenção, por vezes ferindo pessoas. O *headset*, o computador antigo e o fio telefônico encaracolado que eram presenças constantes no *callcenter*. Minha televisão de tubo, comprada com meus primeiros salários ao trabalhar em uma loja de variedades em Gurupi e que esteve comigo de 1999 a 2014 (Figura 123). São elementos que se ligam à minha vida e fortalecem a conexão do *UmDon* comigo.

Ano da minha mudança BA-GO

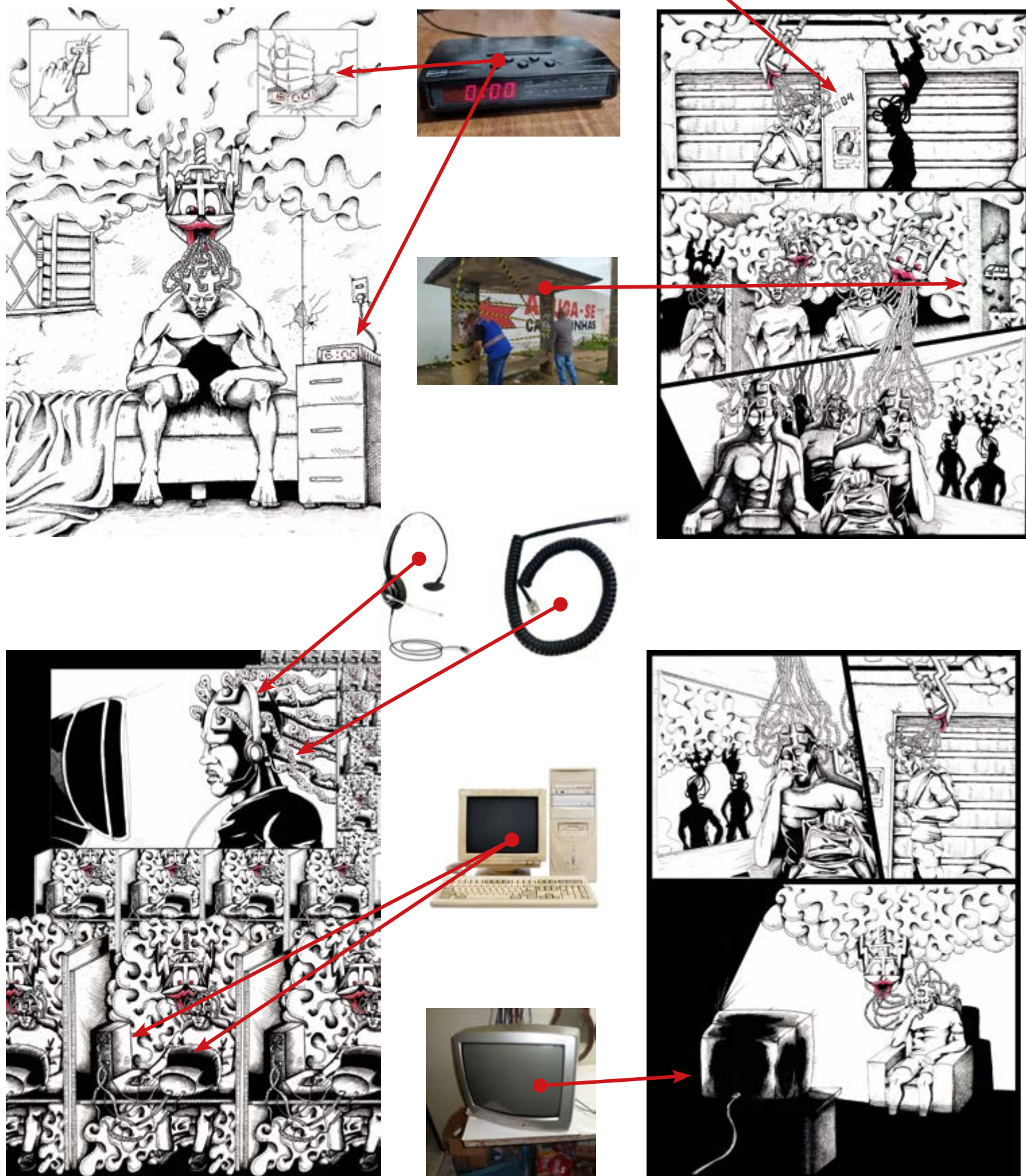


Figura 123 – *Easter eggs* do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Refletir sobre essas características no fazer artístico, que nos acompanham desde a tenra idade, é trazer à tona elementos conscientes e inconscientes de nossa mente, os quais vêm à produção quando estamos imersos no processo criativo. Essas manifestações que são remexidas pelo ato autobiográfico no processo de mergulho são características formadas dentro de nós por influências culturais e sociais que nos cercam. A autobiografia, como intencionalidade de pesquisa, potencializa a identificação desses elementos, onde tomamos consciência deles para poder utilizá-los com maior eficácia poética no gestual artístico de instauração da obra. Toda essa análise enriquece o quadrinho *UmDon* como produção artística que mergulha no autobiográfico como catalisador de um processo. Apesar de culminar em uma obra poética com simbolismos para suscitar reflexões para além de mim, é minha história que vemos ali narrada, são meus sentimentos que alimentam a produção, vestígios de minha vida ajudam na elaboração da composição e elementos de mim criam as simbologias.

Com isso chegamos ao resultado final do processo de produção do quadrinho *UmDon*, um caminho intenso na pesquisa que me proporcionou reencontros afáveis e o confronto com questões desconfortáveis. A memória e o arquivo foram elementos fundamentais nesse caminho, evidenciando os *Dons* que existiram nessa história de vida e vislumbrando novos passos para os que ainda estão por vir. Todo esse trajeto intimista me fez compreender onde e como habito o mundo, quem sou no projeto *Simbiose* e o que é o meu fazer artístico na contemporaneidade. Incorporo a entidade poética *Ser Árvore*, transmutado e conectado com *Gaia*, evoluindo para ser a floresta tão necessária em nossa realidade.



LRESLER:
SEIVA
AUTOBIOPOÉTICA



O autobiográfico moveu meu processo de criação no fazer artístico e perturbou minha identidade, revirou a história que eu conhecia e a conformidade de mim mesmo. Desta forma, pude ser semeado novamente em uma terra fértil, me reencontrando em minha narrativa fantástica e germinando poeticamente como *Ser Árvore*. Esse mito de origem e identidade, sempre em constante transformação, foram abraçados no processo criativo desta tese de doutoramento nos mergulhos pelos meus arquivos, memórias, dores e afetos. O lugar onde me encontro nesse debate é o das Artes Visuais enquanto artista e pesquisador, trabalhando minha produção com intencionalidade autobiográfica.

Esse fazer artístico germina como forma, identificação e reconhecimento poético para meu caminhar no mundo. Para além da grafia da vida, o que aconteceu nesse processo de pesquisa, produção e escrita foi o fazer da vida. A obra se fez por meio de uma prática artística que mergulhou no autobiográfico como catalisador de um ato de criação em que a materialidade dos guardados e da própria produção evocou a imaterialidade das memórias e histórias que se ativaram. Isso culminou em um gesto artístico que me levou à noção de autobiopoética, uma compreensão que se dá pela reflexão com a prática, permeada pelas singularidades dos processos e do lugar onde me encontro. Não só penso sobre a vida ao fazer arte, mas também as vivo – a vida e a arte – num movimento cíclico. Esse conceito será aprofundado mais à frente no texto. Todavia, para chegar a essa reflexão foi necessário primeiramente me encontrar com outros pensamentos, que me ajudaram e conduziram ao ato autobiográfico na pesquisa.

Bases conceituais para a autobiopoética

A autobiografia é um lugar de reflexão do eu muito potente na contemporaneidade com possibilidades identitárias, formativas e narrativas que aprofundam o conhecimento de si no mundo. Narrar a própria história é algo que está profundamente ligado à necessidade humana de dar forma e sentido para suas experiências de vida. Pesquisas que envolvem o ato autobiográfico vêm sendo debatidas já há algum tempo e aprofundam reflexões que foram um ponto norteador para esta pesquisa de doutoramento. Para entender o campo de debate e estudos sobre a autobiografia me encontrei com alguns autores e autoras que me deram um panorama de características da perspectiva autobiográfica. Apesar de algumas diferenças e singularidades na genealogia de seus estudos, busquei realizar um diálogo entre seus pensamentos que contribuíram para refletir essa forma e sentido a partir do meu fazer enquanto artista e pesquisador.

Philippe Lejeune, por exemplo, realizou um estudo entre as décadas de 1970 e 1980 sobre a autobiografia enquanto gênero, com foco principalmente nos Estudos Literários. O autor define a autobiografia como uma narrativa retrospectiva que uma pessoa real faz de si mesmo, evidenciando sua história e aquilo que constitui sua personalidade. Com isso, ele apontou para uma ideia de pacto onde sugere que as autobiografias têm como característica central um compromisso firmado entre o autor da obra e os leitores. Para Lejeune, o pacto autobiográfico envolve a constatação da identidade do autor no texto ou, em último caso, a identificação de seu nome na capa do livro. Portanto, existe uma crença de que a verdade ou realidade está sendo relatada naquela obra (Lejeune, 2008).

No quadrinho *UmDon*, meu nome está colocado no título da obra e acaba trazendo essa relação contratual. Ao pensar esse conceito não tive a intencionalidade de endereçar esse pacto ao qual Lejeune se refere. Apenas vi uma possibilidade poética de realizar um anagrama da palavra “mundo”, por conta do meu nome terminar com a letra “N” e, assim, subverter seu significado demonstrando a singularidade daquele processo com a expansão de sua reflexão poética para além de mim. Todavia, inconscientemente, colocar meu nome dentro do processo criativo do fazer artístico foi um movimento natural. Acredito que o fato de estar envolto numa pesquisa que usa a autobiografia como solo fértil para poder germinar seu desenvolvimento tenha me conduzido a olhar para meu nome como elemento para constituir a obra de alguma forma. Afinal, *Don* é um dos vestígios que constituem minha história de vida.

Lejeune nos apresenta um olhar para a autobiografia que está muito calcado na identificação do autor da obra, seja por sua personalidade ou pelo timbre de seu nome. Sua caracterização de espaço autobiográfico, ou seja, lugar onde essas características do autor da autobiografia emergem, está muito amarrada a essa ideia de pacto autobiográfico. Esses elementos podem ser percebidos na produção artística desta tese de doutoramento, porém, acredito que minha produção vá um pouco além desse pacto proposto por Lejeune nos Estudos Literários.

Nesse ponto, o diálogo passa a ser com Leonor Arfuch,



que tem um aprofundamento de pesquisa sobre o tema nos Estudos Culturais e apresenta um olhar mais amplo para o espaço de um relato de vida. A autora apresenta uma reflexão mais dialógica, abandonando, em certa medida, o caráter contratual apresentado por Lejeune. Dessa forma, Arfuch nos propõe deslocar a reflexão do “pacto” para o “espaço”, definindo-o como lugar de convergência de múltiplas formas, gêneros e diálogos, dando foco na questão da linguagem e permitindo uma maior liberdade para as produções. Nesse ponto, compreendo que o exercício biográfico que a autora se refere está contido no ato autobiográfico e, portanto, o conceito da autora abraça um espaço de autobiografia²³ também (Arfuch, 2010).

Esse pensamento mais amplo me fez perceber a autobiografia como um movimento de experimentação criativa mais abrangente e menos prosaica como Lejeune apresentava em sua definição. Desse modo, trazendo um olhar de onde estou nas Artes Visuais, percebi que a pluralidade de formas evidenciada por Arfuch dialoga com a diversidade de linguagens artísticas que eu poderia acessar em um trabalho com intencionalidade autobiográfica. Pensar no espaço de autobiografia como um local de diálogo ao invés de um local de contrato permite que a autobiografia ganhe força enquanto processo criativo.

A “ultrapassagem do umbral da autenticidade”, relatado por Arfuch (2010, p. 137), potencializou meu processo e possibilitou a quebra de algumas amarras iniciais no desenvolvimento do fazer artístico. E é nesse ponto de transpor as barreiras das sacralizações e da borda da realidade num processo criativo autobiográfico que minha produção artística se beneficia. A liberdade de me autorretratar e de elaborar um roteiro poético sobre minha trajetória possibilitou a criação do *Ser Árvore* como minha identificação cultural. A perturbação da minha identidade foi mais profunda por me permitir de maneira mais poética e menos canônica. No mergulho que o ato autobiográfico me proporcionou pude (re)ver, (re)significar a mim mesmo inquietando aquele autorreconhecimento que eu tinha.

Ao propor a dessacralização da figura do autor, Arfuch evidencia a importância da experiência vivida no processo autobiográfico. A forma de se elaborar a narrativa de si, as ativações que acontecem na memória, as histórias que são colocadas à luz ou não, são aspectos mais valiosos do que a literalidade ou sequencialidade dos fatos vividos. Não se trata, portanto, dos relatos, acontecimentos, momentos ou veracidade dos fatos, mas sim das estratégias de representação de si que importam. Sejam essas construções narrativas ficcionais ou não (Arfuch, 2010).

Olhando com mais atenção ao proposto por Arfuch, focar na experiência e nos

²³ Ao me referir ao espaço biográfico ao longo do texto, endereço o pensamento para o conceito de Leonor Arfuch. Quando usar espaço autobiográfico ou de autobiografia, estou trazendo a reflexão da autora para o lugar onde minha pesquisa floresce.

modos de elaboração do quadrinho *UmDon* enriqueceram meu ato autobiográfico, que comecei a perceber durante o processo como um “gesto” (Salles, 2004), pensando no gestual do artista na instauração da obra. Nos mergulhos investigativos, ao não ficar contido na membrana das coleções de acontecimentos, momentos, atitudes da casca que constituía minha semente de vida, pude rompê-la para germinar um gesto autoral e poético. Retratar a vida em sua literalidade acaba por restringir as possibilidades narrativas. Esse desenvolvimento de um relato com maior liberdade de sua referência e consciente de sua ficcionalidade toca na questão da *autoficção*.

O criador do termo *autoficção* é Serge Doubrovsky, escritor e crítico francês que também se aprofunda sobre o tema nos Estudos Literários, apresentando o conceito na quarta capa do seu romance *Fils*, em 1977. Para o autor, toda autobiografia comporta sua parcela de ficção. Ao pensar dessa forma, Doubrovsky enfatiza que a representação de si que um autor faz em sua obra não pode ser considerada uma autobiografia por não ser o acontecimento de fato. Portanto, a *autoficção* seria uma prática contemporânea que mistura elementos autobiográficos como matéria, contudo, a forma como ele coloca no mundo é por meio de narrativas ficcionais. Essa prática deliberadamente borraria os limites entre realidade e ficção (Doubrovsky, 2014).

Anna Faedrich, que se aprofunda nos Estudos Literários Contemporâneos, questiona esse borrão da realidade apresentada por Doubrovsky. Segundo a autora, a *autoficção* não é invenção, pois quando relativizamos e questionamos a possibilidade de representação do real por uma linguagem caímos na armadilha de considerar tudo ficcional, ou seja, inverossímil (Faedrich, 2015). Para desenvolver melhor o conceito apresentado por Doubrovsky, Anna Faedrich nos mostra uma reflexão que coloca uma diferenciação entre os termos *autobiografia* e *autoficção*, ajudando a nortear uma compreensão para essa dicotomia:

Afirmar a impossibilidade da autobiografia não é, a meu ver, o caminho mais propício à distinção entre ambos os gêneros. Por isso, diferencio o movimento da autobiografia (vida → texto [ato criativo]; prática entre pessoas notáveis, não necessariamente escritor) e da autoficção (texto → vida; prática entre escritores). Tal distinção ajudará a relativizar as afirmações de Doubrovsky e tornar claros os argumentos (Faedrich, 2016, p. 39).

O conceito de *autoficção*, assim sendo, é uma prática focada do texto para as relações com a vida. Já a autobiografia apresenta uma relação que tem como ponto de partida a vida, endereçando seu desenvolvimento para os espaços de autobiografia que podem tomar formas narrativas diversas. Por conta disso realizo o complemento no texto de Faedrich, pois a relação da autobiografia não é somente com o texto, mas sim com o ato criativo que pode envolver várias possibilidades de produção, incluindo

a textual. Compreendendo essa distinção, o ficcional no quadrinho *UmDon* se apresentou como invólucro poético para rememorar e refletir sobre os acontecimentos das minhas histórias de vida. Essa “estratégia de autorrepresentação”, como elucidou Arfuch (2010, p. 137), foi um campo fértil para experimentar diferentes formas de narrar nesta pesquisa, todavia, partindo da vida para a criação no fazer artístico, não o contrário.

Nesse ponto o diálogo passa a ser com Marie-Christine Josso, que tem uma profunda pesquisa sobre a autobiografia no campo da Educação. Ela entende que usar as histórias de vida em um processo autobiográfico pode ajudar a (re)significar nossa compreensão de ser e estar no mundo. Para a autora a reflexão dessas histórias permite que o sujeito possa compreender a pluralidade, a fragilidade e a mutabilidade de sua identidade ao longo da vida. Apresentando esse pensamento, percebo que Josso demonstra que uma pesquisa que tenha intencionalidade autobiográfica não é um registro estático da vida, mas sim um processo em constante transformação (Josso, 2007). Posto isso, minhas histórias de vida foram importantes para o desenvolvimento do fazer artístico desta tese de doutoramento, ganhando força como um gesto poético na produção. No processo de criação, memórias foram sendo ativadas trazendo histórias de vida que se enraizaram no enredo e, posteriormente, outras ativações na escrita ramificaram como *Diários do Ser Árvore* ao longo deste texto, trazendo novas simbologias e elaborações para o trabalho que enriqueceram a produção artística.

Josso enfatiza que a autobiografia não se constrói de forma linear, mas resulta de um percurso sinuoso, marcado pela interação entre vivências pessoais e o contexto coletivo em que o sujeito está inserido. Cada trajetória floresce a partir da singularidade de quem a percorre e da alteridade daqueles que compartilham essa existência. Nesse movimento, surgem trocas,

encontros, reflexões e compreensões que alimentam o processo (Josso, 2020). Nessa pesquisa me encontrei com um determinado *Don*, fui até você e compreendi outro *Don*, visitei a comunidade que me acolhe e vislumbrei mais um *Don*, e dessa forma, num ciclo de vai e vem, minha “existencialidade”, como relata Josso (2007, p. 415), foi sendo cultivada. Isso mostra como a autobiografia não é um processo contido apenas em mim, ela tem uma dimensão relacional com o mundo e as pessoas que me cercam que é inegável.

A autora me fez perceber que a noção de identidade que tinha, tenho e terei se altera e se reescreve ao longo do tempo à medida que evoluções e experiências se desdobram em minha jornada pelo mundo. Portanto, sou mutável! A minha identidade não é cristalizada e, como diz Arfuch, pode ser – e assim foi nesta pesquisa – perturbada. Josso entende que a identidade deve ser concebida como um processo contínuo de identificação e evolução, apresentando uma reflexão de si na formação do sujeito (Josso, 2007). Arfuch já aborda essa questão da identidade como uma identificação cultural, atravessada por contextos históricos, relacionais e sociais (Arfuch, 2010). Para o entendimento de identidade ou identificação poética nesta tese, apesar das particularidades de cada pensamento, acredito que o diálogo entre as autoras é mais produtivo, visto que compreender-me enquanto sujeito implica, inevitavelmente, compreender-me como integrante de redes culturais e sociais que moldam e sustentam essa singularidade, tornando minha identidade um processo dinâmico de articulação entre reflexividade pessoal e identificação coletiva.

Desta forma, ao realizar este processo de pesquisa, entendo que o *Ser Árvore*, minha identificação poética neste recorte, é um germinar de afetos, memórias, contextos e reflexões que entraram em devir nesta tese de doutoramento. Uma compreensão da minha singularidade que também é um entendimento de um *Don* dentro de uma coletividade. Olhar para mim também me fez refletir sobre as minhas inquietações sociais, culturais e políticas. Temas latentes como o crescente debate sobre as questões ambientais e o individualismo em nossa sociedade fomentado por um sistema capitalista²⁴ foram compondo naturalmente o fazer artístico e fazendo parte da minha narrativa. Isso demonstra como o processo criativo que parte do autobiográfico não é um ato de egocentrismo. Pelo contrário, partindo de si trabalhamos o mundo de maneira mais potente. Todavia, hoje sou árvore... e amanhã? Não sei! Afinal, as mudanças sociais geram novas questões sociais e coletivas que necessitam de uma nova reflexão, tornando essas representações ou identificações obsoletas, insatisfatórias ou mesmo datadas. Esse processo criativo deve deixar um sabor de quero mais, para que novos mergulhos sejam dados futuramente.

Compreender o pensamento desses autores, apesar da genealogia de seus


²⁴ Me aprofundo nessas questões no próximo capítulo.

estudos e das singularidades em cada campo de pesquisa, me fez refletir sobre os caminhos desta pesquisa. Lejeune me ensinou sobre a marca indelével do autor em um processo autobiográfico. Arfuch expandiu as possibilidades de espaço para exercer o meu fazer artístico com intencionalidade autobiográfica. Doubrovsky e Faedrich me mostraram a força poética da ficção na composição da obra. Josso me apresentou o campo fértil de trabalhar as histórias de vida, compreendendo a questão de identidade/identificação em diálogos com Arfuch. Ao olhar para a costura que foi se ramificando pelos conceitos dos autores do lugar onde me encontro nesse debate – o das Artes Visuais como artista e pesquisador – vejo um diálogo muito frutífero com uma arte contemporânea, comunicacional, relacional, transformadora e, também, formadora. Refletindo sobre essa costura que apresenta um molde artístico e conceitual para esta pesquisa de doutorado, passo a compreender um conceito diferente para o trabalho. Enquanto a autobiografia remete à reflexividade da vida por meio da escrita, a instauração da obra de arte no meu processo criativo autobiográfico mostrou-se como uma estratégia de representação de si no fazer artístico. Posto isso, a *autobiopoética* passou a definir esse processo de pesquisa. É um fazer a vida na arte.

Autobiopoética

Esta pesquisa de doutorado teve início a partir de uma proposta de fazer artístico, conduzida por um mergulho autobiográfico que atuou como catalisador do processo criativo. O desenvolvimento do trabalho prático foi sendo realizado concomitantemente ao aprofundamento teórico, delimitando esse molde artístico e conceitual que foi costurado no diálogo da minha produção com os conceitos dos autores apresentados e com os debates no meu grupo de pesquisa, o NuPAA/CNPq/UFG. À medida que meu mergulho foi se intensificando, percebi a necessidade de uma reflexão sobre a *autobiografia* enquanto conceito definidor desse processo. Olhando para a etimologia da palavra, sua raiz é grega, αὐτός/autos/auto + βίος/bios/vida + γράφειν/graphein/escrita, portanto, o termo remete à ideia de escrita da própria vida. Com o tempo, os estudos sobre o conceito se aprofundaram em diferentes campos do conhecimento, como vimos anteriormente, superando a simples tradução da palavra e passando a compreendê-lo como uma forma de reflexividade da vida por meio da escrita.

Arfuch aprofundou essa reflexão e passou a perceber a fragilidade da “grafia” como estrutura definidora para as produções contemporâneas, pois “nas Artes Visuais, há uma tendência muito reconhecível de incorporar nas obras objetos, fotografias, roupas, cartas, diversas marcas da vida pessoal do artista” (Arfuch, 2010, p. 60).

An abstract line drawing occupies the left margin of the page. It consists of numerous overlapping, swirling, and intersecting lines in black and grey, creating a complex, organic, and somewhat chaotic pattern. Some lines are thicker and more prominent, while others are thin and delicate. The overall effect is one of continuous movement and layered complexity.

Esse pensamento demonstra a pluralidade de linguagens onde autobiográfico pode estimular e/ou repousar. Neste campo de questionamento levantado pela autora, colegas do NuPAA já apontaram para esta percepção da “insuficiência do texto [...] reconhecendo a existência de outras expressões da vida em performances, imagens em movimento e materialidades artísticas diversas que careciam de estudo aprofundado” (Rodrigues; Barra; Souza, 2023, p. 3).

O que querem os artistas com o autobiográfico? Ao pensar na autobiografia e nas especificidades de nossa área de atuação, percebo que os artistas criam formas e modos de uso das materialidades e imaterialidades autobiográficas que expandem o conceito. São experimentações e produções com histórias de vida, vestígios, memórias e guardados que ampliam e estimulam novas expressões, experiências e diálogos. Sem negar os estudos já realizados, os artistas estão contribuindo de maneira significativa para que a autobiografia na pesquisa em arte seja (re)significada em seus projetos poéticos, necessitando de conceitos-operatórios que definam melhor as estratégias do fazer e possibilitem a construção de um percurso autoral e conceitual.

Por conta desses questionamentos, percebi que utilizar *autobiografia* como conceito definidor deste processo revelou-se insuficiente. O termo carrega em si a força do ato da escrita, restringindo outras tantas linguagens de expressão artística na contemporaneidade, e que escapam dessa noção. Ao trazer a reflexão para o lugar de onde pesquiso, reconheço que minha prática enquanto artista se constitui na criação de formas poéticas, simbolismos e metáforas que dão expressividade às minhas inquietações, sejam elas de ordem sentimental, social, política ou outras que atravessam meu existir. Assim, reconhecendo a aderência desta pesquisa à linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação, ressalto que a *poética* é um conceito que está na raiz da minha formação acadêmica.

A *poética*, enquanto conceito, encontra suas raízes na filosofia aristotélica, quando o pensador grego busca compreender o âmbito das atividades humanas e propõe a distinção entre a *poiesis* – a atividade produtiva, voltada à criação – e a *práxis* – a atividade prática, voltada à ação (Aristóteles, 2008). Ao longo do tempo esse conceito foi se desdobrando, ganhando novas camadas e contornos. Paul Valéry, ao retomar essa distinção, propõe o termo *poiética* para se referir ao processo criativo do poeta, enfatizando que o momento da criação possui uma importância que deve ser olhada com mais atenção. É um fazer que não se reduz ao resultado final do poema, tomando consciência e compreendendo o caminho do processo (Valéry, 2018). Passeron, por sua vez, amplia esse entendimento ao deslocar a *poiética* do campo da poesia para o das artes em geral, reconhecendo os processos de criação artística no ato de seu desenvolvimento. É a obra em devir (Passeron, 2004). Já Certeau desloca novamente o olhar e propõe uma compreensão da *poética* como prática inerente ao ser humano, que em sua existência cria, inventa, (re)significa, produzindo expressões simbólicas que circulam e interagem com o mundo (Certeau, 2007).

A distinção entre *poética* e *poiética*, apesar de compartilharem uma raiz etimológica comum, torna-se mais evidente na contemporaneidade à medida que os estudos sobre criação artística se aprofundam. A *poiética* se apresenta como o processo – escolhas técnicas, diálogos com materiais e procedimentos, reflexões temáticas, ato criativo, o acaso – a obra em estado de vir-a-ser. A *poética* se mostra como a reverberação – seus simbolismos conceituais, os sentidos provocados, seus diálogos – para além de si na forma da obra. Se a *poiética* é a respiração do artista no fazer consciente, a *poética* é o sopro de pensamento que atravessa o fazer. Essa distinção não cria barreiras, pelo contrário, é um espaço de trocas contínuas onde o gesto criativo e o pensamento simbólico se tocam, se atravessam e se retroalimentam.

Sandra Rey, artista, professora e pesquisadora na área de Artes Visuais, traz essas reflexões para a realidade brasileira. Segundo a autora, “a pesquisa em poéticas visuais²⁵ apoia-se no conjunto de estudos que abordam a obra do ponto de vista de sua instauração, no modo de existência da obra se fazendo” (Rey, 2002, p. 134). Ela nos demonstra que a pesquisa que acontece por meio do fazer não se limita mais aos resultados estéticos ou à obra finalizada. O artista tem que ter a consciência de que seu objeto de estudo não está parado no tempo, se constitui no mesmo momento que a pesquisa se desenvolve, ou seja, está em processo. Por conta disso, os procedimentos não são apenas manipulações técnicas, são também portadores de significados no desenvolvimento do fazer. Portanto, a produção artística não pode ser elaborada e pensada como uma forma para atingir um determinado fim, mas como devir, um vir a ser que se instaura no processo de criação. A obra estabelece diálogos

²⁵ É importante frisar que em algumas regiões as linhas de pesquisa podem variar entre Poéticas Visuais ou Poéticas Artísticas, no entanto, são similares.

que vão e voltam estabelecendo uma força que pode continuar indefinidamente (Rey, 2004).

Partindo desse pressuposto da obra em devir, a articulação entre *poiética* e *poética* se intensifica: se a *poiética* emerge nos processos de realização da obra, a *poética*, por sua vez, surge nas dimensões simbólicas, subjetivas e imateriais do processo. Iclea Borsa Cattani amarra essas definições colocando o termo *poética* como definidor da produção artística:

A poética pode ser considerada como tudo que constitui a obra em si mesma, a partir do momento de sua instauração. Trata-se da obra na sua fisicalidade própria, com suas formas, materiais, técnicas, suportes, ou seja, todos os elementos utilizados na sua composição pelo artista. Mas trata-se também de seus múltiplos sentidos e significados, os quais escapam em parte, ao desejo, à intenção e até mesmo ao controle do seu criador (Cattani, 2007, p. 13).

As produções artísticas estão inseridas em um universo de linguagens que se apoiam no gesto criativo do fazer, envolvendo outra gama de relações como visualidades, imagens, objetos, corpos, representações, sons, entre outros. Muitas vezes esses caminhos se hibridizam, fomentando a poética do artista. Desta forma, ao pensar uma palavra mais próxima dos processos que originaram o quadrinho *UmDon*, pretendi o uso da nomenclatura *autobiografia poética*, unindo o termo definidor do gênero ao meu lugar de debate nesse campo de estudos: as poéticas artísticas. Contudo, essa composição ainda reforça a “grafia” como aspecto principal, como se apenas a escrita pudesse dar conta desse mergulho e reflexividade sobre a vida. O que não acontece nesse processo, pois sinto que transbordei.

Dialogando com o pensamento de Arfuch sobre o *espaço biográfico*, a autora compreende que o processo de criação que parte do autobiográfico é uma “busca transcendente do sentido da vida, exercício que cria sua própria forma” (Arfuch, 2010, p. 134). Reconheço que essa “própria forma” pode ser a própria produção artística, resultante do meu processo, do meu fazer. Posto isso, substituí “grafia” por “poética” e, ao unir “autobio” e “poética” numa só palavra criei o conceito-operatório *autobiopoética*²⁶, que passou a definir melhor este processo de pesquisa artística desenvolvido no PPGACV, trazendo a reflexividade (auto), a vida (bio) e o gesto

²⁶ Pesquisando após a delimitação do conceito-operatório, encontro aproximações na tese de Mantovani (2019, p. 259), “autobio-poética”, citando a tese de Nachtergaele (2008, p. 166), “*autobio-poiétique*”, onde ambas analisam a obra de André Breton. Alguns sites de língua inglesa resenham poemas diversos e utilizam “*autobio-poetics*”. Nesses escritos o termo surge hifenizado como uma adjetivação ao que está sendo analisado, aparecendo apenas uma única vez no texto e sem qualquer desenvolvimento conceitual. Apesar das aproximações, parto de outro lugar do debate (Poéticas Visuais e Processos de Criação) e avanço na elaboração do conceito-operatório *autobiopoética*.

artístico (poética). Trata-se poeticamente de um fazer a vida, de uma *poiesis* que não apenas registra, mas instaura, molda e confere outras materialidades, fugindo da literalidade do cânone e colocando o “eu autobiográfico” como vestígio poético na obra.

Desta forma, a poética se apresenta como parte importante desse conceito-operatório que usa o autobiográfico como catalisador do processo de criação do artista, evidenciando memórias, histórias de vida, dores, afetos, guardados. A partir desses vestígios do “eu autobiográfico” constitui-se num gesto autobiopoético, uma estratégia de representação de si, que instaura a obra, onde diferentes modos de expressão, comunicação e/ou percepção podem potencializar o fazer, sem a necessidade de criar cânones ou literalidades na produção.

Essa estratégia de representação de si dialoga com o conceito de *autopoiese* delimitado por Maturana e Varela (1997), ao associar a compreensão de mundo à capacidade de um ser vivo de se constituir nas relações com seu meio, mantendo e recriando sua identidade a partir dessas interações. Mergulhando num processo contínuo, sem cristalizações, e sim como movimento, transformação e reinvenção. Contudo, a autobiopoética não se confunde com a proposta de “fazer da vida uma obra”, como sugere Michel Fabre (2011). Não se trata de conceber a existência como modo de produção e constituí-la como objeto estético nos moldes tradicionais do belo ou do sublime, afinal, reduzir o processo a essa dimensão estética é pouco produtivo. O que está em jogo na autobiopoética é assumir a vida como potência poética no contexto de um projeto artístico. O artista não se resume à obra, mas se inscreve nela como vestígio, presença constitutiva em sua poética. O processo o move, o transforma. A obra se expande nos diálogos que florescem dela, permitindo que a produção artística estabeleça amplitude no mundo. O propósito não é localizar o artista em sua criação (como sugerem os debates sobre estética), mas suscitar reflexões com e sobre o fazer (como o desejamos no debate sobre as poéticas como lugar de conhecimento e transformação do mundo e da experiência).

Como se constituiu a autobiopoética em meu processo artístico nesta pesquisa de doutorado? Compreendo o quadrinho *UmDon* como resultado de um processo criativo que se apresenta como um ponto sobre a linha da minha vida, ou seja, um recorte que se inscreve no fluxo contínuo da existência. Embora delimitado em um espaço-tempo e entendendo que estou em constante transformação, esse processo dá forma à minha existencialidade. A autobiopoética em minha pesquisa germinou ao me encontrar com meus guardados num movimento inicialmente autobiográfico. Eles trouxeram fragmentos de mim mesmo de diferentes períodos e acionaram memórias como presença viva, convocando histórias de vida pulsantes para o processo. Tais elementos e ativações são vestígios de mim mesmo que passei a denominar como

traços autobiopoéticos, que constituem o “eu autobiográfico”. Eles foram usados para a composição do meu gesto autobiopoético, uma estratégia de representação de si, que culminou no quadrinho *UmDon*.

Os traços autobiopoéticos são uma alusão aos elementos que me formam, assim como a uma das linguagens usadas para dar vida ao processo artístico desta tese de doutoramento: o desenho. O traço é convocado nesse momento como vestígio, rascunho, vislumbre, linha, aspecto, hachura, delineação, contraste, desígnio. Desenho é traço! “A estilização mais comum no desenho, já presente nos primeiros esboços realizados pelas crianças, é a utilização de traço bem definido para delimitar o contorno dos objetos e figuras representados” (Guimarães, 2010, p. 101). Traço como delimitação dos contornos do meu desenho, de minha identificação poética, da conexão com minha criança interior, do caminho metodológico que se instaura no meu gesto autobiopoético. Traço como devir! O gesto como estratégias na elaboração da obra.

O encontro com os guardados desvendou arquivos, produções, rascunhos e escritos, alguns traços já foram sendo escolhidos e experimentados em meus gestos, concomitantemente com memórias que eram ativadas e revelavam outras histórias, outros traços, constituindo outros gestos, culminando na produção e finalização do quadrinho *UmDon*, me levando para a escrita da tese que ativa novas memórias e que trazem novos traços (Figura 124).

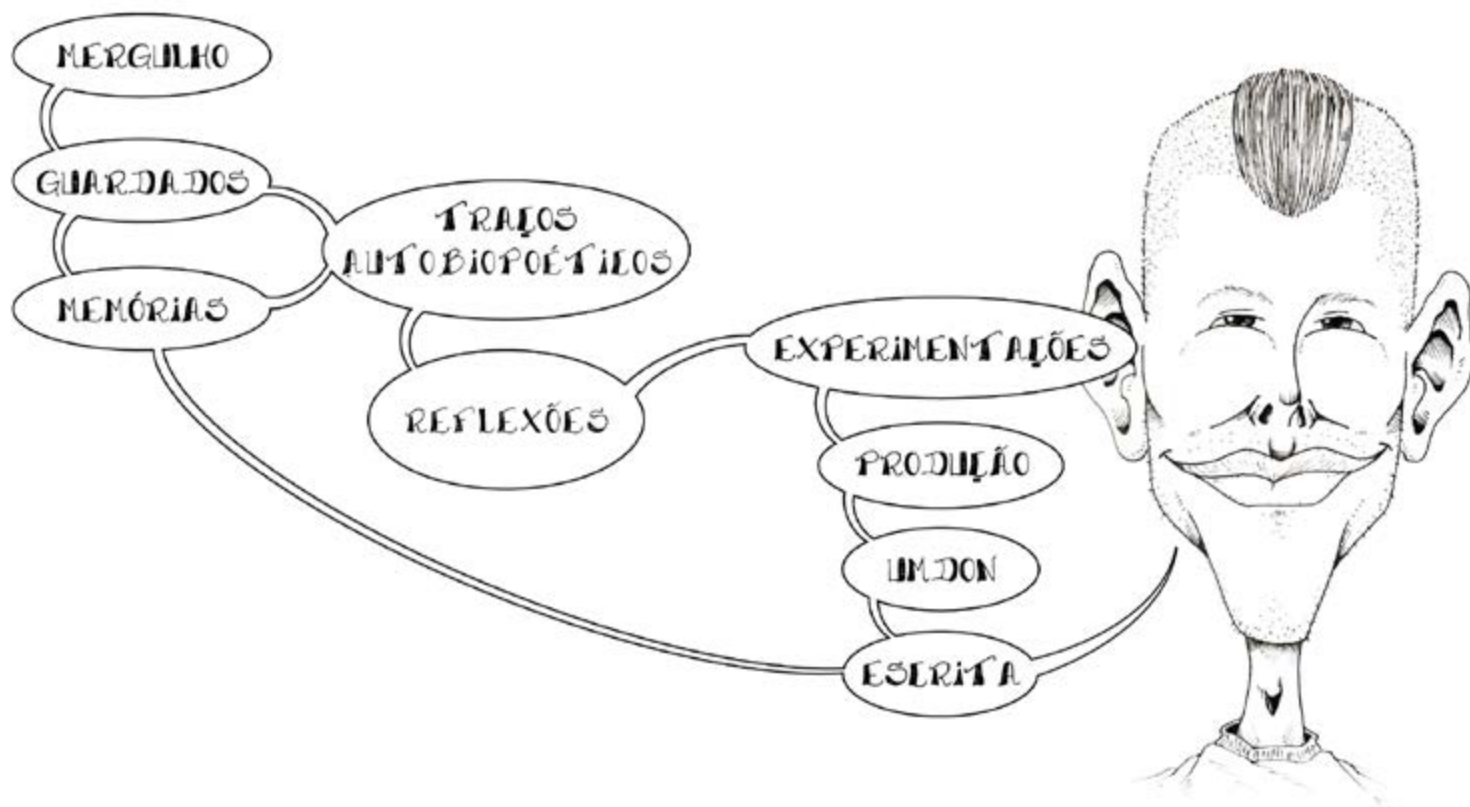


Figura 124 – Caminho metodológico autobiopoético da tese, 2025. Fonte: arquivo pessoal.

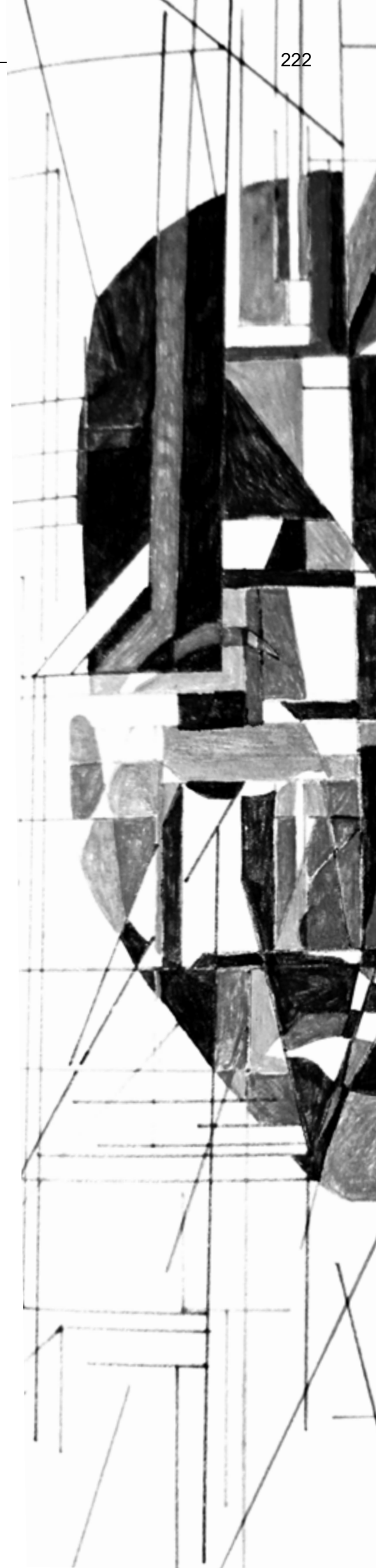
Onde está o “eu autobiográfico” na produção artística desta tese? Está como traço, como vestígio. Assim se desenvolveu a autobiopoética em meu caminho de pesquisa. É minha história que foi desenhada. Afetos, sentimentos e dores alimentaram as simbologias do quadrinho. No meu fazer artístico, o gesto autobiopoético não exigiu fidelidade ao *Don* real e encontrou potência na liberdade de ser uma alusão poética a ele. Essa representação que cresceu no processo de criação evoca a minha presença de forma simbólica.

Portanto, o *Ser Controlado* e o *Ser Árvore* não são apenas personagens do quadrinho *UmDon*, são relações existenciais da minha trajetória de vida. Mostram meu desenvolvimento reflexivo da perturbação que aconteceu em minha identidade no processo de criação da obra. Nesse sentido, perturbar é promover uma consciência crítica para se soltar das amarras do *Monstro do Controle*, que também cria narrativas e dores que aprisionam. O encontro com o *Ser Árvore* nasce desse movimento de identificação poética, um fazer a vida que reverbera na obra. Assim sendo, posso afirmar que o quadrinho *UmDon* é uma produção artística resultante de uma estratégia de representação autobiopoética, e não autobiográfica.

Compartilho do pensamento que a professora Cláudia Mariza Mattos Brandão desenvolve sobre um processo artístico:

Penso para além de um objeto artístico, como se fosse um cenário da existência, para educar na vida comunitária e para as construções sociais do futuro, estabelecendo um intercâmbio (trans) formador de experiências. [...] Somos todos partes de uma infinita corrente, constituída por uma complexa matéria reciclável (Brandão, 2020, p. 102).

Ela me mostrou que seu pensamento é voltado para a vida em comunidade, ou seja, seu fazer artístico parte de si e busca diálogo com a coletividade. Inspirado



pela professora, entendo a autobiopoética como uma estratégia de representação de si, mas que ramifica para questões coletivas. “O tempo presente é embalado pelo fluxo e refluxo das histórias pessoais, mas, principalmente, das coletivas, pois são elas que conferem um sentido quase transcendental à existência humana” (Brandão, 2020, p. 102). A autobiopoética fomenta a condição de existência em meio a um ambiente coletivo, é construir o próprio processo de transformação de si e do mundo. Afinal, não somos sozinhos. E, como afirma Brandão: “quando a arte assume o seu compromisso ético com o entorno, valorizando o comunitário como um espaço relacional em suas diferentes dimensões, ela alerta para as responsabilidades sócio-históricas compartilhadas” (Brandão, 2020, p. 103).

O lugar da autobiopoética

Refletir sobre autobiografia²⁷ com base nos autores apresentados anteriormente e deslocar o debate para o campo das Artes Visuais, com um olhar atento ao fazer do artista, constitui um desafio. No Brasil, os estudos que envolvem a autobiografia ganharam profundidade no campo da educação. Nas Artes Visuais, a maioria das pesquisas que envolvem uma reflexão mais aprofundada sobre o autobiográfico localiza-se no campo do ensino da arte. Nesses estudos, o olhar está voltado para as histórias de vida e as narrativas biográficas em processos de formação e mediação. A alteridade nesses processos evidencia a epistemologia do sujeito para que o caminho formativo seja realizado com consciência das escolhas e desafios que alimentam presente e futuro (Josso, 2020).

Já a Pesquisa em Arte, com ênfase nas Poéticas Visuais ou Poéticas Artísticas, delimita o território de investigação do artista – que também é um pesquisador – a partir do processo de instauração da obra, onde suas questões poéticas e teóricas são suscitadas pela prática artística que se constitui como centralidade da pesquisa. O fazer é o lugar em que o artista estabelece a metodologia e a problematização da pesquisa, bem como seus sentidos e significados. O ato criativo emerge no diálogo entre a prática e a teoria, ao buscar por possíveis respostas às indagações que o próprio processo de criação lança ao artista. As experimentações não envolvem erros, mas aproximações que conduzem o fazer que está em constante processo (Rey, 1996).

A criação, na prática artística, envolve lidar com questões intimistas que partem de si para o mundo, caminhos que são variáveis dependendo das relações que ele

²⁷ A partir desse momento, ao usar autobiopoética(o), estarei remetendo a minha pesquisa desta tese de doutoramento. Ao retornar para o termo autobiografia(gráfico), estarei endereçando o pensamento para os estudos que se consolidaram usando essa nomenclatura.

estabelece com seu contexto e consigo mesmo. “A obra está sempre em estado de provável mutação, assim como há possíveis obras nas metamorfoses que os documentos preservam” (Salles, 2004, p. 26). A produção artística não é um processo com predefinições e abrange experimentações, sensações e reflexões que são muito particulares de cada artista, que tem uma pré-disposição para o movimento criativo e constitui o gesto em seu fazer.

O gesto criativo dialoga com o anseio de movimento e mergulho do artista pesquisador, que encontra em suas práticas um caminho possível para o processo de autorreconhecimento. Seus estudos, croquis, reflexões e experimentações envolvem um conjunto de fatores que partem do artista até suas relações com o meio. Desde anotações, esboços, até filmes, leituras, tudo tem valor para o artista pesquisador interessado em compreender e constituir seu gesto criativo no fazer. A produção artística resultante desses experimentos não é o fim, é apenas mais um dos caminhos da criatividade do artista (Salles, 2004).

A reflexividade de si dialoga bastante com nossa área e tem possibilidades de crescimento, aprofundamento e fertilidade. A autora que tem uma pesquisa relevante acerca da autobiografia nas Artes Visuais, na perspectiva do fazer artístico, é a orientadora desta tese, professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues. Ela é uma das fundadoras de um dos principais grupos de práticas e pesquisas autobiográficas em Artes Visuais na atualidade, já mencionado anteriormente, o Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA), fundado em 2017. Segundo definições:

O Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA) é um grupo de pesquisa da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) liderado pelos professores Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (PPGACV/FAV/UFG) e Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG). O grupo está cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e tem como objetivo geral investigar poéticas artísticas e processos de criação a partir do entrecruzamento do campo das Artes com os Estudos Auto/Biográficos. O NuPAA nasceu no âmbito do projeto de pesquisa *Práticas Artísticas Autobiográficas: Intersecções entre Prática Artística, Escritas de Vida e Decolonialidade*, cadastrado junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) da UFG em fevereiro de 2017 e, desde então, tem estimulado a criação de espaços de convergência para diversos outros projetos de pesquisa que articulam os campos da Arte e da Autobiografia²⁸.

O grupo tem se destacado nas pesquisas e processos artísticos que trabalham o autobiográfico como força motriz de seu fazer criativo nas Artes Visuais. Monografias, dissertações, teses, artigos e exposições fomentam a importância do grupo academicamente e no cenário sociocultural de nosso estado/país, com alguma

²⁸ Para maiores informações sobre o NuPAA, visite o site: <https://nupaa.org/sobre/>. Acesso em janeiro de 2025.

inserção internacional. Faço parte desse grupo desde 2021 e esta pesquisa também é vinculada ao NuPAA. As experimentações do fazer artístico desta tese participaram das exposições: *Antes que acabe em nós nosso desejo*, de 2022, e *Um movimento e meio*, de 2024 (Figura 125 e 126).



Figura 125 – Folder e foto da exposição *Antes que acabe em nós nosso desejo*, 2022. Fonte: <https://nupaa.org/2022/11/07/antes-que-acabe-em-nos-nosso-desejo/>. Acesso em janeiro de 2025.

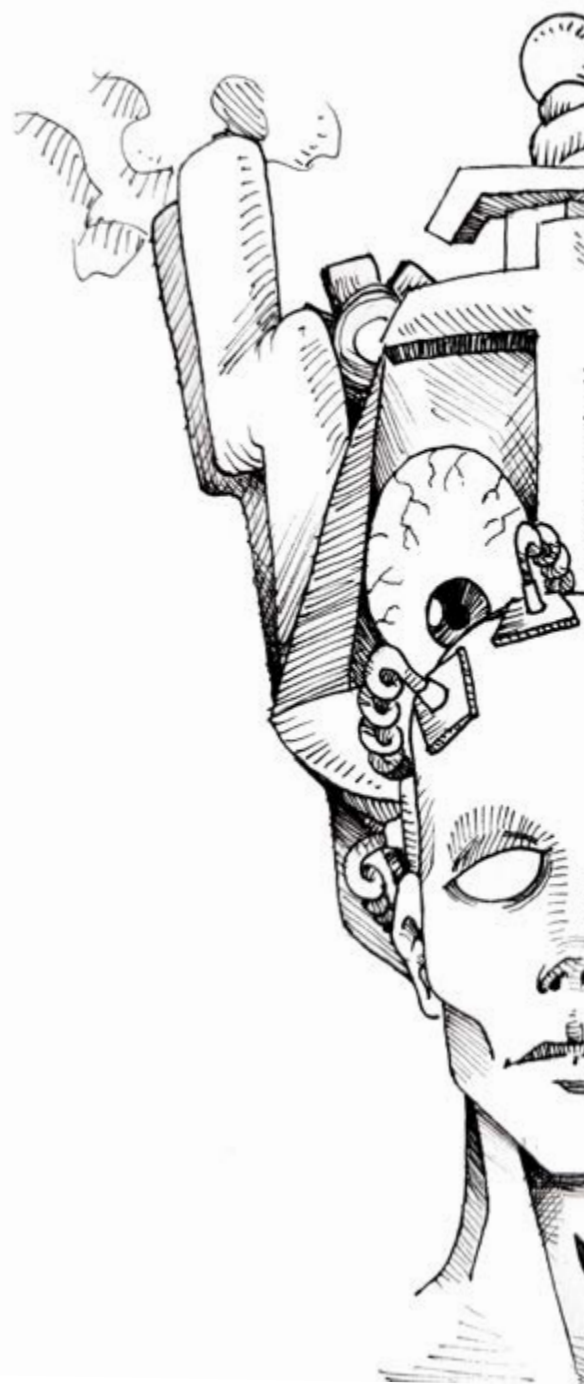


Figura 126 – Folder e foto da exposição *Um movimento e meio*, 2024. Fonte: <https://www.instagram.com/spa.ppgacv/>. Acesso em janeiro de 2025.

As investigações e práticas artísticas com intencionalidade autobiográfica nas Artes Visuais vêm crescendo e ganhando maior visibilidade no país, contudo, a estruturação conceitual dessas pesquisas acadêmicas tem sido prejudicada devido à falta de rigor no endereçamento do campo de estudo da autobiografia a partir das especificidades do fazer em Artes Visuais. Nas linhas de pesquisa voltadas ao ensino da arte, nas Artes Visuais e em outras subáreas como música, teatro e dança, as pesquisas têm demonstrado uma trajetória mais consolidada envolvendo a formação de professores e de atores. Com o aprofundamento das ações do NuPAA e o estabelecimento de parcerias acadêmicas com colegas artistas pesquisadoras de outros programas de pós-graduação em instituições de ensino superior no Brasil, Rodrigues aponta para alguns avanços recentes nos estudos da perspectiva autobiográfica em Artes Visuais a partir do fazer artístico (Rodrigues, 2021). A professora traz algumas definições que esclarecem o lugar da produção artística com intencionalidade autobiográfica:

Pesquisa Autobiográfica em Arte, ou Pesquisa Autobiográfica Baseada na Prática Artística, é uma proposta/aposta resultante do exercício de deslocamento da pesquisa (auto)biográfica da área da Educação para a área Artes, com foco em investigações realizadas por artistas que atuam em consonância com linhas de pesquisa relacionadas às Poéticas Visuais, Poéticas Artísticas, Processos de Criação e similares (Rodrigues, 2021, p. 108).

Deslocar os conceitos da área da Educação para a área de Artes com ênfase no fazer em Artes Visuais não é um movimento para criar oposição, mas para trazer visibilidade às especificidades da natureza da pesquisa realizada por artistas em linhas de Poéticas Visuais e/ou Artísticas. Nesse sentido, interessa à Pesquisa Autobiográfica em Arte observar



profundamente as escolhas acadêmicas, artísticas, técnicas, metodológicas que um/a artista faz ao mergulhar na autobiografia como fonte e força motriz de sua produção artística (Rodrigues, 2021). A Pesquisa Autobiográfica em Arte compõe a metodologia desta tese e contribui para definir esse lugar de investigação acadêmica que gera conceitos-operatórios motores dos processos de criação autobiográficos que, por sua vez, geram trabalhos artísticos como resultados de pesquisa.

A Pesquisa Autobiográfica em Arte é, como Rodrigues bem definiu em diálogos com Arfuch, um espaço autobiográfico amplo, que abarca diversas linguagens, modos de produção, métodos de pesquisa, possibilidades narrativas, expressivas e expositivas (Rodrigues, 2021). Estamos falando de pintura, fotografia, desenho, gravura, quadrinhos, performances, esculturas, videoarte, instalações, entre diversas outras formas de expressões artísticas na contemporaneidade. O artista tem uma ampla margem de escolha de linguagens que podem se relacionar com sua busca pelos guardados, memórias e história de vida. Essa abordagem de pesquisa autobiográfica para as Artes Visuais, que nasce no solo do NuPAA, tem fomentado o “senso crítico de estudantes-artistas-pesquisadoras/es sobre si e sobre si no mundo, abrindo espaços de fala e escuta revigorantes, bem como apontando caminhos para uma produção intelectual e artística atual e transformadora” (Rodrigues, 2021, p. 109).

Ao tecer reflexões sobre as relações entre arte e autobiografia em diálogo com o filósofo italiano Luigi Pareyson, Rodrigues, Barra e Souza compreenderam uma distinção entre o caráter autobiográfico, como adjetivação, e a autobiografia, como substantivo. Nas investigações desenvolvidas pelo NuPAA foi percebido que ambos os eixos se revelam essenciais nas produções artísticas que integram o grupo. Para os autores:

Enquanto o autobiográfico (adjetivo) tem se expressado materialmente através de vestígios, traços e objetos incorporados às obras, o relato da vida (substantivo) tem estimulado os processos de criação e de pesquisa, orientando seus movimentos, motivando decisões, ações e gestos da/do artista (Rodrigues, Barra, Souza, 2023, p. 6).

Essa distinção não delimita territórios cristalizados e evidencia a importância da atuação do NuPAA nesse debate. Como afirmam os autores, “nos interessam tanto o autobiográfico (adjetivo) quanto a autobiografia (substantivo), pois têm operado de forma oscilante entre matéria da arte e conteúdo da obra nos projetos artísticos em andamento no grupo de pesquisa NuPAA/UFG/CNPq” (Rodrigues, Barra, Souza, 2023, p. 17). O diálogo entre arte e autobiografia não é uma contraposição entre obra e relato de vida, mas sim um entrelaçamento propositivo e relacional. As produções do grupo se nutrem da autobiografia como força poética. Elas não se instauram

como relatos, mas ampliam o espaço da experiência. Os vestígios e fragmentos dos artistas culminam em formas e narrativas artísticas que desconstróem a linearidade e literalidade dos fatos, usando ou não essas materialidades autobiográficas no corpo da obra. Nesse fazer, os artistas do grupo – e outros que se propõem a realizar uma produção com intencionalidade autobiográfica – reivindicam espaços singulares de pensar, expressar e representar a vida (Rodrigues, Barra, Souza, 2023).

O artista cria sua estrutura metodológica no caminhar da pesquisa, como visto nos diálogos com Sandra Rey. Cada pesquisa em Poéticas Visuais e/ou Poéticas Artísticas é um processo autoral e aberto, sem predefinições. Na Pesquisa Autobiográfica em Arte, o método é construído a partir do mergulho do artista em seus vestígios, memórias e histórias de vida, fornecendo elementos que serão incorporados ao fazer. Não há uma análise de dados, como costumeiramente é realizado em outras áreas do conhecimento. Os artistas pesquisadores irão selecionar os traços/vestígios que lhe interessam, incorporando-os na instauração da obra e gerando formas ou experiências diversas nos espaços expositivos e/ou de ação dessa produção (Rodrigues, 2022).

A estrutura metodológica ser aberta possibilita escolhas que acontecerão de forma livre nesse mergulho, sem instrumentalização prévia que define qual linguagem usar, quais elementos podem ser aplicados no fazer e como deve ser a experimentação. Esse espaço autobiográfico na Pesquisa Autobiográfica em Arte é um lugar de possibilidades do fazer, evocando gestos poéticos na instauração da obra. Ou seja, o artista, ao escolher a linguagem que define seu caminho, irá se aprofundar nesse fazer artístico que detém características e modos de experimentação/produção que dialoguem com a reflexividade no processo. O fazer artístico tem diversificado a forma de produção, as possibilidades narrativas e o método de elaboração do espaço de autobiografia nos processos investigativos das pesquisas acadêmicas. Cada artista traz particularidades para suas escritas e práticas que fomentam os estudos na Pesquisa Autobiográfica em Arte.

Nesse ponto, esta pesquisa apresenta a contribuição da autobiopoética dentro desse propósito da Pesquisa Autobiográfica em Arte, delineada pela professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues. Nesse guarda-chuva, teórico, metodológico, conceitual e artístico, o conceito-operatório contribui como estratégia para processos de reflexividade e forma de si (do eu autobiográfico) na arte. Apresenta-se como uma ideia que pode, inclusive, agregar aspectos específicos ligados à pesquisa em arte e às investigações centradas na formação, somando à reflexão conceitual já existente nos demais campos que se debruçam sobre o assunto.

Esta pesquisa, que integra o PPGACV e também o NuPAA, se coloca como um estudo e experimentação nas Poéticas Artísticas, Processos de Criação e Pesquisa Autobiográfica em Arte. Ao enfatizar a potência do fazer como forma de reflexividade,

a autobiopoética se coloca como movimento, um desejo em devir, no entendimento de que a vida, quando atravessada pela criação, estabelece novas formas de pensar, existir e compartilhar mundos. Na desconstrução de si, a pesquisa é construída. Esses processos investigativos na Pesquisa Autobiográfica em Arte estão proporcionando aos artistas que experimentam tal abordagem um local de pertencimento que possibilita aprendizados, novos olhares sobre seu mundo e abre espaços críticos e poéticos de reflexão para o futuro.

Estratégia de representação de si: pensando o espaço

Na autobiopoética um desafio está na escolha da linguagem que dará forma ao seu fazer artístico. Ela tem poder dialógico e pode tanto potencializar sua narrativa e reflexão de si, quanto enfraquecê-la. Nesta tese, percebi que a linguagem pode ser definida ao se deparar com os traços autobiopoéticos no mergulho da pesquisa. Esses vestígios podem conter rastros de possíveis linguagens ou construções metodológicas que podem ajudar o artista na escolha de qual caminho seguir na elaboração de seu fazer. Dessa forma, por meio da experimentação com esses meus traços pude encontrar meu espaço de produção. Lugar amplo e híbrido onde se cruzam diferentes formas narrativas que estabelecem o caminho para perturbação da identidade.

Arfuch coloca para reflexão em seu livro a multiplicidade do *espaço biográfico* na contemporaneidade, onde transita pelas formas mais tradicionais de produção, como diários, memoriais, literatura, até se expandir no uso das novas tecnologias (Arfuch, 2010). Partindo



da reflexão de Arfuch e trazendo o olhar para a Pesquisa Autobiográfica em Arte, o espaço para a prática da reflexividade do artista se manifesta de diversas formas, desde autorretratos na pintura, fotografia e ampliando-se para metodologias diferentes dos retratos convencionais, como performance e instalação. O hibridismo também é comum no fazer artístico, em que linguagens se misturam para criar lugares de produção (Rodrigues, 2021).

Seguindo a partir da reflexão da Pesquisa Autobiográfica em Arte para mergulhar mais profundamente no conceito-operatório criado nesta tese, a escolha da linguagem (ou das linguagens) irá conduzir o processo artístico daquele que reflete sobre si, sendo de importância na pesquisa. O artista, em seu mergulho de pesquisa, pode encontrar em seus traços, gestos, métodos, fragmentos – sejam particulares ou coletivos – pistas de caminhos que possam ganhar voz em uma linguagem artística que se conecte com sua história de vida. A escolha do espaço para o gesto autobiopoético envolve tecer relações com a linguagem selecionada, visto que ela não pode ser apenas um local de bricolagem de acontecimentos.

Portanto, não adianta eu, o artista, escolher a pintura, por exemplo, como espaço de representação de si sendo que não tenho qualquer relação com ela. Apesar de conhecer os métodos, técnicas e meios por ter estudado pintura no meu processo formativo, usá-la como meu espaço de acolhimento do gesto autobiopoético apenas iria enfraquecer o meu fazer artístico e a reflexão que dá forma à minha narrativa. Eu perderia a potencialidade comunicativa da linguagem. Os traços autobiopoéticos são determinantes nesse momento, pois observá-los atentamente contribui para que o artista possa identificar possibilidades metodológicas – que nas pesquisas em poéticas estão intrinsicamente ligadas ao fazer, aos meios e linguagens escolhidas.

No processo investigativo me reencontrei com outras linguagens que também poderiam compor a estratégia de representação de si. Revisitei gravuras (minha paixão), esculturas, instalações, fotografias, videoarte, intervenções (a mais presente nas minhas atuações artísticas docentes) e animações. Todas elas trariam uma carga intimista para o fazer artístico. Todavia, o desenho me conectou ao princípio de tudo. Ao ver meus rascunhos da infância e adolescência consegui ter os olhos daquele menino que tinha sonhos de ser um desenhista de quadrinhos. Artista? Nem ao menos tinha a ideia do peso dessa palavra. A linguagem – e a forma – estavam me chamando! Trazê-las para frente no fazer artístico desta tese foi voltar a ser menino com uma visão de mundo mais leve, sem a carga imensa dos dias de hoje.

Tenho um vínculo muito forte com o gesto de desenhar, minha imaginação era e é expressa por meio dessa linguagem, me impulsionando a refletir minha realidade ou mesmo estimulando a criatividade que existe em mim. O desenho carrega em cada traço que acontece no papel um fragmento do que sou. Cada hachura da composição é

uma parte de mim que permanece colada àquela superfície. Ao sombrear e preencher uma área, deposito o pigmento como quem entrega um pouco do sangue que pulsa em suas veias. Até mesmo os espaços em branco carregam os ecos dos meus próprios vazios interiores. Ao pensar assim pode parecer que me esvaio na trama de fibras do papel, mas não. Ao me espalhar por tantas folhas multiplico minha essência, encontrando formas de continuar vivendo pelos meus traços que ficarão.

O desenho por si só já poderia ser a linguagem de trabalho para a pesquisa que se desenvolveu neste caminho, porém, algo mais me conectou a essa gênese da arte que havia naquele menino. As histórias em quadrinhos sempre me cativaram e foram ponto de criação por muitos anos daquele infante *Don*. Eram universos em que eu mergulhava, passando por realidades fantásticas distintas. O sonho profissional que não se realizou! Talvez não da forma que imaginei. Os quadrinhos estabeleceram um diálogo com os processos reflexivos que permeiam minha mente. Suas imagens surgiram em fragmentos nas páginas, assim como as lembranças que emergiram na memória. A combinação entre palavras e imagens, entre pausas e silêncios, espelha o modo como recorro, de forma descontínua e evocativa, entre ausências e presenças. Cada quadro se assemelhou a uma lembrança ativada no mergulho da pesquisa. As sarjetas, espaços vazios entre os quadros, funcionaram como zonas de transição e respiro, conectaram fragmentos e permitiram que o fluxo da memória se estabelecesse, para assim a história se constituir na página.

Trazer a linguagem do desenho para um encontro afetivo com a dos quadrinhos foi mais do que um gesto de multiplicação, foram quadros que se transformaram em legado. Usar essas linguagens e sua forma como base do fazer artístico era a realização desse sonho do menino *Don*. Não havia mais profundas nas minhas histórias de vida – neste recorte de pesquisa – para a elaboração da narrativa visual. Como podemos ver, existem possibilidades diversas nas formas e a definição dos espaços para fazer a vida vem do contato com os traços autobiopoéticos no caminho do processo investigativo. Cada artista definirá em quais linguagens repousarão suas histórias de vida, afetos, dores e memórias, dando movimento ao seu fazer artístico, semeando o passado, ramificando o presente e frutificando o futuro.

Ao escolher o espaço onde a estratégia de representação de si ocorrerá, um aprofundamento conceitual, técnico e poético se faz necessário. O referencial artístico contribui para que o artista possa dialogar com a área de conhecimento, mostrando que ele não está só no mundo e produz em diálogo com o que o cerca. Três artistas, pesquisadores e docentes do PPGACV desenvolvem e orientam pesquisas com o foco nessas vertentes de investigação e são referências para este trabalho: Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, na Pesquisa Autobiográfica em Arte; e Edgar Silveira Franco e Cláudio Aleixo Rocha, na investigação dos desenhos/quadrinhos.

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues realiza pesquisas focadas nas materialidades e imaterialidades autobiográficas no contexto do debate sobre espaço, lugar e deslocamento, propondo a *autobiogeografia* (Rodrigues, 2017) como abordagem decolonial e as “poéticas (auto)localização” (Rodrigues, 2021, p. 162) como estratégia artística criticamente situada. Para a artista, pensar a política do lugar “pode desafiar a noção de “sujeito universal” e oferecer ferramentas conceituais importantes para a identificação e problematização de tais diferenças, levando portanto ao entendimento de que percepções neutras e universais de lugar não são possíveis” (Rodrigues, 2017, p. 3151, grifos da autora). Em suas produções artísticas, ela aciona o ato autobiográfico para gerar livros de artista, ações postais, videoarte, objetos, bem como impressos e publicações independentes em diálogo com gêneros autobiográficos como o diário e a correspondência (Figura 127). Sua pesquisa foi um referencial, possibilitando o desenvolvimento conceitual e autoral da autobiopoética como meu conceito-operatório, assim como para o quadrinho *UmDon*.



Figura 127 – *Land – Closing movement* e *Caderno de pesquisa artística*, de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, 2013 e desde 2006. Dimensões: variadas e 21x15cm. Fonte: <https://autobiogeography.org/language-and-place/>. Acesso em: janeiro de 2025.

Edgar Silveira Franco, também conhecido como Ciberpajé, desenvolve pesquisas focadas na relação e nos processos criativos de arte, tecnologia e linguagens intermídia. Publicou dois livros que se aprofundam no estudo dos quadrinhos enquanto

lugar de expressão artística, intitulados *HQTRÔNICAS: do suporte papel à rede internet* (2004) e *Quadrinhos expandidos: Das hqtrônicas aos plug-ins de neocortex* (2017). Para ele, os quadrinhos crescem como linguagem na área de Artes Visuais. Segundo Franco, as “nomenclaturas, definições e conceitos que tentam condensar o que são as HQs são uma prova de sua importância como arte e meio de expressão, e salientam o interesse crescente no estudo de sua linguagem e dos elementos que a compõem” (Franco, 2004, p. 26). Como artista, Edgar Franco tem uma vasta produção de quadrinhos autorais que denomina como “poético filosóficos” (Franco, 2017). Em *Renovaceno*, de 2023, o Ciberpajé reúne 13 quadrinhos autorais originados da dor da perda do pai e de sua relação com as questões ambientais, explorando de forma poética e filosófica elementos de autobiografia (Figura 128). O caminho artístico de Edgar Franco sempre me encantou e o artista influenciou minha poética desde a graduação até os dias de hoje. Sua produção em quadrinhos e as reflexões sobre as questões ambientais são um referencial importante nesse caminho trilhado no doutorado.



Figura 128 – Capa e página de *Renovaceno*, de Edgar Silveira Franco, 2023. Dimensões: 28x21cm.

Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/professor-da-ufg-lanca-coletanea-de-hqs-inspirada-na-pandemia-330535/>. Acesso em: janeiro de 2025.

Cláudio Aleixo Rocha trabalha com processos criativos que envolvem a diversidade e os estudos culturais, as questões identitárias e representativas em histórias em quadrinhos, ilustrações, animações e narrativas interativas, trazendo uma discussão sobre o ativismo no design gráfico. Para o professor, pensar nas questões sociais desde a concepção do projeto é de suma importância para realizar o que ele denomina como *design social* (Rocha, 2021). Para o artista, o design passou por uma ressignificação que o transformou em um meio de expressão social e político, indo além das questões estéticas. “Essa evolução refletiu não só na mudança estética, mas em um direcionamento do design para a expressão das subjetividades e necessidades sociais, constituindo-se como um agente ativo no design social” (Rocha; Farias, 2024, p. 2). Na produção de Aleixo, tiras e ilustrações refletem a sociedade, mas também revelam aspectos intimistas de um artista que se coloca em devir (Figura 129). O professor Cláudio Aleixo traz como referência seu engajamento social, político e crítico. O *design social* foi fundamental para a elaboração dos personagens e estruturação do enredo do quadrinho *UmDon*.



Figura 129 – Tira em quadrinhos e Ilustração de Cláudio Aleixo Rocha, sem data definida. Dimensões: sem dimensões definidas. Fonte: https://www.instagram.com/claudioaleixo_/. Acesso em: janeiro de 2025.

Como podemos ver, o PPGACV tem pesquisadoras/es e pesquisas que fomentam o debate e aprofundam os estudos dos meus espaços de fazer a vida. Essa relação é frutífera para que espaços para a estratégia de representação de si possam ser devidamente estudados e, desta forma, constituir lugar de diálogo. Essas intersecções entre processos de pesquisas podem alimentar outros lugares do fazer de um artista e potencializar a reflexão de si nas construções narrativas. E é neste ponto que esta pesquisa de doutoramento se insere, abrindo um lugar de diálogo que fomenta esse cruzamento.

Compreendendo meu espaço de fazer a vida

Para trazer profundidade simbólica aos procedimentos devemos conhecer as linguagens e suas características, quais são seus métodos de produção e que significações podem ser usadas. Os quadrinhos são um espaço rico em possibilidades narrativas e comunicativas onde as histórias de vida ganham força poética por meio do texto e da imagem. As histórias em quadrinhos foram frequentemente associadas, no senso comum, a tirinhas de jornais, super-heróis e produções para crianças. Contudo, esse não é o único caminho possível. Os quadrinhos ultrapassaram as fronteiras do senso comum e, há algumas décadas, também se firmaram como linguagem voltada ao público adulto. Apesar de atualmente contarem com maior reconhecimento, os quadrinhos ainda enfrentam certo preconceito, sobretudo no contexto acadêmico. Quadrinhos são considerados uma forma menor de arte e, quando querem valorizá-los, de certa forma atrelam a eles adjetivos de outras áreas do conhecimento, como “cinematográfico” ou “profundidade literária” (Falcão, 2019).

Tradicionalmente, as histórias em quadrinhos têm como característica principal e definidora a dualidade entre imagem e texto. Por meio da tensão que se estabelece, os quadrinhos se tornam um espaço com possibilidades comunicativas para os artistas poderem atuar. Edgard Guimarães define o que é a história em quadrinhos enquanto linguagem:

A História em Quadrinhos é uma forma de expressão artística em que há o predomínio do estímulo visual. Está inserida dentro de uma categoria mais geral que pode ser denominada Arte Visual, que engloba aquelas formas de expressão em que o espectador, para apreciá-las, usa principalmente o sentido da Visão (Guimarães, 2010, p. 27).

A linguagem possui seus códigos e atributos próprios, que podem conduzir o artista na construção de sua narrativa ou, ao conhecer esses parâmetros, estimular à

subversão em processos criativos na pesquisa. Elementos ou códigos que constituem essa linguagem são²⁹:

- Construção da imagem;

É a maneira de se representar a imagem. Existem diversas formas de construir a narrativa visual, lugar frutífero para que artistas possam experimentar em seu fazer (Guimarães, 2010). Dave McKean, por exemplo, é um artista que realiza experimentações misturando técnicas de pintura, colagem, desenho e fotografia para criar suas composições. Dois de seus trabalhos mais relevantes são as capas e ilustrações de *Sandman*, e o quadrinho *Asilo Arkham* (Figura 130). No quadrinho *UmDon* optei por remeter aos meus desenhos da infância/juventude, usando apenas a ilustração com poucas cores e bastante hachuras (como vimos anteriormente).

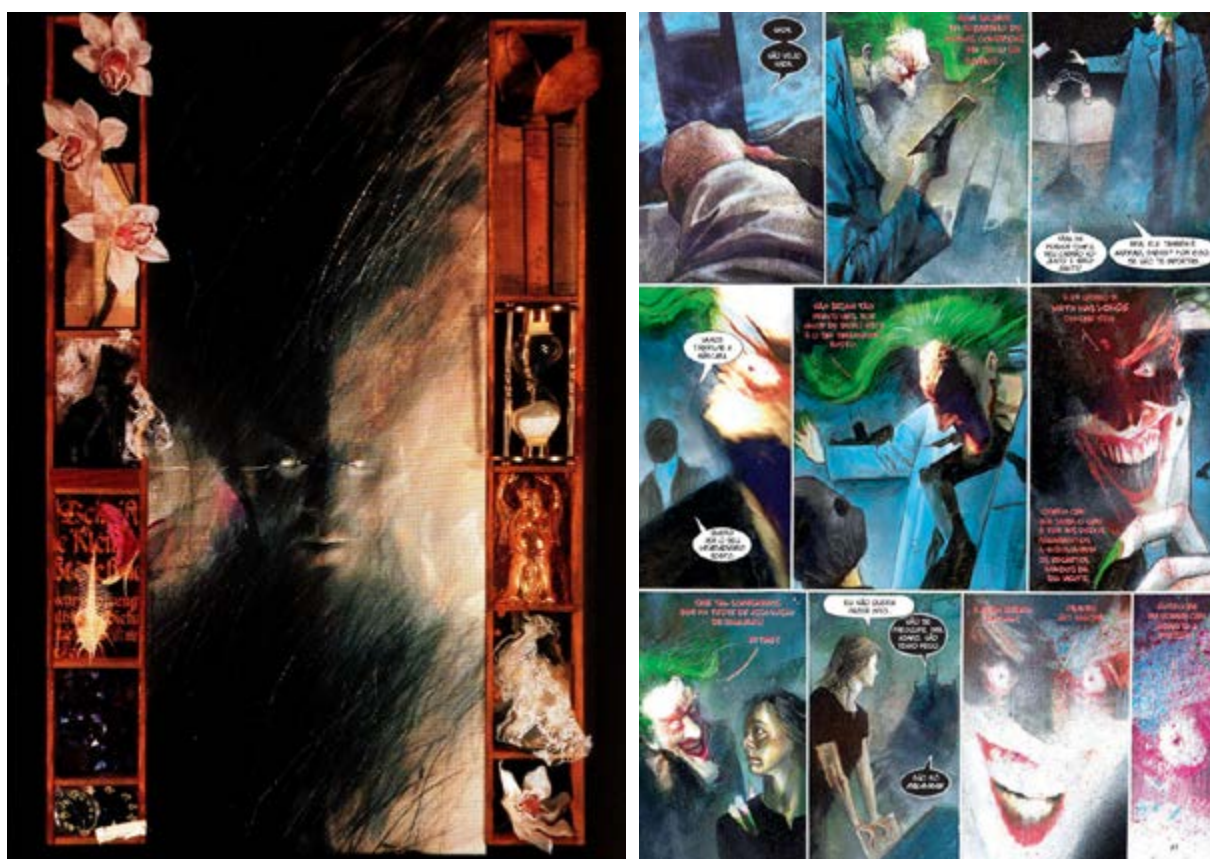


Figura 130 – Arte de Dave McKean para *Sandman* e *Asilo Arkham*, 1989 - 1996 e 1990. Dimensões: 26x17cm. Fonte: <https://www.davemckean.com/>. Acesso em: janeiro de 2025.

- Representação do movimento;

Quando o enredo necessita de movimentos e ações mais bruscas temos as *linhas de ação*, usadas para ilustrar a movimentação no quadro, podendo até mesmo

²⁹ Nos exemplos apresentados, o intuito é trazer a discussão para as Artes Visuais. Por conta disso o foco está nos artistas que ilustraram as obras, deixando coautores/roteiristas propositalmente de lado.

distorcer a imagem ou multiplicar o corpo ou objeto (Guimarães, 2010). Podemos ver exemplos dessas linhas de ação no mangá ilustrado pelo artista Masami Kurumada chamado *Saint Seiya* (ou *Cavaleiros do Zodíaco*, no Brasil). No primeiro quadro da esquerda podemos ver as linhas de ação distorcendo a imagem. Já no segundo temos a multiplicação do escudo no movimento circular (Figura 131). No quadrinho *UmDon* podemos ver o uso das linhas de ação na luta do *Ser Controlado* com o *Monstro do Controle* (Figura 132).



Figura 131 – Quadros dos volumes 1 e 2 de *Saint Seiya* de Masami Kurumada, 1985 - 1990. Dimensões: 21x14cm. Fonte: <https://filfelix.com.br/2013/06/review-cavaleiros-do-zodiaco-saint-seiya-9.html>. Acesso em: janeiro de 2025.



Figura 132 – Exemplo de linhas de ação do quadrinho *UmDon*, 2024. Fonte: arquivo pessoal.

- Encadeamento de imagens;

As cenas são distribuídas ao longo das páginas em diversos quadros. Entre eles existem as *sarjetas*, espaços não físicos para separação das cenas, tendo um espaçamento com fundo branco/tom do papel ou apenas uma linha. Uma página pode ser composta por vários quadros ou ter um quadro único (nomeada como *splash page*) (Guimarães, 2010). O artista Dave Gibbons, por exemplo, ao desenhar um dos quadrinhos mais influentes no mundo, *Watchmen*, realizou o encadeamento de imagens de maneira que em determinados momentos os quadros tinham a mesma importância, em outros ele evidenciou um acontecimento mais impactante para a história (Figura 133). No quadrinho *UmDon* podemos ver variações do encadeamento das imagens nas páginas explorando a narrativa de diversas formas (Figura 134).



Figura 133 – Páginas 2 e 8 de *Watchmen*, desenhada por Dave Gibbons, 1985 - 1990. Dimensões: 26x17cm. Fonte: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/watchmen-conheca-os-personagens>. Acesso em: janeiro de 2025.

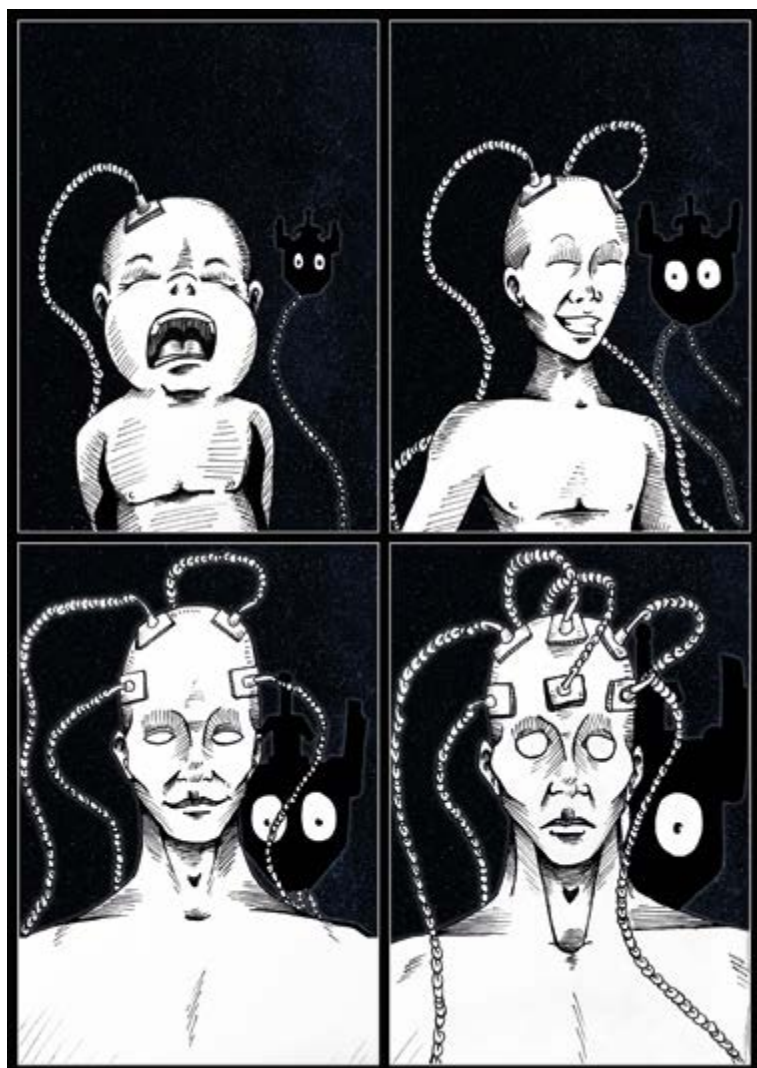


Figura 134 – Exemplo de encadeamento das imagens das páginas do quadrinho *UmDon*, 2024.

Fonte: arquivo pessoal.

Representação de sons;

O texto é usado para exprimir os sons diversos que nos rodeiam, por meio das *onomatopeias* para barulhos diversos e pela escrita para a fala. Ele acompanha o elemento que está sendo representado, por vezes soltas no quadro ou usando balões específicos para cada cena (Guimarães, 2010). No quadrinho *Mulher-Diaba no rastro de Lampião*, desenhada pelo artista Flavio Colin, podemos ver o uso das onomatopeias e das falas como exemplo (Figura 135). As onomatopeias são importantes no quadrinho *UmDon* até mesmo para trazer reflexão para a história, como na página onde os mesmos sons que são escutados na rua aparecem na programação de televisão que o *Ser Controlado* assiste (Figura 136).

habilidade de dar a indicação de leitura para quem for ter acesso à obra (Guimarães, 2010). O artista Antonio Eder, criador do *Gralha*, um super-herói curitibano, explora esse olhar dos leitores para poder trazer humor para suas histórias em quadrinhos, como vista em *O início e o fim das coisas*, por exemplo (Figura 137). Esse recurso é utilizado em uma página do quadrinho *UmDon*, onde induz os leitores a caminhar o olhar em sentido circular. Essa estética se assemelha a um relógio para demonstrar a rotina repetitiva do *Ser Controlado* da história, mostrando ao fundo o domínio do *Monstro do Controle* (Figura 138).



Figura 137 – História *O início e o fim das coisas*, desenhada e roteirizada por Antonio Eder, integrante da coletânea *O Gralha*, 2001. Dimensões: sem dimensões definidas. Fonte: <https://universohq.com/reviews/o-inicio-e-o-fim-das-coisas/>. Acesso em: janeiro de 2025.

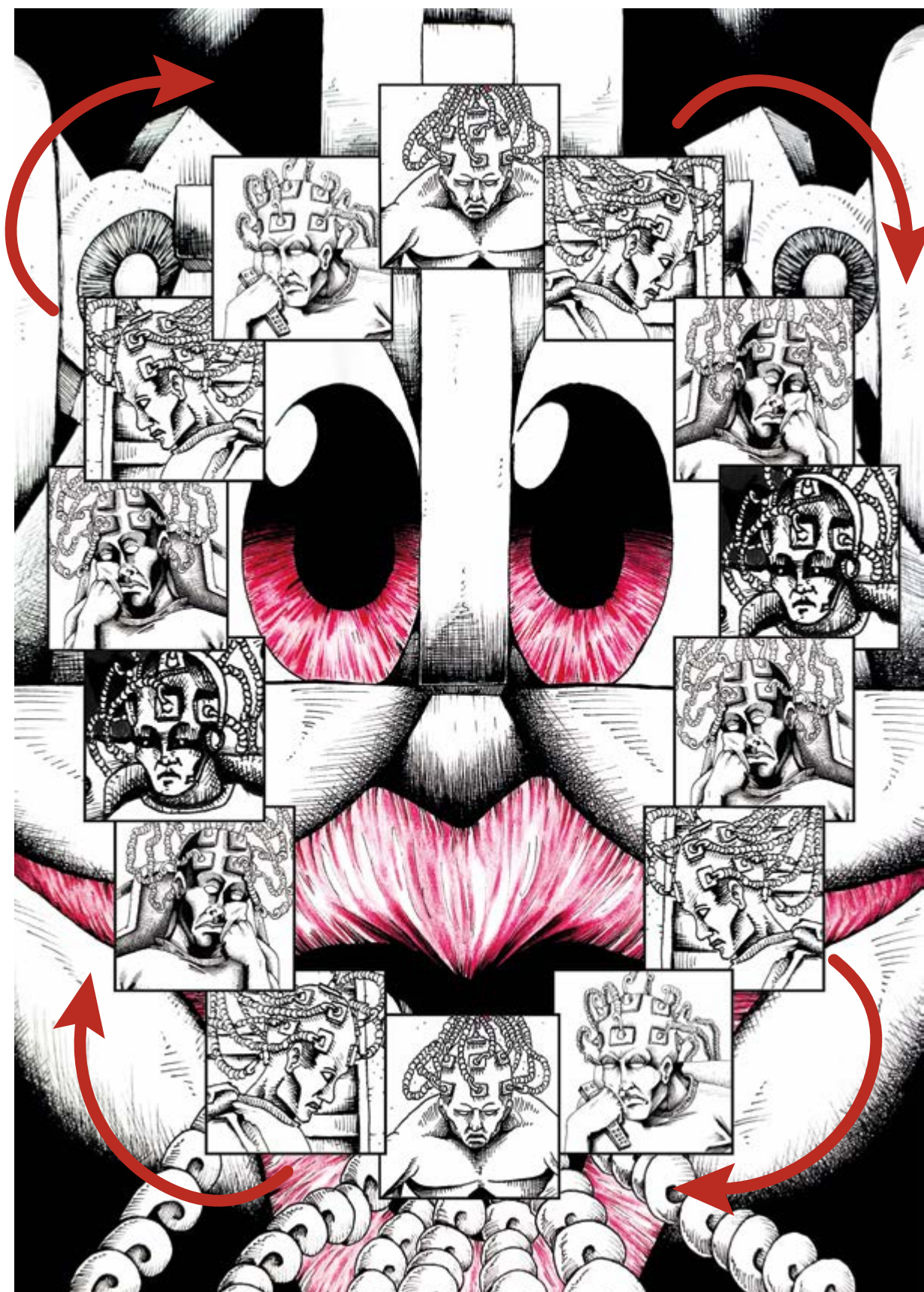


Figura 138 – Exemplo de alteração no sentido de leitura de uma página do quadrinho *UmDon*, 2024.
Fonte: arquivo pessoal.

- Extrapolação do enquadramento;

Ao extrapolar o enquadramento o artista dá destaque para determinado personagem, quadro ou ação. Essa é uma exploração estética que cresceu bastante nos últimos tempos e tornou-se habitual (Guimarães, 2010). No mangá *Saint Seiya: The Lost Canvas*, desenhado pela artista Shiori Teshirogi, podemos ver um exemplo de extrapolação tanto dos quadros superiores sobre o último, quanto do personagem central do último quadro sobre os quadros superiores (Figura 139). No quadrinho *UmDon* utilizo bastante esse recurso após o personagem entrar na realidade luz. São várias páginas que demonstram que o personagem agora pode transpor as bordas que o limitavam em seu mundo. Antes desse momento, apenas o personagem ainda bebê é livre e pode transpor os quadros. Já o *Monstro do Controle* demonstra seu poder de domínio daquele ambiente. Extrapolar o enquadramento mostra liberdade e controle sobre si próprio (Figura 140).



Figura 139 – Página 23 do mangá *Saint Seiya: The Lost Canvas*, desenhada por Shiori Teshirogi, 2006 - 2011. Dimensões: 20x13cm. Fonte: <https://editorajbc.com.br/mangas/colecao/cdz-the-lost-canvas-especial/>. Acesso em: janeiro de 2025.

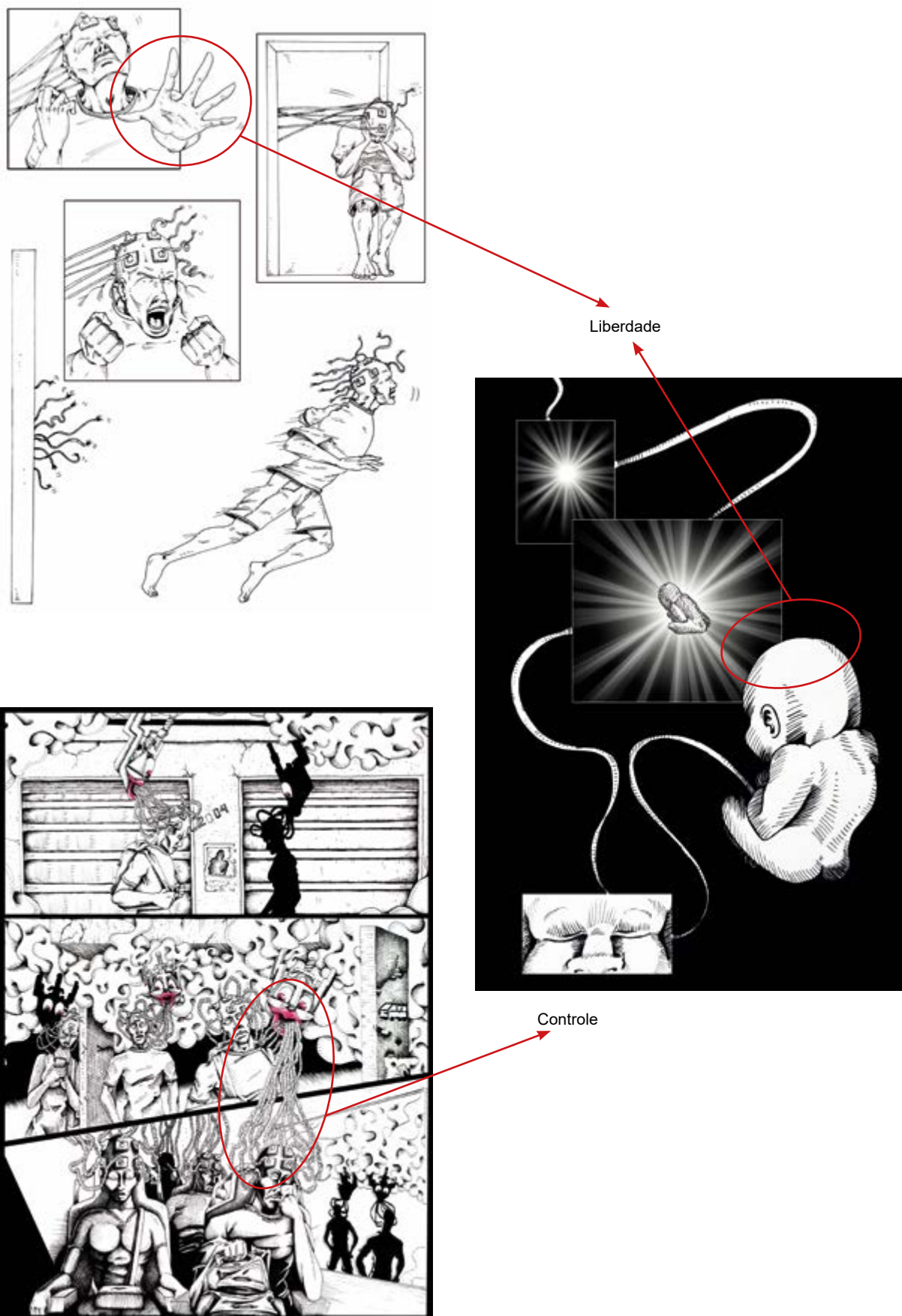


Figura 140 – Exemplo de extrapolação do enquadramento no quadrinho *UmDon*, 2024. Fonte: arquivo pessoal.

- Materialização dos elementos;

Elementos que compõem os quadrinhos, como balões de fala, onomatopeias, bordas dos quadros, entre outros, não têm existência material no enredo da narrativa. Contudo, alguns artistas subvertem essas convenções para poder experimentar com a linguagem, na maioria das vezes para criar composições satíricas e humorísticas (Guimarães, 2010). Como exemplo podemos ver o trabalho da artista Melissa Garabeli, que explora essa metalinguagem de maneira bem-humorada no quadrinho autoral e independente *Big Hug*. O personagem se descuida e cai entre os quadros da história, criando a narrativa em cima da ação dele (Figura 141). No quadrinho *UmDon* não utilizei dessa metalinguagem por conta do tom mais reflexivo que quis dar para a narrativa.

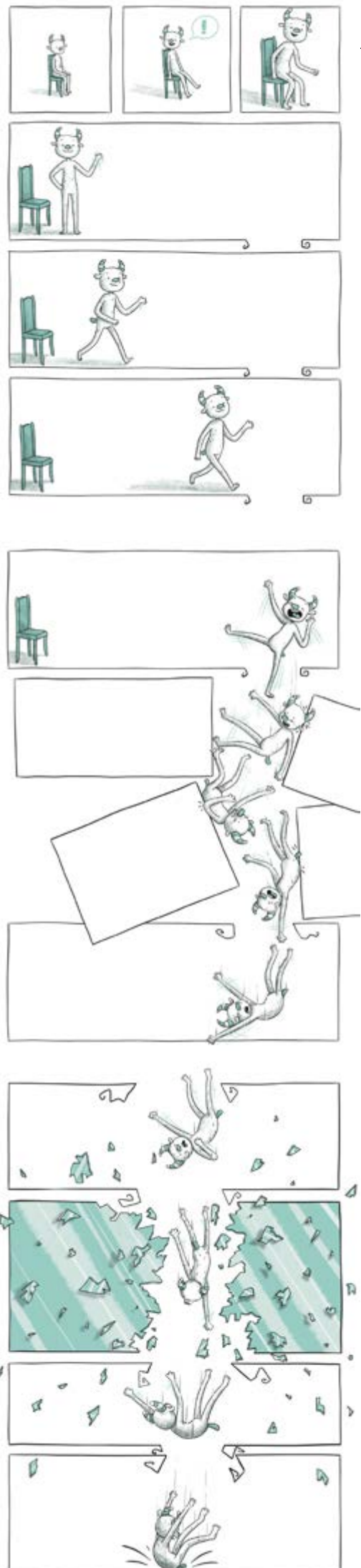


Figura 141 - Página 8, 9 e 10 do quadrinho *Big Hug*, desenhada por Melissa Garabeli, 2022. Dimensões: 21x17cm. Fonte: <https://www.catarse.me/bighug>. Acesso em: janeiro de 2025.

- Consciência do personagem e interlocução com leitor/autor;

Os artistas por vezes fazem seus personagens terem consciência de que estão em uma obra ficcional, onde interagem com nossa realidade de alguma maneira quebrando a quarta parede. Isso é realizado com diversos objetivos, desde trazer uma profundidade reflexiva até mesmo criar cenas humorísticas (Guimarães, 2010). A *turma da Mônica*, do artista Maurício de Sousa, é um quadrinho que constantemente utiliza esse recurso. Outro personagem famoso por quebrar a quarta parede é *Deadpool*, super-herói da *Marvel Comics* que tem consciência de ser um personagem ficcional (Figura 142). No quadrinho *UmDon* também não utilizei desse recurso para a construção narrativa.



Figura 142 - Página 64 de *Mônica* 246, desenhada por Maurício de Sousa, e página 23 de *Homem-Aranha e Deadpool* 41, desenhada por Dave Johnson, 2007 e 2016. Dimensões: 21x17cm. Fonte: <https://www.instagram.com/turmadamonica/?hl=pt-br> e https://www.marvel.com/comics/issue/71160/spider-mandeadpool_2016_41. Acesso em: janeiro de 2025.

Esses elementos que caracterizam os quadrinhos demonstram como a linguagem tem potencialidade como forma de expressão artística, pois oferece recursos singulares para uma história de vida ser elaborada. Artistas podem trabalhar nos quadrinhos mergulhando em diferentes temporalidades, onde passado e presente, por exemplo, podem ocupar o mesmo espaço de uma página. “Esse caráter torna

possível, por exemplo, diálogos entre diferentes versões de si” (Falcão, 2019, p. 32). Esses encontros proporcionam uma reflexividade potente nos quadrinhos, pois “significa representar graficamente a si mesmo diversas vezes. A maneira como você se retrata depende de como você se sente sobre você mesmo, e isso pode mudar a todo momento” (Falcão, 2019, p. 32).

Quadrinhos autobiográficos vêm sendo desenvolvidos há muitos anos e têm tido crescimentos produtivos. A autobiografia nos quadrinhos oferece uma estrutura mais fluída e menos reconhecível que a narrativa comercial, onde “o que importa é o personagem e nunca o autor que está escrevendo ou desenhando o trabalho” (Franco, 2004, p. 32). O quadrinho autobiográfico “oferece um tipo de experiência narrativa que não corresponde ao universo de expectativas, lugares-comuns e estruturas formais construídas pelos quadrinhos *mainstream*, que constituem a maior e mais lucrativa parcela do mercado” (Júnior, 2014, p. 12). Renata Lucena Dalmaso mostra um panorama histórico sobre os quadrinhos autobiográficos e seu crescimento:

Os precursores dos quadrinhos autobiográficos mais comumente citados fazem parte da geração de quadrinhistas alternativos e underground dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, mais notadamente Justin Green (*Binky Brown Meets the Holy Virgin Mary*, 1972), Robert Crumb (*Zap Comix*, 1968-1978), Harvey Pekar (*American Splendor*, 1976-2008), and Aline Kominsky-Crumb (*Wimmen's Comix*, 1972-1974; *Twisted Sisters*, 1976, 1994, 1995). Essa geração que fazia parte da contracultura de São Francisco influenciou uma nova leva de artistas inclinada a se aventurar cada vez mais em narrativas autobiográficas. Essa nova geração incluía Art Spiegelman, autor do celebrado *Maus: A Survivor's Tale* (1980-91), que estabeleceria o tom para muito do que seria produzido posteriormente nesse gênero literário da escrita de si em quadrinhos (Dalmaso, 2018, p. 18).

A autora aponta que por conta de diferenças de classes sociais, gêneros, raça ou posição política, a autobiografia era delimitada, antes do século XX, para as produções literárias que privilegiavam pessoas da “elite social”. Outras produções que tinham as características autobiográficas eram desqualificadas por críticos e estudiosos da época (Dalmaso, 2018). Por esse motivo, “narrativas de vida de mulheres, sujeitos coloniais, indivíduos considerados sexualmente “desviantes”, ou escravos (*sic*), só para citar alguns exemplos, eram vistas como formas “menores” de escrita e não chegavam ao status de autobiografias” (Dalmaso, 2018, p. 17, grifos da autora).

Com o crescimento dos quadrinhos independentes no final dos anos 1960 esse cenário foi mudando. As histórias em quadrinhos foram um espaço perfeito para fugir da literatura elitizada, ganhando um movimento mais forte e coeso onde “os autores adquirem maior liberdade para explorar temáticas mais densas, de cunho político, cultural e social” (Rocha; Farias, 2024, p. 8). É um cenário que está em constante

expansão e seu reconhecimento é percebido, onde contribuem para uma maior aceitação da linguagem na indústria, grande mídia, academia e público. As premiações popularizam os quadrinhos autobiográficos que passam a ser consumidos por leitores que normalmente não estão inseridos no universo desse tipo de leitura. Com isso um cenário se estabelece, onde a autobiografia passa a fomentar e a fazer parte do processo criativo desse tipo de produção (Dalmaso, 2018).

Alguns exemplos de quadrinhos autobiográficos precisam ser destacados. *Maus: a história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman, é um dos mais famosos. Publicado de forma seriada entre os anos de 1980 e 1991, os quadrinhos contam a história do autor e de seu pai, Vladek Spiegelman. A narrativa alterna entre o passado, onde é apresentada a luta de Vladek para sobreviver ao antissemitismo na Polônia e a ocupação nazista que o levou para *Auschwitz*, e o presente, abordando o difícil relacionamento entre pai e filho. Simbolicamente, o autor retrata os judeus como ratos, aludindo à desumanização imposta a esse povo, os nazistas como gatos, metáfora para a perseguição que faziam, e os poloneses como porcos, mostrando a indiferença e conivência que eles tinham com a situação. *Maus* é um dos quadrinhos autobiográficos mais importantes que temos nas últimas décadas, tanto que ganhou o prêmio *Pulitzer* no ano de 1992 (Figura 143).



101

Figura 143 – Capa e página 101 de *Maus: a história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman, 1980 - 1991. Dimensões: 22x15cm. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maus>. Acesso em: janeiro de 2025.

Outro quadrinho autobiográfico que renovou os olhares sobre a linguagem foi *Persépolis*, de Marjane Satrapi. Publicada entre os anos de 2000 e 2003, a narrativa retrata a experiência da autora de crescer e viver no Irã durante a revolução islâmica de 1979, abordando também as dificuldades de ser mulher nesse contexto. A história acompanha a autora desde a infância no Irã sob um regime islâmico opressor e em meio à guerra Irã-Iraque. Enviada à Europa pelos pais, ela enfrenta questões de identidade e choque cultural. Ao retornar, já adulta, lida com o contraste entre sua vivência no ocidente e a rigidez do Irã conservador. O quadrinho autobiográfico da autora se tornou um marco para a linguagem ganhando o *Prêmio Angoulême Internacional de Quadrinhos*, novamente trazendo o olhar para a autobiografia nos quadrinhos como importante meio de expressão artística, que é também crítico e político (Figura 144).



Figura 144 – Capa e página 3 de *Persépolis*, de Marjane Satrapi, 2000 - 2003. Dimensões: 24x16cm. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pers%C3%A9polis_\(banda_desenhada\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pers%C3%A9polis_(banda_desenhada)). Acesso em: janeiro de 2025.

Alan Moore desenvolveu uma obra autobiográfica no ano de 1991 em parceria com o artista Oscar Zárata. O quadrinho é intitulado *Um Pequeno Assassinato* e nos apresenta a história de Timothy Hole, um publicitário em ascensão que troca uma agência pequena por uma grande empresa em Nova York. No auge do sucesso, ele enfrenta uma crise criativa e começa a ser assombrado por uma criança misteriosa, o que o leva a questionar sua identidade e confrontar erros do passado. A narrativa que Moore desenvolve para o personagem do quadrinho é um simbolismo poético para

o que aconteceu em sua vida. A obra marca o rompimento do autor com as grandes editoras de quadrinhos, após sentir-se explorado e sem reconhecimento. Assim como seu personagem Timothy Hole, ele foi absorvido pelo sistema capitalista que antes rejeitava, perdendo seus princípios e identidade. O pequeno assassinato do título simboliza esse processo de se anular, algo que pode parecer pequeno, contudo, em seu próprio mundo, esse homicídio é colossal (Figura 145).



Figura 145 – Capa e página 46 de *Um Pequeno Assassinato*, escrita por Alan Moore e ilustrada por Oscar Zárate, 1991. Dimensões: 28x21cm. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Small_Killing. Acesso em: janeiro de 2025.

Existem vários outros exemplos que podem ser citados aqui nesta tese para demonstrar a qualidade e produtividade dos quadrinhos autobiográficos, mas destaco alguns mais atuais das últimas décadas: *Fun Home*, de Alison Bechdel (2006), apresenta o processo da autora em se descobrir como mulher lésbica, traçando um paralelo com a história de seu pai, um homem em um casamento heterossexual que escondia experiências homossexuais em segredo; *Need More Love*, de Aline Kominsky-Crumb (2007), que aborda os temas que circundam a autora, como sexualidade feminina, abuso e violência sexual, inseguranças no casamento e a relação com seu marido Robert Crumb, importante quadrinista e um dos precursores do movimento autobiográfico nos quadrinhos (com conteúdo misógino – é preciso salientar); A profecia do tatu, de Zerocalcare (2014), narra a jornada emocional do

autor após a morte repentina de uma amiga de infância e antigo amor. Acompanhado por um tatu gigante que simboliza sua consciência, ele mergulha em memórias e reflexões sobre sua vida.

O reconhecimento dos quadrinhos e da autobiografia como lugar de expressão artística vem acontecendo com o aumento do número de pesquisas acadêmicas em nosso país. Contudo, existem pouquíssimas pesquisas que abordam essas duas vertentes de forma uníssonas em programas da área de Artes, quando nos referimos aos processos criativos do fazer de um artista. Para fazer um panorama, realizei uma investigação exclusivamente pelos programas de pós-graduação em Artes Visuais do país que envolvem pesquisas nas linhas de Poéticas Visuais, Poéticas Artísticas, Processos Artísticos e afins³⁰.

Na região Norte, encontrei apenas uma pesquisa de mestrado na Universidade Federal do Pará (UFPA) sobre quadrinhos, voltada à representação de personagens femininas e à criação de uma história crítica, sem vínculo com o gênero autobiográfico. Na região Nordeste, embora haja pesquisas sobre os quadrinhos enquanto linguagem, elas se concentram em aspectos históricos, seus códigos e análises de obras. Apenas na Universidade Federal do Ceará (UFC) encontrei uma dissertação voltada ao quadrinho autobiográfico como prática artística. Em *Sob o signo de capricórnio: uma experiência com quadrinhos autobiográficos*, de 2022, Gabriel de Oliveira Monte explora sua relação com o pai falecido, utilizando o quadrinho *Todo carnaval tem seu fim* para trabalhar o luto e refletir sobre sua perda. Já na região Sul, há pouquíssimas pesquisas sobre quadrinhos (apenas três), restritas a estudos históricos ou análises de obras de outros artistas. Apesar da força das pesquisas autobiográficas na área da educação em Artes Visuais, não há investigações voltadas ao fazer do artista com quadrinhos autobiográficos.

A região Sudeste concentra o maior número de pesquisas sobre quadrinhos, abrangendo diversas áreas do conhecimento. Há trabalhos relevantes sobre quadrinhos autobiográficos focados em aspectos históricos, estruturais e na análise de obras de artistas consagrados, contribuindo para a construção de um panorama teórico sobre o uso do gênero na linguagem. Algumas dessas pesquisas, como *Traço em comum: analisando quadrinhos autobiográficos de mulheres* (2019) de Maria Isabel Franco de Abreu Falcão, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e *O discurso autobiográfico nos quadrinhos: uma arqueologia do eu na obra de Robert Crumb e Angeli* (2014) de Juscelino Neco de Souza Júnior, contribuem para esta pesquisa. No entanto, não foram encontradas investigações que partam do artista e de seu processo criativo no fazer artístico em quadrinhos autobiográficos.

³⁰ Utilizei a lista disponível no site da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) para realizar a pesquisa. Para maiores informações, visite o site: <https://anpap.org.br/ppgs-artes-artes-visuais/>. Acesso em: fevereiro de 2025.

Antes de abordar a região Centro-Oeste, é importante mencionar a Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB), a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e a Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) como espaços relevantes de divulgação científica sobre autobiografia e Artes Visuais. Na RBPAB, apenas um artigo aborda quadrinhos autobiográficos e de forma sucinta, voltado à representação de corpos em aulas de educação física, sem aprofundar a linguagem dos quadrinhos nem dialogar com as Artes Visuais. Já a ANPAP reúne bons textos sobre processos criativos, tanto em autobiografia quanto em quadrinhos, mas, de 2007 a 2025, nenhum artigo do Comitê de Poéticas Artísticas (CPA) trata especificamente dos quadrinhos autobiográficos. Na ASPAS há uma variedade de pesquisas e trabalhos que passam por diversas áreas do conhecimento. Apesar de muitas produções e textos partirem do fazer do artista e a experimentação com a linguagem, não há pesquisas ou produções que envolvam especificamente quadrinhos autobiográficos.

Na região Centro-Oeste, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta apenas pesquisas voltadas à autobiografia no processo artístico, sem foco nos quadrinhos. Já o PPGACV da FAV/UFG, especificamente na linha de pesquisa B – Poéticas Artísticas e Processos de Criação, ao qual esta pesquisa está vinculada, possui uma produção consolidada em quadrinhos (oriunda da produção do grupo de pesquisa CriaCiber/UFG/CNPq, liderado pelo prof. Edgar Silveira Franco) e um crescimento significativo nas investigações autobiográficas (impulsionado pelas ações do NuPAA e do trabalho da professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues). Apesar disso, o cruzamento entre essas duas vertentes é praticamente inexistente, e não há, entre os trabalhos concluídos de 2006 a 2025 nesse PPG, pesquisas que adotem os quadrinhos autobiográficos como linguagem central do fazer artístico. A tese de Léo Pimentel Souto, chamada *O zineiro que se expandiu a zineasta e transgrediu-se como meta-artista transmídia da incerteza*, de 2021, sugere elementos autobiográficos e aborda os zines, linguagem próxima aos quadrinhos. Já a dissertação de Veramar Gomes Martins, intitulada *[Entre] Mundos: Uma Narrativa Ficcional Transmídia* (2015), apresenta uma produção em quadrinhos com características autobiográficas inspiradas em sua vivência como *cosplayer*. Todavia, a autora não analisa o processo criativo a partir da autobiografia, o que impede que a pesquisa seja considerada um trabalho centrado nos quadrinhos autobiográficos como linguagem criativa.

Entender as relações dos quadrinhos com a autobiografia foi importante para perceber como a reflexividade de si está sendo realizada no cenário brasileiro. Entre os programas, revistas e associações pesquisados no país, o PPGACV se destaca como um importante centro de pesquisa sobre quadrinhos e autobiografia, consolidando-se como um campo fértil de produção artística nesses campos. Todavia, poucos



cruzamentos no programa foram feitos amarrando os quadrinhos e a autobiografia como um espaço autobiográfico forte na contemporaneidade. Essas intersecções entre processos de pesquisas podem alimentar outros lugares do fazer de um artista e potencializar a reflexão de si nas construções narrativas do PPGACV. E é neste ponto que esta pesquisa de doutoramento se insere, abrindo um lugar de diálogo que fomenta esse cruzamento. A autobiopoética se estabelece, antes de tudo, como seiva que viabilizou a reflexividade da minha existencialidade. Espalhar minhas ramas e estender meus galhos para além de mim, alcançando a coletividade, torna-se meu caminho e objetivo como ser em conexão com *Gaia*, para florescer em seu útero e assim transcender como floresta.



RAMiFiLAR:
SER ÁRVORE PARA
SER FLORESTA

O quadrinho *UmDon* fez parte de um processo que me levou a mergulhos muito importantes para mim. Temas significativos para minha existência e que são necessários em meu mundo pulsaram como elementos de minha autobiopoética, tornando-os componentes dos meus traços. “Falar de si é um ato político à medida que evoca outras posicionalidades, convoca ao diálogo, abre-se à escuta de vozes que se relacionam diferentemente com os temas e experiências recortados pelos processos de pesquisa” (Rodrigues, 2021, p. 102). Expandir a reflexão do meu gesto autobiopoético ramifica pensamentos que se estendem como os galhos das copas das árvores, se integrando e trocando energias mútuas no processo. Se antes o olhar repousava em mim, agora é o momento de transbordar para o mundo.

A coletividade tem sido uma questão que me move como artista, pesquisador e professor, reflexão que fez parte da construção do *Ser Árvore* como minha identificação poética nesse trabalho. Existir como uma árvore em nossa sociedade fomenta o ato poético de uma vida que busca conexões com outros seres para viver em comunidade de maneira mais forte e coesa. Olhar para a natureza como fonte inspiradora me trouxe reflexões profundas de como os seres humanos podem e devem se espelhar nela para viver de forma harmoniosa com o planeta. Outrora, a *Teoria de Gaia* de James Lovelock foi o que me sacolejou para essas reflexões, todavia, ir até os povos originários de nosso país foi necessário para aprofundar esses pensamentos de quem realmente vive no âmago da natureza.

As crescentes mudanças climáticas e eventos extremos na Terra trazem um alerta para as ações humanas em nosso ecossistema. Essas preocupações fazem parte da minha vida e compõem o roteiro e arte do quadrinho *UmDon* por serem temas que precisam estar em debate e, para além das discussões, necessitam de mudanças no cerne da humanidade. O gesto autobiopoético proporciona um mergulho em questões intimistas, mas também evoca outros debates que são coletivos e envolvem nosso contexto sociopolítico cultural. Reconhecer-me num mito de origem e me encontrar com uma identificação poética, sempre em transformação, foi um processo autoral e singular. Contudo, não somos sós no mundo. “A existencialidade é abordada por meio de uma trama totalmente original [...] no seio de uma humanidade partilhada” (Josso, 2007, p. 420). Trabalhar as questões ambientais no quadrinho *UmDon* foi refletir sobre o meu tempo, minha ramificação como ser coletivo e minha conexão com *Gaia*.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

AS QUESTÕES AMBIENTAIS E EU

Por muito tempo me perguntei de onde surgiu essa preocupação com as questões ambientais que são latentes em minhas produções artísticas. Ao entrar na Faculdade de Artes Visuais no ano de 2008, os veteranos sempre me aconselharam: "procure um tema e comece a trabalhar ele desde o início do curso". Para um calouro que está entrando nesse universo acadêmico, ainda mais vindo de uma cidade do interior do Tocantins que não tinha (na época) universidades bem consolidadas e estímulo escolar para frequentar esse tipo de ambiente, um conselho como esse acaba sendo muito abstrato. Me recordo que comecei os estudos ainda deslumbrado, compreendendo o ambiente que estava vivendo naquele momento. Aos poucos fui colocando as questões que me incomodavam na sociedade em minhas produções. Passei a perceber que a ação humana era um tema recorrente, refletindo as relações de nossa espécie com os lugares, pessoas e seres que nos rodeiam. Quando menos percebi estava trabalhando as questões ambientais no meu fazer artístico como forma de debater também os aspectos coletivos do ser humano. Isso se aprofundou quando conheci os conceitos e reflexões do biólogo James Lovelock. Contudo, de onde surgiu esse interesse inicial? Por que a causa ambiental é tão cara para mim? Ativando minhas memórias nas reflexões desta escrita da tese de doutorado vejo que as preocupações com as questões ambientais são enormes nos anos que se seguiram após meu nascimento. Em 1992 tivemos, no Rio de Janeiro, uma conferência internacional organizada pelas Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável que ficou conhecida como *Eco-92*. Amplamente divulgada e debatida, esse acontecimento acaba nos envolvendo e, de certa forma, passa a ser parte das discussões de nossa vida. Apesar de ter apenas 7 anos de idade, me recordo que esses debates me impactaram na época, afinal, por ser um tema urgente, isso foi trabalhado nas aulas de Artes, Português, Estudos Sociais, Geografia, redações escolares, etc. Ao ligar a televisão em casa junto com a família, o tema era recorrente na programação das emissoras, seja em jornais, novelas ou outros programas. Junto desse movimento social e político (apesar deste último ser apenas uma fachada), a cultura que nos cerca também é permeada por essas questões. Um desenho animado que eu adorava quando criança e trabalhava bem essa discussão era *Capitão Planeta*, um super-herói que defendia a Terra de vilões e corporações que estavam degradando o meio ambiente. Essa animação era muito inspiradora e trazia ensinamentos importantes que influenciaram

muitas crianças na época. Era muito comum estar brincando no quintal de casa e falar: "Pela união de seus poderes, eu sou o Capitão Planeta! Vaaaii Planetaaa". O desenho animado me mostrou que, assim como o super-herói falava, "o poder é de vocês", ou seja, está em nossas mãos a mudança. Com isso, fui crescendo em meio a esses debates, absorvendo de maneira inconsciente ou não a importância de refletir sobre nossas ações e como devemos habitar o mundo. No início dos anos 2000, quando as discussões acerca da situação ambiental estavam efervescendo em nossa cultura, filmes que traziam um olhar crítico sobre a ação humana diante do meio ambiente também me marcaram. Produções como *Princesa Mononoke*, filme de animação japonesa que mostra a ação predatória humana em meio a uma floresta e como isso afetou o espírito desse lugar, *Happy Feet*, animação musical que denuncia a pesca predatória dos seres humanos na Antártida, *Wall-E*, filme animado que apresenta as consequências das ações humanas na Terra, *O dia em que a Terra parou*, refilmagem do clássico dos anos 50 que mostra uma invasão alienígena para salvar o planeta da ação nociva dos humanos, trouxeram uma maior consciência para essas questões que me alimentaram na infância. Portanto, ao voltar ao conselho dos meus veteranos de faculdade, o tema que iria me conduzir em minha vida artística, docente, cidadã e pessoal, já vinha sendo fomentado ao longo dos anos de minha vida. Apenas não tinha essa consciência no início do caminho acadêmico, porém, com o tempo, fui me descobrindo e me transformando, num processo que é contínuo. É a moldura do contexto, sou fruto do meu tempo e enraízo consciência em minha comunidade.

Reflexões sobre a humanidade: o que podemos aprender com os povos originários?

Arfuch esclarece que o "relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade" (Arfuch, 2010, p. 100). A minha autobiopoética é um reflexo do meu tempo, onde as questões latentes de nossa sociedade pungem em meu ser e são expressas em meu fazer artístico. Vivemos em tempos preocupantes onde o individualismo é crescente, o isolamento em pequenos guetos que atendem a interesses próprios é uma realidade e a desconexão com a natureza já é algo praticamente irreversível. Estamos em um período conhecido como *Antropoceno*, tempo histórico e geológico caracterizado pelos efeitos do impacto da ação humana nos ecossistemas do planeta Terra.

Para Donna Haraway, além de uma era geológica, ele é “a destruição de espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres [...] é mais um evento-limite do que uma época” (Haraway, 2016, p. 1). Ela complementa que uma das principais consequências da atividade de nossa espécie são as mudanças e eventos climatológicos extremos, mas não somente:

Trata-se também da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres etc., em padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema (Haraway, 2016, p. 1).

Os problemas ambientais que enfrentamos são sérios e estão cada vez mais colocando em risco a sobrevivência de todo um ecossistema de vida do planeta. A humanidade, em sua maioria, não está consciente dos graves riscos que corremos ao perpetuar práticas como as descritas por Haraway. As consequências serão terríveis.

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, importante ambientalista indígena, traz para a reflexão como o conceito de humanidade vem, ao longo dos tempos, nos desconectando do planeta. Segundo ele, “fomos embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade” (Krenak, 2020, p. 16). Ao pensar dessa maneira não nos vemos como parte do todo, mesmo em perspectivas que vislumbram um mundo mais otimista. Até mesmo as questões de sustentabilidade colocam um olhar separatista da relação entre os seres humanos e o planeta, colocando-o como uma donzela em perigo que necessita de um resgate pelos valorosos seres humanos.

O processo de colonização demonstra a violência humana, onde aquilo que é diferente passa a ser obscurecido pela mácula civilizatória de povos opressores e atroz. Por conta disso tivemos genocídios étnicos, culturais e ambientais em todo o planeta. O desafio contemporâneo da espécie humana é se olhar no espelho, aprofundar reflexões acerca do nosso lugar no mundo e romper com esse conceito separatista de humanidade esclarecida. Temos que reformular nossa percepção de coletividade e pensar os seres humanos integrados com o planeta, onde tudo é um e um é tudo. Todavia, “a humanidade que pensamos ser considera exclusivamente como pessoas nós mesmos, as únicas naturezas racionais do mundo terrestre. O resto é recurso, isto é, coisa” (Krenak, 2020, p. 78). Para pensar o conceito de “nós” temos que compreender que essa é uma ideia de mundo que vai muito além dos seres humanos.

Outro pensador e líder indígena que contribui para a reflexão sobre a humanidade é o xamã Yanomami Davi Kopenawa, que junto do antropólogo Bruce Albert escreveram o livro *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. Para Kopenawa e Albert, os seres humanos “civilizados”, que eles chamam no livro de “Branços” remetendo ao processo colonizador europeu, pensam muito em si mesmos. Eles enfatizam que a espécie humana se vinculou de maneira tão profunda à vida da mercadoria que apenas sonham com materialidades e consigo mesma (Kopenawa; Albert, 2015). Os seres humanos estão desconectados dos outros seres vivos, como afirma o xamã e o antropólogo:

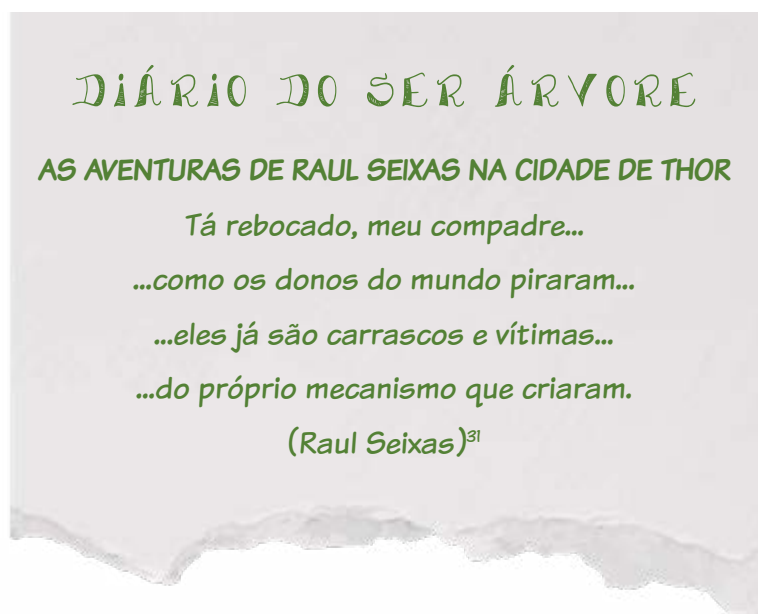
Esse é, talvez, o juízo mais cruel e preciso até hoje enunciado sobre a característica antropológica central do “povo da mercadoria”. A desvalorização epistêmica do sonho por parte dos Brancos vai de par com sua autofascinação solipsista - sua incapacidade de discernir a humanidade secreta dos existentes não humanos - e sua avareza “fetichista” tão ridícula quanto incurável, sua crisofilia. Os Brancos, em suma, sonham com o que não tem sentido. Em vez de sonharmos com o outro, sonhamos com o ouro (Kopenawa; Albert, 2015, p. 37, grifos do autor).

Estamos tão desconectados da Terra que nossa conexão sensorial, espiritual e social está no lugar errado, valorizando coisas ao invés da vida e fomentando um individualismo crescente em nossa sociedade. Assim como Kopenawa diz, “os Brancos dormem muito, mas só sonham consigo mesmos” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 390). Precisamos retornar ao encontro do outro, não apenas humanos, mas sim a tudo que há de vivo. Um novo paradigma para nossa espécie e, desse modo, uma partilha do mundo que compreende a existência humana como um ser integrado à *Gaia*.

Nesse processo de desconexão do planeta acabamos deixando o caminho livre para que corporações e classes sociais dominantes se apoplesem da Terra como recurso material e bem próprio. Eles estão promovendo o caos ambiental em nome do capital e do lucro, mantendo-nos em uma espiral de consumo, individualismo e ganância que fomentam um sistema que beneficia poucas pessoas. Acerca dessa reflexão, Krenak complementa que estamos na iminência de uma vida artificial e cheia de dependências:

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter (Krenak, 2020, p. 20).

Com isso passamos a ser uma sociedade da dependência, do consumo desenfreado, da moda momentânea, do tempo acelerado, da cobrança, da obsolescência, mas não estamos vendo que estamos adoecendo, tanto como indivíduos quanto como comunidade. Ao ficarmos reféns dos detentores do controle do capital econômico, material e político, possibilitamos ausências e não conseguimos mais viver em uma experiência social e familiar plena.



Existem povos e populações que se descolam desse tipo de pensamento, “são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes” (Krenak, 2020, p. 21). Os povos originários são seres ligados ao planeta de forma diferente da nossa. Segundo Krenak, “quando os povos originários se referem a um povo como “uma nação que fica de pé”, estão fazendo uma analogia com árvores e florestas” (Krenak, 2020, p. 29, grifo do autor). A ligação dos povos originários com a natureza é uma cosmovisão que vai além das barreiras que os seres humanos ocidentalizados possuem em suas mentes. Sua espiritualidade faz parte da sua relação com a floresta e sentem que, ao respeitar e viver de maneira harmoniosa com a natureza, estão cuidando de todos os seres vivos da Terra. Complementando a visão de diferentes povos originários brasileiros sobre esse olhar, o cacique Timóteo Verá Tupã Papyaguá da região de Vale do Ribeira, município de Eldorado, relata em um trecho de entrevista como o povo Guarani se relaciona com as árvores da floresta:

³¹ Música As Aventuras de Raul Seixas Na Cidade de Thor, composta e interpretada por Raul Seixas (3':44”).

O Guarani respeita toda essas árvores, porque árvores têm mais vida longa que ser humano. A árvore pode viver 200 anos e ser humano não chega a 200 anos. Nós fomos ensinados pelos sábios para pegar uma faca ou um facão e cortar só por cortar as árvores. Não podemos fazer isso porque as árvores têm sentimento. Quando você vai cortar tem que avisar e tem que ter um objetivo para cortar. Essa é uma forma de viver em harmonia com a natureza (Conversa com Bial, 2021, 30 min.).

Tanto Yanomamis, Krenak e Guaranis têm uma cosmovisão de mundo que olham para a natureza e o planeta de maneira mais integrada, demonstrando profunda conexão com *Gaia*, assim como com os seres vivos e os elementos que a constituem. Nosso entendimento de mundo é pequeno diante do olhar e relação desses povos com o meio ambiente.

A forma de vida e a organização desses povos originários incomodam o mundo capitalista e corporativo da sociedade “civilizada”. Em nome de um suposto progresso, desenvolvimento e avanço econômico, muitos mecanismos foram criados para interferir na relação dessas populações com suas terras. Desde questões políticas como o controverso Marco Temporal, recentemente debatido e protestado pelos povos originários, até invasões proporcionadas por grileiros e que causam centenas de mortes todos os anos. Nesse contexto, a famigerada ideia de humanidade se vê em colapso iminente. “Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (Krenak, 2020, p. 23).

Enquanto isso, nossos sonhos são constantemente desfeitos e qualidade de nossa vida tem deteriorado em meio a uma crescente exaustão do planeta. Adoecemos fisicamente por intermédio da poluição dos ares, dos lixos que se espalham pelas ruas e lotes das cidades, das mudanças de temperatura bruscas, dos eventos climáticos extremos, da piora do ambiente em que vivemos. Também adoecemos mentalmente por meio de um tempo acelerado numa lógica mercadológica, da exacerbação da relação com o material, das cobranças de uma sociedade fundamentada na produtividade, da falta de respeito com o contexto de cada indivíduo, do desprezo pelas particularidades do outro, da falta de



valorização de uma existência digna no mundo.

Ao olhar para os povos originários e ver em sua forma de vida inspirações, ensinamentos e direcionamentos para novos paradigmas sociais da dita “sociedade civilizada”, estamos lidando com a reflexão de evolução de nossa espécie. É de fundamental importância superar a noção de humanidade imposta por anos de nossas vidas e pensar num modo de vivenciar a nossa existência de outra forma. Portanto, ao ter um olhar voltado para a relação com a natureza, inspirados nos ensinamentos dos povos originários, poderemos enxergar aquilo que já está posto diante de nossos olhos: que somos parte de *Gaia*. Ao entendermos o real significado da palavra “nós”, poderemos evoluir de maneira coletiva para sermos um só com a Terra.

Para além de nós mesmos: Ser Floresta

O pensamento e forma de vida dos povos originários dialoga bastante com o conceito da *Teoria de Gaia* de James Lovelock, estudo cativante que me trouxe de maneira efetiva para as discussões sobre o meio ambiente. O biólogo afirma em sua teoria que o planeta Terra se comporta como um superorganismo vivo. Sua biologia seria constituída por todos os seres vivos (incluindo os seres humanos) e os elementos naturais como rochas, rios, ar, etc. Lovelock acredita que o controle climático e da composição química do meio em que vivemos são um processo autorregulatório do planeta, semelhante ao sistema corporal humano. Portanto, em um processo que resulta da evolução do conjunto das rochas, do ar, dos oceanos e dos organismos vivos, o planeta tem a capacidade de manter e gerar vida. Isso é o que dá condições habitáveis para o planeta (Lovelock, 2001).

Nessa visão, os seres humanos são um processo evolutivo de *Gaia* para autorregular seu próprio sistema. O que tem acontecido é que há um desequilíbrio que está

desfavorecendo essas condições de habitação. As ações humanas estão causando reações no planeta que podem ser entendidas como processos regulatórios desse grandioso ser vivo. Os eventos climáticos extremos que estamos presenciando nos últimos anos, segundo a teoria do professor Lovelock, são reações orgânicas e reguladoras que *Gaia* produz para que seu organismo se cure da ação predatória humana (Lovelock, 2001).

Estamos deixando de ser um dos tecidos que constituem esse complexo organismo vivo para nos tornarmos algo mais semelhante a um vírus, um ser invasor que mata seu hospedeiro ou é expulso dele. Essa representação está no quadrinho *UmDon* como uma infecção humana que se espalha por *Gaia* (Figura 146). Acredito que dificilmente causaremos um dano tão profundo que possa comprometer a vida do planeta Terra. Todavia, se provocarmos um desequilíbrio sistêmico considerável (como já está acontecendo), processos autorregulatórios acontecerão de maneiras mais fortes, frequentes e catastróficas, olhando pela perspectiva da espécie humana (Alves, 2011). “Se deixarmos de cuidar da Terra, ela sem dúvida cuidará de si, fazendo com que não sejamos mais bem-vindos” (Lovelock, 2006, p. 16).

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

AS AVENTURAS DE RAUL SEIXAS NA CIDADE DE THOR

Buliram muito com o planeta...

...e o planeta como um cachorro eu vejo...

...se ele já não aguenta mais as pulgas...

...se livra delas num sacolejo.

(Raul Seixas)³²

³² Música As Aventuras de Raul Seixas Na Cidade de Thor, composta e interpretada por Raul Seixas (3':44").



Figura 146 – Trecho do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Olhando atentamente para nosso contexto, podemos compreender que a Terra sobreviverá aos procedimentos autorregulatórios de seu sistema orgânico, afinal ela já passou por milhares de anos de vida e evolução. Mas a espécie humana conseguirá passar por todos esses percalços e sobreviver a esse processo? Não sei se teremos tal capacidade. É evidente que o maior impacto das ações predatórias decorre de uma minoria que concentra o poder econômico e político em nossa sociedade. Contudo, todos sentiremos. O distanciamento da natureza que compõe o tecido de *Gaia* me faz crer que teremos cada vez mais dificuldades ao passar dos anos, onde as pessoas sofrerão, em diferentes escalas, as consequências desse tipo de pensamento e ação humana de maneira violenta. A desigualdade social que existe em nosso mundo já faz com que os mais atingidos por esses processos autorreguladores do planeta sejam as pessoas mais necessitadas de nossa sociedade. Porém, à medida que o tempo passar e com a intensificação dessas autorregulações, os seres humanos de todas as classes sociais sofrerão, assim como todo tipo de ser vivo no planeta.

Vivemos em tempos onde a individualidade cresceu de forma tão severa que a vida em comunidade foi esquecida. Recentemente, passamos por uma crise mundial assolados por uma doença que revelou a discrepância social de nosso mundo. Humanidade passou a ser sinônimo de exclusão e a essência de nossa espécie constituiu-se no individual. Não é à toa que os povos originários repudiam esse termo. Peter Wohlleben nos deu um panorama dessa reflexão sobre a Covid-19 e a forma como lidamos com ela enquanto sociedade:

A covid-19 nos mostrou o quanto somos desconectados e individualistas como sociedade. Países mais ricos adquiriam quantidades enormes de vacinas enquanto países mais pobres e vulneráveis não conseguiram ter um aporte de vacinas suficiente para sua população. Não há cuidado entre os seres humanos. Com isso, o vírus continuava circulando, produzindo novas mutações que burlavam o sistema de defesa das vacinas produzidas. Os países que adquiriram essas doses achavam que estavam protegidos, mas como isso não era um movimento coletivo e igualitário, se viam novamente frente as intempéries da doença (Conversa com Bial, 2021, 30 min.).

Infelizmente essa doença avassaladora nos trouxe um panorama sobre a essência dos seres humanos no mundo e como é necessário vislumbrarmos uma mudança no cerne de nossa espécie. Peter Wohlleben nos mostra que as árvores são seres coletivos e que nós, seres humanos, deveríamos olhar com mais atenção para elas. Complementando sua reflexão anterior, ele enfatiza:

As árvores fazem justamente o contrário [em comparação com os seres humanos na pandemia]. São exemplos de coletividade, pois cuidam umas das outras de maneira igualitária. Preservam seus doentes, seus idosos, cuidam para que todas tenham o mesmo nutriente. Elas se preservam para serem fortes como floresta, não como indivíduo (Conversa com Bial, 2021, 30 min.).

Ao refletir minha identidade neste processo criativo autobiopoético da tese de doutorado e repousar minha essência na entidade poética *Ser Árvore* busco realizar essa conexão com o planeta Terra e com toda a biosfera que me cerca. Ampliar meus aspectos coletivos por meio do meu fazer artístico e das minhas práticas docentes é o caminho que encontrei para ser esta árvore no mundo. “Se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir a nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos” (Krenak, 2020, p. 44). Enraizar no útero de *Gaia* para trabalharmos uma salvação. “Adotar uma postura vegetal como manifestação cosmopolítica é compreender as relações em uma vida multiespécie no mundo” (Vasconcelos, 2022, p. 6). Não para salvar o planeta, mas sim olhar mais profundamente para nós mesmos e salvarmos a existência humana.

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

SILVERA

Hora de abrir seus olhos para esse genocídio...

(Time to open your eyes to this genocide)

...quando você limpar sua mente, você verá tudo...

(When you clear your mind you see it all)

...você está recebendo o ouro de uma vida melhor...

(You're receiving the gold of a better life)

...quando você muda, você muda o mundo.

(When you change yourself, you change the world)

(Gojira)³³

Sermos como as árvores é sermos coletivos, inspirados nas plantas que “transformam tudo o que tocam em vida, fazem da matéria, do ar, da luz solar o que será para o resto dos seres vivos um espaço de habitação, um mundo” (Coccia, 2018, p. 15). O individualismo não é mais uma opção viável, é um caminho genético diferente, uma carga viral que adquirimos em algum ponto de nosso desenvolvimento enquanto espécie. Estamos conectados à natureza, e ela a nós, de um modo do qual não podemos escapar. Emanuele Coccia afirma que é “impossível se liberar do meio no qual se está imerso, impossível purificar esse mesmo meio de nossa presença” (Coccia, 2018, p. 68). Estamos ligados a tudo como um, na mesma intensidade e força que esse um é tudo que está em nós. Coccia afirma que:

Inspirar é fazer o mundo entrar em nós – o mundo está em nós – e expirar é se projetar no mundo que somos. Estar-no-mundo não é simplesmente se encontrar dentro de um horizonte último que contém tudo o que podemos e poderemos perceber, viver ou sonhar. Desde que começamos a viver, pensar, perceber, sonhar, respirar, o mundo em seus detalhes infinitos está em nós, penetra material e espiritualmente nosso corpo e nossa alma, e dá forma, consistência e realidade a tudo o que somos (Coccia, 2018, p. 68).

Mudar nossa essência é o caminho para expirar uma nova projeção no mundo para podermos inspirar uma nova realidade. A vida humana é importante para *Gaia* pois somos parte constituinte dela, assim como sua existência é importante para nós visto que ela é nosso ambiente de sobrevivência. “O ser vivo é um meio para o mundo,

³³ Música Silvera, composta por Joe Duplantier, interpretada por Gojira (3':34").

do mesmo modo que o resto das coisas do mundo é o meio do indivíduo vivo” (Coccia, 2018, p. 73).

Escolher a árvore como hibridização poética foi um gesto simbólico de superar minha forma existencial e frutificar minha essência. Na minha “prática artística docente” (Alves, 2021, p. 8) sempre prezo pelo aspecto coletivo do fazer artístico como forma de ensinar aos futuros artistas professores que existir como um ser para além de si é de extrema importância em nosso mundo. Esses fazeres artísticos coletivos crescentes estimulam os futuros artistas professores a olharem para seu contexto social e ambiental refletindo sobre as questões que envolvem o todo de maneira gradual. É uma fissura no espaço-tempo e na imensidão do mundo que temos, porém, é a minha frutificação como *Ser Árvore*. Usar a disciplina como catalisador poético no fazer artístico para a formação de coletivos, tanto no gesto de semear quanto no gesto de florescer indivíduos (Figura 147 e 148). É a expansão da minha essência poética para ampliar a conexão com *Gaia*.



Figura 147 – Trecho do quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 148 – Seres Árvores no quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

Que nós possamos estar próximos em existência e realidade da árvore com a qual somos parecidos ou nos identificamos porque todo ser virtuoso e preocupado com o meio ambiente tem uma árvore com a qual se identifica e se assemelha procurando nela um pouco de si, um pouco de resposta as suas indagações que criam calos no pensar (Trajano, 2021, p. 1).

Pensar na multiplicação dos *Seres Árvores* no quadrinho *UmDon* foi refletir sobre a condição existencial de nossa sociedade de forma poética. “As árvores igualam os pontos fracos e fortes entre si [...] tentando evitar que o abismo para os indivíduos desfavorecidos da sociedade cresça ainda mais” (Wohlleben, 2017, p. 16). São características claras de uma sociedade baseada em questões coletivas, sociais e igualitárias muito fortes. Procuro transmitir esse ideal como artista, pesquisador e professor. Ser sozinho como uma árvore em sociedade não faz sentido. Me colocar ao lado de outros *Seres Árvores* e também de seres águas, pedras, gramas, matos, cachoeiras, montanhas, pássaros, insetos, onças, entre outras diversidades, amplia o senso de coletividade. É uma busca por ser a floresta em nosso mundo que traz

sentido para a vida em comunidade, aprendendo a viver como um ser coletivo de verdade na harmonia com o macrocosmo. “As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta” (Krenak, 2020, p. 25). Desta forma, o *Ser Floresta* que surgiu no quadrinho *UmDon* como reflexão final do enredo pode ser a entidade poética que define nossa espécie para ramificar raízes profundas como seres partícipes do sistema de *Gaia* (Figura 149).

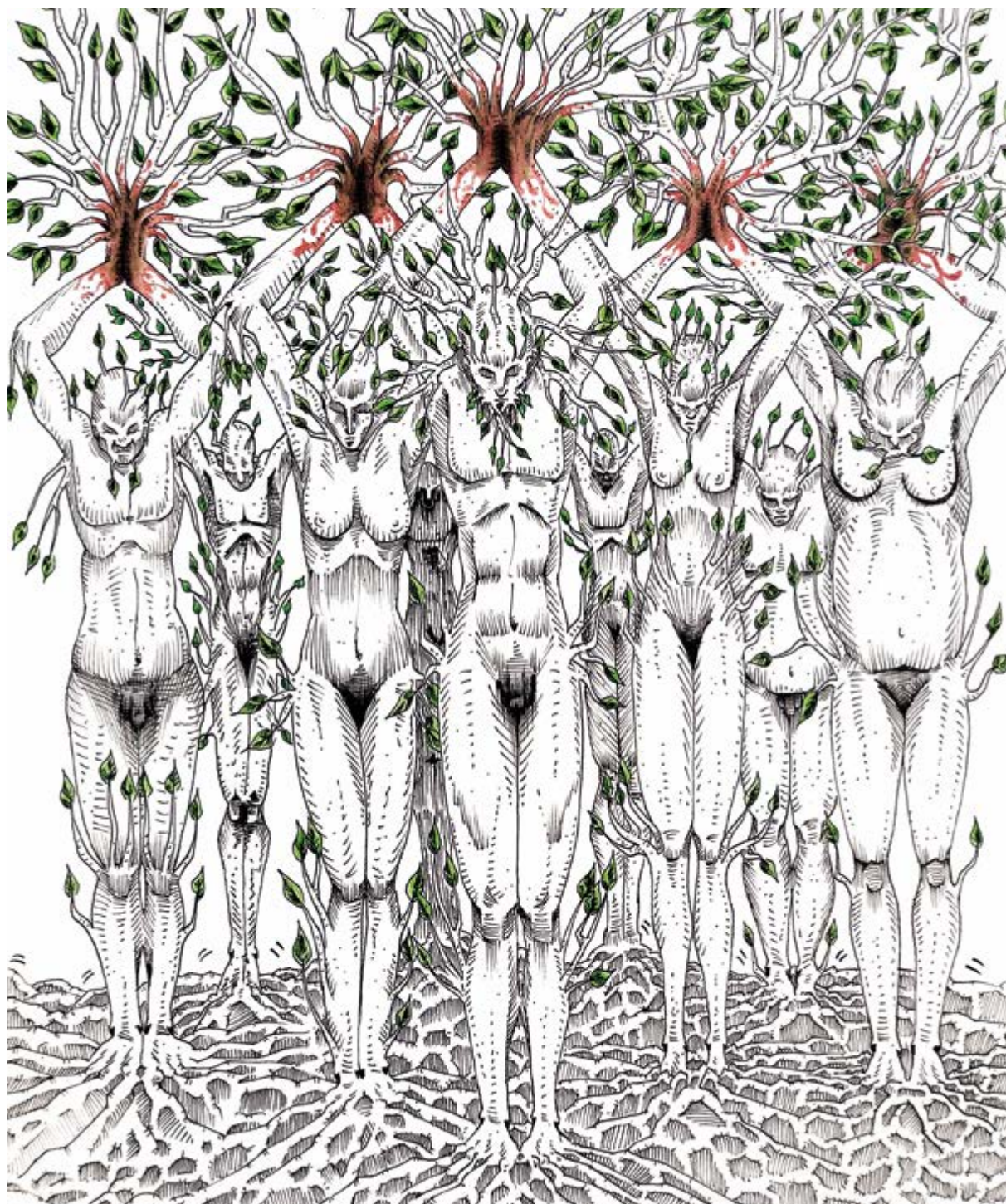


Figura 149 – Formação do *Ser Floresta* no quadrinho *UmDon*, 2024. Dimensões: 35x21cm. Fonte: arquivo pessoal.

A floresta é um exemplo do que é ser coletivo e conectado com o tecido de *Gaia*, e *Ser Floresta* é uma alusão poética a essa essência. A visão de que ela é essencial para a manutenção do equilíbrio terrestre reforça a importância de sua preservação como condição para a sobrevivência de todos os seres vivos. “O mundo como floresta fecunda, transbordante de vida, a Terra como um ser que tem coração e respira, não como um depósito de recursos escassos ocultos nas profundezas de um subsolo tóxico” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 13).

Portanto, pensar em uma sociedade que receba o espírito da entidade poética *Ser Floresta*, em uma condição existencial mais profunda do que o conceito de humanidade que temos hoje, é essencial para nossa vida no planeta. Devemos defender um devir, ou seja, um vir a ser como uma árvore, ser a árvore, *Ser Árvore*. Elas “são organismos regenerantes de Gaia, [...] tem a ver com cicatrizar as fraturas deixadas pelo Antropoceno, [...] curando-a com vida” (Vasconcelos, 2022, p.10). Pensar como *Ser Árvore* e vislumbrar a formação poética de uma floresta a partir de uma ramificação de consciência pode parecer utópico, mas a utopia me agrada. Já vivemos em tempos de distopia onde o individualismo cresceu, a violência se alastrou, o extremismo conservador saiu de sua toca e o senso de coletividade está cada vez mais esquecido. Pensar de maneira utópica é aprofundar reflexão de novos lugares possíveis no mundo, lugares que precisamos, necessitamos e queremos estar.

“Se soubermos agir com sabedoria e técnicas impecáveis, poderemos diminuir pouco a pouco o sofrimento humano e não humano no mundo, criando um paraíso digno de ser exportado para outros planetas” (Ribeiro, 2022, p. 20). Vale a pena pensar em ser uma árvore para podermos existir como floresta, ser a floresta, *Ser Floresta*. Evoluir para um novo ser e assim ser novo. Essa transformação em nossa essência tem que agir no âmago de nosso ser para fixar esse pensamento e forma de ser/estar no mundo. Esse devir “é eterno. Mesmo que seja queimado ou derrubado com a força de um machado, ainda assim a semente dará continuidade a uma nova espécie sendo este seu ciclo existencial: a eternidade da memória da semente” (Trajano, 2021, p. 6).

DIÁRIO DO SER ÁRVORE

SONHADOR (DREAMER)

Contemplando pela janela o mundo afora...

(Gazing through the window at the world outside)

...desejando saber se a mãe Terra sobreviverá...

(Wondering will mother earth survive)

...esperando que a humanidade parasse de abusar dela, alguma vez...

(Hoping that mankind will stop abusing her, sometime)

...afinal só existem dois de nós...

(After all there's only just the two of us)

...e aqui estamos, ainda lutando por nossas vidas...

(And here we are still fighting for our lives)

...vendo toda história se repetir, vez por vez...

(Watching all of history repeat itself, time after time)

...sou apenas um sonhador...

(I'm just a dreamer)

...eu sonho minha vida...

(I dream my life away)

...sou apenas um sonhador...

(I'm just a dreamer)

...que sonha com dias melhores.

(Who dreams of better days)

(Ozzy Osborne)³⁴

Seres Árvores no mundo: ramificações do Ser Floresta

Existem pessoas que evoluíram nessa busca de conexão com o planeta e estimulam outros a seguirem o mesmo caminho. Ailton Krenak é um exemplo que expande sua consciência, ações e práticas na formação de novos seres no

³⁴ Música Dreamer, composta por Marti Frederiksen e Ozzy Osbourne, interpretada por Ozzy Osbourne (4':39").

mundo. Juntamente com Anna Dantes e Madeleine Deschamps, Krenak fundou a associação *Selvagem*, uma organização que promove ciclos de estudos sobre a vida, fomenta escolas em regiões indígenas e traduz materiais que envolvam questões socioambientais para estímulo de aprendizagem. A associação, por meio de um corpo de membros ativos, se dedica ao estudo, compartilhamento, registro e divulgação dos saberes indígenas, dialogando com áreas das ciências e artes. Todo material gerado das ações da *Selvagem* é disponibilizado gratuitamente e impulsiona oficinas, debates, exposições e materiais para estudo textual e audiovisual.

Uma das suas principais atuações está calcada no apoio dos movimentos indígenas das *Escolas Vivas*, centros de estudo e aprendizagem de conhecimentos tradicionais (Figura 150). É destinado um recurso mensal para cada escola e apoio conjunto nas práticas desenvolvidas nos espaços. Atualmente cinco projetos estão em desenvolvimento: Guarani, Maxakali, Huni Kuin, Baniwa e Tukano-Dessano-Tuyuka. Garantir o vínculo desses povos aos saberes indígenas tradicionais reforça a identidade deles, onde a conexão com a ancestralidade e com o planeta são fatores fundamentais. Segundo Krenak, “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (Krenak, 2020, p. 14). Constituir o ser nessas ligações espirituais e ambientais são práticas importantes para os povos originários. As *Escolas Vivas* realizam um movimento que contribui para uma educação que forma indivíduos que realizam ações regenerativas e não destrutivas de estar no mundo em que vivemos³⁵.



Figura 150 – *Escola Viva* Maxakali, sem data definida. Sem autor definido. Fonte: <https://selvagemciclo.com.br/escola-viva-maxakali/>. Acesso em: fevereiro de 2025.

³⁵ Para maiores informações sobre a associação *Selvagem*, visite o site: <https://selvagemciclo.com.br>. Acesso em: fevereiro de 2025.

Outro ser que traz para diálogo a questão de conexão com a natureza é Emerson Pontes, artista indígena amazonense que usa o corpo como território narrativo e performático se transmutando em Uýra Sodoma, a entidade que é definida por ela como “uma árvore que anda”. Para essa transformação a artista usa elementos da natureza como corantes naturais, conchas, vegetação real, cascas, plumagens, entre outros. Formada em Biologia e mestra em Ecologia, atua na área de Artes Visuais e Arte Educação em projetos de conscientização e pedagogia ambiental para fomentar um desenvolvimento sustentável. Seu trabalho foto-performático evidencia os sistemas vivos das florestas brasileiras, trazendo para o debate as violações que acometem esses espaços e seus povos. Uýra traz um olhar crítico e reflexivo acerca das lutas dos povos originários e ribeirinhos, testemunhando a importância dos igarapés, das florestas, das necessidades locais e das pessoas que lá vivem.

Uýra Sodoma utiliza seu corpo como espaço narrativo para contar diferentes histórias sobre a natureza. Na série de foto-performances chamada *Retomada*, a artista conta o ciclo de vida das plantas que crescem sobre locais de abandono das cidades, sejam em frestas, paredes, concretos, grades ou calçadas (Figura 151). Ela reflete sobre as plantas que originalmente estariam crescendo na floresta que existiria naquelas cidades, mas que foi violentada por elementos característicos da civilização humana. Uýra mostra a resistência dessas plantas por meio de suas foto-performances, mostrando que a natureza é resiliente no mundo em que vivemos e busca a formação de uma nova floresta. Essa dicotomia entre floresta e cidade é parte importante no trabalho da artista, que busca jogar luz sobre as questões da diversidade ambiental e das diásporas dos povos originários³⁶.

³⁶ Para maiores informações sobre Uýra Sodoma, visite o site: <https://dasartes.com.br/materias/uyra-sodoma/>. Acesso em: fevereiro de 2025.





Figura 151 – *Frutificar*, da série *Retomada*, Uýra Sodoma, 2021. Fotografia: Matheus Belém. Fonte: <https://dasartes.com.br/materias/uýra-sodoma/>. Acesso em: fevereiro de 2025.

Uma referência que é importante ser lembrada é o artista de Roraima, Jaider Esbell, ativista, escritor e produtor cultural indígena da etnia Makuxi, também contribuiu para uma reflexão profunda sobre a humanidade em nosso mundo. Em seu trabalho artístico e comunitário, Esbell trouxe a vivência coletiva presente no que ele denominava como *Arte Indígena Contemporânea*, articulando diálogo entre artistas, artesões, lideranças, comunidades e sociedade em geral. O artista promoveu o *Encontro de Todos os Povos*, que proporcionou visibilidade da arte indígena contemporânea apresentando produções e obras de artistas de várias etnias de povos originários brasileiros. Em suas reflexões, Esbell realizou uma análise crítica acerca da apropriação cultural dos povos originários brasileiros ao colocar em evidência o cenário artístico dessas populações. Desta forma, ele promoveu conscientização ambiental em seus projetos educativos e valorizou a coletividade indígena como caminho para nossa sociedade. Seu ateliê chamado *Galeria de Arte Indígena Contemporânea* se envolveu em projetos culturais participando da formação de indivíduos e recebeu estagiários de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Infelizmente, o artista nos deixou no ano de 2022.


Sua produção artística foi diversificada e passou por diversas linguagens que promoveram o pensamento e reflexão sobre a cultura dos povos originários. Na pintura *Na Terra Sem Males* de 2021, Jaider Esbell colocou toda sua diversidade cultural, visual e a sua relação pictórica de mundo numa obra colorida e abundante em diversidade (Figura 152). É a combinação de muitos mundos onde cada canto da pintura mostra uma narrativa de sua cultura e da pluralidade do planeta. O ato criativo,

o imaginário e a estética dos povos originários são a base de suas obras, rompendo com questões de uma arte contemporânea eurocêntrica que não o representa. A sobreposição de camadas e as diferentes temporalidades vistas na obra remetem as questões ancestrais dos povos originários e a diversidade vista na abundância visual mostram como é a cosmovisão desses povos. Um pensamento evolutivo importante para refletirmos fora do conceito de humanidade, onde a integração e coletividade fazem parte de uma conexão profunda com a natureza³⁷.



Figura 152 – *Na Terra Sem Males* de Jaider Esbell, 2021. Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/armadilha-psicod%C3%A9lica-de-jaider-esbell/a-59717656>. Acesso em: fevereiro de 2025.

³⁷ Para maiores informações sobre Jaider Esbell, visite o site: <http://www.jaideresbell.com.br/site/>. Acesso em: fevereiro de 2025.



Olhando agora para outros locais de luta, é importante falar do escritor, produtor e ativista nigeriano Ken Saro-Wiwa, morto em 1995. Ele pertencia ao povo Ogoni, um grupo minoritário no delta do rio Níger, e liderava um movimento que travou uma longa luta contra degradações ambientais das terras e águas proporcionadas por grandes empresas petrolíferas, especialmente a Shell. Por conta de seu ativismo, Ken Saro-Wiwa foi preso em 1994 a mando do regime militar que governava a Nigéria em conluio com as empresas petrolíferas e, após um julgamento suspeito de fraudes, acabou condenado à morte por enforcamento no ano seguinte. Sua execução proporcionou revolta em diversos locais do mundo e a Nigéria sofreu punições internacionais pelo fato. Quatorze anos depois, a empresa Shell reconheceu envolvimento na morte do ativista nigeriano e de outros oito companheiros de luta, pagando uma indenização que superou os quinze milhões de dólares às famílias das vítimas na tentativa de amenizar os efeitos negativos à sua imagem (Dassoler, 2020).

Um valor irrisório para uma empresa que ganhou muito mais do que esse valor nesses mais de quatorze anos de exploração da região. Essa é uma prática comum dessas corporações: exploram a esmo, lucram horrores, matam, destroem e causam impactos ambientais enormes. Posteriormente, em processos que se arrastam por anos enquanto esses lucros rendem em aplicações, pagam uma indenização irrisória perto dos dividendos gerados para meia dúzia de empresários.

Em 2017, a artista, pesquisadora e documentarista Elisa Dassoler produziu e lançou o documentário *Ken Saro-Wiwa, presente!*, resultado de sua pesquisa de doutorado (Figura 153) (Dassoler, 2017). O ativismo de Ken Saro-Wiwa em prol da defesa das terras e águas de sua comunidade inspirou várias pessoas tornando-se referência e criando movimentos artísticos, culturais, políticos e sociais que buscam manter sua luta (Dassoler, 2020). Sua resistência pelas questões ambientais, a luta em prol de seu povo e a denúncia de usurpação das riquezas de seu país que fomentaram a pobreza na região é um exemplo de ser uma árvore no mundo. O legado de Ken Saro-Wiwa não pode ser esquecido e o trabalho de artistas pesquisadores como Dassoler são importantes para mantermos essa memória viva em busca de justiça social e ambiental em nosso mundo contra a ganância genocida do capitalismo empresarial.



Figura 153 – Documentário *Ken Saro-Wiwa, presente!* de Elisa Dassoler, 2017. Fonte: <https://www.elisadassoler.com/ken-saro-wiwa-presente>. Acesso em: fevereiro de 2025.

Ao estipular o *Ser Árvore* como minha entidade poética que busca *Ser Floresta*, não faço apenas alusão às questões ambientais. Os aspectos coletivos são muito importantes para pensar possibilidades de existência. Um escritor, artista e importante ativista das causas humanas que envolvem a periferia de São Paulo, e que considero de extrema importância citar neste trabalho como exemplo de um ser preocupado e calcado nas questões da coletividade, é Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz (Figura 154). Fundador da *1DaSul*, participante da ONG *Interferência* e criador da editora independente *Selo Povo*, ele promove ações culturais, fomenta uma rede de assistência social e trabalha com literatura e quadrinhos envolvendo jovens da região do Capão Redondo, periferia da cidade de São Paulo. O artista costuma utilizar, em suas produções, o que chama de *Literatura Marginal*, por tratar de temas e histórias das periferias das grandes cidades. Tais aspectos podem ser vistos em suas produções literárias como *Capão Pecado*, *Manual Prático do Ódio*, e *Ninguém é Inocente em São Paulo*, por exemplo.



Figura 154 – Ferréz na ONG *Interferência*, 2024. Fonte: <https://www.instagram.com/ferrezoficial/>. Acesso em: fevereiro de 2025.

Ferréz, com seu trabalho coletivo e constante estímulo à criação artística nessas regiões periféricas são fonte de inspiração para o entendimento do que é ser uma árvore em nossa realidade. Sua reflexão de mundo abrange pensar nossa sociedade a partir das bordas, das pessoas marginalizadas de nossas cidades, para assim rompermos com a barreira da desigualdade social que nos rodeia. A preocupação do escritor e ativista com as regiões periféricas de uma cidade é vista em suas falas e também apresenta reflexões sobre as questões ambientais dessa população:

Porque a quebrada não está sendo contemplada na questão ambiental? Quando você vê a mídia falando aí do clima que está acontecendo, né, do calor imenso, de chuvas em alguns lugares, de frio em alguns lugares também, a periferia ela nunca está no centro dessa discussão e isso é uma coisa que eu fico vendo como uma covardia. [...] Não é falado nem a questão climática, né? Que na verdade é um terror climático! [...] Como que a gente vai suportar tudo isso? Vai se refugiar em shopping? [...] A periferia não tá preparada de forma nenhuma! O Brasil não tá preparado! [...] Não tem como fazer uma revolução que não seja virada pro ambiental. [...] Tem que ter uma outra forma, ou várias formas diferentes, da gente ter essa luta ambiental, que é urgente. Não dá pras pessoas continuarem colecionando dinheiro, enquanto o mundo tá desabando, mano. [...] É desesperador você tá no meio de uma quebrada, e você vê só as pessoas sendo usadas pelo sistema estrutural e tal. Elas vão sofrer algo que nem é culpa delas. Não é a dona Maria fechando um pouco mais a torneira de escovar dente que vai resolver o problema que a gente tá vivendo agora, entendeu? Não tem forma mais revolucionária do que a gente se unir pra poder parar isso. Essas empresas têm que ser tumultuadas! Elas têm que acabar, não dá pra empresas continuarem poluindo e destruindo a natureza do jeito que tá (Ferréz, 2025, 13 min.).

Colocando o olhar das questões ambientais que nos cercam das bordas para o centro, Ferréz mostra uma preocupação com as pessoas mais necessitadas de nossa sociedade. Seu trabalho é um exemplo do que é ser uma árvore em nosso mundo e dialoga com o que Peter Wohlleben nos ensina sobre a rede de suporte e constituição social das árvores num sistema florestal. O apoio mútuo, o cuidado com o próximo e o trabalho coletivo em prol de uma comunidade forte, coesa e evoluída fazem parte das árvores numa floresta. Ferréz realiza essa prática no seu dia a dia em suas ações. Na ONG *Interferência* ele dá apoio a crianças e jovens do Capão Redondo na formação escolar, artística, cultural e social, tirando-os das ruas e da possível entrada na criminalidade. Já na *1DaSul* ele desenvolve produtos que valorizam as estéticas e os simbolismos culturais da região que geram renda para as famílias da comunidade. E na editora independente *Selo Povo* o ativista abre espaço para pessoas da periferia poderem contar suas histórias de vida e estimular sua criatividade descobrindo novos talentos, dando oportunidade de expressão artística e transformando esse movimento em livros e quadrinhos que geram fonte de renda para esses artistas. Ferréz mostra que ser a árvore necessária em nosso mundo envolve dar apoio ao próximo para que juntos possamos nos fortalecer enquanto sociedade³⁸.

Muitos outros artistas e/ou ativistas que trabalham as questões ambientais e coletivas em nosso mundo poderiam compor essa reflexão, mas este capítulo da tese não teria fim. Vale mencionar alguns deles para registro, como Chico Mendes, importante ativista ambiental e seringueiro que foi assassinado devido à luta em defesa da Amazônia e dos direitos dos povos da floresta. Greta Thunberg, ativista e ambientalista sueca que vem lutando veementemente contra as ações predatórias humanas que causam os eventos climáticos extremos. Artistas como o belga Fabrice Monteiro, com seu ensaio fotográfico *A Profecia*, de 2016, que nos apresenta questões culturais e espirituais de povos africanos envoltas em reflexões que abrangem as questões ambientais (Figura 155), e a paraense Roberta Carvalho, com sua produção intitulada *Symbiosis*, que acontece desde 2007 onde projeções fotográficas e audiovisuais são realizadas sobre a vegetação de florestas e copas de árvores, indicando entrelace da natureza com o ser humano (Figura 156).

³⁸ Para maiores informações sobre Ferréz, visite o site: <https://www.youtube.com/@FerrezOficial>. Acesso em: fevereiro de 2025.



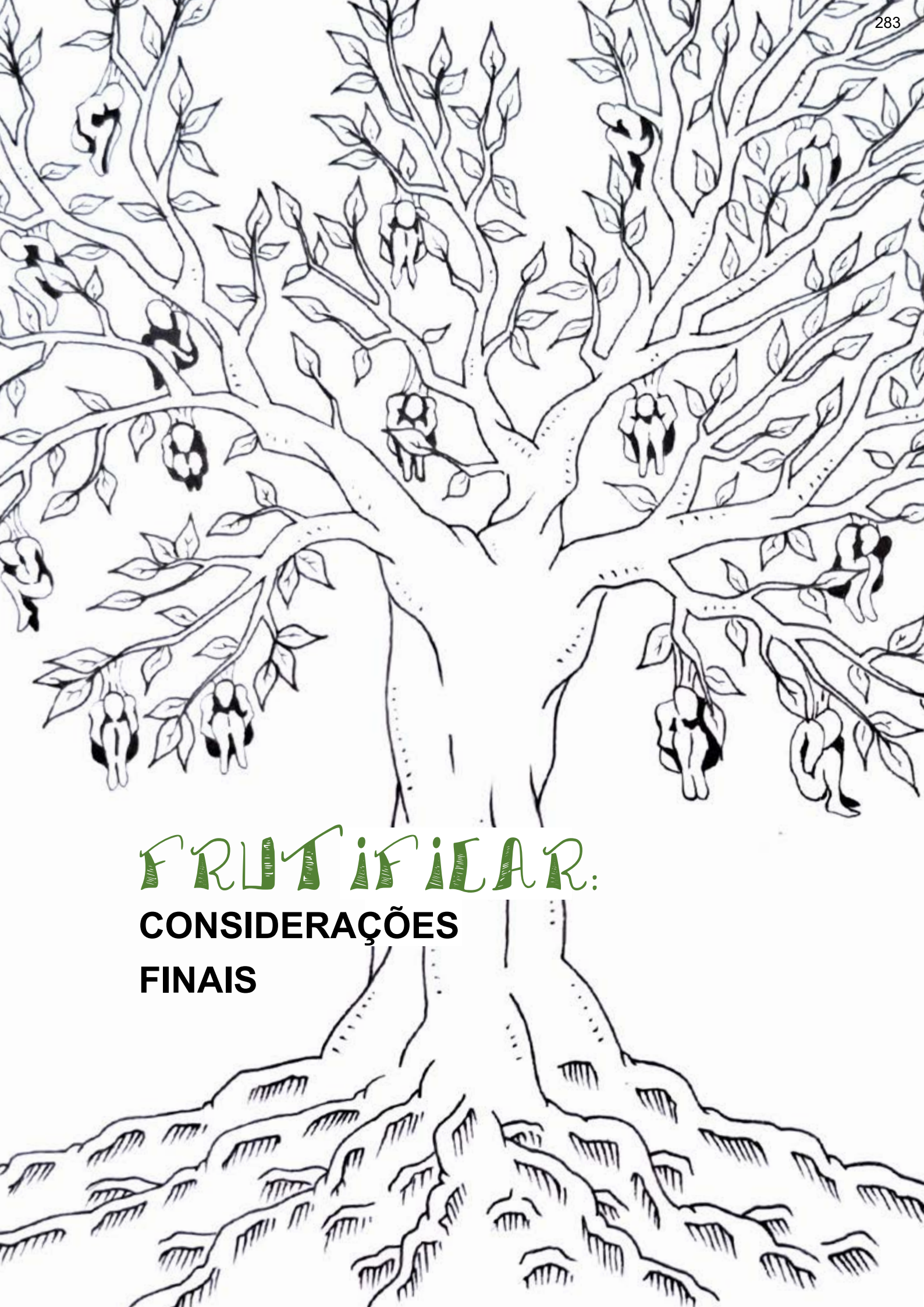
Figura 155 – Da série *A Profecia*, Fabrice Monteiro, 2016. Fotografia. Fonte: <https://www.fabricemonteiro.com/>. Acesso em: fevereiro de 2025.



Figura 156 – *Symbiosis* de Roberta Carvalho, 2007. Projeção. Fonte: <https://www.robertacarvalho.art.br/symbiosis>. Acesso em: fevereiro de 2025.

Podemos ver que existem movimentos e seres que estão se propondo a realizar uma reflexão mais profunda sobre a essência existencial de nossa espécie, realizando um convite ao diálogo para que possamos repensar nossas ações no mundo e buscar a evolução. Temos o direito de dizer quem somos e podemos construir a nossa identidade coletiva para a evolução do conceito de humanidade. Somos *Seres Árvores* que ramificam possibilidades de existirmos como a floresta necessária no mundo para voltarmos a ter uma conexão com *Gaia*. Todos esses movimentos são energias que fomentam uma luta por mudança de caminho de nossa história. São desejos de reaprender a ser no planeta para podermos *Ser Floresta* no âmago da Terra.





FRUITIFILAR:

CONSIDERAÇÕES
FINAIS

Esta pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG foi um grande aprendizado. O desafio de entender quais foram as contribuições da perspectiva autobiográfica para meus processos de criação enquanto um artista que busca conexões críticas e poéticas entre as esferas pessoais e sociais do meu fazer artístico se mostrou instigante. Percebo que meu objetivo de pesquisar minhas práticas artísticas entremeadas por memórias, histórias, arquivos, anseios e desejos, e compreender que tipo de agente eu sou no processo de conexão com *Gaia*, transformou minha percepção identitária, possibilitando o germinar de uma nova identificação poética no mundo, que está em constante transformação e evolução.

Como visto na introdução deste texto, minha formação acadêmica e atuação no projeto *Simbiose* me transformou e (re)significou minha existência, onde compreendia minha relação com o mundo como anticorpo. Contudo, no florescer do professor, o artista perdeu forças e a identificação poética de anticorpo se deteriorou. Com o tempo, uma nova relação surge no meu envolvimento em ações artísticas coletivas catalisadas pela docência, reascendendo a chama do artista. Entender esse novo contexto tencionava um questionamento sobre meu espaço no mundo, assim como compreender como aconteciam minhas conexões sociais e profissionais, e consequentemente, (re)significar minha condição de existência novamente. A Pesquisa Autobiográfica em Arte mostrou-se território fértil para poder realizar esse mergulho e perturbar-me no processo, iluminando esses questionamentos que pulsavam em mim.

O mergulho investigativo desta pesquisa teve início a partir de um ato autobiográfico. À medida que os traços que me constituíam afluíam, percebi que múltiplas formas me moldaram ao longo da vida. Nesse aprofundar provocado por um movimento intencionalmente autobiográfico, os guardados ativaram memórias e trouxeram histórias que me fizeram encontrar dores e afetos no abraço aos diferentes *Dons* que estiveram em minha trajetória. A prática artística acabou modificando o ato e se revelou como um gesto de reflexividade, (re)significação de si e elaboração simbólica de mundo, germinando formas que incluíam a grafia, porém, transcendiam, colocando-a num macrocosmo maior atravessado pela minha criatividade e trazendo outras questões que se formaram no fazer. Desta forma, percebi nas potências simbólicas desses elementos que minha poética era alimentada no processo.

O diálogo com os autores no aprofundamento teórico possibilitou o entrelaçamento entre poética, autobiografia e processo criativo no fazer artístico, brotando uma nova perspectiva sensível e epistemologicamente potente para a prática de um artista. Aos poucos, compreendi que eu não apenas criava a obra, mas desenhava minha própria vida na arte. Ao emergir desse mergulho, percebi que havia atravessado uma reflexividade da vida na criatividade instaurada pela prática artística, onde o ato autobiográfico deu espaço para um gesto autobiopoético, estratégia que

deu forma a minha existencialidade. Esse processo culminou na criação do quadrinho *UmDon*, que apresenta meus traços e expressa minha reflexão sobre minha mitologia de origem. Nessa perturbação e (re)significação identitária, germinei uma nova identificação poética como *Ser Árvore*, entidade que amplia minha condição de vir-a-ser no mundo.

Ao reconhecer que o ato autobiográfico deu lugar ao gesto autobiopoético, compreendo o nascimento do conceito autobiopoética: uma estratégia de representação de si. Portanto, no fazer das Artes Visuais, lugar onde me encontro no debate, amplia-se o entendimento da autobiografia para além da escrita de si, assumindo a prática artística como espaço de reflexividade de si partindo de um gesto criativo em que a vida se forma poeticamente na instauração da obra. Ou seja, olhando para meu processo, a autobiopoética me permitiu transformar vivências, dores e afetos em criação poética.

O autobiográfico moveu o processo criativo desta pesquisa. Contudo, a obra que se instaurou não pode ser configurada como uma autobiografia. O “eu autobiográfico” na produção artística se constitui como vestígio, como traço. Não é o objetivo ser um retrato fiel ou uma história de vida literal, mas sim ser resultado de uma reflexividade que me (re)significa e é aberta para ressignificações outras. Portanto, a autobiopoética é o fazer de um artista que usa o autobiográfico como catalisador de seu processo como estratégia de representação de si por meio de sua prática.

O conceito-operatório autobiopoética se ramifica no presente com abertura dialógica potente para pesquisas, estudos e práticas artísticas que mergulham na reflexividade de si como caminho criativo do seu fazer na Pesquisa Autobiográfica em Arte. O que fazem os artistas com o autobiográfico? Transformam, produzem, expressam! E nesse fazer, perturbamos. Destarte, a autobiopoética frutifica novas possibilidades de perturbação da autobiografia, tida antes do século XX como lugar de legitimar identidades e/ou narrativas, reforçando hegemonias. Ela amplia o debate sobre o tema em nossa área de conhecimento, constituindo-se na minha contribuição original da tese de doutoramento.

E por que mergulhar em um processo autobiopoético? É preciso compreender nossa existência como um *sopro* diante do macrocosmo do universo. Na natureza, flores desabrocham, pássaros aprendem a voar, frutos ganham forma, todavia, tudo um dia morre. Até mesmo o sol e as estrelas se apagarão e o universo, tal como o conhecemos, terá fim. Diante dessa escala cósmica, a vida humana é breve, quase um piscar de olhos. Nascemos, crescemos, rimos e choramos, lutamos e amamos, festejamos e sofremos, porém, tudo diante do cosmos é um instante fugaz. Nossos animais de estimação vivem uma fração da nossa vida, que por sua vez, é apenas uma centelha na linha do tempo da humanidade, e uma partícula na existência de

Gaia. É nesse reconhecimento da transitoriedade que a autobiopoética ganha força. Dar forma à própria história, (re)significar o vivido, valorizar a memória por meio da prática artística e dos processos de criação é afirmar que nosso breve *sopro de vida*, por menor que pareça, *tem valor e sentido no tecido imenso do universo*.

O *Ser Árvore* trouxe esse *sentido* para minha vida, é a evolução que se enraizou em meu ser como um *espírito poético*. Para ser uma árvore nessa realidade tive que me reconectar com os *gestos da infância*, onde habitavam a pureza, a curiosidade e o desejo de se relacionar com o mundo de forma mais intensa. Percebi neste mergulho da pesquisa que minha ligação com a natureza já estava *semeada*, tal qual o soar do nome do super-herói que criara quando criança (*Flauer*), evocando *meu florescer como parte de Gaia*. Nos dias de hoje, a infância ganhou contornos mais profundos no instante em que descobri a *paternidade*, momento em que o sentido de ser uma árvore se intensificou. No dia 06 de março de 2025, nasceu *Ramon Farinelli Gomes de Castro Alves*, filho de *Karinne* e *Don*, *semente que brota do Ser Árvore* (Figura 157). *Ser novo* na busca de *um novo ser* (Figura 158). A *coletividade* ganhou novos *sentidos e significados*. *Ser Árvore* passou a ser frutificar de uma forma mais intensa, para expandir uma nova consciência que se enraíza em nosso mundo.



Figura 157 – *Ramon e eu*, 2025. Fonte: arquivo pessoal.

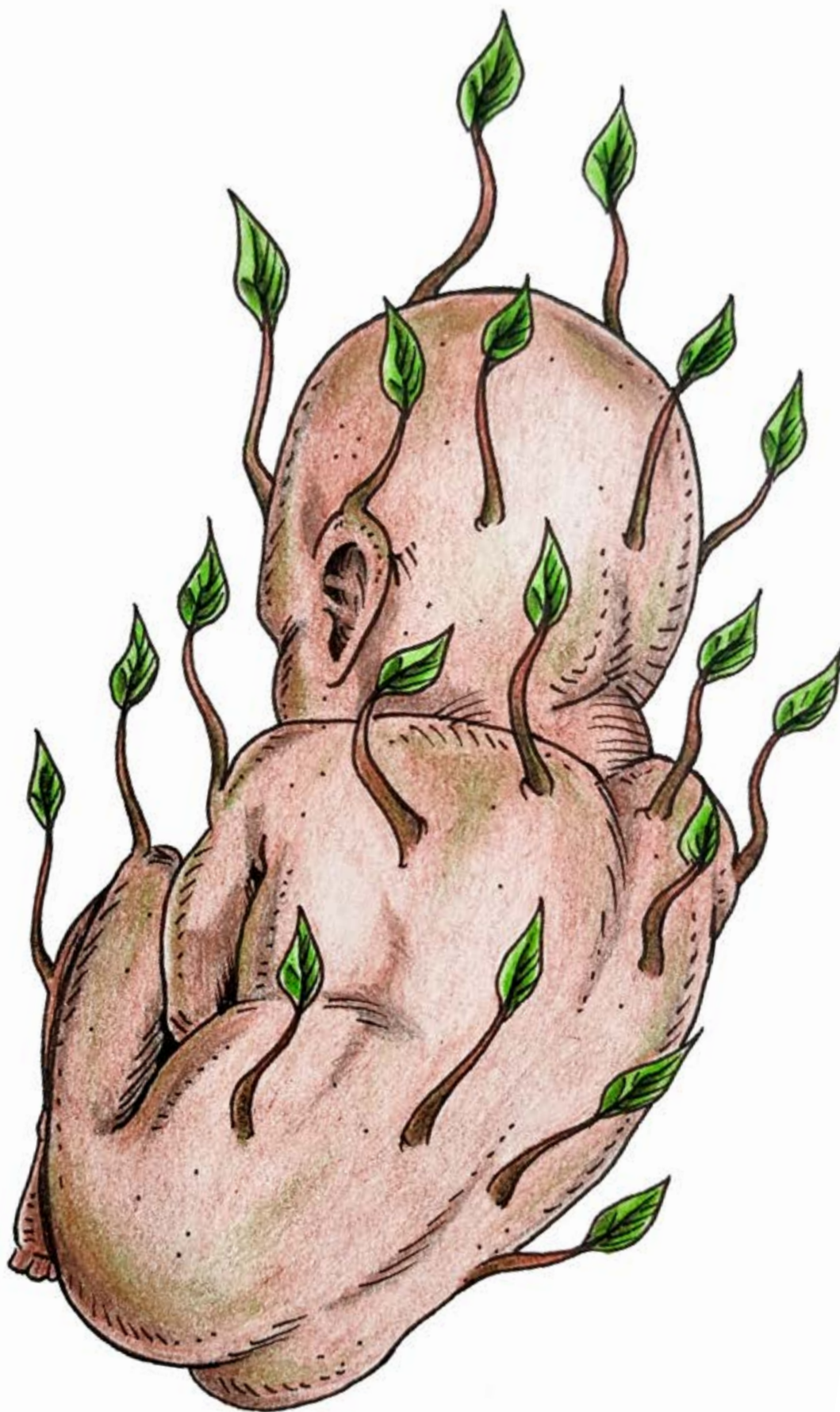
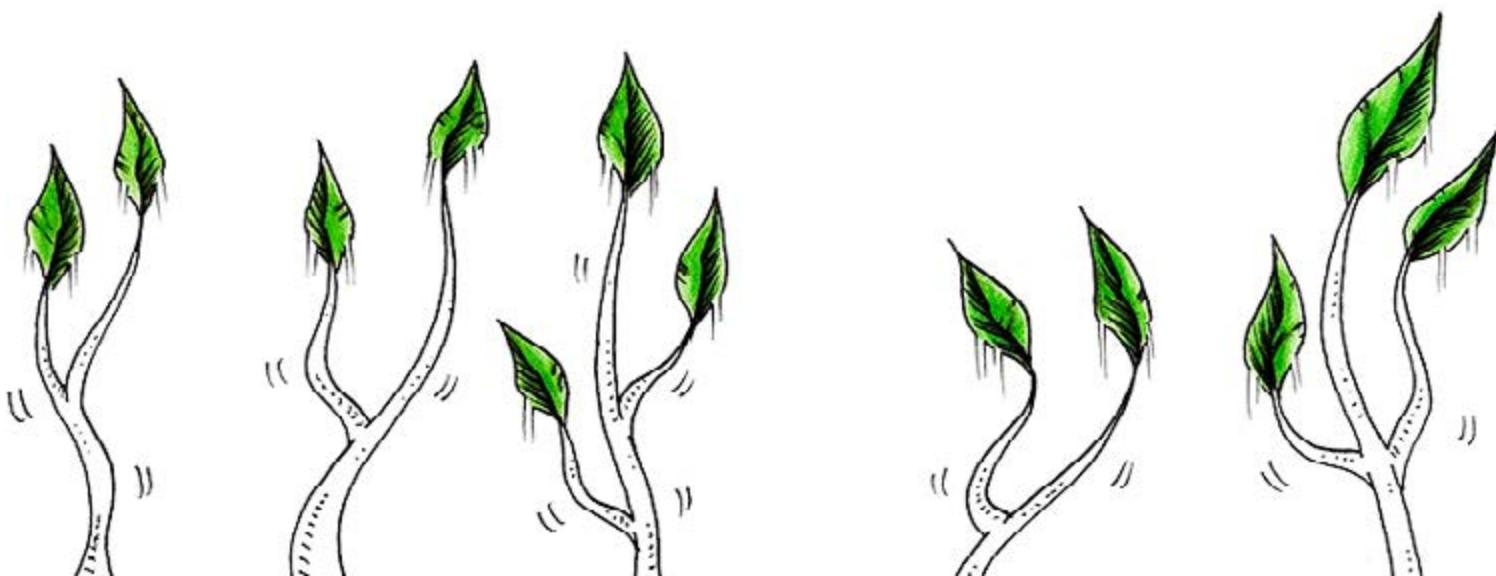


Figura 158 – *Bebê Árvore*, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

Vivemos um tempo em que o individualismo se sobrepõe à vida coletiva, tonando-se uma espécie de contaminação no corpo social. Por conta disso, os povos originários recusam essa forma de vida. É um desvio, uma carga viral que nos afastou da ancestral sabedoria comunitária. Estamos imersos em um meio que nos atravessa e que também nos constitui. *Viver como uma árvore* é preciso para *perturbar*, ou seja, *promover uma consciência crítica*, para *sair* das amarras dos monstros que nos controlam e assumirmos a coletividade como *forma de existência*.

Ao pensar no nosso breve sopro de vida no universo, me lembro que a respiração humana é um gesto de vida. Inspirar é preciso! Para não ficar sem ar, mas também para fazer o mundo entrar em nós, brotar reflexões, florescer questões, como o artista que se inspira para produzir. Expirar também é importante! Para não sufocar, mas também para se colocar no mundo, semear transformações, frutificar consciências, como a obra artística expira diálogos. Ser Árvore é respirar com Gaia.

O desafio neste findar da pesquisa é expandir essas compreensões em desdobramentos futuros. Como implementar a autobiopoética nas *práticas artísticas coletivas* que desenvolvo no Curso de Educação do Campo da UFT? Quais *frutos* esse *gesto* pode gerar nas intervenções que realizamos? Como partir do mergulho de si para *cultivar a coletividade* para os contextos que *habitamos* e que *nos habitam*? Meu papel é abrir caminhos para que a autobiopoética possa, partindo das experiências individuais do fazer a vida na arte, lançar *questões coletivas renovadas* e *novas conexões de mundo*. Desta forma, poderemos pensar na ampliação das *ações em comunidade*, transformando as intervenções que realizamos em *obras autobiopoéticas coletivas*, onde o “eu” remeterá a uma *coletividade*, uma *sociedade integrada*. *Para, enfim, nos tornarmos, em devir, o Ser Floresta.*



REFERÊNCIAS

ALVES, Don Gomes. **Prática artística docente de um anticorpo: A relação entre o fazer artístico e a sala de aula no projeto Simbiose**. In: Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual – ViralVirtual: Imunizações e Contaminações da Arte e Cultura Visual, Vol. 4, Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2021, p. 313-324.

_____. **Simbiose: A reinvenção dos seres humanos como parte de Gaia** [manuscrito]. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2011.

_____. **Simbiose: Relações mútuas através do fazer artístico** [manuscrito]. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2016.

_____. **UmDon**. 2021. (37 seg.).

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BEHR, Nicolas. **Iniciação à dendrolatria**. Brasília: Pau Brasília, 2006.

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. **Transbordamentos visuais e suas sonoridades**. Revista Vazantes, Vol. 04, Nº 01, p. 93-104, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/60662>>. Acesso em: dezembro de 2023.

CATTANI, Icléia. **Mestiçagens na arte contemporânea**. Porto alegre: UFRGS, 2007.

CERTEAU, Michel. **Invenção do cotidiano**. 1.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: Uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

Conversa com Bial. **Pedro Bial fala sobre A Vida das Árvores com Peter Wohlleben**. 2021 (30 min.).

DALMASO, Renata Lucena. **Quadrinhos autobiográficos corpo(rificados): Considerações sobre o gênero autobiografia em quadrinhos e representações de deficiência**. In: Revista Cerrados, Vol. 27, nº 46, Universidade de Brasília, 2018, p.15-27. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/19628/18160>>. Acesso em: janeiro de 2023.

DRAIMAN, David. **Another Way To Die**. Interpretada por *Disturbed*. Álbum *Asylum* (4':14"), 2010.

DASSOLER, Elisa. **Ken Saro-Wiwa: arte e ativismo na luta por justiça ambiental**. Florianópolis: UDESC, 2020.

_____. **Ken Saro-Wiwa, presente!** Montagem: Guto Presta. Montagem: Guto Presta. 2017. (82 min.).

DOUBROVSKY, Serge. **O último eu**. In: GERHEIM, Jovita Maria (Org.). Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DUPLANTIER, Joe. **Silvera**. Interpretada por *Gojira*. Álbum *Magma* (3':34"), 2016.

Escola do Futuro do Estado de Goiás (EFG) em Artes Basileu França. Disponível em: <<https://basileufranca.com.br/>>. Acesso em: janeiro de 2025.

FABRE, Michel. **Fazer de sua vida uma obra**. In: Educação em Revista. Vol. 27, nº 01. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 347-368. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/educ/a/bTSmDzF44MVC35xXXHpyYTx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: agosto de 2025.

FAEDRICH, Anna. **O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea**. Itinerários, nº 40, p. 45-60, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8165>>. Acesso em: dezembro de 2024.

_____. **Autoficção: Um percurso teórico**. In: Revista Criação & Crítica, nº 17, 2016, p. 30-46. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/120842/121520>>. Acesso em: janeiro de 2023.

FALCÃO, Maria Isabel Franco de Abreu. **Traço em comum: Analisando quadrinhos autobiográficos de mulheres** [manuscrito]. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

FREDERIKSEN, Marti; OSBOURNE, Ozzy. **Dreamer**. Interpretada por Ozzy Osbourne. Álbum *Down to Earth* (4':39"), 2001.

FERRÉZ, Reginaldo Ferreira da Silva. **Colapso ambiental na periferia**. 2025. (13 min.).

Ferréz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@FerrezOficial>>. Acesso em: fevereiro de 2025.

FRANCO, Edgar Silveira. **Hqtrônicas: Do suporte papel à rede internet**. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Quadrinhos expandidos: Das hqtrônicas aos plug-ins de neocortex**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2017.

Freepik. Disponível em: <<https://br.freepik.com/>>. Acesso em: janeiro de 2023.

GUIMARÃES, Edgar. **Estudos sobre história em quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. Revista ClimaCom, Vulnerabilidade, Ano 03, nº 05, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: junho de 2025.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Olhares, 2022.

Jaider Esbell. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/>. Acesso em: fevereiro de 2025.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Revista Educação, Vol. 30, nº. 3, p. 413-438, 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: dezembro 2024.

_____. **Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica, Vol. 5, nº. 13, p. 40–54, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em: dezembro 2024.

JUNG, Carl Gustav. **I Ching: o livro das mutações**. Trad: Richard Wilhelm, Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa. Pref: Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo: Pensamento, 2006.

JÚNIOR, Juscelino Neco de Souza. **O discurso autobiográfico no quadrinho: Uma arqueologia do eu na obra de Robert Crumb e Angeli** [manuscrito]. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2014.

Komika Text. Disponível em: <https://www.dafont.com/komika-text.font>. Acesso em: outubro de 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: companhia das letras, 2020.

LARA, Rodrigo. **Jornada para o Oeste: Conheça o romance chinês que inspirou “Dragon Ball**. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/start/ultimas-noticias/2017/04/28/jornada-para-o-oeste-conheca-o-romance-chines-que-inspirou-dragon-ball.htm>. Acesso em: dezembro de 2022.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

_____. **Gaia: Um modelo para a dinâmica planetária e celular**. In:

THOMPSON, William Irwin (Org.). Gaia: uma teoria do conhecimento. 3ª Ed. Trad. Silvio Cerqueira Leite. São Paulo: Gaia, 2001, p.77-90.

LUCENA, André. **Em meio a debates sobre ajuste, Fazenda divulga lista inédita de empresas beneficiadas por renúncias fiscais**. Carta Capital. 2024. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/em-meio-a-debates-sobre-ajuste-fazenda-divulga-lista-inedita-de-empresas-e-setores-beneficiados-por-renuncias-fiscais/>>. Acesso em: dezembro de 2024.

MACEDO, Kárita Bernardo de; SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Professor e artista: Relato sobre algumas vivências e metodologias de ensino**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 28º, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019, p. 684-701.

MANTOVANI, Juliana Estanislau de Ataíde. **O instantâneo e o traço: Por uma poética fotoliterária em Nadja, de André Breton** [manuscrito]. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2019.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos - autopoiese: a organização do vivo**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Mark Bagley. Disponível em: <<https://www.instagram.com/officialmarkbagleyart/>>. Acesso em: janeiro de 2025.

NACHTERGAEL, Magali. **Esthétique des mythologies individuelles : le dispositif photographique de Nadja à Sophie Calle** [manuscrito]. Tese (Doutorado). Paris: Université Paris-Diderot - Paris VII, 2008. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00640863/document>. Acesso em: janeiro de 2025.

NARDIN, Heliana Ometto. **Equilíbrio instável: O processo de desenvolvimento do ser e a criação em arte**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 18º, Transversalidades nas Artes Visuais, Salvador: EDUFBA, 2009, p. 3334-3346.

NuPAA. Disponível em: <<https://nupaa.org/>>. Acesso em janeiro de 2025.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de; CAMPOS, Marília. **Educação básica do campo**. In: CALDART, Roseli Salete *et al* (Org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p.239-246.

PASSERON, René. **A poética em questão**. Trad. Sonia Taborda. Vol. 13, nº 2. Porto Arte: Porto Alegre, 2004.

PORFÍRIO, Francisco. **Mito da Caverna de Platão**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm>>. Acesso em: janeiro de 2025.

REY, Sandra. **A pesquisa e o ensino nas Artes Visuais**. In: Revista do Instituto de Artes das Américas. Vol. 2. Belo Horizonte: Instituto Arte das Américas, 2004, p.128-133.

_____. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais**. Vol. 7, nº 13. Porto Arte: Porto Alegre, 1996.

_____. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais**. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RIBEIRO, Sidarta. **Sonho manifesto: Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ROCHA, Cláudio Aleixo. **Ilustração crítica e o engajamento social no design gráfico**. Vol. 2, nº 1, CHAPON: Cadernos de Design, Rio Grande do Sul: Centro de Artes – UFPEL, 2021, p.51-67.

ROCHA, Cláudio Aleixo; FARIAS, Ana Dayanne da Silva. **História em quadrinhos Ilha dos Esquecidos: o retrato do apagão no Amapá em 2020**. Revista 9ª Arte, Vol. 12, nº. 3, p. 413-438, 2024. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf>. Acesso em: dezembro 2024.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Autobiogeografia como metodologia decolonial**. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, Campinas. Anais eletrônicos [...] Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017, p.3148-3163.

_____. **A virada artística nos estudos auto/biográficos: poéticas, linguagens, fazeres e processos de criação**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina; VICENTINI, Paula Perin (orgs.), Narrativas e corpos em trânsito: resistências e insubordinações. Curitiba: CRV, 2024, p. 139-157.

_____. **Derivas pelo arquivodocente**. In: Revista Apotheke, Vol. 8, nº 2, 2022, p. 21-41. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22371/14805>>. Acesso em: janeiro de 2023.

_____. **Desde que parti: Das ilhas aos abismos e horizontes**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 28º, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019, p. 1670-1689.

_____. **O espaço autobiogeográfico em construção**. Paralelo 31, Pelotas, nº 17, 2021, p. 138-167. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/22533/14153>>. Acesso em: março de 2023.

_____. **Pesquisa autobiográfica em arte: Apontamentos iniciais**. In: Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens, Vol. 06, nº 1, 2021, p. 95-129. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11364>>. Acesso em: janeiro de 2023.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; BARRA, Luiza Domingos; SOUZA, Kassius Brunno. **Dimensões artísticas do espaço biográfico**. Formas de Vida - Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP. Fortaleza: 2023. Disponível em: <https://static.even3.com/anais/668563.pdf>. Acesso em: junho de 2025.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 2º Ed. São Paulo: Annablume, 2004.

SEIXAS, Raul. **As Aventuras de Raul Seixas Na Cidade de Thor**. Interpretada por Raul Seixas. Álbum Raul Seixas Sem Limite (3':44"), 1974.

Selvagem. Disponível em: <<https://selvagemiclo.com.br>>. Acesso em: fevereiro de 2025.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. **Sustentabilidade**. In: CALDART, Roseli Salette *et al* (Org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p.730-734.

SILVEIRA, Carlos Roberto da. **As deusas da justiça, os homens e as vendas da injustiça**. In: Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia, Vol. 3, nº 07, 2011. Disponível em: <<https://www.theoria.com.br/edicao0711/asdeuseasdajustica.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2023.

STEVENS, Fischer. **Before the Flood**. National Geographic. 2016. (60 min.).

TRAJANO, Rosangela. **Devir-árvore e os mundos das crianças**. 2021. Disponível em: <<https://www.neipies.com/devir-arvore-e-os-mundos-das-criancas/#:~:text=Devir-%C3%A1rvore>>. Acesso em: janeiro de 2025.

Uýra Sodoma. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/materias/uyra-sodoma/>>. Acesso em: fevereiro de 2025.

VALÉRY, Paul. **Lições de poética**. Trad. Pedro Sette-Câmara. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

VASCONCELOS, Bruno Vilela. **Árvore-ser: manifesto poético-filosófico para vida na terra-mundo**. Revista ClimaCom, Políticas vegetais, Ano 09, nº 23, Pesquisa/Ensaio, 2022. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arvorece-ser/>>. Acesso em: janeiro de 2025.

WALLACE, Tommy Lee. **It: uma obra prima do medo**. 1990. (187 min.).

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

